



Plano de Manejo Integrado das Unidades de Conservação

Reserva Biológica e Estação Ecológica

Mogi-Guaçu - SP

Produto Final

VOLUME 2

São Paulo, Setembro 2015



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE
GABINETE DA SECRETÁRIA

PUBLICADA NO DOE DE 27-01-2016 SEÇÃO I PÁG 57

RESOLUÇÃO SMA Nº10, DE 22 DE JANEIRO DE 2016

Aprova o Plano de Manejo Integrado da Reserva Biológica e da Estação Ecológica de Mogi Guaçu.

A SECRETÁRIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE, no uso de suas atribuições legais, e

Considerando o disposto no artigo 17, §2º, 1 do Decreto nº 60.302, de 27 de março de 2014;

Considerando a Deliberação CONSEMA nº 23, de 17 de novembro de 2015, proferida na 336ª Reunião Ordinária do Plenário do Conselho Estadual do Meio Ambiente - CONSEMA, e publicada no Diário Oficial do Estado, de 19 de novembro de 2015,

RESOLVE:

Artigo 1º - Fica aprovado o Plano de Manejo Integrado da Reserva Biológica e da Estação Ecológica de Mogi Guaçu, conforme texto encartado aos autos do processo SMA nº 5.285/2013.

Artigo 2º - O Instituto de Botânica e o Instituto Florestal disponibilizarão nos sítios eletrônicos (<http://www.ibot.sp.gov.br/> e <http://www.iflorestal.sp.gov.br/>), respectivamente, o Plano de Manejo Integrado da Reserva Biológica e da Estação Ecológica de Mogi Guaçu aprovado.

Artigo 3º - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

(Processo SMA nº 5.285/2013)

PATRÍCIA IGLECIAS
Secretária de Estado do Meio Ambiente



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GERALDO ALCKMIN
Governador

SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE

PATRÍCIA FAGA IGLECIAS LEMOS
Secretário

INSTITUTO DE BOTÂNICA

Luiz Mauro Barbosa
Diretor Geral

Domingos Sávio Rodrigues
Diretor do Centro de Pesquisa Jardim Botânico e
Reservas

INSTITUTO FLORESTAL

Edgar Fernando de Luca
Diretor Geral

Marcelo Zanata
Diretor da Divisão de Florestas e Estações
Experimentais

COORDENAÇÃO GERAL

João Del Giudice Neto
(Pesquisador Científico - Instituto de Botânica)

SUPERVISÃO TÉCNICA, ORIENTAÇÃO E APOIO

Instituto de Botânica

Marcos Mecca Pinto
(Pesquisador Científico)

Lúcia Rossi
(Pesquisador Científico)

Lilian Beatriz Penteadó Zaidan
(Pesquisador Científico)

Instituto Florestal

Ivan Suarez da Mota
(Pesquisador Científico)

Paulo Ricardo Brum Pereira
(Pesquisador Científico)

Elisângela Alves de Godoi Gonçalves
(Administradora de Empresas)

EXECUÇÃO

Casa da Floresta Assessoria Ambiental Ltda.

Coordenação Geral	Eng. Florestal Msc. Klaus Duarte Barretto Eng. Agron. Msc. Mônica Cabello de Brito
Administração e Logística	Administradora Márcia Regina C. B. Fonseca Gestor Ambiental Lucas Milani Rodrigues
Banco de Dados	Eng. Agron. Dra. Simone Beatriz Lima Ranieri Biólogo Fabrício Tadeu Rodrigues de Oliveira
Meio Físico	Eng. Florestal Msc. Carolina Rodrigues Fontana Eng. Agron. Dra. Simone Beatriz Lima Ranieri
Vegetação	Eng. Florestal Msc. Heloiza Cassola
Fauna	Biólogo Dr. Vagner de Araujo Gabriel (avifauna) Ecólogo Msc. Elson Fernandes de Lima (mastofauna) Ecólogo Msc. João G. R. Giovanelli (herpetofauna) Ecólogo Dr. Marcio Uehara-Prado (artropodofauna) Biólogo Msc. Paul François Colas-Rosas (mastofauna) Biólogo Msc. André Teixeira da Silva (ictiofauna) Biólogo Msc Alberto L. Carmassi (ictiofauna)
Socioeconomia	Eng. Agron. Msc Mônica Cabello de Brito Arte educador Marcio Roberto Sartório Cardoso Gestor Ambiental Lucas Milani Rodrigues
Geoprocessamento (SIG) e análise da paisagem: uso e ocupação do solo, vetores de pressão	Eng. Agron. Dra. Simone Beatriz Lima Ranieri Biólogo Fabrício Tadeu Rodrigues de Oliveira
Apoio Técnico	Biólogo e Técnico em Informática Cleber de Souza Francisco Bióloga Andrezza Bellotto Nobre Biólogo Dr. Vagner de Araujo Gabriel Ecólogo Msc. Elson Fernandes de Lima Técnico Florestal Roger Tiago da Silva Carneiro dos Santos Técnico Florestal Rafael Borges Auxiliar de Pesquisa Diego Lara

Ficha Catalográfica elaborada pelo **NÚCLEO DE BIBLIOTECA E MEMÓRIA**

P712 Plano de Manejo Integrado das Unidades de Conservação Reserva Biológica e Estação Ecológica Mogi-Guaçu-SP / Coordenação geral João Del Giudice Neto - - São Paulo: Instituto de Botânica / Instituto Florestal, 2015.
2 vols.; il.

Conteúdo: Vol.1: Contextualização do Mosaico e Histórico de Criação das Unidades de Conservação; Diagnóstico Regional e Local. Vol. 2: Zoneamento, Diretrizes de Planejamento e Plano de Ação, Referências Bibliográficas e Anexos.

Bibliografia.
ISBN: 978-85-7523-061-9

Volume 1 –

http://www.ambiente.sp.gov.br/institutodebotanica/files/2016/08/plano_de_manejo_UC_MogiGuacu_vol_1.pdf

Volume 2 -

http://www.ambiente.sp.gov.br/institutodebotanica/files/2016/08/plano_de_manejo_UC_MogiGuacu_vol_2.pdf

1. Unidades de Conservação. 2. Manejo. 3. Conservação da Natureza. I. Título.

CDU: 502.45

AGRADECIMENTOS

O trabalho de planejamento e manejo das unidades de conservação que compõem este plano vem há muito sendo discutido e consolidado no âmbito das instituições envolvidas, de modo que este documento final é, de certa forma, a soma da contribuição de muitas pessoas que participaram da direção, comissões, grupos de trabalho, reuniões técnicas, levantamento e compilação de dados, dentre tantos outros labores. Justo, então, reconhecer-lhes o mérito e agradecer a: Antonio Flavio Barbosa, Carlos Eduardo Ferreira da Silva, Demétrio Vasco de Toledo Filho, Dimas Antonio da Silva, Edgar Fernando de Luca, Eduardo Amaral Batista, Eduardo Luis Martins Catharino, Fábio Olmos, Ivan Suarez da Mota, Jaime Anísio de Freitas, João Del Giudice Neto, Marcos Mecca Pinto, Miguel Luiz Menezes de Freitas, Odenir Buzzato, Osmar Corrêa de Negreiros, Paulo Roberto Parente, Rodrigo Antonio Braga Moraes Victor, Vera Lúcia Ramos Bononi, Waldir Joel de Andrade.

APRESENTAÇÃO

O sistema de unidades de conservação brasileiro é a chave para conservar o que resta dos grandes biomas naturais: a Amazônia, o Pantanal e a Caatinga; e dois *hotspots* de biodiversidade, o Cerrado e a Mata Atlântica. Há, entretanto, um sem número de desafios de modo a conciliar a sua missão de salvaguardar a biodiversidade às pressões das ações humanas. Isto é mais difícil para regiões e locais de grande nível de atividade e desenvolvimento econômico e social, como é o caso do Estado de São Paulo, onde cerca de 25% dos fragmentos florestais nativos são preservados dentro das unidades de conservação e que correspondem aproximadamente 3,5% do território paulista. O planejamento adequado se faz mister para que a efetividade dos objetivos das unidades de conservação sejam satisfatoriamente alcançados. Neste cenário, a legislação que define o sistema nacional de unidades de conservação estabelece que o plano de manejo deve ser o documento técnico orientador do uso e gestão das áreas naturais protegidas.

O Instituto de Botânica e o Instituto Florestal detêm, no município de Mogi Guaçu, duas unidades de conservação de proteção integral: a Reserva Biológica e a Estação Ecológica, respectivamente. Estas unidades estão em uma área pública maior, denominada Fazenda Campininha, que totaliza mais de 4500 ha. Juntas, as áreas, situadas em zonas de transição entre os biomas do Cerrado e da Mata Atlântica, compõem um mosaico que abriga uma grande diversidade de fauna e flora. Constituem, também, importantes sítios de pesquisas científicas.

Coube ao Instituto de Botânica coordenar o plano de manejo, porém, o resultado é fruto de um amplo processo de discussão e amadurecimento de ideias entre os técnicos das duas instituições responsáveis pela gestão da área e consultores externos, que ao final, lograram chegar a um importante avanço para a conservação da biodiversidade regional, à medida em que novas áreas naturais e corredores ecológicos são anexados ao mosaico. Além disso, incorpora um novo paradigma para a restauração ecológica em áreas públicas, que

pretende-se tornar um modelo para outras áreas correlatas que ainda medram em muitas paisagens deste estado.

Com estes avanços e com as indicações de manejo, nele, discutidas e abordadas, este documento será um instrumento útil para as melhores práticas de gestão visando a efetiva proteção dos recursos naturais existentes no mosaico dessas unidades de conservação e para o desenvolvimento sustentado regional.

Por fim, cabe dizer que o presente plano de manejo integrado representa a contribuição de várias pessoas, de ambas as instituições envolvidas, que ao longo de sucessivas administrações, compartilharam seu tempo, suas ideias e dados para a evolução deste projeto, que hoje chega a seu ápice. O instantâneo do momento não capta cada detalhe desta contribuição. Entretanto, a todos estes se estendem os créditos e os agradecimentos.

JOÃO DEL GIUDICE NETO
Instituto de Botânica
Coordenador Geral

LUIZ MAURO BARBOSA
Instituto de Botânica
Diretor Geral

EDGAR FERNANDO DE LUCA
Instituto Florestal
Diretor Geral

PLANO DE MANEJO DA ESTAÇÃO ECOLÓGICA E RESERVA BIOLÓGICA DE MOGI-GUAÇU

Sumário

Introdução	1
Capítulo 1 – Contextualização do Mosaico e Histórico de Criação das Unidades de Conservação	4
1.1. Contextualização do Mosaico	4
1.2. Histórico de Criação	6
Capítulo 2 – Diagnóstico Regional e Local.....	8
2.1. Diagnóstico Regional.....	8
2.1.1. Localização.....	8
2.1.2. Legislação ambiental e de uso do solo.....	15
2.1.3. Políticas públicas.....	16
2.1.4. Uso e ocupação do solo.....	26
2.1.5. Caracterização sócio-econômica.....	35
2.1.6. Sítios históricos, arqueológicos e paleológicos.....	50
2.1.7. Meio Físico	51
2.1.8. Meio Biótico	108
2.2. Diagnóstico Local.....	140
2.2.1. Meio Físico	140
2.2.2. Sistema viário e conservação de estradas.....	183
2.2.3. Trilhas internas	202
2.2.4. Meio Biótico	216
2.2.5. Diagnóstico socioambiental.....	316
2.2.6. Patrimônio cultural	330
2.2.7. Atividades desenvolvidas no mosaico pelo Instituto de Botânica e Instituto Florestal.	331
2.2.8. Fontes de impacto e recomendações	346
2.2.9. Aspectos institucionais.....	353
Capítulo 3 – Zoneamento	359
3.1. Zona Primitiva	363
3.2. Zona de Uso Extensivo	365
3.3. Zona de Uso Especial.....	369

3.4.	Zona de Amortecimento (ZA)	370
3.4	Quadro-síntese do zoneamento	384
3.5	Conversão da Estação Experimental de Mogi-Guaçu em Floresta Estadual	386
Capítulo 4 – Diretrizes de Planejamento e Plano de Ação		388
4.1.	Programa de Adequação da Paisagem.....	388
4.1.1.	Quadro-síntese.....	410
4.2.	Programa de Biodiversidade	410
4.2.1.	Quadro-síntese.....	418
4.3.	Programa de Proteção	420
4.3.1.	Quadro-síntese.....	422
4.4.	Programa de Educação Ambiental	423
4.4.1.	Quadro Síntese.....	426
4.5.	Programa de Administração	427
4.5.1.	Quadro Síntese.....	434
4.6.	Mecanismos de Monitoramento e Avaliação.....	436
Capítulo 5 – Referências Bibliográficas e Anexos.....		447
ANEXOS		478
ANEXOS SOCIOECONOMIA.....		479
ANEXOS VEGETAÇÃO		487
ANEXOS AVIFAUNA		523
ANEXOS MASTOFAUNA.....		547
ANEXOS ICTIOFAUNA.....		553
ANEXOS HERPETOFAUNA		565
ANEXOS ARTROPODOFAUNA.....		573
ANEXOS TRILHAS		617
ANEXOS SOCIOAMBIENTAL.....		619
ANEXOS ATIVIDADES.....		623
ANEXOS INFRAESTRUTURA.....		645
ANEXOS ZONEAMENTO.....		649

Capítulo 3 – Zoneamento

O zoneamento da Estação Ecológica e da Reserva Biológica de Mogi-Guaçu, objeto deste capítulo, foi elaborado de forma integrada, buscando-se proporcionar os meios e as condições para que os objetivos de ambas as Unidades de Conservação (UCs) sejam alcançados de forma harmônica e eficaz, tal como o SNUC (Lei 9.985/2000) define. Para tanto, três reuniões técnicas e um workshop com a comunidade, foram realizadas.

A primeira envolveu todos os pesquisadores que realizaram os diagnósticos local e regional, resultando na criação de uma proposta de zoneamento. Na segunda reunião, essa proposta foi apresentada ao Instituto Florestal e ao Instituto de Botânica, responsáveis pelas Unidades em questão. A proposta discutida foi apresentada posteriormente à diretoria e aos gestores de diversas unidades do Instituto Florestal. Após a conclusão do Plano de Manejo e novas contribuições do IBT e IF, o mesmo foi apresentado à Comissão de Biodiversidade, Florestas, Parques e Áreas Protegidas do Conselho Estadual do Meio Ambiente (CONSEMA), sendo que a referida Comissão determinou sua reformulação, a fim de aumentar os ganhos ambientais e maximizar a conservação da biodiversidade nas Unidades. Feita a reformulação, as últimas contribuições do IBT e do IF ao Plano de Manejo foram também discutidas em Workshop, que teve a finalidade de apresentar à comunidade do entorno das UCs o diagnóstico e o zoneamento elaborados para o Plano de Manejo e realizar uma oficina de planejamento participativo com propostas de ação (convite, lista de presença e ata do workshop encontram-se no Anexo ZONEAMENTO).

Como referência para o delineamento das zonas foi utilizado o Roteiro Metodológico de Planejamento – Parques Nacionais, Reservas Biológicas e Estações Ecológicas (BRASIL, 2002) e os resultados obtidos no diagnóstico, podendo-se destacar: a riqueza e diversidade de espécies da fauna e flora, a ocorrência de espécies ameaçadas, o estado de conservação da vegetação, as fragilidades do meio físico, os atrativos para a educação ambiental e pesquisa e a infraestrutura das UCs. Assim, foram propostas três zonas para as UCs: Zona Primitiva, Zona de Uso Extensivo e Zona de Uso Especial, além da Zona de Amortecimento.

As zonas possuem características próprias, com algumas propostas de manejo e normas individualizadas, que levam em consideração graus específicos de proteção e necessidade de intervenção, incluindo atividades de recuperação ambiental. A Figura 3/1 mostra o zoneamento integrado da Estação Ecológica e Reserva Biológica de Mogi-Guaçu.

O Capítulo 4 apresentará os Programas a serem implantados de forma integrada entre as UCs, sendo estes direcionados a uma ou mais zonas.

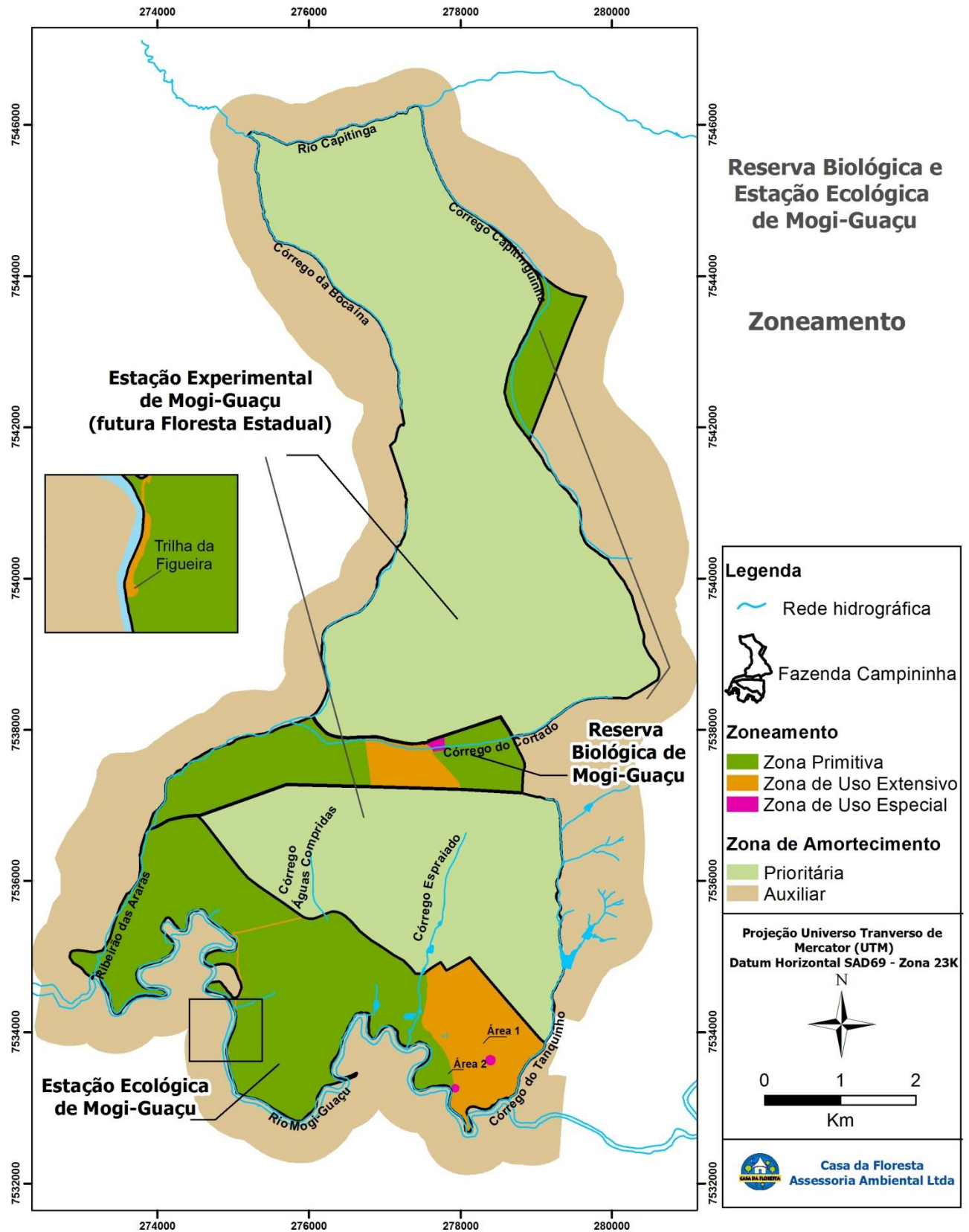


Figura 3/1: Zoneamento e Zona de Amortecimento da Estação Ecológica e Reserva Biológica de Mogi-Guaçu.



3.1. Zona Primitiva

De acordo com o Roteiro Metodológico de Planejamento (BRASIL, 2002), a Zona Primitiva é aquela onde tenha ocorrido pequena ou mínima intervenção humana, contendo espécies da flora e da fauna ou fenômenos naturais de grande valor científico. Embora áreas com pequena intervenção humana sejam raras ou praticamente inexistentes na Estação Ecológica e na Reserva Biológica de Mogi-Guaçu, a diversidade de fitofisionomias e o grande número de espécies da fauna e da flora, algumas das quais ameaçadas de extinção e associadas a um tipo de ambiente, evidenciam alguns setores dessas UCs. Essas regiões podem ser consideradas áreas prioritárias para conservação biológica e, portanto, foram categorizadas como Zona Primitiva.

Na Estação Ecológica de Mogi-Guaçu, a Zona Primitiva abrange as porções centrais e oeste, estendendo-se entre o Ribeirão das Araras e a estrada que acompanha o Córrego Espriado e passa pela Lagoa do Catingueiro, excetuando-se a trilha da Figueira e o percurso para seu acesso, totalizando 782,1 ha (Figura 3/1). A Zona Primitiva foi proposta nessa região com o intuito de proteger os recursos hídricos, salvaguardar os diversos tipos de fitofisionomias e as espécies nelas inseridas.

Quanto à Reserva Biológica de Mogi-Guaçu, as áreas de Savana Florestada em estágio avançado de regeneração foram consideradas como Zona Primitiva. Outras áreas de Savana Florestada, porém em estágio médio de regeneração, dos setores leste e centro-oeste da gleba A, também foram consideradas dentro dessa zona, estando separadas pela Zona de Uso Extensivo, que se localiza entre a Trilha T4 e a estrada que dá acesso à sede da Reserva Biológica (Figura 3/1). Ainda, toda a Floresta Estacional Semidecidual da gleba B dessa UC foi considerada Zona Primitiva. Logo, essa zona abrange 385,7 ha da Reserva Biológica. Sumarizando, a Zona Primitiva compõe 1167,8 ha das UCs, ou seja, 80,5% da área destinada à Proteção Integral.

A Zona Primitiva possui contato com outras áreas de vegetação nativa externas à Fazenda Campininha ao longo da vegetação ciliar do Rio Mogi-Guaçu, mesmo que muito degradada. Também mantém contato direto as duas UCs no setor sudoeste da fazenda, permitindo fluxo de organismos. No entanto, essa conexão pode ser considerada restrita, uma vez que há apenas um elo de vegetação nativa entre elas, podendo limitar

o fluxo de algumas espécies em decorrência de seu comportamento. Ainda, observa-se que a gleba B da Reserva Biológica caracteriza-se como um fragmento isolado. Dentro desse contexto, alterações no manejo florestal da Estação Experimental e criação de corredores ecológicos foram propostas, conforme apresentado na seção 4.1 (Capítulo 4).

A Zona Primitiva possui os seguintes objetivos:

- a conservação do ambiente natural e da biodiversidade e
- a realização de atividades de pesquisa científica.

Esta zona também pode ser destinada à educação ambiental, permitindo-se formas primitivas de recreação, isto é, sem infraestrutura e sem equipamentos de apoio nas áreas visitadas, com controle do número de pessoas e monitor ambiental capacitado. No entanto, recomenda-se que atividades educativas sejam realizadas na Zona de Uso Extensivo, a qual já possui alguma infraestrutura (como trilhas), evitando impactos diretos na Zona Primitiva.

Na Zona Primitiva são permitidas atividades de pesquisa, monitoramento ambiental e fiscalização. Vigoram as seguintes normas:

- para a realização de atividades de pesquisa deve-se obter autorização do(s) gestor(es) responsável(is) pela(s) UC(s);
- as coletas de material são permitidas desde que estejam de acordo com a legislação pertinente e com as recomendações do órgão que administra a(s) UC(s);
- os equipamentos e materiais instalados no decorrer das pesquisas deverão ser retirados ao término das mesmas;
- não será permitida a instalação de infraestrutura;
- a fiscalização deverá ser constante e sistemática; e
- o trânsito de veículos deverá ser feito em baixa velocidade e somente para atividades de pesquisa, fiscalização e manutenção;
- É expressamente proibido qualquer tipo de exploração para criação animal, incluindo a criação de abelhas.

3.2. Zona de Uso Extensivo

A Zona de Uso Extensivo é constituída em sua maior parte por áreas naturais, podendo apresentar alterações humanas. Na Estação Ecológica abrange 204,1 ha, e inclui a trilha da Figueira (584 m) e o trajeto para seu acesso (2140 m), imersos na Zona Primitiva, e a área a leste da estrada que acompanha o Córrego Espreado e passa pela Lagoa do Catingueiro, onde a Trilha da Mata Ciliar (518 m) se localiza (Figura 3.2/1).

Quanto à Reserva Biológica, a Zona de Uso Extensivo abrange 61 ha, localizando-se em sua porção central, entre a Trilha T4 e a estrada que dá acesso à sua sede administrativa (Figuras 3/1 e 3.2/1). Essa área se refere ao setor que atualmente é destinado aos cursos de campo ou excursões de interesse didático. Há duas trilhas principais, uma em seu contato com a Zona Primitiva (Trilha T4, 681 m), em seu perímetro oeste, que corta a Reserva Biológica no sentido transversal, e outra ao longo do Córrego do Cortado (trecho da Trilha T1, 873,2 m), de fácil acesso a partir de sua sede.

A Zona de Uso Extensivo possui os seguintes objetivos:

- a conservação do ambiente natural e da biodiversidade;
- a realização de atividades de pesquisa científica e
- o uso público para educação ambiental.

Para tanto, valem as seguintes normas:

- para a realização de atividades de pesquisa deve-se obter autorização do(s) gestor(es) responsável(is) pela(s) UC(s);
- as coletas de material são permitidas desde que estejam de acordo com a legislação pertinente e com as recomendações do órgão que administra a(s) UC(s);
- os equipamentos e materiais instalados no decorrer das pesquisas deverão ser retirados ao término das mesmas;
- a fiscalização deverá ser constante e sistemática;

- o trânsito de veículos deverá ser feito em baixa velocidade e com uso restrito, isto é, somente para atividades de pesquisa, educação ambiental, fiscalização e manutenção;
- atividades de educação ambiental devem ser acompanhadas de monitores capacitados;
- poderão ser instalados equipamentos simples para a interpretação dos recursos naturais, sempre em harmonia com a paisagem; e
- as trilhas deverão ser fiscalizadas e monitoradas a fim de assegurar os atributos naturais e a segurança dos usuários;
- É expressamente proibido qualquer tipo de exploração para criação animal, incluindo a criação de abelhas.

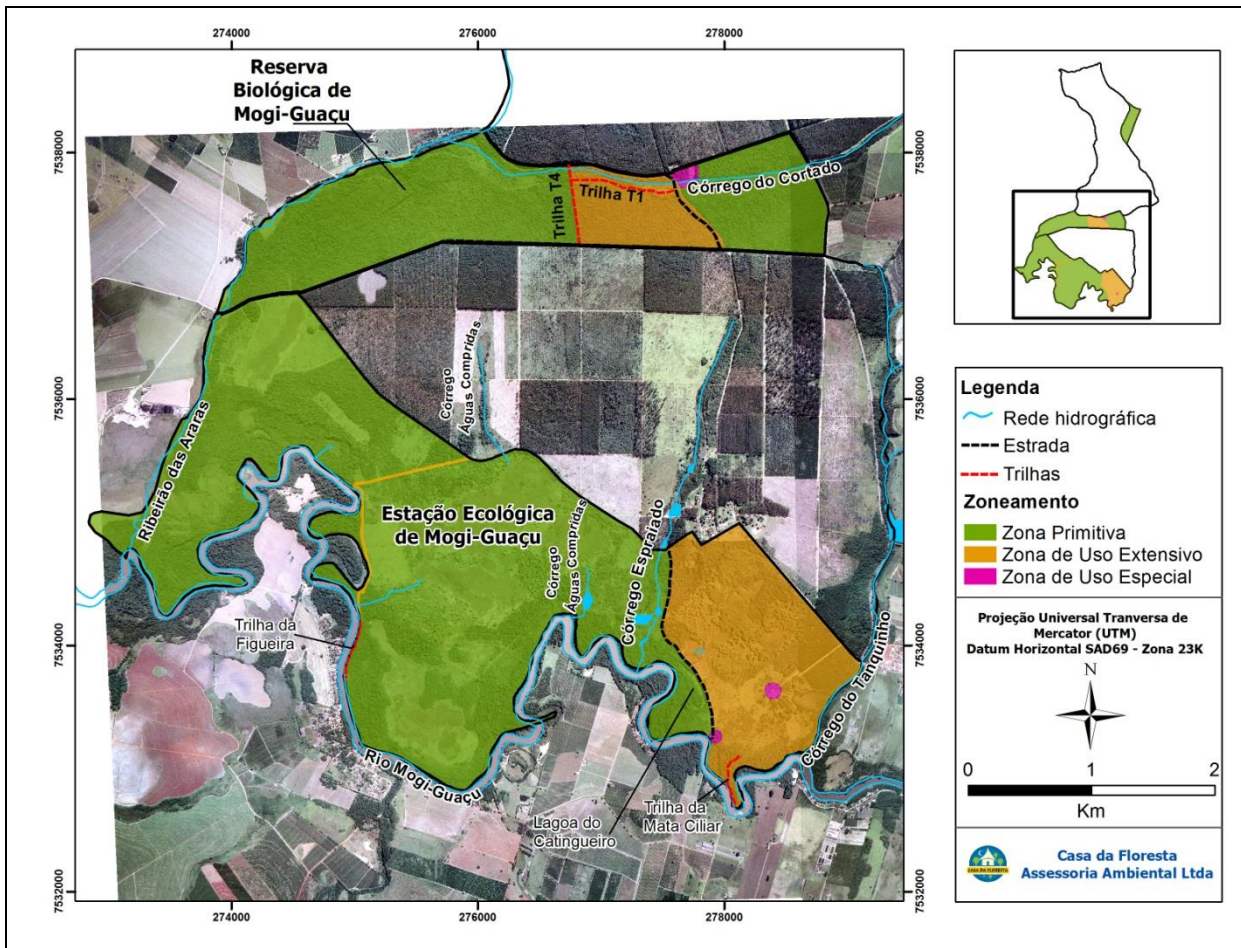


Figura 3.2/1: Zona de Uso Extensivo (em amarelo) e suas trilhas destinadas à Educação Ambiental na Reserva Biológica e Estação Ecológica de Mogi-Guaçu (a linha tracejada indica a estrada que acompanha o Córrego Espreado e passa pela Lagoa do Catingueiro, marcando a transição entre a Zona Primitiva e a Zona de Uso Extensivo na Estação Ecológica).



3.3. Zona de Uso Especial

A Zona de Uso Especial é aquela que contém as áreas necessárias à administração, manutenção e serviços da Unidade de Conservação. O objetivo geral de seu manejo é:

- minimizar o impacto da implantação das estruturas ou os efeitos das obras no ambiente natural das UCs.

Três Zonas de Uso Especial foram indicadas. A primeira se localiza na área da sede administrativa da Reserva Biológica, com 3,3 ha (Figura 3/1). As demais estão localizadas na Estação Ecológica de Mogi-Guaçu e somam 2,5 ha, sendo 1,5 ha pertencentes à chamada "Área 1" (área central relativa a moradia próxima ao atual Arboreto) e 1,0 ha pertencente à chamada "Área 2", distante a aproximadamente 1.000 metros uma da outra (Figura 3/1).

Na Zona de Uso Especial vigoram as seguintes normas:

- a área é destinada à sede da unidade e centralização de seus serviços (no caso da Reserva Biológica de Mogi-Guaçu), não comportando visitação;
- as áreas são destinadas à estrutura de apoio à administração do mosaico das UCs, fiscalização e suporte à pesquisa (no caso da Estação Ecológica de Mogi-Guaçu), não comportando visitação;
- as construções e reformas deverão estar em harmonia com o meio ambiente. No caso da EEC, a reforma da atual habitação e sua conversão em estrutura de apoio (Zona de Uso Especial – "Área 1") deverá ocorrer com mínimo impacto e sem alteração na metragem da área construída atual;
- o estacionamento de veículos será permitido aos funcionários e prestadores de serviços;
- a área deverá conter locais específicos para a guarda e depósito dos resíduos sólidos gerados na UC, os quais deverão ser removidos para o aterro sanitário ou vazadouro público mais próximo, fora das UCs;
- os esgotos devem receber tratamento suficiente para não contaminarem rios, riachos e nascentes;

- as áreas deverão conter locais específicos para a guarda e para os equipamentos de combate ao fogo e vigilância;
- a fiscalização será permanente; e
- os veículos deverão transitar em baixas velocidades;
- É expressamente proibido qualquer tipo de exploração para criação animal, incluindo a criação de abelhas.

3.4. Zona de Amortecimento (ZA)

A Lei nº 9.985/2000 que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) determina em seu **Artigo 25** que as Unidades de Conservação de Proteção Integral, com exceção das Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN) devem possuir uma Zona de Amortecimento, definida no **Art. 2º** como:

“o entorno de uma unidade de conservação, onde as atividades humanas estão sujeitas a normas e restrições específicas, com o propósito de minimizar os impactos negativos sobre a unidade” (BRASIL, 2000).

O objetivo geral desta zona, como determina a lei, é reduzir os impactos negativos na Unidade de Conservação, gerados pelas atividades antrópicas desenvolvidas em sua região imediatamente circunvizinha. O texto da referida lei, em seu **Artigo 49**, parágrafo único, preconiza também que toda a área incluída na Zona de Amortecimento é considerada como Zona Rural, sendo que, uma vez definida formalmente, não pode ser transformada em Zona Urbana.

A resolução CONAMA 13/90 designa como Zona de Amortecimento um raio de 3 km, circundante aos limites da Unidade de Conservação. No entanto, como esse documento é precedente ao SNUC, que não estabelece tal limite, adotou-se então uma ZA menos conservadora, em termos de área, mas considerada de fundamental importância para a conservação da biodiversidade nas Unidades, e que seria de fato, relevante em escala regional. Também, criar uma Zona de Amortecimento demasiadamente extensa, como um cinturão de 3 km, incluiria diversos núcleos urbanos e extensas áreas agrícolas, gerando uma demanda extensa dos gestores das UCs,

para atividades distantes e com relativa pouca influência na Fazenda Campininha. Tal argumento se afirma pelo fato de que não existem outras Unidades de Conservação próximas à Reserva Biológica de Mogi-Guaçu ou à Estação Ecológica de Mogi-Guaçu. Além disso, em escala regional não existem remanescentes de grande porte que justificassem sua inclusão na Zona de Amortecimento. Logo, foram utilizados os critérios sugeridos pelo Roteiro Metodológico (BRASIL, 2002).

Os critérios de inclusão adotados estão citados na Parte D.5 (Encarte 4 – Planejamento) do Roteiro Metodológico, e incluem (i) as áreas totais das microbacias cujos corpos hídricos fluem para o interior da Reserva Biológica e ou da Estação Ecológica; (ii) áreas de nidificação de espécies de aves migratórias; (iii) sítios relevantes para a biodiversidade local, para alimentação, descanso ou pouso, e reprodução; e (iv) áreas de especulação imobiliária com expansão urbana desorganizada ou construções que afetem aspectos paisagísticos da UC, como ranchos e casas de veraneio. Segundo o Roteiro Metodológico (BRASIL, 2002), os critérios de exclusão seriam que áreas urbanas já estabelecidas ou designadas nos Planos Diretores municipais como Zona de Expansão Urbana não devem ser incluídos na Zona de Amortecimento. Mas, esse critério não foi integralmente adotado, uma vez que se entende que as UCs ficariam demasiadamente expostas às atividades antrópicas adjacentes ao seu perímetro (veja subitem 3.4.2).

A área total da Zona de Amortecimento estabelecida é de 6111,90 ha, correspondendo a aproximadamente quatro vezes a área das duas Unidades somadas (1450,75 ha), e está subdividida em Prioritária e Auxiliar.

A subdivisão em duas categorias foi proposta porque os gerenciamentos das Unidades, incluindo o da atual Estação Experimental que compõe majoritariamente a Zona de Amortecimento Prioritária (ZAP), estão alocados na Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, e, portanto, possuem a mesma vocação conservacionista. Outrossim, na ZAP concentra-se a maioria das recomendações de intervenções de manejo e gestão, no sentido de adequar a paisagem a uma melhor conectividade e integração entre as UCs, com o principal objetivo da manutenção da biodiversidade do Cerrado e da Mata Atlântica paulista. Neste sentido, ressalta-se a indicação do Instituto Florestal, de conversão da Estação

Experimental de Mogi-Guaçu (Glebas Norte e Sul) em Floresta Estadual (FE), uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável. Mais detalhes sobre esta proposta e alguns desdobramentos no sentido do manejo da futura FE estão descritos no item 3.6.

3.4.1. Zona de Amortecimento Prioritária (ZAP)

A Zona de Amortecimento Prioritária (Figura 3/1), com 3050,41 ha, corresponde à área total da Estação Experimental de Mogi-Guaçu (EEx). Inclui parte das sub-bacias do Córrego Capitinguinha, Córrego do Cortado, Córrego Espreado, Córrego do Tanquinho, Córrego da Bocaina, Ribeirão das Araras e Rio Capitinga (critério de inclusão i) (Veja Figura 2.2.1.2/1). Esta zona é composta totalmente por áreas pertencentes ao estado de São Paulo e que está sob administração do Instituto Florestal.

O uso do solo atual nessa área é voltado para a produção florestal e o desenvolvimento de experimentos e pesquisas relacionados ao manejo e produção de *Pinus* spp. e, em menor quantidade, *Eucalyptus* spp. Ainda, estão incluídas as áreas de infraestrutura administrativa da Estação Ecológica e da Estação Experimental de Mogi-Guaçu, como escritórios, oficinas, área de lazer, casa de apoio aos pesquisadores e casas de funcionários do IF.

O objetivo específico dessa zona é facilitar as ações que aumentem a conectividade entre as áreas de vegetação nativa na Fazenda Campininha. Para isso, primeiramente foi proposta a criação de três corredores ecológicos, inseridos na Zona de Amortecimento Primário, que interligam as UCs: dois incluem as Áreas de Preservação Permanente dos córregos entre a Estação Ecológica e Reserva Biológica (gleba A) e o terceiro que conecta as glebas A e B da Reserva Biológica (Capítulo 4, seção 4.2). Corredores ecológicos são previstos na lei do SNUC, Artigo 25, e devem, preferencialmente, estar delimitados nos Planos de Manejo das UCs, cabendo ao órgão gestor da unidade o estabelecimento de normas que regulamentem seu uso e ocupação, o que já está previsto neste Plano de Manejo. Define-se corredor ecológico como uma porção de vegetação que conecta duas unidades de conservação ou dois grandes fragmentos, com a principal finalidade de

facilitar os movimentos da biota.

Com a conversão da EEx em Floresta Estadual, de acordo com a nova proposta os gestores das UCs, toda a área atualmente ocupada com *Pinus* spp. terá seu uso alterado. Na gleba sul os talhões serão substituídos por essências nativas autóctones e se destinará à pesquisa científica, a educação ambiental e a recuperação do bioma cerrado com seus ecossistemas associados, por meio da regeneração natural, devido à sua alta resiliência. Nesta gleba fica proibida a introdução de espécies, ainda que nativas, após a retirada do pínus. A conversão da gleba sul da EEx em uma área estritamente de vegetação nativa se configura como relevante ganho ambiental para a fazenda Campininha como um todo e para a preservação dos remanescentes do cerrado paulista. É expressamente proibido qualquer tipo de exploração para criação animal, incluindo a criação de abelhas.

Na gleba norte os talhões de pínus deverão ser substituídos gradativamente por essências florestais exóticas não invasoras ou essências nativas, possibilitando o manejo de produtos madeireiros ou não madeireiros e, contribuindo ainda mais para a conectividade entre as áreas já atualmente com cobertura vegetal nativa da Fazenda Campininha. Mais detalhes sobre a conversão da EEx em Floresta Estadual e sobre os desdobramentos do manejo da futura FE na conectividade da paisagem da fazenda estão descritos nos itens 3.6 e no Capítulo 4, seção 4.2.

3.4.2. Zona de Amortecimento Auxiliar (ZAA)

A Zona de Amortecimento Auxiliar (3062,21 ha) é delimitada basicamente por uma faixa mínima ou "buffer" de 500 metros ao redor da Fazenda Campininha (EEc, REBio e EEx), faixa esta que é ampliada, em alguns locais, para os divisores de águas das sub-bacias nas quais as unidades de conservação estão inseridas. O critério de inclusão das sub-bacias na ZAA gerou uma faixa ao leste da Fazenda Campininha, desde a foz do Córrego do Tanquinho, no seu encontro com a margem direita do Rio Mogi-Guaçu até a confluência entre o Córrego Capitinguinha e o Rio Capitinga, ao norte da gleba B da Reserva Biológica, havendo uma interrupção na localidade do

distrito de Martinho Prado. A oeste, a ZAA ocupa desde a margem direita do Rio Mogi-Guaçu (na foz do Ribeirão das Araras) até o restante do contorno da Estação Experimental, na sua porção norte (Figura 3/1).

O leito do Rio Mogi-Guaçu e uma faixa lateral de 500 m ao longo de suas margens foram também delimitados, iniciando-se à montante da Estação Ecológica, cerca de 1100 m a jusante do ponto em que a rodovia Professor Zeferino Vaz (SP-332) cruza com o rio, até 1000 m a jusante, a partir do ponto de confluência do Ribeirão das Araras com o Rio Mogi -Guaçu. Essa área da Zona de Amortecimento (várzeas e terraços do Rio Mogi-Guaçu) inclui diversos remanescentes florestais, que embora reduzidos, são importantes para a manutenção da biodiversidade local e para os movimentos migratórios de espécies de aves (critérios de inclusão ii e iii). Além disso, nessa faixa existem diversos loteamentos ocupados com chácaras e ranchos, inclusive às margens do Rio Mogi-Guaçu, e, no sentido de reduzir a pressão por especulação imobiliária e crescimento desorganizado, reafirma-se a necessidade de inclusão desta área na ZAA. Adicionalmente, outra função da Zona de Amortecimento Auxiliar (Figura 3/1) é reduzir o impacto negativo causado pelas atividades de mineração, principalmente com extração de areia, muito comum nessa região.

Parte do perímetro do distrito Martinho Prado Junior, que se sobrepõe à microbacia do Córrego do Tanquinho, foi excluída da ZAA por se tratar de uma zona urbana consolidada (critério de exclusão sugerido no Roteiro Metodológico). Além do município de Mogi-Guaçu, na margem direita, essa faixa abrange territórios dos municípios de Conchal e Araras, na margem esquerda do Rio Mogi-Guaçu. Essa área, no entanto, é parcialmente classificada como macrozona urbana, e, segundo o Roteiro Metodológico, não estaria incluída na ZAA. Todavia, em virtude da importância do grande número de pequenos fragmentos existentes nessa área, incluindo as APPs, essa parte foi mantida na Zona de Amortecimento (Figura 3/1).

O Plano Diretor do município de Conchal (Lei Municipal nº. 157, de 10 de outubro de 2006) classifica toda a margem esquerda do Rio Mogi-Guaçu no território municipal como "Macrozona urbana", sendo uma faixa de 300 m classificada na subcategoria "Zona de Especial Interesse Ambiental" (ZEIA). A ZEIA é mais restrita quanto ao seu uso e possui o objetivo de preservar a paisagem e permitir a ocupação qualificada e a

oferta de espaços públicos adequados ao lazer da população preservando o meio ambiente.

A Lei Complementar nº. 3.901 de 6 de outubro de 2006 (Plano Diretor do município de Araras), através do Artigo 14, parágrafo único, define como zona de expansão urbana:

"Parágrafo único – Os terrenos destinados a Chácaras e Sítios de Recreio, os terrenos regularizados e os destinados à regularização dos parcelamentos na faixa de 1 (um) km ao longo do Rio Mogi -Guaçu e os Núcleos urbanos e Industriais terão características de áreas de expansão urbana". [grifo nosso]

Logo, considerando-se os planos diretores desses municípios, conclui-se que toda a ZA da margem esquerda do Rio Mogi-Guaçu (Figura 3/1) se sobrepõe à área de ocupação urbana. Porém, tal área não corresponde à urbanização tipicamente consolidada – no local, há diversos loteamentos estabelecidos –, sendo altamente indicado que o adensamento e o crescimento da mancha urbana nessa região sejam contidos.

A faixa designada como ZEIA no município de Conchal não possui conflitos com relação à sua finalidade, pois assim como a ZA, prioriza a manutenção e conservação da biodiversidade e seus habitats. Mas, a faixa adicional de 200 m além dos 300 m iniciais está inserida na Zona Industrial (Macrozona Urbana), conflitante com os objetivos da Zona de Amortecimento. Desta forma, sugere-se que os gestores das Unidades de Conservação negociem com as prefeituras locais, no sentido de tornar essa área como Zona Rural, quando da revisão dos seus respectivos Planos Diretores municipais.

O atual uso do solo na região noroeste da ZAA é destinado principalmente a cultivos agrícolas perenes (citricultura) e mais a sudoeste a consórcios de cultivos anuais e perenes (cafeicultura). As áreas a nordeste-leste da gleba B, da Reserva Biológica, são ocupadas por cultivos florestais de eucalipto, e ao sudeste, na bacia hidrográfica do córrego do Tanquinho, a ZAA é ocupada por pequenos produtores rurais, que desenvolvem atividades agropastoris, principalmente. Ao sul, na margem esquerda do

Rio Mogi-Guaçu, existem diversos fragmentos de mata nativa, que entremeiam ranchos, chácaras e sítios.

Normas

Para que a Zona de Amortecimento cumpra com seu objetivo, isto é, minimizar os impactos inerentes às atividades humanas desenvolvidas no entorno das Unidades de Conservação, seu uso deve ser mais restritivo. Portanto, as atividades mais degradantes não são permitidas, promovendo melhor conservação da biodiversidade nas UCs.

Normas para a Zona de Amortecimento Prioritária (ZAP)

Conforme definida, esta zona compreende as atuais áreas da Estação Experimental do Instituto Florestal. Trata-se de áreas públicas no entorno das unidades de conservação de proteção integral: a Reserva Biológica e a Estação Ecológica. O item 3.6 deste plano trata especificamente da conversão dessas áreas em Floresta Estadual, visando aumentar os ganhos ambientais e maximizar a conservação da biodiversidade regional. Portanto, se propõe a transformação desta ZAP em uma unidade de conservação de uso sustentável. Complementarmente, no diagnóstico realizado verificou-se que as maiores fontes de impacto sobre as Unidades de Conservação de Proteção Integral concentram-se, principalmente, nessas áreas (Ver Item 2.2.8. Fontes de impacto e recomendações). Considerando o caráter público da área, a proposta de transformação em Floresta Estadual, o ganho ambiental e a redução das principais fontes de impacto, ficam expressamente proibidas as seguintes atividades:

- A construção, instalação e operação de aterros sanitários; crematórios e cemitérios; penitenciárias, presídios, centros de detenção provisória e congêneres; usinas termelétricas; postos de combustíveis;
- A construção, instalação e operação de equipamentos de ecoturismo incompatíveis com as unidades de conservação, como por exemplo pesqueiros tipo "Pesque-Pague";
- Minerações de qualquer tipo, inclusive de areia ou cascalho;

- Pavimentação ou asfaltamento de estradas internas;
- Atividades industriais de qualquer tipo;
- Atividades agrossilviculturais noturnas;
- Supressão de vegetação nativa;
- Criação de animais, inclusive a apicultura;
- Uso de agroquímicos com distribuição aérea (por avião);
- Grandes obras.

Nessa zona de amortecimento prioritária são permitidas atividades compatíveis com os objetivos das UCs, inclusive da futura Floresta Estadual. São permitidas, ainda, na ZAP:

- atividades que comprovadamente proporcionem melhorias nas funções ambientais;
- atividades imprescindíveis à proteção da integridade da vegetação nativa, tais como prevenção, combate e controle do fogo, controle da erosão, erradicação de invasoras e proteção de plantios com espécies nativas;
- a abertura de pequenas vias de acesso interno e suas pontes e pontilhões, quando necessárias à travessia de um curso d'água;
- a implantação de trilhas de interpretação da vegetação;
- a construção de rampa de lançamento de barcos e pequeno ancoradouro;
- a pesquisa científica relativa a recursos ambientais, respeitados outros requisitos previstos na legislação aplicável.

Normas da Zona de Amortecimento Auxiliar

A zona de amortecimento auxiliar (ZAA) definida neste plano, diferentemente da ZAP, está fora dos limites da área pública denominada Fazenda Campininha, que abriga a Reserva Biológica, a Estação Ecológica e a Estação Experimental. Após a transformação da Estação Experimental em Floresta Estadual, a ZAA constituirá a zona de

amortecimento, na definição clássica do artigo 2º, inciso XVIII do SNUC.

Neste sentido, para bem cumprir seus propósitos de minimizar os impactos negativos das atividades humanas sobre as UCs, nessa ZAA, não devem ser autorizadas:

a) Atividades com potencial impacto, direta ou indiretamente, sobre a biota das UCs, tais como:

- Supressão de vegetação nativa em desconformidade com a legislação, especificamente o Código Florestal (Lei Federal n 12651/2012), a Lei Florestal do Estado de São Paulo (Lei Estadual n 15684/2015), a Lei da Mata Atlântica (Lei Federal n 11428/2006), a Lei Estadual do Cerrado (Lei n 13550/2009) e seus regulamentos.

Justificativa: A retirada da cobertura vegetal acarreta a perda de biodiversidade, havendo extinções locais, além de aumentar o grau de isolamento entre remanescentes, pela diminuição da conectividade, o que impede ou limita o fluxo de espécies e indivíduos e, conseqüentemente, de genes (STRAFFORD e STOUFFER, 1999; GIBBS, 2001; GROOM, 2001; WILSON, 2004; PARDINI, 2004);

- Uso de fogo sem autorização do órgão ambiental e/ou em desconformidade com as normas vigentes.

Justificativa: A utilização de fogo próximo a unidades de conservação representa risco devido à falta de controle sobre o mesmo e à possibilidade de que este invada as áreas a serem preservadas, suprimindo a vegetação, ocasionando em mortes e fuga de espécimes da fauna e emissão de poluentes atmosféricos. Como consequência, há nítida destruição da paisagem, com comprometimento do equilíbrio ecológico (LOURENÇO, 1990; MIRANDA, 1998);

- Uso de agroquímicos com distribuição aérea por meio de aeronaves ou outro equipamento tecnologicamente similar

Justificativa: Além de cumprirem o papel de proteger as culturas agrícolas das pragas,

doenças e plantas daninhas, os agroquímicos podem oferecer riscos à saúde humana e ao ambiente. O uso frequente, e muitas vezes incorreto, de agrotóxicos oferece riscos de contaminação dos solos agrícolas, das águas superficiais e subterrâneas apresentando, conseqüentemente, riscos de efeitos negativos em organismos terrestres e aquáticos (SPADOTTO et al., 2004). Desta forma, indica-se que a utilização de agroquímicos seja limitada às técnicas em solo, não sendo permitido o uso de aeronaves para a prática de aplicação de agrotóxicos;

- Geradoras de ruídos, vibrações, explosões em desconformidade com os parâmetros legais vigentes e luz artificial intensa que possa causar alterações significativas no comportamento de grupos da fauna.

Justificativa: Podem afetar o comportamento de diversos grupos taxonômicos. Algumas espécies são atraídas, enquanto que outras são afugentadas ou tem seu comportamento inibido;

- Que possam causar significativas alterações da temperatura da água de reservatórios, córregos e rios da bacia do entorno, em desconformidade com os parâmetros legais e técnicos vigentes.

Justificativa: Interfere nas condições de existência da flora e fauna e atuam decisivamente como fator limitante na reprodução das espécies;

- Promotoras de alterações hidroquímicas, hidrobiológicas e hidrológicas significativas, com impactos na geometria hidráulica de rios e cursos d'água da bacia da zona de amortecimento, em desconformidade à legislação.

Justificativa: Todos os rios tendem a atingir um equilíbrio dinâmico entre a sua descarga, velocidade média, carga sedimentar e a morfologia de seu leito (LEOPOLD e MADDOCK, 1953). Plantas e animais aquáticos são adaptados a essas condições específicas. Alterações provocadas nesse equilíbrio dinâmico, causadas, por exemplo, por barramentos e represamentos afetam não somente a área local, mas

também a área abaixo e, no caso da biota, até a área acima dela (JUNK e MELLO, 1990). Entre as principais consequências, pode ser citado, por exemplo, a perda de espécies de peixes migratórios. Alterações hidroquímicas podem provocar o crescimento em massa de macrófitas aquáticas, que pode levar ao aparecimento de doenças (especialmente, esquistossomose) e a deterioração da qualidade da água pela grande produção e a decomposição de matéria orgânica. Entre as principais alterações hidroquímicas, pode-se citar o uso de compostos a base de carbono, fósforo e/ou nitrogênio, em certas atividades, que levam a significativas alterações no índice de qualidade da água (KUBTIZA, 1999; SIMÕES et al., 2007). A introdução de espécies alóctones e invasoras figura entre a principal alteração hidrobiológica. No caso de alterações hidrológicas, a turbidez causada por certas atividades em função da suspensão de sedimentos finos prejudica a qualidade da água, principalmente a jusante do empreendimento. Outras alterações incluem o rebaixamento de calhas de rios, provocados por atividades de lavra, podem levar à instabilidade das margens e consequente supressão das matas ciliares (CBH MOGI, 1999).

-Promotoras de significativo incremento de fluxo de pessoas, veículos e equipamentos, exceto os casos em que não haja alternativa locacional e desde que ouvido o Conselho Gestor das UCs.

– Justificativa: No entorno de unidades de conservação, encorajam e facilitam a propagação de distúrbios, como por exemplo, o fogo, poluentes, a caça e extração ilegais. Além disso, o aumento do fluxo de veículos é responsável pela mortalidade de várias espécies da fauna (DORNAS et al., 2012). Pavimentações e asfaltamento de estradas no entorno de unidades de conservação, por exemplo, podem, a um só tempo, promover o aumento da velocidade dos veículos e fragmentar a paisagem, levando à perda de biodiversidade. De acordo com Schonewald-Cox e Buechner (1992), a fragmentação de unidades de conservação por estradas afeta negativamente as espécies que: i) não se dão bem em habitats de borda, ii) são sensíveis ao contato humano, iii) ocorrem em baixas densidades, iv) são improváveis ou incapazes de atravessar estradas, que acabam por funcionar como barreiras, e v) procuram estradas para se aquecer ou se alimentar;

-Promotoras de significativas mobilizações e movimentações de solos e rochas

Justificativa: Além de remover a camada mais superficial e fértil do solo, com impacto no estabelecimento e sobrevivência das plantas, acelera os processos erosivos que levam ao assoreamento dos corpos d'água com impacto sobre a fauna aquática. Alterações da qualidade da água dos cursos d'água e reservatórios da bacia do entorno das unidades de conservação podem ocorrer devido à sedimentação e lixiviação de efluentes;

b) Atividades com potencial impacto, direta ou indiretamente, na qualidade de fatores abióticos das UCs, tais como:

- Promotoras do significativo incremento de geração e disposição inadequada de resíduos sólidos

Justificativa: A composição química e biológica desses resíduos pode poluir o solo pela alteração de suas características físicoquímicas. Ainda, contribuem para a atração de vetores de doenças, tais como insetos e aves, favorecendo a proliferação de organismos patogênicos. Metais pesados presentes no chorume proveniente de resíduos sólidos constituem um dos maiores problemas ambientais que afetam os ecossistemas e a saúde humana (CHEN et al., 2004). Ao infiltrar-se, o chorume alcança o lençol freático e contamina a água subterrânea e o solo, podendo ser absorvido pelas plantas e incorporado às cadeias tróficas (MAGOSSO e BONACELLA, 1991; SERRA et al., 1998; MUÑOZ, 2002; CHEN et al.,

2004);

-Promotoras do incremento de geração de efluentes líquidos contaminantes, em desconformidade com a legislação vigente.

Justificativa: De modo semelhante aos resíduos sólidos, efluentes líquidos percolados representam potenciais elementos de degradação ambiental dos solos, das águas do lençol freático e das áreas do entorno;

-Promotoras do incremento de geração de emissões aéreas, em desconformidade com os parâmetros legais e técnicos vigentes.

Justificativa: A emissão de poluentes atmosféricos, tais como o NO_x, SO_x, CO, micropartículas, hidrocarbonetos e elementos presentes no carvão e nas cinzas, dos quais destacam-se o arsênio, o cádmio, o crômio, o chumbo e o selênio, ocasionam impactos negativos sobre o meio ambiente, pela poluição do ar. Há estudos que relacionam os efeitos negativos da poluição atmosférica sobre o desenvolvimento das plantas. Impactos secundários, como maus odores, podem ser causados por emissões de gases sulfídricos, mercaptanos, dióxido de carbono, metano, amoníaco, fosfina, entre outros, impactando a população humana do entorno.

-Geradoras e promotoras de contaminação do lençol freático e da vizinhança causadas por vazamento de óleos e combustíveis.

Outras atividades sujeitas ao licenciamento ambiental, segundo definido pelo órgão responsável, no caso do estado de São Paulo, a CETESB, podem ser restringidas ou mesmo impedidas de se instalarem na zona de amortecimento auxiliar (ZAA), a depender dos impactos definidos nos respectivos Estudos de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental (EIA/RIMA). Nestes casos, atentar para a legislação vigente, sobretudo o artigo 36, parágrafo 3º do SNUC (Lei Federal nº 9985/2000) e a Resolução CONAMA nº 428/2010. O primeiro define que o licenciamento ambiental de empreendimentos que afetam a unidade de conservação e sua zona de amortecimento só poderá ser concedido mediante a autorização do órgão responsável por sua administração. O segundo estabelece os procedimentos do licenciamento ambiental que afetem unidades de conservação específicas e sua zona de amortecimento, mesmo quando não sujeitos ao EIA/RIMA.

Na Zona de Amortecimento Auxiliar (ZAA) são permitidas atividades compatíveis com os objetivos das UCs e atividades eventuais ou de baixo impacto ambiental, segundo definição do novo Código Florestal (Lei Federal 12651/2012), bem como as

consideradas de utilidade pública ou interesse social, desde que sem alternativas locais, conforme a legislação e normas vigentes.

Atentar para legislação vigente:

- Sobre a conservação dos solos, recursos hídricos e biodiversidade, com atenção especial aos produtores rurais do entorno;
- Avaliar cuidadosamente os licenciamentos industriais, considerando os impactos causados pelas atividades citadas nos Anexos 9 e 10, do Decreto Estadual 8.468 de 8 de setembro de 1976, cabendo aos gestores das UCs a responsabilidade de licenciamento das autorizações, embora seja necessário evitar ao máximo os tipos de atividades citadas na referida lei;
- Atentar para a disposição e descarte de embalagens de agrotóxicos e fazer com que as leis pertinentes sejam respeitadas.

Dispender esforço contínuo para atuarem como facilitadores e encorajadores das seguintes atividades:

- Adequação ambiental, principalmente das áreas de preservação permanente junto aos proprietários vizinhos;
- Quando aplicável, desempenhar as atividades de controle de espécies invasoras também nas ZAs (Capítulo 4).

3.4 Quadro-síntese do zoneamento

Zonas	Critérios de zoneamento	Caracterização Geral		Principais conflitos	Usos permitidos
		Meio físico	Meio biótico		
Zona Primitiva	Variabilidade ambiental	Predomínio de relevo plano e suave ondulado, substrato rochoso poroso (formado por arenitos) e solos com média a alta suscetibilidade à erosão (Reserva Biológica) ou áreas de grande acúmulo de sedimentos e ou sujeitas à inundações periódicas (Estação Ecológica)	Diversidade de fitofisionomias (Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Estacional Semidecidual Aluvial, Savana Arbustiva, Savana Florestada e Campo Úmido) e flora e fauna associadas, presença de espécies ameaçadas	Presença de espécies exóticas da fauna e flora, moradias de pessoas, caça e pesca. Presença de estradas cortando corpos hídricos.	Pesquisa e fiscalização
	Riqueza de fauna e flora				
	Suscetibilidade ambiental				
	Potencial para pesquisa				
	Conectividade com o entorno				
Zona de Uso Extensivo	Riqueza de fauna e flora	Predomínio de relevo suave ondulado a ondulado, com declividade mais acentuada e maior suscetibilidade à erosão às margens do Córrego do Cortado (Reserva Biológica)	Arboreto de espécies nativas, alta riqueza de espécies da fauna e flora, com presença de espécies ameaçadas	Presença de espécies exóticas da fauna e flora, moradias de pessoas, trilhas muito próximas à margem do Rio Mogi-Guaçu, caça e pesca	Pesquisa, Educação Ambiental e fiscalização
	Potencial para pesquisa				
	Potencial para Educação Ambiental				
	Área com alto histórico de uso				
Zona de Uso Especial	Administração e manutenção das UCs, fiscalização e suporte à pesquisa	Relevo suave ondulado com boa cobertura vegetal e sem problemas de erosão identificados	Espécies generalistas da fauna e flora, baixa diversidade	Na Estação Ecológica, existência de habitação na "Área 1" e de rancho de morador na "Área 2"	Administração do mosaico, fiscalização e suporte à pesquisa
Zona de Amortecimento Prioritária	Microbacias hidrográficas	Relevo predominantemente suave ondulado, com cobertura florestal (principalmente <i>Pinus</i> spp.), conferindo baixo risco de erosão em função do uso do solo	Pobre em espécies da fauna e flora, espécies generalistas; conectividade entre a Reserva Biológica e Estação Ecológica através de APP e matriz silvicultural	Presença de espécies exóticas da fauna e flora, incêndios florestais, deposição de lixo e resíduos. Estradas em sistema ortogonal com pontos de alagamento e assoreamento. Estradas de uso intenso e com problemas de configuração e de drenagem. Expansão urbana, a qual não	Retirada gradual de <i>Pinus</i> spp. da EEx (futura Floresta Estadual); Plantio e manejo de espécies nativas e exóticas não invasoras na gleba norte da EEx; condução da regeneração de
	Estação Experimental (futura Floresta Estadual)				
	Manejo da silvicultura				

Zonas	Critérios de zoneamento	Caracterização Geral		Principais conflitos	Usos permitidos
		Meio físico	Meio biótico		
				deve ocorrer na área.	espécies nativas na gleba sul da EEx; fiscalização
Zona de Amortecimento Auxiliar	Faixa mínima de 500 metros ao redor da Fazenda Campininha e divisores de águas da microbacias hidrográficas	Predomínio de planícies aluviais e colinas amplas. Maior suscetibilidade à erosão a leste da fazenda Campininha. Instabilidade do terreno às margens do Rio Mogi-Guaçu	Significativos remanescentes de Floresta Estacional Semidecidual ao longo do Rio Mogi-Guaçu	Uso de agrotóxicos, pesca, caça expansão urbana, ausência de vegetação ciliar em trechos do Mogi-Guaçu e afluentes. De	Atividades compatíveis com os objetivos das UCs, observando-se licenciamentos; fiscalização
	Importância para a biodiversidade local e movimentos migratórios				
	Área de expansão urbana				

3.5 Conversão da Estação Experimental de Mogi-Guaçu em Floresta Estadual

Na condição de gestor da Estação Experimental de Mogi-Guaçu (EEx), e com o objetivo de aumentar os ganhos ambientais previstos com a adoção do presente Plano de Manejo e maximizar a conservação da biodiversidade, o Instituto Florestal (IF) propôs, após a finalização e apresentação do referido Plano, que toda a área da EEx fosse transformada em Floresta Estadual (FE), uma categoria de Unidade de Conservação de Uso Sustentável, de acordo com o SNUC (Lei nº 9.985/2000). Posteriormente, a proposta foi também apresentada e discutida em Workshop realizado com a comunidade do entorno das UCs.

De acordo com o SNUC (Art. 17), a Floresta Estadual visa o uso múltiplo sustentável dos recursos florestais e a pesquisa científica, com ênfase em métodos para exploração sustentável de florestas nativas. A conversão da EEx em FE vai ao encontro dos objetivos e recomendações do Plano de Manejo Integrado da Estação Ecológica de Mogi-Guaçu e Reserva Biológica de Mogi-Guaçu, uma vez que promoverá, entre outros ganhos ambientais: 1) o aumento da conectividade entre fragmentos de vegetação nativa bem preservados das referidas UCs; 2) a diminuição do risco de invasão de espécies exóticas agressivas nas áreas de vegetação nativa, favorecendo sua regeneração; 3) a conservação de significativa área de vegetação nativa localizada na transição entre os biomas Cerrado e Mata Atlântica no Estado de São Paulo e inserida em uma região com escassa presença de remanescentes de médio e grande porte; 4) a perspectiva de desenvolvimento de pesquisas visando a restauração, conservação e ou exploração de espécies nativas, com especial atenção às espécies do Cerrado.

Com a transformação da EEx em FE, toda a Zona de Amortecimento Prioritária (ZAP) delineada no Plano de manejo seria convertida nesta categoria de UC, fortalecendo as medidas conservacionistas propostas no Plano. Além das mudanças do ponto de vista jurídico, a criação desta nova UC implicará na readequação da área da atual EEx, com a retirada gradual dos talhões de *Pinus* spp. Esta substituição se daria num prazo máximo de treze anos e de forma gradativa (ver mais detalhes no item 4.1). Por sua vez, a substituição dos talhões ocorreria de forma diferenciada para as Glebas A e B da atual EEx. Nos talhões da Gleba A (porção norte da EEx) seriam permitidas

essências nativas autóctones, não sendo permitida a exploração de produtos madeireiros. Já na Gleba B da EEx (porção sul, entre a Estação Ecológica e a Reserva Biológica) serão permitidas apenas essências nativas autóctones, não sendo permitida a exploração de produtos madeireiros. Parte dos talhões das Glebas A e B seriam também convertidos em essências nativas não manejáveis, compondo os chamados corredores ecológicos. Detalhes sobre a configuração prevista para a conversão dos talhões de *Pinus* spp. podem ser vistos no Capítulo 4.

Capítulo 4 – Diretrizes de Planejamento e Plano de Ação

As diretrizes de planejamento foram organizadas em forma de Programas, observando os diagnósticos local e regional e os objetivos das Unidades de Conservação.

4.1. Programa de Adequação da Paisagem

Objetivos

Contribuir para a conservação da biodiversidade e a proteção do solo e da água.

a. Subprograma Conectividade

- Implantação de corredores ecológicos

Visa estabelecer a conectividade entre fragmentos de vegetação nativa presentes nas UCs e na fazenda Campininha como um todo, contribuindo para o fluxo gênico de espécies da flora e da fauna. Os corredores ecológicos correspondem a estruturas lineares (faixas) que diferem das unidades vizinhas e que interligam pelos menos dois fragmentos de vegetação nativa anteriormente unidos (SOULÉ; GILPIN, 1991). A implantação de corredores ecológicos é proposta para duas regiões da Zona de Amortecimento Prioritária – ZAP (Figura 4.1/1). Uma localiza-se na porção norte da Estação Experimental de Mogi-Guaçu, margeando o Córrego do Cortado, desde a montante até seu encontro com a gleba A da Reserva Biológica de Mogi-Guaçu, e o Córrego Capitinguinha, até sua passagem pela porção noroeste da gleba B da Reserva Biológica. Este corredor, de 150 m de largura e uma área de 115,7 ha, tem o objetivo de interligar as glebas A e B da Reserva Biológica de Mogi-Guaçu e será estabelecido através da substituição dos talhões de pínus por vegetação nativa.

A segunda região para o estabelecimento de corredores ecológicos é a porção sul da Estação Experimental de Mogi-Guaçu. Constituem-se de duas faixas que interligam a gleba A da Reserva Biológica e a Estação Ecológica de Mogi-Guaçu (Figura 4.1/1),

margeando dois de seus cursos d'água. Nestes locais também haverá a conversão dos talhões de pinus por vegetação nativa.

Nos corredores ecológicos propostos no presente Plano de Manejo, a promoção da recuperação do cerrado será feita prioritariamente por meio da condução da regeneração natural, podendo ser adotadas medidas e técnicas de restauração que as potencializem. Já as áreas de mata ciliar atualmente definidas pelo Código Florestal poderão ser recuperadas com espécies autóctones, caso a regeneração natural não ocorra de maneira satisfatória. A recuperação poderá ocorrer por meio de plantio, enriquecimento, nucleação ou outras ações que levem em consideração as normas técnicas, legais e de promoção da diversidade genética.

Normas

- Haja vista que nestas áreas haverá a substituição gradativa da vegetação exótica por vegetação nativa autóctone, por meio da condução da regeneração natural, eventuais futuros contratos de exploração de madeira e resina devem conter expressa proibição de corte e/ou remoção do sub-bosque. Para este tipo de exploração transitória, os contratantes devem apresentar plano de exploração indicando técnicas de mínimo impacto sobre o sub-bosque, que não incluam o bosqueamento e o uso de rolo-faca.
- Nas áreas destinadas aos corredores ecológicos serão realizadas a retirada de pinus e ações de restauração da vegetação nativa, utilizando prioritariamente a condução da regeneração natural.
- Nas áreas destinadas ao estabelecimento de corredores não deverá haver manejo da vegetação nativa. Fica, entretanto, permitida a pesquisa científica, a educação ambiental e a visitação pública.



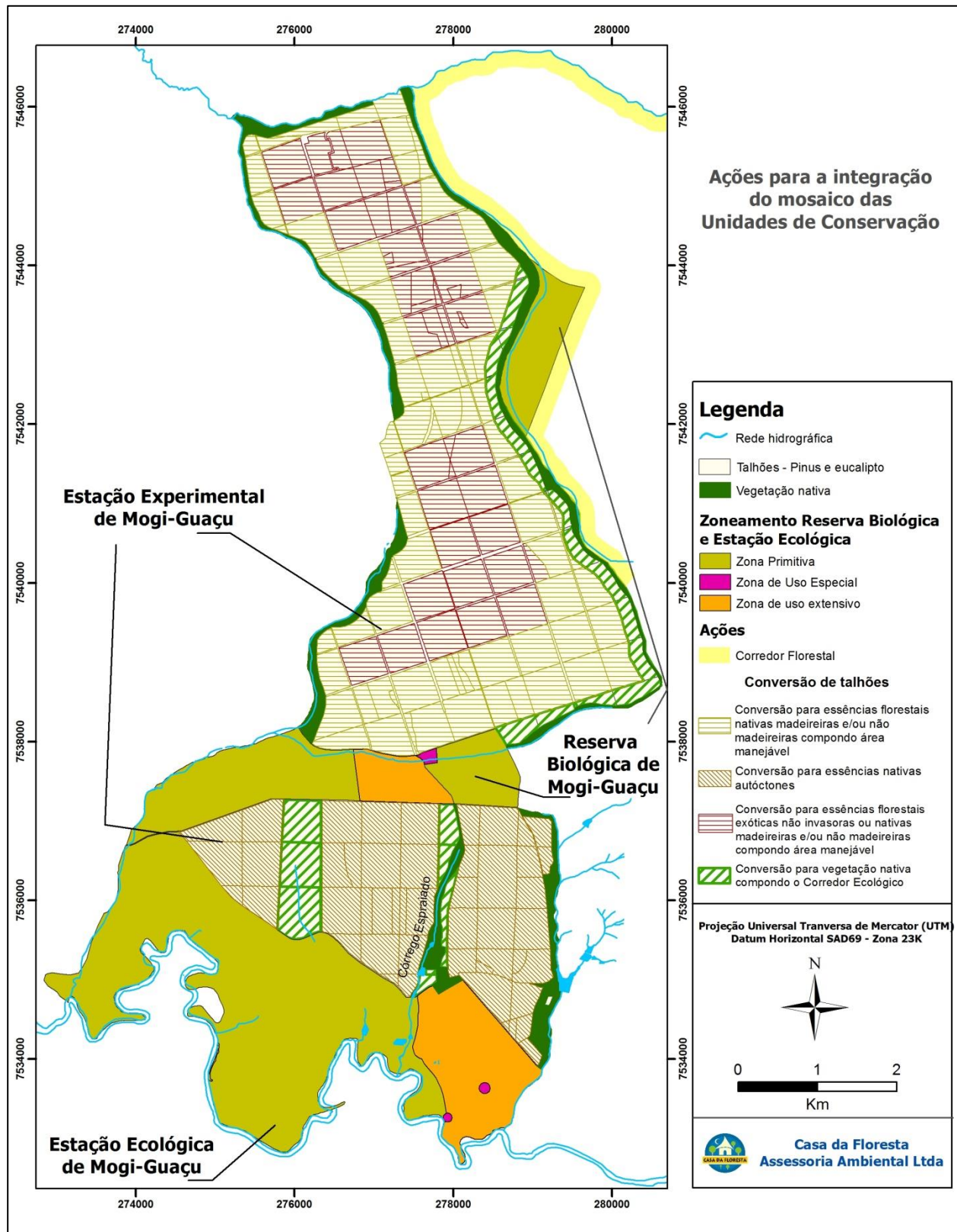


Figura 4.1/1. Localização das ações propostas no Subprograma Conectividade.



- Formação de corredor florestal no entorno da Fazenda Campininha

A porção nordeste da Fazenda Campininha faz divisa com áreas de produção de eucalipto pertencentes à International Paper do Brasil Ltda., uma empresa de produção de celulose e papel. Visto que estas áreas localizam-se dentro da Zona de Amortecimento Auxiliar (ZAA) e sabendo-se que a cultura do eucalipto pode ser uma matriz mais permeável à fauna e à flora em virtude da possibilidade de manutenção de sub-bosque de vegetação nativa, propõe-se uma parceria dos órgãos gestores das UCs com a empresa, a fim de estabelecer um corredor florestal ao longo da divisa com a Fazenda Campininha, desde a nascente do rio Capitinguinha até a sua foz. Este corredor poderá também se estender ao longo da margem esquerda do Rio Capitinga (Figura 4.1/1), paralelo à sua mata ciliar, funcionando como proteção deste corpo hídrico e como facilitador do fluxo gênico de espécies de flora e fauna.

Trata-se de um corredor de 150 metros de largura e uma área de 317 ha, que poderia ser criado de duas maneiras:

(i) No momento inicial, incentiva-se o desenvolvimento de sub-bosque no plantio de eucalipto inserido nessa faixa. Após o corte do eucalipto, faz-se a condução da regeneração nativa, podendo enriquecê-la; o plantio não ocorreria mais nessa faixa. Dessa forma um corredor florestal permanente seria estabelecido.

(ii) O eucalipto seria mantido, porém sem intervenções para a interrupção da regeneração natural. Pelo contrário, nesta faixa seria incentivada a formação do sub-bosque de vegetação nativa. Dessa forma, a vegetação nativa regenerante do sub-bosque seria mantida durante o crescimento do eucalipto, e retirada na época do seu corte (geralmente a cada sete anos). A regeneração da vegetação nativa ocorreria novamente ao longo do próximo ciclo do eucalipto, sendo novamente cortada ao final deste ciclo, e assim sucessivamente. Embora, retirado a cada sete anos, a permanência temporária do sub-bosque aumentaria a estabelecimento de fluxo gênico.

Normas

- A viabilização da manutenção de sub-bosque nos plantios de eucalipto da propriedade da International Paper do Brasil Ltda. deverá ser negociada com o órgão ambiental

responsável pela autorização da supressão da vegetação nativa do Estado de São Paulo (CETESB). O Instituto de Botânica e o Instituto Florestal devem assumir uma postura proativa nesta negociação, auxiliando a empresa neste processo de autorização.

- Não será permitido o uso de agroquímicos (fertilizantes, corretivos e pesticidas) na área do corredor florestal localizada dentro da Zona de Amortecimento Auxiliar.

- Substituição dos talhões de pínus na Gleba A (porção norte) da EEx

Nos talhões da Gleba A, além da retirada de pínus para a constituição do corredor ecológico, parte dos talhões seria também substituído por essências florestais nativas ou exóticas, de acordo com a Figura 4.1/1. Os talhões localizados ao longo dos limites da fazenda Campininha, com maior proximidade da Reserva Biológica e dos corredores ecológicos propostos serão substituídos por essências florestais nativas, madeiras ou não madeiras, compondo área manejável. Já os talhões que ocupam a parte central da Gleba A poderiam ser convertidos em essências florestais exóticas não invasoras ou nativas madeiras e ou não madeiras. Esta substituição deve se dar de forma gradativa, num prazo máximo de treze anos, de modo a não comprometer os investimentos já realizados pelo Estado na EEx, bem como não promover a ausência de cobertura vegetal em área total, expondo a área a risco de erosão e ou a invasões.

Essa gleba, especificamente, permite a realização de experimentos científicos, testando diferentes espécies com potencial para uso madeireiro e não madeireiro, bem como diferentes tipos de manejo. Nesse sentido, estudos voltados à área de restauração florestal e sistemas agroflorestais são de grande importância e apresentam ainda uma série de lacunas de conhecimento a serem preenchidas, a exemplo disto temos estudos voltados a agrobiodiversidade, plantios de espécies nativas florestais em consórcio com espécies para fins agrícolas, entre outros. Ainda, com relação à exploração de recursos não madeiros, é interessante a realização de pesquisas envolvendo o manejo e coleta de sementes e frutos regionais, espécies potenciais para uso medicinal, óleos essenciais, produtos para artesanato, entre outros. Outra sugestão de grande relevância é a realização de Pomares de Produção de Sementes (PPS). Neste caso, a formação de um PPS deve seguir os protocolos para tal, como a coleta de frutos de um número mínimo de indivíduos. A produção das mudas pode ser realizada na

própria Estação Experimental, com a expansão do viveiro de produção de mudas e capacitação de funcionários, tanto para a coleta e beneficiamento dos frutos quanto para a produção das mudas. O plantio deve seguir orientações técnicas e silviculturais, já que a maioria das espécies nativas não apresenta um bom desenvolvimento em plantios puros, ao contrário das espécies exóticas. Na formação de um PPS e na realização de outras iniciativas de pesquisa e manejo, a instituição envolvida (Instituto Florestal) pode buscar parcerias com universidades (instituições de ensino e pesquisa) da região.

Normas

- Seguir adequadamente as orientações para realização das pesquisas e possíveis manejos propostos na área;
 - Seguir adequadamente os planos para formação de um Pomar de Produção de Sementes, como número mínimo de indivíduos por espécie e porcentagem mínima de coleta de frutos de um indivíduo;
 - Plantio misto das espécies nativas para redução de ataques de pragas e doenças.
 - Adequação do viveiro de produção de mudas.
 - A fim de auxiliar o processo de regeneração natural, nas áreas assim destinadas, futuros e/ou eventuais contratos de exploração de madeira e resina devem conter expressa proibição de corte e/ou remoção do sub-bosque. Para este tipo de exploração transitória, os contratantes devem apresentar plano de exploração indicando técnicas de mínimo impacto sobre o sub-bosque, que não incluam o bosqueamento e o uso de rolo-faca.
- Substituição de silvicultura de espécies exóticas por espécies nativas na Gleba B (porção sul) da EEx

Visando ao aumento da conectividade entre a Estação Ecológica e a Reserva Biológica de Mogi-Guaçu (gleba A) (Figura 4.1/1), assim como, o potencial de preservação da flora e fauna, conforme entendimentos com as diretorias do Instituto Florestal e Instituto de Botânica após reuniões realizadas com técnicos destas

instituições, haverá a substituição dos talhões de espécies exóticas (*Pinus* spp. e *Eucalyptus* spp.) da porção sul da Estação Experimental de Mogi-Guaçu por espécies da flora nativa local. Esta substituição ocorrerá gradativamente, sendo permitida nesta área apenas a pesquisa científica e experimentos de mínimo impacto, com expressa proibição de qualquer tipo de exploração para criação animal.

A Figura 4.1/2 mostra a identificação, bem como o uso e a idade dos talhões, dados estes fornecidos pelo Instituto Florestal. Com base nesta configuração foi proposto um cronograma para a substituição gradativa dos talhões de pínus e eucalipto por vegetação nativa na porção sul da Estação Experimental. Este mosaico (Figura 4.1/3) prioriza a formação dos corredores florestais, buscando também a compatibilização entre o ciclo do pínus (em talhões plantados recentemente o corte deverá ocorrer mais tardiamente) e a conectividade entre as UCs (evitando a retirada de grandes áreas contínuas num mesmo período). Os períodos P1 a P5 correspondem a intervalos de aproximadamente 2,6 anos (Figura 4.1/3), sendo que a conversão para vegetação nativa nos talhões poderia ocorrer ao longo deste intervalo de tempo, num prazo máximo de treze anos.

Trabalhos recentes têm indicado que a retirada de gradual do pínus pode favorecer o estabelecimento, pela regeneração natural, de espécies nativas no sub-bosque pelo efeito indireto que o sombreamento proporciona e também pela redução da cobertura do terreno por gramíneas inibidoras da vegetação nativa (ABREU; DURIGAN, 2011, ABREU et al., 2011 e MODNA et al., 2010).

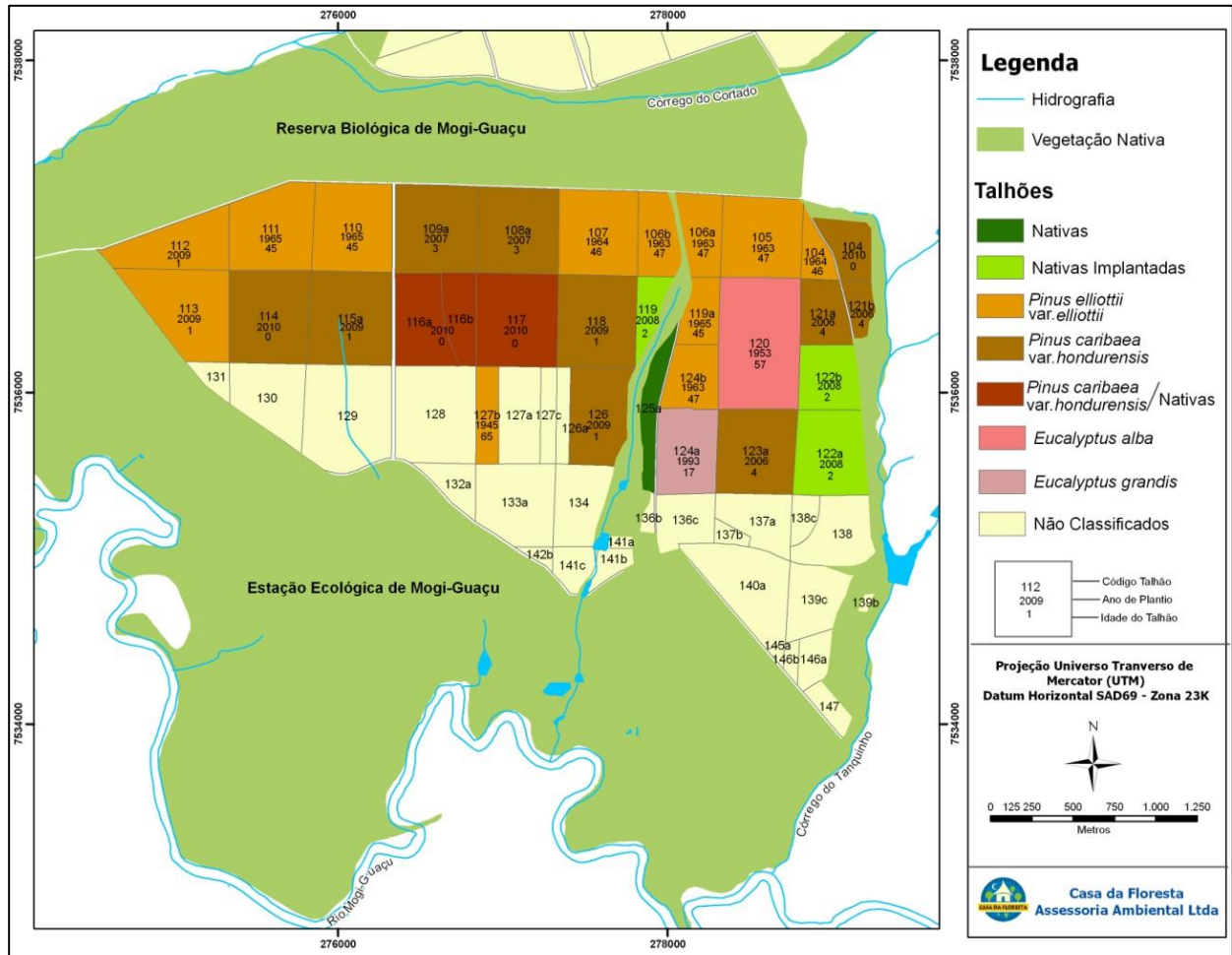


Figura 4.1/2. Informações sobre a identificação, utilização e idade dos talhões da porção sul da Estação Experimental de Mogi-Guaçu.



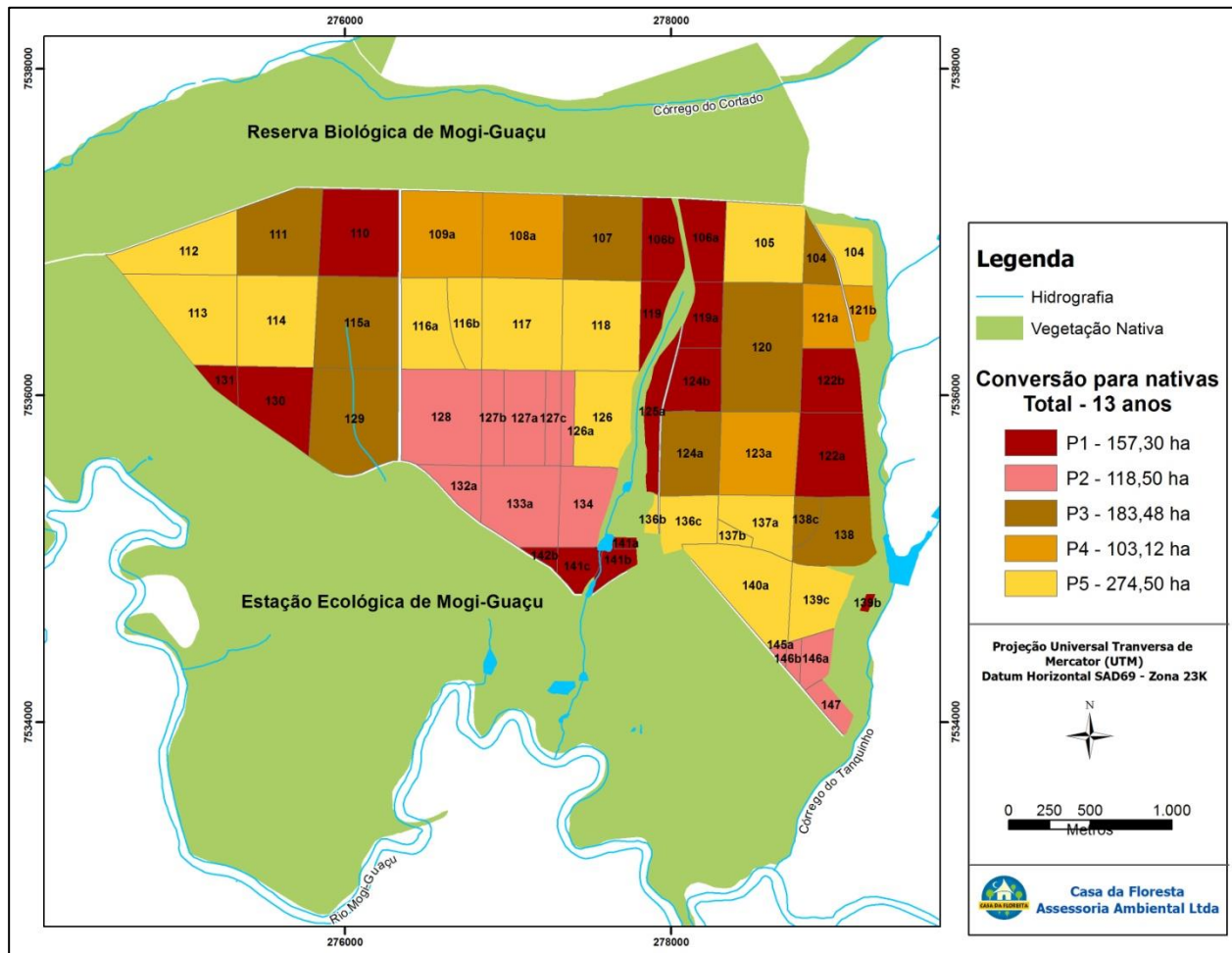


Figura 4.1/3. Mosaico com cronograma para a conversão dos talhões de espécies exóticas em espécies nativas na porção sul da Estação Experimental de Mogi-Guaçu, sem a realização de novos plantios. Esse cronograma foi definido internamente pela equipe técnica Instituto Florestal, de forma a reduzir a infestação da brachiaria e aumentar a regeneração do sub-bosque e evitar prejuízo ao erário público, respeitando o prazo máximo de conversão de 13 anos.



Nestas áreas de substituição da Estação Experimental podem ser desenvolvidos estudos sobre o desenvolvimento e ou comportamento das espécies nativas que ali ocorrem, bem como pesquisas sobre restauração ecológica de áreas degradadas, limitando-se a experimentos de mínimo impacto.

Normas

- Instalação de experimentos de mínimo impacto;
- Não é permitido qualquer tipo de exploração madeireira;
- Priorizar a restauração da área apenas com espécies nativas autóctones, evitando a realização de plantio de espécies. Quando for o caso da necessidade de plantio, só realizar nas Áreas de Preservação Permanente. No restante da área, é permitido apenas a condução da regeneração natural, em virtude do alto grau de resiliência que o local apresenta;
- Evitar o uso de agroquímicos nos tratamentos culturais e silviculturais;
- Não é permitida a realização de novos plantios comerciais; e
- Haja vista que nestas áreas haverá a substituição gradativa da vegetação exótica por vegetação nativa autóctone, por meio da condução da regeneração natural, eventuais futuros contratos de exploração de madeira e resina devem conter expressa proibição de corte e/ou remoção do sub-bosque. Para este tipo de exploração transitória, os contratantes devem apresentar plano de exploração indicando técnicas de mínimo impacto sobre o sub-bosque, que não incluam o bosqueamento e o uso de rolo-faca.

b. Subprograma Restauração

- Restauração de Áreas de Preservação Permanente nas Zonas de Amortecimento

Com o intuito de aumentar a conectividade da Fazenda Campininha e da conservação dos recursos hídricos, a restauração das Áreas de Preservação Permanente, (APP) tanto na Estação Experimental quanto nas propriedades particulares ao redor da Fazenda, são de grande importância. Sugere-se que as instituições envolvidas na administração das Unidades de Conservação dialoguem com os

proprietários na Zona de Amortecimento Auxiliar, encorajando-os ou buscando incentivos financeiros para que eles recuperem as APPs em suas propriedades, além de esclarecimentos sobre a legislação vigente para tal. Na Zona de Amortecimento Prioritária as APPs podem ser restauradas utilizando diferentes técnicas, como forma de subsidiar também as atividades de restauração na Zona de Amortecimento Auxiliar. Atenção deve ser dada às espécies que já ocorram na APP, as quais podem direcionar as futuras ações, especialmente na escolha das espécies e de técnicas restauradoras. Também se deve reforçar sobre a necessidade ou não do uso de agroquímicos, buscando alternativas de menor impacto ambiental. Após a checagem de espécies, pode-se definir um plantio ou não, utilizando as espécies nativas da região e características daquela flora.

Normas

- Divulgação da Fazenda Campininha junto aos proprietários na Zona de Amortecimento Auxiliar quanto à necessidade de manutenção de vegetação nativa nas APPs;
- Esclarecimento dos proprietários quanto à legislação vigente, considerando pequenos, médios e grandes proprietários rurais;
- Realização de um diagnóstico da área, avaliando flora existente e a escolha de técnica ou conjunto de técnicas mais adequadas;
- Não é permitida a realização de novos plantios comerciais.

- Restauração Ambiental

Visa à restauração da vegetação nativa em áreas antropizadas e com alto grau de perturbação, localizadas na Estação Ecológica de Mogi-Guaçu.

Estas atividades serão realizadas principalmente nos trechos com a Floresta Estacional Semidecidual em estágio pioneiro de regeneração, e em áreas de Savana Arborizada ou Campo Úmido, com alta densidade de gramíneas exóticas, além daquelas áreas onde houve passagem de fogo, totalizando 280,3 ha (Figura 4.1/4).

Deve-se realizar um diagnóstico inicial das áreas e avaliar qual será a melhor técnica ou conjunto de técnicas para sua restauração: condução da regeneração natural, plantio total, etc.

Atenção deve ser dada ao controle de gramíneas exóticas e invasoras (*Urochloa decumbens* e *Melinis minutiflora*, por exemplo), ocorrentes em alta densidade nestes trechos. Como o uso de defensivos agrícolas é controlado ou não permitido em Unidades de Conservação, deve-se procurar alternativas diferenciadas e de baixo impacto para solucionar esta alta densidade de gramíneas e propiciar a entrada de espécies nativas de diferentes formas de vida (árvores, arbustos e ervas, inicialmente).

Nas áreas de Savana é interessante avaliar se gramíneas nativas conseguem coexistir com as exóticas e controlá-las ao longo do tempo, no caso de gramíneas que ocupem o mesmo nicho e que tenham o mesmo desempenho em crescimento e desenvolvimento.

Normas

- Diagnóstico inicial das áreas para determinar ou direcionar o uso de técnicas de restauração, assim como a formação vegetal predominante.
- Uso restrito de agroquímicos.
- Observar a legislação vigente quanto às atividades de restauração de áreas degradadas.



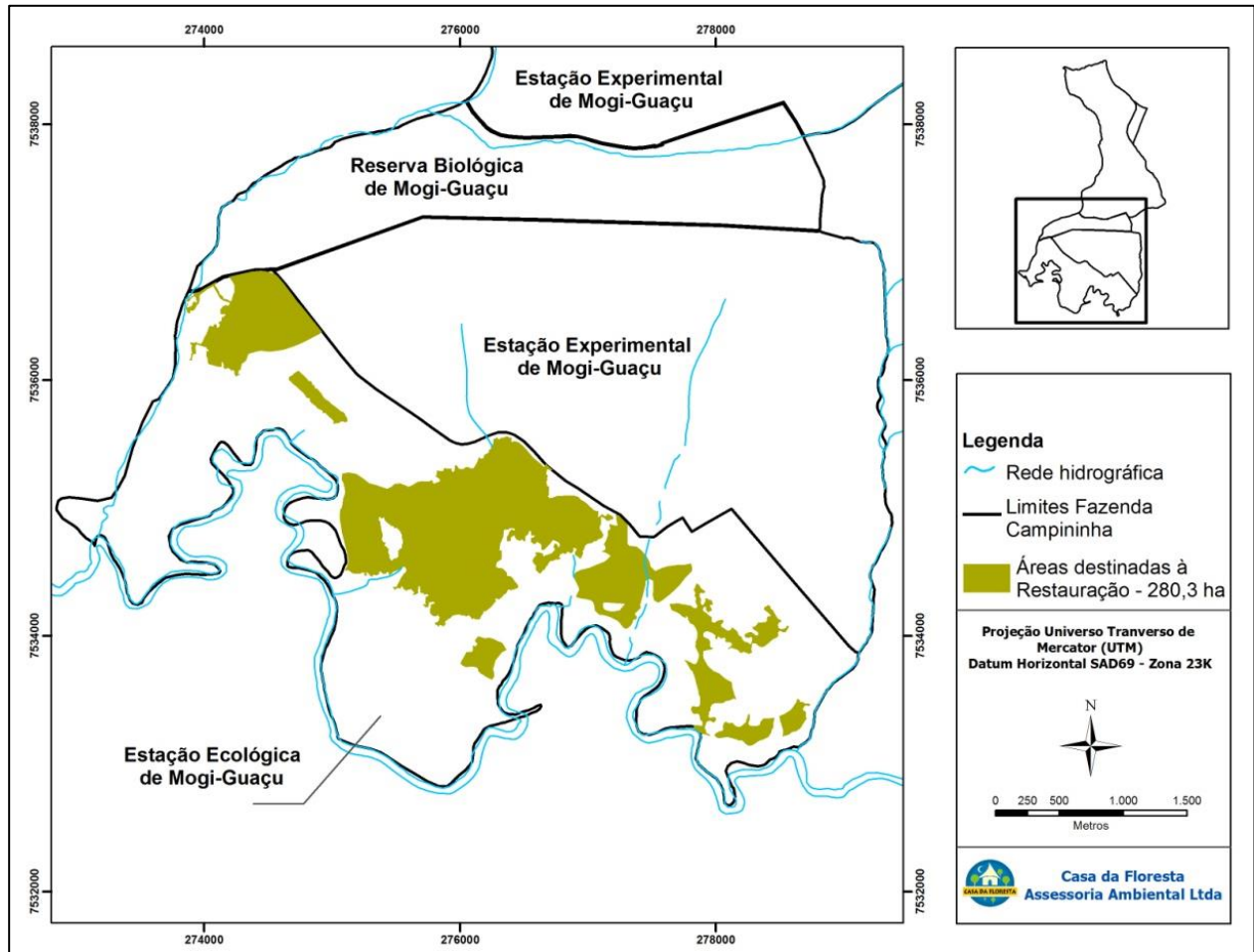


Figura 4.1/4: Áreas a serem restauradas na Estação Ecológica de Mogi-Guaçu.



c. Subprograma Conservação do Solo e da Água

- Readequação da malha viária

Como visto, a malha viária da fazenda Campininha foi concebida com base no sistema ortogonal, gerando assim uma densidade de estradas desnecessária ao tipo de uso do solo predominante na fazenda e aos objetivos de preservação que as Unidades de Conservação localizadas em seu interior possuem.

As estradas influenciam nos fluxos naturais da água na paisagem, alterando o sistema de drenagem por meio do redirecionamento dos fluxos de água superficial e pela interrupção dos fluxos subsuperficiais. Além disso, o processo de infiltração é dificultado pela necessidade de compactação do leito das estradas e também, devido ao tráfego de veículos. Dessa forma, parece claro que quanto menor a densidade das estradas, maior a possibilidade de redução dos impactos ambientais, além da diminuição dos custos necessários à sua manutenção.

Vale lembrar que a proposta de readequação de um sistema viário como o da fazenda Campininha deve ser elaborado de maneira ampla, por meio de um estudo que leve em consideração o atual e o futuro uso do solo da fazenda. Em um primeiro momento é possível realizar a diminuição da densidade das estradas pelo simples fechamento de alguns trechos subutilizados. Contudo, qualquer proposta nesse sentido necessita levar em consideração o Plano de Manejo florestal das áreas com plantios de pinus até que todos os talhões sejam substituídos, como previsto para toda a área da Estação Experimental (futura Floresta Estadual), uma vez que somente a partir deste pode-se conhecer cronograma de extração da resina e da madeira e as rotas de escoamento da produção, determinando-se assim quais serão as estradas principais e quais serão as estradas secundárias. Outro ponto a ser levado em consideração é a identificação de trechos de estrada que podem ser fundamentais no combate a incêndios.

Assim, o objetivo das normas a seguir é direcionar ações prioritárias de readequação que tenham efeito quase que imediato na diminuição dos impactos

ambientais da malha viária e servir de referência ao estudo a ser realizado.

Normas

- Os trechos de estrada que devem ter prioridade para desativação são aqueles que alteram diretamente a dinâmica hidrológica dos cursos d'água, devido ao fato de atravessarem os cursos d'água ou por estarem localizados muito próximos às nascentes favorecendo o assoreamento destas.
- Os trechos de estrada que não são utilizados ou aqueles que esporadicamente são utilizados também devem ser desativados. Importante salientar que a desativação não consiste apenas em abandonar as estradas e sim, num primeiro momento, submetê-las a atividades que possam recolocá-las em sua posição original no relevo, principalmente no caso das estradas encaixadas, diminuindo a diferença existente entre o leito e o talhão. Essas estradas devem também receber o plantio de espécies nativas ou comerciais de acordo com seu posicionamento na área da fazenda, incorporando-as assim à paisagem.
- Os trechos de estrada localizados em áreas de alta suscetibilidade à erosão e que possuem seu traçado sentido "morro abaixo" também devem ser classificados como prioritários à desativação.
- De um modo geral, as saídas de água das estradas devem ser melhor direcionadas pois, como visto no diagnóstico, boa parte delas estão conduzindo o excesso de água das estradas para dentro das áreas de preservação permanente, transformando-se em uma fonte de entrada de espécies invasoras e também de substâncias poluentes vindas dos veículos.
- Deve-se proceder a sinalização das estradas com placas indicativas de velocidade e a presença de animais silvestres.
- As atividades de manutenção das estradas que envolvam, principalmente, a utilização da motoniveladora ou patrol, devem ser realizadas levando-se em consideração a necessidade de abaular o leito da estrada ou, em casos específicos, direcionar o fluxo de água.
- A extração da resina e da madeira das plantações de pínus é realizada por empresas

terceirizadas contratadas por meio de licitação pública. Dessa forma, é de extrema importância que seja considerado no edital de licitação a obrigatoriedade da empresa em preparar o sistema viário para receber seus veículos pesados (caminhões e máquinas) e garantir a trafegabilidade do mesmo durante todo o processo de extração. Essa responsabilidade seria aplicada a todas as estradas a serem utilizadas pela empresa que estejam localizadas no interior da fazenda Campininha.

- Controle e disposição adequada de resíduos e embalagens

A Estação Experimental de Mogi-Guaçu faz uso de diversos agroquímicos nas áreas de produção de pínus. A disposição das embalagens destes produtos deve obedecer às normas de disposição de resíduos, isto é, a EEx deve dispor de um local separado das outras construções, com isolamento, para depósito das embalagens utilizadas, para posterior encaminhamento para a empresa fornecedora (como fazem as empresas florestais). Dessa maneira evita a contaminação do solo e da água, que direta ou indiretamente afeta a biota das UCs, podendo causar seu envenenamento. Deve-se também proceder a tríplice lavagem das embalagens utilizadas antes de sua devolução para as unidades de recebimento, conforme o Decreto 4074/2002.

Da mesma forma, deve-se evitar o acúmulo de embalagens e materiais utilizados no processo de resinagem, que são focos potenciais de incêndios, fazendo a retirada dos sacos plásticos e tambores utilizados no processo após o encerramento de cada atividade.

Os mesmos cuidados devem ser observados com relação à possível utilização e disposição de agroquímicos após a substituição dos talhões de pínus por espécies nativas e ou exóticas não invasoras, com previsto para toda a área da EEx (futura Floresta Estadual).

Normas

- Deverão ser retiradas as embalagens de agroquímicos utilizados na Fazenda Campininha, procedendo-se a tríplice lavagem das embalagens e a devolução das mesmas para as unidades de recebimento, obedecendo à legislação vigente (Decreto 4074/2002).

- Deverão ser retirados os sacos plásticos, tambores e embalagens de agroquímicos utilizados no processo de resinagem após o encerramento de cada atividade.

4.1.1. Quadro-síntese

Tabela 4.1/1: Ações do Programa de Adequação da Paisagem e seu cronograma de execução.

	Ações	Instituições Envolvidas	Local	Prazo¹
Subprograma Conectividade	Implantação de corredores	IF, IBt	ZAP - EEx	Médio
	Formação de corredor florestal no entorno da Fazenda Campininha	International Paper do Brasil Ltda., IBt, IF, CETESB	ZAA, propriedade da International Paper	Longo
	Substituição gradativa de silvicultura de espécies exóticas por espécies nativas madeiras e ou não madeiras e por espécies exóticas não invasoras, madeiras e ou não madeiras	IF	EEx	Médio a Longo
Subprograma Restauração	Restauração de Áreas de Preservação Permanente nas Zonas de Amortecimento	IF, IBt, propriedades particulares, CETESB	EEx, ZAP e propriedades particulares na ZAA	Longo
	Restauração ambiental	IF	EEc	Médio
Subprograma Conservação do Solo e da Água	Readequação da malha viária	IF, IBt	EEx, EEc e ReBio	Longo
	Controle e disposição adequada de resíduos e embalagens	IF, CETESB	EEx	Curto

¹Curto: deve ser concluído em até um ano. Médio: deve ser concluído entre um e cinco anos. Longo: deve ser concluído em mais de cinco anos (para essas definições, foi utilizado o Roteiro Metodológico do IBAMA (2002), ao considerar que a implantação de um Plano de Manejo é um processo gradativo, onde o ajustamento de ideias poderá ser feito a curto (anual), médio (cinco anos) e a longo prazo).

EEx = Estação Experimental de Mogi-Guaçu, ZAP = Zona de Amortecimento Prioritária, ZAA = Zona de Amortecimento Auxiliar, EEc = Estação Ecológica de Mogi-Guaçu, ReBio = Reserva Biológica de Mogi-Guaçu.

4.2. Programa de Biodiversidade

Objetivos

A biota encontrada na Reserva Biológica e na Estação Ecológica de Mogi-Guaçu é rica, composta por uma diferenciada heterogeneidade ambiental, particularizando-se por estar localizada numa região de transição entre Cerrado e Mata Atlântica. Este

programa possui os seguintes objetivos:

- Conservar, enriquecer e recuperar os ecossistemas encontrados nas UCs;
- Reduzir os impactos das atividades antrópicas no interior das UCs;
- Ampliar o conhecimento sobre a biota regional, aspectos históricos, sociais, culturais e ecológicos;
- Propor ações que reduzam a pressão exercida por plantas e animais exóticos;
- Acompanhar a evolução das características dos meios físicos, bióticos e sociais, na ReBio, EEc e nas Zonas de Amortecimento.

a. Subprograma de Pesquisa

- Divulgar nas Universidades a Fazenda Campininha como uma área relevante para pesquisa e formação de alunos de graduação e pós-graduação, buscando aumentar o número de projetos de pesquisa desenvolvidos nas Unidades de Conservação e Zonas de Amortecimento;
- Desenvolver um Plano de Incentivo à Pesquisa, mediado pelo Instituto Florestal e Instituto de Botânica, em parceria com ONGs, prefeituras, universidades e outras instituições;
- Facilitar, em órgãos estatais ou de fomento à pesquisa, a aquisição de recursos e equipamentos para o desenvolvimento dos projetos;
- Aprofundar o conhecimento das características sociais das Zonas de Amortecimento, como as áreas de concentração populacional e as atividades desenvolvidas;
- Investigar a causa da poluição identificada no Córrego do Tanquinho e propor um projeto de despoluição (Capítulo 2) e tratamento de esgoto e efluentes;
- Avaliar o funcionamento e uso dos corredores ecológicos propostos (seção 4.1, Programa de Adequação da Paisagem);
- Avaliar o desenvolvimento das áreas em processo de regeneração natural do bioma Cerrado e seus ecossistemas associados.
- Desenvolver prioritariamente os seguintes estudos:
 - dar continuidade ao inventário de herpetofauna, especialmente lagartos, crocodilianos e quelônios, pouco conhecidos na região;
 - dar continuidade ao inventário de mamíferos, incluindo os diversos grupos:

morcegos, pequenos, médios e grandes mamíferos;

- dar continuidade ao inventário de avifauna, em virtude da heterogeneidade ambiental e endemismos encontrados na área;

- estudos com espécies de plantas invasoras: projetos que subsidiem as atividades de controle e erradicação de espécies exóticas;

- estudos com espécies animais exóticas: projetos com as espécies invasoras e introduzidas, antes e após o manejo;

- estudos com espécies ameaçadas: projetos de biologia e ecologia dos animais ameaçados e suas comunidades;

- estudos sobre restauração florestal e exploração madeireira e não madeireira de espécies nativas, com especial atenção às espécies do cerrado.

(BONINI e BARBOSA, 2010)

- Padronizar documentos com dados de pesquisa (agendamento e registro de pesquisadores);
- Elaborar relatórios periódicos sobre o perfil dos pesquisadores de forma a auxiliar a tomada de decisões;
- Fornecer informações básicas e atualizadas de pesquisa em *site* oficial da instituição, com acesso fácil e claro;
- Atualizar e capacitar funcionários responsáveis pelo acompanhamento de pesquisadores nas Unidades, garantindo maior qualidade do trabalho dos pesquisadores;
- Divulgar e disponibilizar os resultados de pesquisas para a comunidade científica e sociedade através de periódicos científicos e outros meios de comunicação acessíveis ao público em geral.

b. Subprograma de Monitoramento

- Implementar um projeto de monitoramento de longo prazo, de forma sistemática e frequente, que permita identificar alterações nas comunidades bióticas, no meio físico e social;

- Avaliar a permanência das espécies da fauna e a composição das comunidades, usando riqueza e abundância como principais parâmetros, especialmente das espécies ameaçadas e cinegéticas;
 - Monitorar os eventos de atropelamentos de animais silvestres, identificando as espécies mais impactadas e direcionando ações específicas;
 - Monitorar áreas de vegetação nativa quantitativa e qualitativamente;
 - Monitorar sistematicamente a evolução das áreas em estágio pioneiro de regeneração, avaliando a necessidade ou não de intervenções complementares para garantia no sucesso do seu estabelecimento;
 - Acompanhar o manejo de espécies exóticas invasoras (pínus), até sua completa substituição por espécies exóticas não invasoras e espécies nativas, de acordo com o programa previsto para a EEx (futura Floresta Estadual);
 - Monitorar impactos de uso público, aliando estudos sobre “capacidade de carga” das trilhas;
 - Monitorar as características físicas: água, ar e solo, buscando identificar possíveis alterações na qualidade e fontes poluidoras;
 - Divulgar e disponibilizar os resultados de monitoramento para a comunidade científica e sociedade através de periódicos científicos e meios de comunicação acessíveis ao público em geral.

c. Subprograma de Combate às Espécies Exóticas – Flora

- Retirar espécies arbóreas exóticas ocorrentes nos remanescentes, tais como mangueira (*Mangifera indica*) e jambo (*Syzygium* sp.), encontrados no interior da Reserva Biológica gleba B e da Estação Ecológica, respectivamente, e os indivíduos de *Pinus elliottii* (Estação Ecológica e Reserva Biológica glebas A e B): recomenda-se o corte com motosserra direcionado para a estrada, objetivando-se não prejudicar a vegetação nativa;
 - Retirar indivíduos arbóreos de espécies exóticas: jovens podem ser roçados, enquanto os adultos devem ser cortados com motosserra, tendo atenção ao direcionamento da queda e seu arraste;

- Substituir espécies de gramíneas exóticas e invasoras por nativas: é importante o estabelecimento de estudos de métodos de controle, tendo em mente que será a longo prazo e, principalmente, considerando a procura de espécies nativas que sejam rústicas no crescimento e ocupam o mesmo nicho; exige muita atenção, pois as gramíneas exóticas invasoras apresentam rapidez na floração e dispersão de sementes, além de mecanismos de brotação bem adaptados ao Brasil.

- Retirar os indivíduos da espécie arbórea *Melia azedarach* (santa-bárbara), com queda direcionada para fora do remanescente, já que a maioria encontra-se na borda das estradas na Estação Ecológica;

- Cortar o indivíduo adulto de *Melia azedarach* (santa-bárbara), na área administrativa da Estação Experimental, pois seus frutos são atrativos a aves e morcegos, os quais podem disseminar seus propágulos pelo mosaico das UCs;

- Controlar, através de diferentes métodos, a espécie arbórea *Pinus elliottii*, que ocorre em vários pontos nas áreas de vegetação nativa, tanto em bordas dos remanescentes com nas estradas de acesso, quanto no interior (Floresta Estacional Semidecidual e Campos Úmidos):

- para os indivíduos dentro dos remanescentes de formação florestal deve-se avaliar seu tamanho e seu impacto com o corte, como indivíduos de *Pinus elliottii* na gleba B da Reserva Biológica. Imagina-se que indivíduos jovens com até 5,0 m de altura possam ser cortados sem maiores danos à regeneração dentro do remanescente. Já, para os indivíduos maiores pode-se tentar a morte em pé através do anelamento do tronco, com uma faixa larga de anel, próxima de 1,0 m, que geralmente traz resultados mais rápidos para a espécie. Outra alternativa para a extração buscando não danificar a estrutura da vegetação nativa seria o corte de cima para baixo. Esta é uma atividade que necessita de treinamento técnico e experiência – geralmente é utilizada no corte de árvores na área urbana em quintais, onde o corte tradicional levaria a queda do indivíduo sobre as casas ou estabelecimentos ao redor. O corte de baixo impacto com direcionamento de queda e arraste da tora em local predeterminado pode ser utilizado quando houver uma equipe treinada ou após verificar em alguns trechos se realmente este método não trará prejuízos em longo prazo para o remanescente florestal. Nas áreas compostas exclusivamente por gramíneas (campo úmido)

com ocorrência de indivíduos de *P. elliotii*, o corte tradicional pode ser utilizado respeitando rotas de arraste predeterminadas e procurando direcionar a queda para pontos sem vegetação nativa.

- Substituir gradativamente (com prazo máximo de treze anos) os talhões de pínus da Estação Experimental (futura Floresta Estadual) por espécies exóticas não invasoras e espécies nativas, compondo área manejável, como previsto no Programa de Adequação da Paisagem (Item 4.1).

d. Subprograma de Combate às Espécies Exóticas – Fauna

- Retirar imediatamente o gado bovino e os cavalos presentes na Estação Ecológica;
- Retirar imediatamente caixas de abelhas de criações comerciais do interior da Fazenda Campininha;
- Castrar cães e gatos presentes na região, evitando o estabelecimento e proliferação de populações ferais;
- Implantar canis ou manter cães dos funcionários residentes na Estação Experimental presos e impedidos de frequentar as áreas naturais;
- Proibir a aquisição de gatos pelos funcionários residentes na Estação Experimental;
- Capturar cães e gatos ferais ou em situação de abandono e destiná-los aos Centros de Controle de Zoonoses (CCZ);
- Realizar levantamento das áreas de ocorrência e um projeto de erradicação do porco-monteiro (*Sus scrofa*), na ReBio, EEc e entorno da Fazenda Campininha;
- Realizar um estudo de avaliação e censo da lebre-europeia (*Lepus europaeus*);
- Realizar um projeto de monitoramento e controle da população da lebre-europeia (*Lepus europaeus*) no interior das UCs e Estação Experimental – considerando-se a alta velocidade de dispersão da espécie, é praticamente impossível sua erradicação, portanto, é necessário fazer o controle na Fazenda Campininha, para reduzir a pressão de competição com o tapiti (*Sylvilagus brasiliensis*);
- Realizar um estudo minucioso de avaliação e monitoramento do ratão-do-banhado (*Myocastor coypus*), diagnosticando sua situação – se de fato trata-se de uma espécie exótica, com possível necessidade de controle ou erradicação;

e. Subprograma de Infraestrutura

- Construir um Alojamento para pesquisadores, com dormitórios, banheiros e cozinha;
- Construir e equipar um laboratório de pesquisa, para incentivar e otimizar as pesquisas nas UCs;
- Realizar manutenção do patrimônio do Estado (veículos, edificações, maquinários, e ferramentas) periodicamente, tanto na Estação Ecológica e Reserva Biológica quanto na Estação Experimental;
- Garantir água potável nas diversas instalações para o consumo de funcionários, pesquisadores e moradores;
- Instalar lombadas, redutores de velocidade e placas de sinalização e educativas nas estradas com maior movimento de veículos, pavimentadas ou não;
- Estudar a possibilidade de resgatar o antigo arboreto com intuito de proporcionar mais um espaço para atividades de pesquisa e Educação Ambiental;
- Adequar a moradia já existente na proximidade do arboreto, para que se constitua em infraestrutura de apoio à pesquisa, vigilância e administração da Estação Ecológica;
- Estudar traçados alternativos para trilhas muito próximas à margem do rio Mogi-Guaçu, na Estação Ecológica.

f. Subprograma de Adequação à Legislação

- Reintegrar construções ocupadas por pessoas no interior da Estação Ecológica de Mogi-Guaçu, adequando o uso da Unidade ao previsto pelo SNUC, que proíbe a permanência de pessoas residindo nesta categoria de UC;
- Retirada de construções impróprias à UC, tais como ranchos encontrados à margem do Rio Mogi-Guaçu.

Normas

- É permitido o desenvolvimento de pesquisa de qualquer nível (superior ou pós-graduação), desde que vinculado a alguma ONG ou instituição de ensino ou pesquisa, privada ou pública, mediante autorização do Instituto Florestal ou Instituto de Botânica

(para a Estação Ecológica ou Reserva Biológica, respectivamente);

- Se necessário, os projetos de pesquisa deverão ser aprovados pelo IBAMA e/ou órgão estadual competente;
- As pesquisas deverão seguir as leis pertinentes, incluindo as determinações do SNUC quanto ao uso e tipo de pesquisa a ser realizada;
- Deverão ser apresentados relatórios anuais de andamento do projeto, e ao final, o pesquisador deverá depositar uma cópia na Biblioteca da UC e outra deverá ser destinada ao órgão estadual gestor (IF ou IBt);
- Os pesquisadores deverão submeter-se ao regimento oficial do IF e/ou IBt;
- Os órgãos gestores devem auxiliar os funcionários a se adequar às limitações necessárias para o controle de animais domésticos;
- O controle e erradicação de espécies exóticas introduzidas ou invasoras deverão ser conduzidos por pessoal capacitado e mediante autorização do IBAMA, tendo por base a Resolução CONABIO nº. 5 de 21 de outubro de 2009;
- Seguir padrões de comunicação visual das respectivas instituições;
- Dar prioridade para o uso de materiais e sistemas construtivos sustentáveis na reforma e construção de infraestrutura em geral;
- Pesquisadores podem visitar as áreas sem a presença de funcionário, desde que autorizado pelo gestor da Unidade.

4.2.1. Quadro-síntese

Tabela 4.2/1: Ações do Programa de Biodiversidade e seu cronograma de execução.

	Ações	Instituições Envolvidas	Local	Prazo¹
Subprograma de Pesquisa	Divulgação das UCs em Universidades e Institutos de Pesquisa	IBt, IF, Universidades	Regional	Médio
	Desenvolvimento de um Plano de Incentivo à Pesquisa	IBt, IF, ONGs, empresas, Prefeituras, Universidades	ReBio, EEx, EEC	Médio
	Facilitação de Recursos Financeiros para Pesquisas	IBt, IF, ONGs	ReBio, EEx, EEC	Médio
	Estudos de características e alterações sociais na ZA	IBt, IF, Prefeituras, ONGs, Universidades	ZA	Longo
	Projeto de Despoluição do Córrego Tanquinho e Tratamento de esgoto descartado	IBt, IF, Prefeitura	ReBio, EEx, EEC	Longo
	Avaliar o uso e funcionamento dos corredores ecológicos	IBt, IF	EEx	Longo
	Avaliar o desenvolvimento das áreas em processo de regeneração natural	IBt, IF	EEx	Longo
	Estudos sobre restauração florestal e potencial de exploração madeireira e não madeireira de espécies nativas	IBt, IF	EEx	Longo
	Estudos com os diversos grupos de fauna	IBt, IF, Universidades	ReBio, EEx, EEC, ZA	Longo
	Estudos com animais atropelados	IBt, IF, Universidades	ReBio, EEx, EEC, ZA	Longo
	Padronização, elaboração e fornecimento de informações sobre as pesquisas realizadas	IBt, IF	Regional	Longo
	Divulgação e disponibilização dos resultados de pesquisas	IBt, IF, Universidades, Entidades locais	Regional, Nacional	Longo
Subprograma de Monitoramento	Implementação de um projeto de Monitoramento	IBt, IF	ReBio, EEC	Curto
	Monitoramento de Atropelamentos	IBt, IF	ReBio, EEC	Longo
	Monitoramento de Fauna	IBt, IF	ReBio, EEC	Longo
	Monitoramento de Flora	IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Longo
	Monitoramento de Espécies de Flora Exóticas	IBt, IF	ReBio, EEC	Longo
	Monitoramento das Ações propostas no Plano de Manejo	IBt, IF	ReBio, EEx, EEC, ZA	Longo
	Monitoramento de trilhas e capacidade de carga	IBt, IF	ReBio, EEC	Longo
	Monitoramento da Zona de Amortecimento	IBt, IF	ZA	Longo
	Monitoramento de Características Abióticas	IBt, IF	ReBio, EEC	Longo
	Divulgação e disponibilização dos resultados de monitoramentos	IBt, IF, Universidades, Entidades locais	Regional, Nacional	Longo

	Ações	Instituições Envolvidas	Local	Prazo¹
Subprograma de Combate à Flora Exótica	Retirada de árvores exóticas em bordas de fragmentos	IBt, IF	ReBio, EEx, EEC	Longo
	Retirada de árvores adultas e jovens exóticas em fragmentos	IBt, IF	ReBio, EEx, EEC	Longo
	Substituição de gramíneas exóticas	IBt, IF	ReBio, EEx, EEC	Longo
	Retirada de indivíduos de santa-bárbara (<i>Melia azedarach</i>) na Estação Ecológica	IF	EEc	Médio
	Retirada de indivíduo de santa-bárbara (<i>Melia azedarach</i>) na Estação Experimental	IF	EEx	Médio
	Controle de <i>Pinus elliotii</i> nos fragmentos	IBt, IF	ReBio, EEx, EEC	Longo
	Substituição gradativa dos talhões de pinus por espécies nativas e exóticas não invasoras	IF	EEx	Longo
Subprograma de Combate à Fauna Exótica	Retirada de gado e cavalos da Estação Ecológica	IF	EEc	Curto
	Retirar imediatamente caixas de abelhas de criações comerciais do interior da Fazenda Campininha	IF	EEx, EEc	Curto
	Castração de cães e gatos	IBt, IF	ReBio, EEx, EEC, ZA	Médio
	Implantação de canis	IBt, IF	EEx	Médio
	Retirada de cães e gatos ferais ou situação de abandono	IBt, IF	ReBio, EEx, EEC, ZA	Médio
	Proibir a aquisição de gatos por funcionários na Estação Experimental	IBt, IF	EEx	Curto
	Estudo e projeto de erradicação do porco-monteiro (<i>Sus scrofa</i>)	IBt, IF, Universidades	ReBio, EEx, EEC, ZA	Médio
	Avaliação e censo de lebre-europeia (<i>Lepus europaeus</i>)	IBt, IF, Universidades	ReBio, EEx, EEC, ZA	Médio
	Monitoramento e controle de lebre-europeia (<i>Lepus europaeus</i>)	IBt, IF, Universidades	ReBio, EEx, EEC, ZA	Longo
	Avaliação da situação de endemia ou invasão de rato-do-banhado (<i>Myocastor coypus</i>)	IBt, IF, Universidades	ReBio, EEx, EEC, ZA	Médio
Subprograma de Infraestrutura	Construção de Alojamento para Pesquisadores	IBt, IF	ReBio, EEx ou EEc	Médio
	Reativação do arboreto	IF, voluntários, ONGs, Universidades	EEc	Médio
	Adequação da moradia existente nas proximidades do arboreto, para que se constitua em infraestrutura de apoio às UCs	IF	EEx	Médio
	Construção de Laboratório de Pesquisa	IBt, IF	ReBio, EEx ou EEc	Médio
	Manter equipamentos em bom estado de uso	IBt, IF	ReBio, EEx, EEC	Longo
	Disponibilização de Água potável	IBt, IF	ReBio, EEx, EEC	Longo
	Instalação de Lombadas e placas em estradas	IBt, IF, Prefeituras, Instituições estatais	ReBio, EEx, EEC, ZA	Médio
	Estudo de traçados alternativos para trilhas na EEc	IBt, IF	EEc	Médio

	Ações	Instituições Envolvidas	Local	Prazo¹
Subprograma de Adequação à Legislação	Retirada de moradores na Estação Ecológica	IF	EEc	Curto
	Retirada e ou readequação de construções não utilizadas pelo IF na Estação Ecológica	IF	EEc	Médio

¹Curto: deve ser concluído em até um ano. Médio: deve ser concluído entre um e cinco anos. Longo: deve ser concluído em mais de cinco anos (para essas definições, foi utilizado o Roteiro Metodológico do IBAMA (2002), ao considerar que a implantação de um Plano de Manejo é um processo gradativo, onde o ajustamento de ideias poderá ser feito a curto (anual), médio (cinco anos) e a longo prazo).
EEc = Estação Experimental de Mogi-Guaçu, ZA = Zona de Amortecimento, EEc = Estação Ecológica de Mogi-Guaçu, ReBio = Reserva Biológica de Mogi-Guaçu.

4.3. Programa de Proteção

Objetivo

O Programa de Proteção tem por objetivo garantir o domínio territorial, preservar os recursos naturais e o patrimônio histórico-cultural das Unidades e entorno e coibir atos de infração dentro e no entorno das mesmas.

a. Subprograma Sistema de fiscalização e vigilância

- Estudar e indicar as áreas prioritárias à fiscalização, combatendo principalmente coleta de plantas nativas, pesca, caça e captura de animais silvestres e incêndios florestais;
- Fiscalizar a retirada de embalagens de agroquímicos e outros resíduos potencialmente poluidores do solo e da água, resultantes do processo de resinagem;
- Estabelecer e dimensionar as condições necessárias para as atividades de fiscalização e vigilância, principalmente as ações de rotina, frequência e operações conjuntas como outras instituições;
 - Implantar fiscalização e monitoramento de rotina;
 - Implantar sistema de relatório das atividades;
 - Realizar periodicamente a manutenção de veículos, guaritas e ferramentas necessários à fiscalização e vigilância.

b. Subprograma Combate a incêndios florestais

- Desenvolver plano para prevenção e combate aos incêndios florestais com análises de risco e vulnerabilidade;
 - Realizar um protocolo para ação conjunta em situações de emergência, relacionando as empresas florestais, proprietários rurais e instituições envolvidas;
 - Construir torre de segurança para vigilância, proteção e combate a incêndios;
 - Estabelecer parceria entre as UCs e a empresa International Paper, vizinha da fazenda Campininha, para acesso às imagens obtidas pela empresa via câmeras automáticas e auxílio no controle e combate aos incêndios;
 - Realizar capacitação periódica de funcionários da Estação Ecológica, Reserva Biológica e Estação Experimental de Mogi-Guaçu, abordando combate e prevenção a incêndios florestais.

Normas

- Funcionários designados para a atividade de fiscalização e vigilância deverão estar devidamente uniformizados, equipados e portando identificação.

4.3.1. Quadro-síntese

Tabela 4.3/1: Ações do Programa de Proteção e seu cronograma de execução.

	Ações	Instituições Envolvidas	Local	Prazo¹
Subprograma Sistema de fiscalização e vigilância	Estudar e indicar áreas prioritárias à fiscalização	IBt, IF	ReBio, EEc	Médio
	Fiscalizar a retirada de embalagens de agroquímicos e outros resíduos potencialmente poluidores do solo e da água, resultantes do processo de resinagem	IBt, IF	EEx, ReBio, EEc	Longo
	Estabelecer e dimensionar as condições necessárias para as atividades de fiscalização e vigilância	IBt, IF	ReBio, EEc	Curto
	Implantar fiscalização e monitoramento de rotina	IBt, IF, Empresas terceirizadas e Instituições públicas	ReBio, EEc, EEx	Médio
	Implantar sistema de relatório de atividades	IBt, IF	ReBio, EEc	Curto
	Realizar periodicamente a manutenção de veículos, guaritas e ferramentas necessários à fiscalização e vigilância	IBt, IF	ReBio, EEc	Longo
Subprograma Combate a incêndios florestais	Desenvolver plano para prevenção e combate aos incêndios florestais com análises de risco e vulnerabilidade	IBt, IF	ReBio, EEc, EEx	Médio
	Realizar um protocolo para ação conjunta em situações de emergência	IBt, IF, Empresas florestais e Proprietários rurais	ReBio, EEc, ZA	Médio
	Construir torre de segurança para vigilância, proteção e combate a incêndios	IBt, IF	ReBio, EEc, EEx	Médio
	Estabelecer parceria entre as UCs e a empresa International Paper, para acesso às imagens btidas pela empresa via câmeras automáticas e auxílio no controle e combate aos incêndios	IBt, IF, Empresas florestais	ReBio, EEc, EEx	Curto
	Realizar capacitação periódica de funcionários abordando combate e prevenção a incêndios florestais	IBt, IF	ReBio, EEc, EEx	Longo

¹Curto: deve ser concluído em até um ano. Médio: deve ser concluído entre um e cinco anos. Longo: deve ser concluído em mais de cinco anos (para essas definições, foi utilizado o Roteiro Metodológico do IBAMA (2002), ao considerar que a implantação de um Plano de Manejo é um processo gradativo, onde o ajustamento de ideias poderá ser feito a curto (anual), médio (cinco anos) e a longo prazo).

EEx = Estação Experimental de Mogi-Guaçu, ZA = Zona de Amortecimento, EEc = Estação Ecológica de Mogi-Guaçu, ReBio = Reserva Biológica de Mogi-Guaçu.

4.4. Programa de Educação Ambiental

Objetivo

O Programa de Educação Ambiental tem por objetivo auxiliar no cumprimento dos objetivos de manejo das Unidades, sensibilizando os diversos públicos para a importância da conservação de áreas naturais, sendo um elo entre as Unidades e as comunidades do entorno. Visa também ordenar, direcionar, estruturar e monitorar a visitação de diferentes públicos nas Unidades e estimular o apoio à conservação da natureza junto aos setores da sociedade.

a. Subprograma gestão de visitação

- Padronizar documentos com dados de visitação (agendamento, registro de visitantes e pesquisadores);
- Elaborar relatórios periódicos sobre o perfil dos visitantes de forma a auxiliar da tomada de decisões na gestão da visitação;
- Normatizar a visitação nas Unidades – dias e horários de funcionamento, número de visitantes permitidos, faixa etária, acompanhamento, finalidade das visitas, regras das unidades, entre outros;
- Monitorar impactos de uso público, aliando estudos sobre “capacidade de carga” das trilhas;
- Fornecer informações básicas e atualizadas de visitação com fins educativos em *site* oficial da instituição, com acesso fácil e claro;
- Atualizar e capacitar funcionários responsáveis pelo acompanhamento de visitantes em geral nas Unidades, garantindo maior qualidade de experiência dos visitantes e do trabalho dos pesquisadores;
- Utilizar materiais de apoio como folders que auxiliem a interpretação das trilhas;
- Identificar e implantar ações de educação ambiental específicas para cada perfil de visitante – folhetos, cartazes, vídeo, material didático, atividades educativas, entre outros;
- Divulgar as Unidades de Conservação em escolas e universidades, principalmente da região e municípios próximos.

b. Subprograma Infraestrutura de apoio à Educação Ambiental

- Realizar manutenção do patrimônio do Estado (veículos, edificações, maquinários e ferramentas) periodicamente, tanto na Estação Ecológica e Reserva Biológica quanto na Estação Experimental. Dar prioridade a estruturas de uso atual em condições que apresentam riscos aos usuários, como no caso do Centro de Visitantes;
- Implementar programa de manutenção periódica das trilhas e infraestrutura voltado à visitação com fins educativos (placas, painéis, travessias, etc.), levando-se em consideração as necessidades de cada área;
- Estudar traçados alternativos para trilhas muito próximas à margem do rio Mogi-Guaçu, na Estação Ecológica;
- Otimizar as atividades de visitação existentes, através da melhoria de infraestrutura e ampliação de atividades para públicos de diferentes perfis;
- Realizar parcerias com ONGs, universidades, voluntários, instituições públicas e privadas para: projeto de retraçado de trilhas; criação do programa de manutenção das trilhas e infraestruturas para visitação; capacitação de funcionários em planejamento, manutenção e implementação de trilhas; capacitação de funcionários para educação e interpretação ambiental; confecção de placas e painéis, entre outros;
- Estruturar o Centro de Visitantes, tornando-o adequado para a recepção de visitantes por meio de parcerias com instituições públicas, privadas, ONGs, etc.;
- Estudar a possibilidade de resgatar o antigo arboreto com intuito de proporcionar mais um espaço para atividades de pesquisa e Educação Ambiental.

c. Subprograma Educação ambiental para manejo de Zona de Amortecimento

- Adequar práticas agrícolas dos moradores do entorno das Unidades, buscando a conservação dos recursos naturais;
- Estabelecer parcerias junto a órgãos de extensão rural responsáveis pela região e entorno das Unidades;
- Facilitar projetos de produção de mudas de espécies nativas para a recomposição de áreas degradadas dentro e no entorno das Unidades, em parceria com a comunidade.

d. Subprograma Educação ambiental para proteção

- Aprofundar estudos sobre a criação de animais domésticos no entorno das Unidades;
- Promover ações de sensibilização e conscientização em relação a animais domésticos, atividades de caça e extrativismo de flora em Unidades de Conservação de Proteção Integral.

Normas

- Dar prioridade para o uso de materiais e sistemas construtivos sustentáveis na reforma e construção de infraestrutura em geral.
- Seguir padrões de comunicação visual das respectivas instituições.
- As visitas às trilhas devem ser feitas mediante a presença de um funcionário da Unidade. Pesquisadores podem visitar as áreas sem a presença de funcionário, desde que autorizados pelo gestor da Unidade.
- As atividades de Educação Ambiental devem contemplar assuntos como a importância da Fazenda Campininha na conservação da biodiversidade, atividades de restauração ambiental e problemas na conservação das espécies nativas decorrentes da presença de plantas e animais exóticos, entre outros relacionados aos Programas das UCs.

4.4.1. Quadro Síntese

Tabela 4.4/1: Ações do Programa de Educação Ambiental e seu cronograma de execução.

	Ações	Instituições Envolvidas	Local	Prazo¹
Subprograma Educação Ambiental para gestão da visitação	Padronizar documentos com dados de visitação e pesquisa	IBt, IF	ReBio, EEc, EEx	Curto
	Elaborar relatórios periódicos sobre perfil dos visitantes e pesquisadores para tomada de decisões na gestão da visitação	IBt, IF	ReBio, EEc, EEx	Longo
	Normatizar visitação nas Unidades	IBt, IF	ReBio, EEc, EEx	Curto
	Monitorar impactos de uso público	IBt, IF, Universidades, Instituições de pesquisa	ReBio, EEc, EEx	Longo
	Fornecer informações básicas e atualizadas de visitação e pesquisa	IBt, IF	ReBio, EEc, EEx	Curto
	Atualizar e capacitar funcionários responsáveis pelo acompanhamento de visitantes em geral e pesquisadores	IBt, IF, Universidades, ONGs, etc.	ReBio, EEc, EEx	Longo
	Utilizar materiais de apoio como folders que auxiliem a interpretação das trilhas	IBt, IF, Instituições públicas e privadas, ONGs	ReBio, EEc, EEx	Médio
	Identificar e implantar ações de educação ambiental específicas para cada perfil de visitante	IBt, IF, Universidades, Instituições de pesquisa, ONGs	ReBio, EEc, EEx	Médio
	Divulgar as Unidades em escolas e universidades	IBt, IF, Escolas, Universidades, Órgãos públicos	Região e geral	Médio
Subprograma Infraestrutura de apoio à Educação Ambiental	Realizar manutenção do patrimônio do Estado	IBt, IF	ReBio, EEc, EEx	Longo
	Implementar programa de manutenção periódica de trilhas e infraestrutura de visitação	IBt, IF, Universidades, Instituições de pesquisa, ONGs	ReBio, EEc, EEx	Longo
	Estudar traçados alternativos para trilhas próximas ao rio Mogi-Guaçu	IF, Universidades, Instituições de pesquisa, voluntários	EEc	Médio
	Otimizar atividades de visitação existentes	IF, Universidades, Instituições de pesquisa, voluntários	EEc, EEx	Médio
	Realizar parcerias para execução dos programas de Uso Público	IBt, IF, Universidades, Instituições de pesquisa, ONGs, voluntários, instituições públicas e privadas	ReBio, EEc	Longo
	Estruturar Centro de Visitantes	IF, Instituições públicas e privadas, ONGs	EEx	Médio
	Estudar possibilidade de resgate do antigo arboreto	IF, Universidades, Instituições de pesquisa, ONGs, Voluntários	EEc	Médio

	Ações	Instituições Envolvidas	Local	Prazo¹
Subprograma Educação Ambiental para Manejo da Zona de Amortecimento	Adequar práticas agrícolas dos moradores do entorno das UCs	IBt, IF, Órgãos públicos, ONGs	ZA	Longo
	Estabelecer parcerias junto a órgãos de extensão rural	IBt, IF, Órgãos públicos	ZA	Médio
	Facilitar projetos de produção de mudas de espécies nativas para recomposição de áreas degradadas	IBt, IF, Órgãos públicos e privados, ONGs	EEx, ZA	Longo
Subprograma Educação Ambiental para Proteção	Aprofundar estudos sobre a criação de animais domésticos no entorno das UCs	IBt, IF, Universidades, Instituições de pesquisa	ZA	Longo
	Promover ações de sensibilização e conscientização em relação a animais domésticos, caça e extrativismo de flora em UCs de proteção integral	IBt, IF, Órgãos públicos, ONGs	ZA	Longo

¹Curto: deve ser concluído em até um ano. Médio: deve ser concluído entre um e cinco anos. Longo: deve ser concluído em mais de cinco anos (para essas definições, foi utilizado o Roteiro Metodológico do IBAMA (2002), ao considerar que a implantação de um Plano de Manejo é um processo gradativo, onde o ajustamento de ideias poderá ser feito a curto (anual), médio (cinco anos) e a longo prazo).

EEx = Estação Experimental de Mogi-Guaçu, ZA = Zona de Amortecimento, EEC = Estação Ecológica de Mogi-Guaçu, ReBio = Reserva Biológica de Mogi-Guaçu.

4.5. Programa de Administração

O Programa de administração da Estação Ecológica e da Reserva Biológica de Mogi-Guaçu foi elaborado a partir do diagnóstico local das Unidades de Conservação (UCs), de encontros e oficinas com agentes locais e da compilação de dados e experiências de programas similares, propostos para outras UCs, considerados relevantes e adequados à situação das UCs foco deste documento.

Este programa é composto por atividades que darão suporte a gestão conjunta da Estação Ecológica e Reserva Biológica de Mogi-Guaçu, como também da Estação Experimental de Mogi-Guaçu, incluindo proposições relacionadas a parcerias e relações institucionais, consolidação de um conselho consultivo, disponibilidade de infraestrutura, equipamentos e recursos humanos, gestão financeira e o planejamento de sistemas de comunicação, monitoramento e avaliação.

Objetivos

O objetivo geral deste programa é subsidiar o funcionamento da UC, apresentando propostas que incrementem a efetividade de organização e controle de seus processos administrativos e financeiros, facilitem e auxiliem o estabelecimento e manutenção das infraestruturas, a divulgação das UCs e a capacitação do quadro de funcionários possibilitando a implementação das ações presentes neste Plano de Manejo.

O funcionamento da UC só será efetivo se houver um desenvolvimento de normas (regime interno) e procedimentos para gestão administrativa.

Como resultados esperados mediante aos objetivos do Programa temos:

- Equipe técnico-administrativa constituída e capacitada para proporcionar a implementação do Plano de Manejo;
- Manual de normas e procedimentos elaborado;
- Rotinas administrativas e operacionais estabelecidas de forma eficaz;
- Contratos firmados e devidamente acompanhados;
- Bens patrimoniais bem conservados e em condições de uso;
- Novos equipamentos adquiridos, compatíveis às necessidades da UC;
- Regularização e melhorias no sistema de saneamento (água, esgoto e disposição de resíduos).

Deve-se ressaltar que a conversão da Estação Experimental em Floresta Estadual deverá contribuir para a efetivação do Programa de Administração das UCs, facilitando a integração entre as unidades.

a. Subprograma Relações Institucionais e Parcerias

A Estação Ecológica e a Reserva Biológica de Mogi-Guaçu são geridas por instituições distintas integrantes da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. Como apresentado no diagnóstico a Estação Ecológica é administrada juntamente com a Estação Experimental de Mogi-Guaçu pelo Instituto Florestal (IF) e a Reserva Biológica é administrada pelo Instituto de Botânica (IBt). Fato este que resulta atualmente em uma gestão quase que completamente disjunta das Unidades de

Conservação, mesmo estas compondo um mosaico contínuo denominado Fazenda Campininha. Muitos dos problemas ambientais verificados no diagnóstico têm abrangência e incidência na fazenda Campininha como um todo, sendo compartilhados e/ou comuns as duas UCs.

Diante de tal constatação propõe-se como diretriz fundamental do “Programa de Administração” o planejamento e estabelecimento da gestão conjunta do mosaico da Fazenda Campininha (Estação Ecológica, Estação Experimental e Reserva Biológica) pelo Instituto Florestal (IF) e Instituto de Botânica (IBt).

Nessa proposta devem-se buscar caminhos mais curtos e mais eficientes possíveis, reduzindo o número de níveis hierárquicos, aproximando os aspectos estratégicos dos aspectos operacionais para proporcionar maior qualidade e agilidade decisória, além de minimizar despesas. No entanto essa redução dos tramites decisórios não devem colocar em risco o atendimento pleno de todos os objetivos e atividades realizadas.

Como início do processo de estabelecimento desta parceria, sugere-se a elaboração dos seguintes produtos que poderão ser acompanhados como instrumentos de avaliação da realização desta diretriz:

- Elaborar um regimento de gestão integrada apresentando procedimentos de tomada de decisão e utilização dos recursos (humano, financeiro e de infraestrutura). Tal regimento deve abranger também assuntos como licenciamentos e recursos de compensação ambiental;
- Desenvolver processos formais permanentes de relacionamento e comunicação entre o IF e o IBt, que possibilitem o diálogo sobre temas de interesse comum que poderão compor pautas de encontros;
- Apresentar a caracterização detalhada dos recursos humanos (número de funcionários, enquadramento funcional, grau de qualificação e responsabilidades), de infraestrutura e de equipamentos disponíveis (quantidade e estado de conservação), objetivando identificar redundâncias, excessos, demandas com o intuito de potencializar realização das atividades.
- Integrar informações relacionadas às parcerias já existentes nas UCs para identificação de instituições governamentais (ex: prefeituras e ministério público) e não go-

vernamentais (ex: empresas e ONGs) de interesse para o estreitamento de laços. Merece atenção especial, pela maior simplicidade de articulação e a relevância das experiências acumuladas na área ambiental, os órgãos ligados a Secretaria do Meio Ambiente (CETESB, Agencia Ambiental, Fundação Florestal, entre outros).

A política de gestão organizacional dessas instituições tende cada vez mais para a potencialização da efetividade dos quadros de ativos e, portanto, estimula-se o trabalho em conjunto com outras organizações governamentais, privadas e da sociedade civil.

b. Subprograma Conselho Consultivo

Como apresentado no subprograma anterior, a gestão conjunta das UCs que compõem a fazenda Campininha faz-se necessária. Neste contexto ressalta-se a necessidade dos administradores em oferecer condições para o funcionamento de um Conselho Consultivo atuante, já previsto na legislação brasileira (SNUC - Lei 9.985/2000).

O Conselho Consultivo deste conjunto de unidades (Estação Ecológica, Estação Experimental – Futura Floresta Estadual e Reserva Biológica) pode ter funções primordiais no suporte a tomadas de decisões que envolvam posicionamentos distintos das unidades administrativas (IF e IBt). Concomitantemente, auxiliar no fortalecimento das relações com ocupantes das UCs e do entorno, visto que no interior da Estação Experimental existem 16 moradias habitadas por aproximadamente 60 pessoas. Além de estreitar relações com instituições de ensino e pesquisa, outras instituições públicas, privadas e do terceiro setor, formalizando e efetivando a gestão participativa.

A filosofia da participação comunitária no equacionamento dos problemas é hoje amplamente aceita como uma das bases do desenvolvimento local.

c. Subprograma Infraestrutura e Equipamentos

Administrar de forma conjunta recursos de infraestrutura e equipamentos que são propriedade de instituições distintas pode resultar em processo complexo, lento e

menos eficiente que o atual.

Sugere-se um diagnóstico e elaboração de uma relação detalhada da infraestrutura e de equipamentos disponíveis pelas duas instituições. Tais dados possibilitarão a identificação de demandas, redundâncias e excessos para posterior elaboração de planos documentais de melhoramento, manutenção, construção e aquisição de equipamentos e infraestrutura. Considera-se neste subprograma as melhorias quanto à questão de saneamento, no que diz respeito ao abastecimento de água, coleta e tratamento de esgoto e disposição de resíduos sólidos.

Sugere-se como ações complementares:

- Prover e manter instalações físicas voltadas à administração/gestão e demais Programas;
- Realizar a melhoria das estruturas físicas existentes, principalmente àquelas destinadas à Visitação Pública, como é o caso da casa do IF atualmente improvisada como Centro de Visitantes (Vide item 2.2.9.1);
- Realizar estudos sobre a viabilização de construção de novas estruturas físicas, bem como readequação das trilhas de visitação pública;
- Programar os serviços de limpeza, conservação e manutenção predial, de equipamentos, veículos, estradas, caminhos, trilhas, visando à obtenção de adequadas condições de higiene e uso, com disponibilização de mão de obra, materiais e equipamentos;
- Programar a frequência com que deverão ser executados os serviços de manutenção disponibilizando os materiais, equipamentos e mão-de-obra necessários;
- Aprimorar e readequar todo o sistema de captação de água, coleta e tratamento de esgoto e coleta de resíduos sólidos;
- Viabilizar coleta seletiva de lixo.

d. Subprograma Recursos Humanos

Atualmente, o quadro de funcionários que compõem as Unidades de Conservação avaliadas neste Plano de Manejo totaliza 55 funcionários. Destes 33 pertencem ao Instituto Florestal, 18 ao Instituto de Botânica e quatro a uma prestadora

de serviços de vigilância para Instituto de Botânica.

Esse grupo total de funcionários constitui uma razão área protegida/funcionário de aproximadamente 81,5 ha/funcionário, valor pequeno quando comparado a de outras Unidades de Conservação do estado de São Paulo - PE Campina do Encantado; EEc de Angatuba; PE de Jurupará; PE da Cantareira. Dentre os exemplificados apenas o Parque Estadual da Cantareira (PEC) apresenta razão área protegida/funcionário menor que as UCs foco deste trabalho. Entretanto, o PEC localiza-se dentro do município de São Paulo, fato que agrava a magnitude dos impactos a que é submetido e ressalta a necessidade de um quadro ativo maior.

Este dado positivo sugere que essas instituições, se associadas, não demandarão grandes alterações em no número de funcionários que possuem, sendo este uma das maiores dificuldades de administração enfrentadas pelas UCs.

A gestão conjunta deverá suprir demandas existentes em ambas as instituições potencializando a utilização dos recursos humanos. Com esse intuito propõe-se a sistematização de dados relativos aos cargos, vínculos funcionais e níveis de capacitação para planejamento conjunto do atendimento satisfatório das funções e identificação de necessidades de capacitação.

Como ações complementares sugerem-se:

- Avaliação do quadro de pessoal disponível por cada instituição para a gestão da UC;
- Redimensionar a quantidade de postos necessários para o gerenciamento e manutenção da UC, bem como para implementação das ações do Plano de Manejo;
- Estabelecer contatos com órgãos internos e externos, no sentido de viabilizar a capacitação de pessoal, através de cursos, palestras, workshops, oficinas, etc.;
- Elaborar agenda anual de atividades com os seus respectivos cronogramas físico-financeiros;
- Criar sistema de acompanhamento, controles e procedimentos legais, relativos aos recursos humanos alocados.

e. Subprograma Monitoramento e Avaliação

O “Subprograma Monitoramento e Avaliação” terá como metas principais o acompanhamento da realização das atividades identificadas neste Plano de Manejo como instrumentos de avaliação. Deverão ser identificados no regimento interno os integrantes dos cargos responsáveis por acompanhar cada um destes documentos e a instituição as quais estão vinculados.

A revisão e a complementação dos programas presentes neste Plano de Manejo deverão ser feitas permanentemente utilizando uma estratégia de ação baseada no conceito de manejo adaptativo. Adições, modificações e emendas às ações apresentadas poderão ser atualizadas através de relatórios anuais de andamento, sendo a revisão completa do Plano de Manejo executada a cada quinquênio.

Avaliação e monitoramento são temas críticos em qualquer sistema de gestão organizacional, mas muitas vezes deixados em segundo plano por não se tratar de uma ação de prosseguimento operacional, mas de revisão. Geralmente, por uma série de demandas urgentes que o gestor enfrenta no dia-a-dia, estas atividades não são priorizadas, contudo são essenciais para evitar ações futuras impróprias e estabelecer estratégias mais eficientes.

Algumas ações complementares:

- Implementar sistema de coleta e sistematização de dados, monitoramento e avaliação da eficiência da gestão para cada um dos programas;
- Planejamento e operacionalização da gestão e execução financeira e administrativa.

f. Subprograma Comunicação

O “Subprograma Comunicação” destina-se a atender demandas em duas escalas diferentes. A primeira, interna, para a qual será necessário o estabelecimento de canais de comunicação, registro e documentação de informações e armazenamento em banco de dados de forma integrada nas instituições administrativas (IF e IBt) e parceiras (instituições de pesquisa, vigilância, entre outras).

Espera-se com isso manter o nível de informação dos gestores e parceiros atualizados e pareados, além de facilitar a recuperação e análise de dados, simplificando a elaboração de relatórios de acompanhamento, que possibilitem a solução de problemas e a proposição de adaptações de manejo que forem necessárias.

A segunda escala de atuação refere-se à definição da identidade externa das UCs, que atualmente são conhecidas nas comunidades locais como “a área do estado destinada para plantio de pínus” conforme verificado no diagnóstico. Um plano conjunto para apresentação e formalização de uma imagem institucional, que caracterize a importância destas UCs quanto à preservação do meio ambiente e mostre a diversidade de atrativos que possibilitam a interação com diversos grupo da comunidade é muito relevante.

4.5.1. Quadro Síntese

Tabela 4.5/1: Ações do Programa de Administração e seu cronograma de execução.

	Ações	Instituições Envolvidas	Local	Prazo¹
Subprograma Relações Institucionais e Parcerias	Planejamento e estabelecimento da gestão conjunta do mosaico da Fazenda Campininha (Estação Ecológica, Estação Experimental e Reserva Biológica) pelo Instituto Florestal (IF) e Instituto de Botânica (IBt)	IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Curto
	Elaboração de um regimento de gestão integrada apresentando procedimentos de tomada de decisão e utilização dos recursos	IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Curto
	Desenvolver processos formais permanentes de relacionamento e comunicação entre o IF e o IBt	IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Curto
	Apresentar a caracterização detalhada dos recursos humanos (número de funcionários, enquadramento funcional, grau de qualificação e responsabilidades), de infraestrutura e de equipamentos disponíveis	IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Curto
	Integrar informações relacionadas às parcerias já existentes nas UCs para identificação de instituições governamentais e não governamentais de interesse para o estreitamento de laços	IBt, IF, instituições governamentais e não-governamentais	ReBio, EEC, EEx	Médio
Subprograma Conselho Consultivo	Oferecer condições para o funcionamento de um Conselho Consultivo atuante	IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Curto
	Auxiliar no fortalecimento das relações com ocupantes das UCs e do entorno	IBt, IF, Conselho Consultivo	ReBio, EEC, EEx, ZA, entorno das UCs	Médio

	Ações	Instituições Envolvidas	Local	Prazo¹
Subprograma Infraestrutura e Equipamentos	Diagnóstico e elaboração de uma relação detalhada da infraestrutura e de equipamentos disponíveis pelas duas instituições.	IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Curto
	Prover e manter instalações físicas voltadas à administração/ gestão e demais Programas	IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Permanente
	Realizar a melhoria das estruturas físicas existentes	IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Médio
	Realizar estudos sobre a viabilização de construção de novas estruturas físicas, bem como readequação das trilhas de visitação pública	IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Médio
	Programar os serviços de limpeza, conservação e manutenção	IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Curto
	Programar a frequência com que deverão ser executados os serviços de manutenção	IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Curto
	Aprimorar e readequar todo o sistema captação de água, coleta e tratamento de esgoto e coleta de resíduos sólidos	IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Médio
	Viabilizar coleta seletiva de lixo	IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Curto
Subprograma Recursos Humanos	Sistematização de dados relativos aos cargos, vínculos funcionais e níveis de capacitação para planejamento conjunto do atendimento satisfatório das funções e identificação de necessidades de capacitação	IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Médio
	Avaliação do quadro de pessoal disponível por cada instituição para a gestão da UC	IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Curto
	Redimensionar a quantidade de postos necessários para o gerenciamento e manutenção da UC, bem como para implementação das ações do Plano de Manejo	SMA, IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Curto
	Estabelecer contatos com órgãos internos e externos, no sentido de viabilizar a capacitação de pessoal, através de cursos, palestras, workshops, oficinas	IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Permanente
	Elaborar agenda anual de atividades com os seus respectivos cronogramas físico-financeiros	IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Curto
	Criar sistema de acompanhamento, controles e procedimentos legais, relativos aos recursos humanos alocados	IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Médio
Subprograma Monitoramento e Avaliação	Acompanhamento da realização das atividades identificadas neste Plano de Manejo como instrumentos de avaliação	IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Permanente
	A revisão e a complementação dos programas presentes neste Plano de Manejo	IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Permanente
	Implementar sistema de coleta de dados, sistematização, monitoramento e avaliação da eficiência da gestão por programas	IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Médio

	Ações	Instituições Envolvidas	Local	Prazo¹
	Planejamento e operacionalização da gestão e execução financeira e administrativa	IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Médio
Subprograma Comunicação	Estabelecimento de canais de comunicação, registro e documentação de informações e armazenamento em banco de dados de forma integrada nas instituições administrativas e parceiras	IBt, IF, instituições parceiras, terceirizados, universidades	ReBio, EEC, EEx	Médio
	Definição da identidade externa das UCs, imagem institucional	IBt, IF	ReBio, EEC, EEx	Médio

¹Curto: deve ser concluído em até um ano. Médio: deve ser concluído entre um e cinco anos. Longo: deve ser concluído em mais de cinco anos (para essas definições, foi utilizado o Roteiro Metodológico do IBAMA (2002), ao considerar que a implantação de um Plano de Manejo é um processo gradativo, onde o ajustamento de ideias poderá ser feito a curto (anual), médio (cinco anos) e a longo prazo).

EEx = Estação Experimental de Mogi-Guaçu, ZA = Zona de Amortecimento, EEC = Estação Ecológica de Mogi-Guaçu, ReBio = Reserva Biológica de Mogi-Guaçu.

4.6. Mecanismos de Monitoramento e Avaliação

Segundo o Roteiro Metodológico de Planejamento do IBAMA (2002), a monitoria e avaliação compõem um instrumento para assegurar a interação entre o planejamento e execução, possibilitando a correção de desvios e o *feedback* do processo de planejamento, de acordo com a experiência vivenciada com a execução do plano.

Dentro desse contexto, o monitoramento caracteriza-se por um simples acompanhamento, pois além de documentar sistematicamente o processo de implantação do plano, identifica os desvios na execução das atividades propostas, fornecendo as ferramentas para a avaliação, que, por sua vez, possibilita as ações corretivas para ajuste ou replanejamento das atividades; projetos específicos podem ser propostos com a reavaliação.

Como uma estratégia de monitoramento e avaliação da implementação do Plano de Manejo, recomenda-se a avaliação anual de cada ação dos Programas de Gestão: Adequação da Paisagem, Biodiversidade, Proteção, Educação Ambiental e Administração. Essa avaliação pode ser feita informando-se o *status* de cada ação – realizada, parcialmente realizada ou não realizada. As ações realizadas parcialmente ou não realizadas deverão ser justificadas, readequadas e ou reprogramadas.

Concomitante a essa simples avaliação anual, deve-se atualizar o cronograma

físico-financeiro, com base nos *status* das ações dos programas.

Outro ponto importante, que pode ser considerado nevrálgico, é o monitoramento e a avaliação da efetividade do Plano de Manejo. Têm a finalidade de avaliar se o planejamento está se mostrando eficaz e, em caso contrário, mostrar que deve ser corrigido: se foi ou não eficaz, se previu a maioria das situações encontradas no decorrer da implementação do Plano e se os resultados obtidos com as ações planejadas surtiram os efeitos desejados. Vale ressaltar que muitos subprogramas apresentam interfaces e eixos em comum, que, ao serem executados em conjunto, trarão êxito para os resultados alcançados, também conjuntamente.

O monitoramento e a avaliação da efetividade do planejamento devem ser feitas uma vez no meio do período de vigência do Plano de Manejo e outra vez no final do mesmo (ao concluir cinco anos), tal como, é colocado pelo IBAMA (2002). Para sua realização, primeiramente é necessária a coleta de insumos que respondam à questão “Que resultados foram alcançados?”. Uma forma de obter esses insumos é o estabelecimento de indicadores para os objetivos dos programas, os quais podem ser quantitativos ou qualitativos, sendo sua coleta e aquisição de dados possível graças aos recursos humanos, materiais e financeiros que deverão ser disponibilizados especificamente para essa atividade.

O presente Plano de Manejo propõe indicadores para todos os Programas de Manejo (Tabelas 4.6/1 a 4.6/5). As informações fornecidas pelos indicadores são obtidas em fontes de verificação, que são definidas como: documentos, base de dados, locais ou pessoas por meio dos quais é possível localizar as informações descritas em cada indicador.

Tabela 4.6/1: Indicadores propostos para o monitoramento e avaliação do Programa de Adequação da Paisagem a serem verificados na primeira avaliação (após dois anos e meio) e segunda avaliação (após cinco anos) da implantação do Plano de Manejo da Estação Ecológica e Reserva Biológica de Mogi-Guaçu.

Subprogramas	Resultados esperados	Indicadores	Resultados Alcançados	
			1ª Avaliação	2ª Avaliação
Conectividade	Criação do corredor que conecta as glebas A e B da Reserva Biológica de Mogi-Guaçu	Presença do corredor; porcentagem da área de pinus destinada ao corredor que foi convertida em vegetação nativa		
	Criação dos dois corredores entre a Reserva Biológica e Estação Ecológica, no interior da Estação Experimental de Mogi-Guaçu	Presença dos corredores; porcentagem da área de pinus destinada aos corredores que foi convertida em vegetação nativa		
	Criação dos trampolins ecológicos	Presença de trampolins; área e número de trampolins		
	Criação da barreira mecânica para contenção de espécies de plantas exóticas invasoras nas áreas de conservação	Plantio da barreira de eucalipto		
	Substituição do <i>Pinus elliotti</i> por <i>Pinus caribaea</i> var. <i>caribaea</i>	Presença de talhões com <i>Pinus caribaea</i> var. <i>caribaea</i> adjacente à esquerda da barreira de eucalipto; área e número de talhões em que a substituição foi feita		
	Criação do corredor florestal no entorno da Fazenda Campininha	Presença de um corredor florestal permanente ou de uma faixa de sub-bosque na plantação de eucalipto situada na Zona de Amortecimento Auxiliar, a nordeste da Fazenda Campininha		
	Substituição de silvicultura de espécies exóticas por espécies nativas na Estação Experimental entre a gleba A da Reserva Biológica e Estação Ecológica de Mogi-Guaçu	Área e porcentagem de área de plantação de pinus substituída por plantação de espécies nativas, compondo área manejável na Estação Experimental		
Restauração	Restauração das Áreas de Preservação Permanente Zonas de Amortecimento	Área e número de APPs recuperadas; número de encontros realizados com proprietários rurais do entorno		
	Restauração da vegetação nativa em áreas antropizadas na Estação Ecológica de Mogi-Guaçu	Porcentagem da cobertura do solo por gramíneas exóticas e invasoras; altura, diâmetro na altura do peito, densidade, riqueza e composição de espécies arbóreas nativas nas áreas em recuperação; presença de espécies arbóreas exóticas e invasoras; área e porcentagem da APP recuperada		

Subprogramas	Resultados esperados	Indicadores	Resultados Alcançados	
			1ª Avaliação	2ª Avaliação
Conservação do Solo e da Água	Implantação de nova malha viária	Mapeamento do novo traçado da malha viária; porcentagem do comprimento de estradas e carreadores a serem desativados que foram convertidos em áreas de vegetação nativa ou de plantios comerciais; presença da obrigatoriedade das empresas terceirizadas na extração da resina e ou da madeira em preparar o sistema viário para receber veículos pesados e garantir a trafegabilidade dos mesmos durante todo o processo de extração; número de saídas de água das estradas para o interior das APPs.		
	Resíduos e embalagens destinados adequadamente	Quantidade de resíduos e embalagens destinados adequadamente; presença de resíduos, embalagens e tambores espalhados nas UCs ou na Estação Experimental sem utilidade		

Tabela 4.6/2: Indicadores propostos para o monitoramento e avaliação do Programa de Biodiversidade a serem verificados na primeira avaliação (após dois anos e meio) e segunda avaliação (após cinco anos) da implantação do Plano de Manejo da Estação Ecológica e Reserva Biológica de Mogi-Guaçu.

Subprogramas	Resultados esperados	Indicadores	Resultados Alcançados	
			1ª Avaliação	2ª Avaliação
Pesquisa	Reconhecimento da Estação Ecológica e Reserva Biológica de Mogi-Guaçu como áreas potenciais para produção de conhecimento científico por universidades e institutos de pesquisa	Número de universidades e outras instituições envolvidas em pesquisas nas UCs; número de pesquisas; temas das pesquisas		
	Plano de Incentivo à Pesquisa	Número de pesquisas e de pesquisadores; número de solicitações de pesquisa		
	Conclusão do estudo sobre as características e alterações sociais na Zona de Amortecimento	Documento do estudo		
	Despoluição do Córrego Tanquinho	Execução e conclusão do Projeto de despoluição do córrego e tratamento de esgoto		
	Divulgação da produção científica	Número de publicações feitas a partir das pesquisas realizadas nas UCs; número de folders e outros meios de divulgação dos resultados da pesquisa para visitantes e pessoas do entorno; número de placas e painéis para visitantes sobre as pesquisas		

Subprogramas	Resultados esperados	Indicadores	Resultados Alcançados	
			1ª Avaliação	2ª Avaliação
	Banco de dados e ou organização digital sobre as pesquisas realizadas	Acesso rápido e eficiente de projetos de pesquisa realizados nas UCs por meio de um banco de dados		
Monitoramento	Implantação de um programa de monitoramento	Programa concluído; número de parcerias estabelecidas com prefeitura, universidades, empresas privadas e outras instituições para a realização dos monitoramentos		
	Monitoramento da fauna	Identificação dos locais de ocorrência de espécies ameaçadas e cinegéticas; matriz de presença e ausência de espécies da fauna ao longo dos anos por tipo de vegetação; identificação do período do ano em que cada espécie de ave migratória pode ser encontrada nas UCs; identificação dos principais locais de atropelamento e implantação de medidas mitigatórias para tal impacto sobre a fauna; presença de espécies de animais exóticos e ou invasores		
	Monitoramento da flora e da vegetação	Avaliação do desenvolvimento sucessional da vegetação com base em critérios florísticos e fitossociológicos (altura, riqueza, densidade etc.) estabelecidos pelos pesquisadores em flora e vegetação; levantamento das espécies de plantas por tipo de vegetação; mapeamento das espécies ameaçadas de extinção; presença de espécies de plantas exóticas e invasoras		
	Monitoramento de trilhas e capacidade de carga	Número de ocorrências de deposição de lixo ou extração de produtos naturais da trilha; número de visitantes por visita; número de visitas por dia; horário das visitas nas trilhas		
	Monitoramento do uso do solo da Zona de Amortecimento	Porcentagem da área da Zona de Amortecimento modificada para atender aos critérios das Ucs; porcentagem de APPs recuperadas; identificação de atividades indevidas		
	Monitoramento de características abióticas (água, ar e solo)	Identificação de possíveis alterações na qualidade da água, ar e solo; tipos e número de fontes poluidoras		
	Divulgação dos resultados do monitoramento	Número de folders e outras formas de informativos para visitantes e pessoas do entorno sobre os resultados do monitoramento; número de placas e painéis produzidos; número de publicações científicas		

Subprogramas	Resultados esperados	Indicadores	Resultados Alcançados	
			1ª Avaliação	2ª Avaliação
Combate à flora exótica	Ausência de árvores exóticas nas áreas da Estação Ecológica e Reserva Biológica de Mogi-Guaçu	Número de indivíduos adultos e jovens de espécies exóticas retirados ou mortos em pé; número e abundância de espécies exóticas presentes; corte do indivíduo adulto de <i>Melia azedarach</i> (santa-bárbara) na área administrativa da Estação Experimental		
	Substituição de gramíneas exóticas invasoras por nativas	Área e porcentagem da área substituída		
Combate à fauna exótica	Ausência de gado e cavalos nas Ucs	Número de cabeças de gado e cavalos		
	Castração de cães e gatos	Número de cães e gatos castrados; proporção de cães e gatos castrados e não castrados		
	Implantação de canis	Presença de canis		
	Retirada de cães e gatos ferais ou em situação de abandono	Número de cães e gatos ferais ou em situação de abandono retirados; número de registros de cães e gatos ferais		
	Estudo e erradicação do porco-monteiro (<i>Sus scrofa</i>)	Documento do estudo; processo de erradicação do porco-monteiro; número de indivíduos registrados		
	Avaliação, monitoramento e controle da lebre-europeia (<i>Lepus europaeus</i>)	Documento do estudo; número de indivíduos registrados ao longo do monitoramento; formas de controle empregadas		
	Avaliação da situação de endemia ou invasão do rato-do-banhado (<i>Myocastor coypus</i>)	Documento do programa; resultados e aplicação dos resultados		
Infraestrutura	Estrutura adequada para alojamento de pesquisadores	Número de construções e reformas realizadas; número de pesquisadores		
	Laboratório de pesquisa	Número de pesquisadores que utilizaram o laboratório		
	Equipamentos em bom estado de uso	Manutenção dos equipamentos; aquisição de novos equipamentos		
	Garantia de água potável	Disponibilização de água potável em diversas instalações; número de instalações com água potável		
	Lombadas e placas em estradas	Sinalização e redutores de velocidade adequados nas estradas, pavimentadas ou não		
	Traçados alternativos para trilhas muito próximas à margem do Rio Mogi-Guaçu	Nova trilha proposta		
Adequação à legislação	Ausência de pessoas morando nas UCs	Presença de moradores no interior das UCs		
	Ausência de construções não utilizadas pelo IF na Estação Ecológica de Mogi-Guaçu	Número de construções não utilizadas pelo IF Estação Ecológica		

Tabela 4.6/3: Indicadores propostos para o monitoramento e avaliação do Programa de Proteção a serem verificados na primeira avaliação (após dois anos e meio) e segunda avaliação (após cinco anos) da implantação do Plano de Manejo da Estação Ecológica e Reserva Biológica de Mogi-Guaçu.

Subprogramas	Resultados esperados	Indicadores	Resultados Alcançados	
			1ª Avaliação	2ª Avaliação
Sistema de fiscalização e vigilância	Indicação de áreas prioritárias à fiscalização e à vigilância	Número e localização das áreas prioritárias à fiscalização e à vigilância		
	Fiscalização da retirada de embalagens de agroquímicos e outros resíduos resultantes do processo de resinagem	Proporção entre o número de relatórios das fiscalizações realizadas e o número de atividades de resinagem desenvolvidas; número de locais em que embalagens e resíduos oriundos da resinagem foram indevidamente depositados na Fazenda Campininha		
	Fiscalização e monitoramento de rotina	Presença do monitoramento de rotina, que pode ser comprovado, com o preenchimento diário de uma ficha		
	Implantação de um sistema de relatório de atividades	Relatórios de atividades desenvolvidos		
	Veículos, guaritas e ferramentas necessários à fiscalização e à vigilância em boas condições de uso	Manutenção periódica dos veículos, guaritas e ferramentas		
Combate a incêndios florestais	Plano de prevenção e combate aos incêndios florestais	Documento do plano		
	Protocolo para ação conjunta em situações de emergência	Protocolo estabelecido; número de parcerias firmadas com proprietários do entorno para solucionar situações de emergência		
	Capacitação periódica de funcionários para combate e prevenção de incêndios florestais	Número de funcionários capacitados		

Tabela 4.6/4: Indicadores propostos para o monitoramento e avaliação do Programa de Educação Ambiental a serem verificados na primeira avaliação (após dois anos e meio) e segunda avaliação (após cinco anos) da implantação do Plano de Manejo da Estação Ecológica e Reserva Biológica de Mogi-Guaçu.

Subprogramas	Resultados esperados	Indicadores	Resultados Alcançados	
			1ª Avaliação	2ª Avaliação
Gestão da visitação	Implantação do Programa de Educação Ambiental	Arquivos com organização dos dados de visitação e pesquisa de fácil consulta e devidamente preenchidos; relatórios periódicos do perfil dos visitantes; normas da visitação estabelecidas; número de alunos atendidos; número de professores atendidos; material didático produzido; número de eventos e campanhas realizados		

Subprogramas	Resultados esperados	Indicadores	Resultados Alcançados	
			1ª Avaliação	2ª Avaliação
	Monitoramento dos impactos e uso público	Número de ocorrências de deposição de lixo ou extração de produtos naturais nas trilhas interpretativas ou em outras localidades das UCs; número de visitantes por visita; número de visitas por dia; horário das visitas nas trilhas		
	Disponibilização dos dados de visitação no <i>site</i> oficial da instituição	Informações básicas de visitação atualizadas disponibilizadas no <i>site</i> da instituição		
	Funcionários capacitados para receber visitantes e atuar na Educação Ambiental	Número de funcionários capacitados		
	Folders, painéis e outros materiais educativos	Material didático produzido atualizado e em boas condições de uso		
	Divulgação das UCs em escolas e universidades da região	Material de divulgação realizado; número de placas implantadas, número de apresentações na imprensa; número de visitas de escolas, universidades e outras instituições; número de palestras proferidas fora das UCs.		
Infraestrutura de apoio à Educação Ambiental	Veículos, edificações, maquinários e ferramentas em boas condições de uso	Manutenção periódica do patrimônio do estado; aquisição de novos equipamentos; reformas de edificações		
	Trilhas interpretativas em boas condições de uso e de baixo impacto à conservação	Novos traçados de trilhas próximo ao rio Mogi-Guaçu; manutenção periódica das trilhas e de suas placas e sinalizações		
	Parcerias com ONGs, universidades, voluntários, instituições e outros	Número de parcerias firmadas para trabalhar com Educação Ambiental, seja quanto à visitação em si, quanto à manutenção e monitoramento da infraestrutura e produção de material didático		
	Centro de visitantes	Centro de visitantes estruturado		
	Estudo da possibilidade de resgatar o antigo arboreto	Estudo concluído		
Educação Ambiental para a Zona de Amortecimento	População dos municípios e bairros do entorno, em especial Martinho Padro Jr., informada e sensibilizada para a Estação Ecológica e Reserva Biológica de Mogi-Guaçu	Material de divulgação realizado; número de placas implantadas, número de apresentações na imprensa; número de visitantes oriundos do entorno; número de ocorrências de práticas agrícolas que buscam a conservação dos recursos naturais nas propriedades rurais da ZA		

Subprogramas	Resultados esperados	Indicadores	Resultados Alcançados	
			1ª Avaliação	2ª Avaliação
	Práticas agrícolas adequadas, buscando a conservação dos recursos naturais	Material sobre boas práticas agrícola produzido; número de palestras proferidas para proprietários do entorno; parcerias firmadas; número de ocorrências de práticas agrícolas que buscam a conservação dos recursos naturais nas propriedades rurais da ZA		
	Estabelecimento de parcerias junto a órgãos de extensão rural responsáveis pela região e entorno da Fazenda Campininha	Número de parcerias firmadas		
	Auxiliar na implantação de projetos de recomposição de áreas degradadas	Parceria com a comunidade; porcentagem de área recuperada		
Educação Ambiental para a proteção	Estudos sobre a criação de animais domésticos no entorno das UCs	Estudo concluído		
	Comunidade do entorno sensibilizada quanto à necessidade da proteção das Ucs	Número de eventos e campanhas realizados sobre os problemas que as UCs enfrentam quanto à presença de animais domésticos, à caça, ao extrativismo da flora etc.		

Tabela 4.6/5: Indicadores propostos para o monitoramento e avaliação do Programa de Administração a serem verificados na primeira avaliação (após dois anos e meio) e segunda avaliação (após cinco anos) da implantação do Plano de Manejo da Estação Ecológica e Reserva Biológica de Mogi-Guaçu.

Subprogramas	Resultados esperados	Indicadores	Resultados Alcançados	
			1ª Avaliação	2ª Avaliação
Relações institucionais e parcerias	Procedimentos administrativos e encaminhamentos burocráticos organizados em gestão conjunta do mosaico da Fazenda Campininha (Estação Ecológica, Reserva Biológica e Estação Experimental)	Documentos de normas e procedimento de tomada de decisão e utilização de recursos (humano, financeiro e de infraestrutura) elaborados; número de processos encaminhados; número de contratos realizados; número de licenciamentos e de compensação ambiental		
	Rotinas administrativas e operacionais	Número de serviços executados; número de processos arquivados executados ou execução; número de solicitações aceitas; agenda anual de atividades estabelecida		
	Parcerias	Número de parcerias; número de atores ou instituições envolvidas em parcerias		

Subprogramas	Resultados esperados	Indicadores	Resultados Alcançados	
			1ª Avaliação	2ª Avaliação
	Processos formais permanentes de relacionamento e comunicação entre IF e Ibt	Registros de relacionamento e comunicação entre as instituições		
	Contratos firmados e devidamente acompanhados	Número de contratos		
	Caracterização dos recursos humanos, de infraestrutura e equipamentos disponíveis	Quadro de funcionários; listagem do patrimônio; serviços de vigilância, administrativo e outros estabelecidos		
	Equipe técnico-administrativa capacitada	Número de funcionários envolvidos com a implementação do plano de manejo; capacitação dos funcionários		
Conselho Consultivo	Conselho Consultivo atuante	Número de reuniões realizadas; número de membros do Conselho Consultivo		
Infraestrutura e equipamentos	Construções e reformas realizadas	Número de construções e reformas realizadas		
	Coleta seletiva de lixo	Coleta e destino de lixo de forma eficaz e seletiva		
	Programa de manutenção da infraestrutura e equipamentos	Estabelecimento de frequência de manutenção de edificações, veículos, equipamentos, trilhas, estradas e outros bens para bom funcionamento e gestão das UCs; frequência dos serviços de limpeza, conservação e manutenção		
	Sistema de captação de água, coleta e tratamento de esgoto e coleta de resíduos sólidos aprimorados e readequados	Infraestrutura eficaz de captação de água e tratamento de esgoto; destino e quantidade dos resíduos sólidos e líquidos		
Recursos humanos	Cargos e funções estabelecidas	Número e tipos de cargos e funções; avaliação do cargo para a necessidade do bom funcionamento das Ucs		
	Capacitação de funcionários	Número de capacitações realizadas		
	Agenda anual de atividades	Agenda anual de atividades com cronograma físico-financeiro e recursos humanos		
	Sistema de recursos humanos implantado (acompanhamento, controle e procedimento legal relativos aos recursos humanos alocados)	Documentos que caracterizam o sistema; número de processos		
Monitoramento e avaliação	Acompanhamento das atividades propostas pelos Programas do Plano de Manejo	Número de avaliações periódicas dos programas; sistema de coleta de dados, sistematização, monitoramento e avaliação da eficiência da gestão implantada		
	Revisão e complementação dos Programas	Número de revisões		
	Acompanhamento dos indicadores dos resultados	Número de revisões periódicas por programa de acordo com sua gestão		



Subprogramas	Resultados esperados	Indicadores	Resultados Alcançados	
			1ª Avaliação	2ª Avaliação
Comunicação	Banco de dados de comunicação integrado entre UCs e parceiros	Canais de comunicação estabelecidos e documentados		
	Identidade das UCs reconhecidas	Reconhecimento das UCs por pessoas externas à Fazenda Campininha como uma área de conservação avaliado por entrevistas e conversas informais		

Capítulo 5 – Referências Bibliográficas e Anexos

- ABREU, R.C.R.; ASSIS, G.B.; FRISON, S.; AGUIRRE, A.; DURIGAN, G. Can native vegetation recover after slash pine cultivation in the Brazilian Savanna? **Forest Ecology and Management**, v. 8, p. 1452-1459, 2011. DOI:10.1016/j.foreco.2011.06.046. Disponível em: <<http://www.journals.elsevier.com/forest-ecology-and-management>>.
- ABREU, R.C.R.; DURIGAN, G. Changes in the plant community of a Brazilian grassland savannah after 22 years of invasion by *Pinus elliottii* Engelm., **Plant Ecology & Diversity**, v. 4, n. 2-3, p. 269-278, 2011. DOI:10.1080/17550874.2011.594101. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/17550874.2011.594101>>.
- AGÊNCIA NACIONAL DE TRANSPORTES TERRESTRES-ANTT. Disponível em: <<https://appweb.antt.gov.br/sgp/src.br.gov.antt/apresentacao/consultas/ListaSecoesAtendemUmaLocalidade.aspx>>. Acesso em: 18 jan 2010.
- AGOSTINHO, A.A.; JÚLIO Jr., H.F.; GOMES, L.C.; BINI, L.M.; AGOSTINHO, C.S. Composição, abundância e distribuição espaço-temporal da ictiofauna. In: VAZZOLER, A.E.A.M.; AGOSTINHO, A.A.; HAHN, N.S. (Eds.) **A planície de inundação do alto rio Paraná**. Maringá: EDUEM, 1997, p. 179-208.
- ALHO, C.J.R.; LACHER JR, T.E.; CAMPOS, Z.M.S.; GONÇALVES, H.C. Mamíferos da Fazenda Nhumirim, sub-região de Nhecolândia, Pantanal do Mato Grosso do Sul. **Revista Brasileira de Zoologia**, v. 4, n. 2, p. 151-164, 1987.
- ALMEIDA, A.F. Influência do tipo de vegetação nas populações de aves em uma floresta implantada de *Pinus* na região de agudos, SP. **IPEF**, n. 18, p. 59-77, 1979.
- AMBIENTE. portal da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. Matéria: **Especialistas vêm reflorestamento como atividade econômica e meio para reduzir desmatamentos**. Disponível em: <<http://www.ambiente.sp.gov.br/destaque/reflorest.html>>. Acesso em 28 de outubro de 2009.
- ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP - APG II. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG II. **Botanical Journal Linnean Society**. v. 141, p. 399-436. 2003.

- AQUINO, C.; BARBOSA, L.M. Classes sucessionais e síndromes de dispersão de espécies arbóreas e arbustivas existentes em vegetação ciliar remanescente (Conchal, SP), como subsídio para avaliar o potencial do fragmento como fonte de propágulos para enriquecimento de áreas revegetadas no Rio Mogi-Guaçu, SP. **Revista Árvore: Viçosa**. v. 33, n. 2, p. 349-358, 2009.
- ARAUJO, C.O.; CONDEZ, T.H.; SAWAYA, R.J. Anfíbios anuros do Parque Estadual das Furnas do Bom Jesus, sudeste do Brasil, e suas relações com outras taxocenoses no Brasil. **Biota Neotropica**, v. 9, p. 1-22, 2009.
- BAESSO, D.P.; GONÇALVES, F.L.R. **Estradas Rurais: técnicas adequadas de manutenção**. Florianópolis – SC, DER (Departamento Estadual de Infra-Estrutura), 2003. 236 p.
- BARBIERI, G., SALLES, F.A. & CESTAROLLI, M.A. Análise populacional do curimatá, *Prochilodus lineatus*, do rio Mogi Guaçu, Pirassununga, SP (Characiformes, Prochilodontidae). **Boletim do Instituto de Pesca**, v. 26, n. 2, p. 137-145, 2000.
- BARBOSA, D.R.; FERREIRA, O.M. **Marcas ambientais resultantes pela instalação de tumulações**. Goiânia: Departamento de Engenharia, Universidade Católica de Goiás, 2008. Disponível em: <<http://www.pucgoias.edu.br/ucg/prope/cpgss/ArquivosUpload/36/file/MARCAS%20AMBIENTAIS%20RESULTANTES%20PELA%20INSTALA%C3%87%C3%83O%20DE%20TUMULA%C3%87%C3%95ES.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2013.
- BARBOSA, E.G. **Eficiência do manejo no controle de duas espécies de gramíneas invasoras em Cerrados Paulistas**. 83p. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- BARGHINI, A. **Antes que os Vaga-Lumes Desapareçam ou Influência da Iluminação Artificial sobre o Ambiente**. São Paulo: Editora ANNABLUME; FAPESP, 2010. 192 p.
- BATISTA, E.A. **Levantamentos fitossociológicos aplicados à vegetação do cerrado, utilizando-se de fotografias aéreas verticais**. Piracicaba, 1982. 85f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo, Piracicaba.

- BATISTA, E.A.; COUTO, H.T.Z. Influência de fatores físicos do solo sobre o desenvolvimento das espécies florestais mais importantes do cerrado da Reserva Biológica de Moji-Guaçu, SP. **Revista do Instituto Florestal**, v.4 (parte 1-edição especial), p. 318-323, 1992a.
- BECKER, C.G.; FONSECA, C.R.; HADDAD, C.F.B; BATISTA, R.F.; PRADO, P.I. Habitat Split and the Global Decline of Amphibians. **Science**, v. 318, p. 1775-1777, 2007.
- BECKER, M.; DALPONTE, J.C. **Rastros de mamíferos silvestres brasileiros**: um guia de campo. Brasília: Universidade de Brasília. 180 p, 1991.
- BERGALLO, H.G.; ROCHA, C.F.D. 1988. **ZUEC-MAM** - Coleção de Mamíferos do Museu de Zoologia da UNICAMP. Universidade Estadual de Campinas. Museu de Zoologia, Instituto de Biologia. Campinas/SP. Consulta online, acesso out/2009 <<http://splink.cria.org.br/>>
- BERTONI, L.; LOMBARDI NETO, F. **Conservação do solo**. São Paulo: Ícone, 1990. 355p.
- BIBBY, C.J.; BURGUESS, N.D.; HILL, D. A. **Bird census techniques**. Orlando: Academic Press, 1992.
- BIRDLIFE INTERNATIONAL. **Threatened bird of the world**. Cambridge: BirdLife International. Disponível em <<http://www.birdlife.org.br>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2010.
- BIRDLIFE. **BirdLife's Flyways Programme**. Disponível em: <<http://www.birdlife.org/flyways/index.html>>. Acesso em 25 de janeiro de 2010.
- BONONI, V. L. R.; BARBOSA, L. M. Anais do 1º encontro de Pesquisa sobre cerrado e formações florestais associadas no Estado de São Paulo. São Paulo: Instituto de Botânica, 2010. v. 1. 112 p.
- BORGES, P.A.L.; TOMÁS, W.M. **Guia de rastros e outros vestígios de mamíferos do Pantanal**. Corumbá: Embrapa pantanal. 2004.
- BRASIL ESCOLA, portal eletrônico Brasil Escola. Matéria: **Tipos de Sítios Arqueológicos**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/tipos-sitios-arqueologicos.htm>>. Acesso em 2 de março de 2010.
- BRASIL. Decreto nº 4.340, de 22 de agosto de 2002. **Dispõe sobre o Sistema de**

Unidades de Conservação e da outras providências. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/99717/decreto-4340-02>> Acesso em 03 de setembro de 2009.

BRASIL. Decreto nº 6.848 de 14 de Maio de 2009. **Altera e acrescenta dispositivos do Decreto 4.340 de 22 de agosto de 2002 para regulamentar a compensação ambiental.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6848.htm> Acesso em 21 out. 2009.

BRASIL. Instrução Normativa Nº 3, de 26 de maio de 2003. **Reconhece como espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção aquelas constantes da lista anexa à presente Instrução Normativa, considerando apenas anfíbios, aves, invertebrados terrestres, mamíferos e répteis.** Diário Oficial da União, 26 mai. 2003.

BRASIL. Lei 3.901, de 06 de outubro de 2006. **Dispõe sobre o plano diretor do município de Araras, suas normas disciplinadoras e dá outras providências.** Disponível em: <<http://www.camara-araras.sp.gov.br>> Acesso em 09 de novembro de 2009.

BRASIL. Lei 3.902, de 06 de outubro de 2006. **Dispõe sobre o parcelamento do solo e urbanizações especiais do município de araras, suas normas disciplinadoras e dá outras providências.** Disponível em: <<http://www.camara-araras.sp.gov.br>> Acesso em 09 de novembro de 2009.

BRASIL. Lei 3.903, de 06 de outubro de 2006. **Dispõe sobre o zoneamento de uso e ocupação do solo do município de araras, suas normas disciplinadoras e dá outras providências.** Disponível em: <<http://www.camara-araras.sp.gov.br>> Acesso em 09 de novembro de 2009.

BRASIL. Lei Federal nº 12.651 de 25 de maio de 2012. Código Florestal. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 mai 2012, seção 1, p. 1. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12651-25-maio-2012-613076-publicacaooriginal-136199-pl.html>>. Acesso em 04 de setembro de 2013.

BRASIL. Lei nº 1.751 de 03 de dezembro de 1982. **Cria o Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente - COMDEMA e dá outras providências.** Mogi

Guaçu. Disponível em: <<http://www.camaramogiguacu.sp.gov.br/>> Acesso em 10 de novembro de 2009.

BRASIL. Lei nº 4.771, de 15 de setembro de 1965. **Institui o novo Código Florestal. Disponível em:** <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L4771.htm>. Acesso em: 19 out. 2009.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instrução Normativa nº 6 de 23 de setembro de 2008: **Reconhece como espécies da flora brasileira ameaçada de extinção aquelas constantes do Anexo I e reconhece como espécies da flora brasileira com deficiência de dados aquelas constantes do Anexo II a esta Instrução.** Disponível em: <http://www.mma.gov.br/sitio/index.php?ido=conteudo.monta&idEstrutura=179&idConteudo=8121&idMenu=8618>. Acesso em: 12 de agosto de 2009.

BRASIL. Portaria nº 10.957 de 03 de junho de 2009. **Designa membros do COMDEMA do município de Araras.** Disponível em: www.araras.sp.gov.br/publicacoes/2009/junho/180609.pdf Acesso em 10 de novembro de 2009.

BRASIL. **Projeto de lei s/nº 2007. Altera o § 2º e acresce um § 3º ao art. 25 da Lei nº 9.985, de 2000.** Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/Prop_Detalhe.asp?id=368329> Acesso em 03 de setembro de 2009.

BRASIL. Resolução CONAMA nº 13 de 06 de Dezembro de 1990. **Zona de Amortecimento e Licenciamento.** Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res90/res1390.html>> Acesso em 03 de setembro de 2009.

BRASILEIRO, C.A. **Biologia reprodutiva de *Physalaemus centralis* (Anura, Leptodactylidae) em Cachoeira de Emas, Pirassununga, SP.** Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

BRITO, D. Lack of adequate taxonomic knowledge may hinder endemic mammal conservation in the Brazilian Atlantic Forest. **Biodiversity and Conservation**, v. 13, p. 2135-2144, 2004.

BRITSKI, H.A. **Peixes de água doce do estado de São Paulo – Sistemática.** In: Poluição e Piscicultura. Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai. Faculdade de Saúde Pública da USP. Inst. Pesca –C.P.R.N. – S.A, 1972.

- BRITSKI, H.A.; SILIMON, K. Z. S. LOPES B. S. **Peixes do Pantanal. Manual de Identificação** – Brasília : Embrapa-SPI, 184p, 1999.
- BROWN JR., K.S. Maximizing daily butterfly counts. **Journal of the Lepidopterists' Society**, v. 26, p. 183–196, 1972.
- BROWN JR., K.S., FREITAS, A.V.L. Atlantic Forest butterflies: Indicators for landscape conservation. **Biotropica**, v. 32, p. 934–956, 2000.
- BUENO, A.A. **Vulnerabilidade de pequenos mamíferos de áreas abertas a vertebrados predadores na Estação Ecológica de Itirapina, SP**. Dissertação de mestrado, USP – Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. 107p. 2003.
- CALIJURI, M.C.; BUBEL, A.P.M. Conceituação de microbacias. In. LIMA, W. P.; ZAKIA, M. J. B. (Ed.). As florestas plantadas e a água. São Carlos: Rima, 2006. Cap.4, p. 45-60.
- CAMPOS, C.B.; ESTEVES, C.F.; FERRAZ, K.M.P.M.B.; CRAWSHAW JR., P.G.; VERDADE, L.M. Diet of free-ranging cats and dogs in a suburban and rural environment, south-eastern Brazil. **Journal of Zoology**, v. 273, n. 1, 14-20, 2007.
- CASATTI, L. 2004. Ichthyofauna of two streams (silted and reference) in the upper Paraná river basin, southeastern Brazil. *Brazilian Journal of Biology*, v. 64, n.4, p.757-765.
- CASTRO, R.M.C.; MENEZES, N.A. Estudo diagnóstico da diversidade de peixes do Estado de São Paulo. In. CASTRO, R.M.C. (Ed.) **Biodiversidade do Estado de São Paulo, Brasil: Síntese do conhecimento ao final do século XX**, 6: vertebrados. WinnerGraph, São Paulo, p. 1-13, 1998.
- CBH-MOGI (Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Mogi Guaçu). **Diagnóstico da Bacia Hidrográfica do Rio Mogi Guaçu - "Relatório Zero"**, 1999, 252p.
- CECHIN, S.Z.; MARTINS, M. Eficiência de armadilhas de queda (pitfall traps) em amostragens de anfíbios e répteis no Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, Curitiba, v. 17, p. 729-740, 2000.
- CENTRO DE ESTUDOS ORNITOLÓGICOS (CEO). **Lista das Aves do Estado de São Paulo**. Versão 4/10/2009. Disponível em <<http://www.ceo.org.br/>>.

- CHEN, Y.; SHEN, Z.; LI, X. The use of vetiver grass (*Vetiveria zizanioides*) in the phytoremediation of soils contaminated with heavy metals. **Applied Geochemistry**, v. 19, 2004.
- CHIARELLO, A. G. Density and population size of mammals in remnants of Brazilian Atlantic forest. **Conservation Biology**, v. 14, p. 1649-1657, 2000.
- CHIARELLO, A. G.; AGUIAR, L. M. S.; CERQUEIRA, R.; MELO, F. R.; RODRIGUES, F. H. G.; SILVA, V. M. F. Mamíferos. In: MACHADO, A.B.M.; DRUMMOND, G.M.; PAGLIA, A.P. (Eds.) **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Brasília: MMA; Belo Horizonte: Biodiversitas. 2008.
- CIFUENTES, M.A. Determinación de capacidad de carga turística en áreas protegidas. San Jose: CATIE, **Programa de Manejo Integrado de Recursos Naturales**, 1992. 28p. (Série Técnica. Informe Técnico, 194)
- CITES. 2009. Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora. **Species database**. Disponível em: <<http://www.cites.org/>> Acesso em: jan. 2010.
- CLEMENTE, C. A. **Relações Geologia e Solos no Estado de São Paulo**. 1998. Apostila. 42p.
- COLWELL, R.K. EstimateS: Statistical estimation of species richness and shared species from samples. Version 8. 2006. Persistent URL <purl.oclc.org/estimates>
- COMITÊ BRASILEIRO DE REGISTROS ORNITOLÓGICOS (CBRO). **Listas das aves do Brasil**. 8ª Versão 09/08/2009. Disponível em <<http://www.ib.usp.br/cbro>>.
- COMPANHIA AMBIENTAL DO ESTADO DE SÃO PAULO - CETESB. **Qualidade das águas interiores no Estado de São Paulo**. Série Relatórios, 2008, 531p.
- CONCHAL. Lei Complementar nº 157 de 10 de outubro de 2006. **Dispõe sobre o plano diretor estratégico do município de Conchal, SP – PDEC e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.conchal.sp.gov.br/plano_diretor_estrategico.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2010.
- CONCHAL. Lei Complementar nº 180 de 13 de novembro de 2007. **Dispõe sobre o uso e ocupação do solo no município de Conchal, SP e dá outras providências**. Disponível em: <<http://www.conchal.sp.gov.br/180->

07_uso_ocupacao_solo.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2010.

- CONCHAL. **Lei orgânica do município de Conchal**. Disponível em: <<http://www.camaraconchal.sp.gov.br/>> Acesso em 09 de novembro de 2009.
- COSTA, L.P.; LEITE, Y.L.R.; MENDES, S.L.; DITCHFIELD, A. D. Conservação de Mamíferos no Brasil. **Megadiversidade**, v. 1, n. 1, p. 103-112, 2005.
- COX, G.W. **Alien Species and Evolution: The Evolutionary Ecology of Exotic Plants, Animals, Microbes, and Interacting Native Species**. Washington: Island Press. 2004.
- CROOKS, K.R.; SOULÉ, M.E. Mesopredator release and avifaunal extinctions in a fragmented system. **Nature**, v. 400, p. 563-566, 1999.
- CUARÓN, A.D.A Global Perspective on Habitat Disturbance and Tropical Rainforest Mammals. **Conservation Biology**, v. 14, n. 6, p. 1574-1579, 2000.
- DE VIVO, M. Diversidade de mamíferos do Estado de São Paulo. In: Joly, C.A.; Bicudo, C.E.M; (Org.) **Biodiversidade do Estado de São Paulo, Brasil: síntese do conhecimento ao final do século XX** - São Paulo: FAPESP, 1998. p. 51-66. 1998.
- DE VIVO, M. **MZUSP** - Coleção de Mamíferos do Museu de Zoologia da USP. Universidade de São Paulo. Museu de Zoologia. 1981
- DEL-CLARO, K.; TOREZAN-SILINGARDI, H.M. Comportamento Animal, Interações Ecológicas e Conservação. In: ROCHA, C. F. D.; BERGALLO, H. G.; SLUYS, M. V., ALVES, M. A. (Org.) **Biologia da Conservação: Essências**. São Carlos: RiMa, 2006. p. 399-410.
- DESBIEZ, A.L.J.; SANTOS, S.A.; KEUROGHLIAN, A.; BODMER, R.E. Niche partitioning among white-lipped peccaries (*Tayassu pecari*), collared peccaries (*Pecari tajacu*), and feral pigs (*Sus scrofa*). **Journal of Mammalogy**, v. 90, n. 1, p. 119-128, 2009.
- DEVELEY, P.F. Os bandos mistos nas florestas neotropicais. ALBUQUERQUE, J.; CÂNDIDO, JR., J. F.; STRAUBE, F. C.; ROOS, A. L. **Ornitologia e Conservação: da Ciência às Estratégias**. Tubarão: Unisul, 2001. p. 39-48.
- DIETZ, P. Parâmetros da rede viária e sua otimização. In. DIETZ, P.; GRAMMEL, R.; MALINOVSKI, J. R. (Ed). In: CURSO DE ATUALIZAÇÃO SOBRE SISTEMAS DE EXPLORAÇÃO E TRANSPORTE FLORESTAL, 4., 1983, Curitiba. **Resumos...**, Curitiba: UFPR, 1983a, p.22-35.

- DIXO, M.; FUENTES, R.A.G. Herpetofauna. In: TABANEZ, M.F.; ZANCHETTA, D. **Plano de Manejo do Parque Estadual de Porto Ferreira**. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, Instituto Florestal, 2003.
- DORNAS, R.A.P.; KINDEL, A.; BAGER, A.; FREIRAS, S.R. Avaliação da mortalidade de vertebrados em rodovias no Brasil. In: BAGER, A. **Ecologia de estradas**. Lavras: Ed. UFLA, 2012. p. 139-152.
- DURIGAN, G.; BAITELLO, J.B.; FRANCO, G.A.D.C.; SIQUEIRA, M. F. **Plantas do cerrado paulista: imagens de uma paisagem ameaçada**. São Paulo: Páginas & Letras Editora e Gráfica, 2004. 475p.
- DURIGAN, G.; CONTIERI, W.A.; FRANCO, G.A.D.C.; GARRIDO, M.A.O. Indução do processo de regeneração da vegetação de cerrado em área de pastagem, Assis, SP. **Acta Botanica Brasilica**, v. 12, n.3, p. 421-429, 1998.
- DURIGAN, G.; SIQUEIRA, M.F.; FRANCO, G.A.D.C. Threats to the Cerrado remnants of the State of São Paulo, Brazil. **Scientia Agricola**, v. 4, n. 64, p. 355-363, 2007.
- EITEN, G. Habitat flora of Fazenda Campininha, São Paulo, Brazil. In: FERRI, M.G. **Simpósio sobre o Cerrado**. São Paulo: Edgard Blücher e EDUSP, 1963. p.157-202.
- EKEN, G.; BENNUN, L.T.M.; DARWALL, D.; FISHPOOL, L.D.C.; FOSTER, M.; KNOX, D.; LANGHAMMER, P.; MATIKU, P.; RADFORD, E.; SALAMAN, P.; SECHREST, W.; SMITH, M. L.; SEPECTOR, S.; TORDOFF, A. A key biodiversity areas as site conservation targets. **BioScience**, v. 54, p. 1110-1118, 2004.
- EMBRAPA. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Embrapa Solos. 2006, 306p.
- EMMONS, L.H; FEER, F. **Neotropical Rainforest Mammals: a field guide**. Chicago: University of Chicago Press, 2nd edition, 307p, 1997.
- ESPARTOSA, K. **Mamíferos terrestres de maior porte e a invasão de cães domésticos em remanescentes de uma paisagem fragmentada de Mata Atlântica: avaliação da eficiência de métodos de amostragem e da importância de múltiplos fatores sobre a distribuição das espécies**. Dissertação (Mestrado em Ciências – área de Ecologia) – Instituto de Biociências, USP, São Paulo. 2009.

- ESTEVES, K.E., SENDACZ, S., LÔBO, A.V.P.; XAVIER, M.B. Características físicas, químicas e biológicas de três lagoas marginais do rio Mogi Guaçu (SP) e avaliação do seu papel como viveiro natural de espécies de peixes reofílicos. **B. Inst. Pesca**, v. 26, n. 2, p. 169-180, 2000.
- FAHRIG, L. Effects of Habitat Fragmentation on Biodiversity. **Annual Review of Ecology, Evolution, and Systematics**, v. 34, n. 1, p. 487-515, 2003.
- FAO. **Watershed management field manual**: road design and construction in sensitive Watersheds. Rome, 1989. 218 p.
- FERNANDES, F.R. **Área de vida de *Gracilinanus microtarsus* (Didelphimorphia: Didelphidae): Inferências baseadas nos métodos do polígono convexo mínimo e da modelagem estatística**. Dissertação de Mestrado. UNICAMP - Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo, 2007.
- FERREIRA, L.O. **Inventário preliminar de mamíferos não voadores da fazenda Campininha, visando a educação ambiental**. Monografia. Uniararas - Centro Universitário Hermínio Ometto de Araras. Araras, SP. 50 pgs. 2003.
- FIGUEIRA, C.J.M.; PIRES, J.S.R.; ANDRIOLO, A.; COSTA, M. J. R. P.; DUARTE, J. M. B. Marsh deer (*Blastocerus dichotomus*) reintroduction in the Jataí ecological station (Luís Antônio, SP): spatial preferences. **Brazilian Journal of Biology**, v. 65, n. 2, p. 263-270, 2005.
- FONSECA, G.A.B.; HERRMANN, G.; LEITE, Y.L.R.; MITTERMEIER, R.A.; RYLANDS, A.B.; PATTON, J.L. Lista Anotada de Mamíferos do Brasil. **Occasional Paper**, n. 4, p. 1-38. 1996.
- FREDRIKSEN, R.L. **Erosion and sedimentation following road construction and timber harvest on unstable soils in three small western Oregon watersheds**. Portland, Oregon: USDA, Forest Service. 1970, p. 1-15. (USDA Forest Service Research Paper PNW-104).
- FREEZE, R.A.; CHERRY, J.A. **Groundwater**. Englewood Cliffs, NJ: Ed. Prentice Hall, 1979. 604 p.
- FREITAS, A.V.L., LEAL, I.R., UEHARA-PRADO, M., IANUZZI, L. Insetos como indicadores de conservação da paisagem. In: ROCHA, C.F.D.; BERGALLO, H.G., VAN SLUYS, M., ALVES, M.A. **Biologia da Conservação**: essências. São Carlos, SP: Rima. 2006.

Páginas 357-384.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Manual Técnico da Vegetação Brasileira. **Série Manuais Técnicos em Geociências**: Rio de Janeiro: Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais: IBGE, n. 1, 92p., 1992.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **IBGE Cidades** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística disponível <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> . Acesso em: 2 de março de 2010.

GALETTI Jr., P.M.; ESTEVES, K.E.; LIMA, N.R.W.; MESTRINER, C.A.; CAVALLINI, M.M.; CESAR, A.C.G.; MIYAZAWA, C.S. Aspectos comparativos da ictiofauna de duas lagoas marginais do rio Mogi Guaçu (Alto Paraná – Estação Ecológica do Jataí, SP). **Acta Limnol. Bras.**, v. 3, n. 2, p. 865-885, 1990.

GALETTI, M.; SAZIMA, I. Impact of feral dogs in an urban Atlantic forest fragment in southeastern Brazil. **Natureza & Conservação**, v. 4, n. 1, p. 146-151, 2006.

GARGAGLIONI, L.H., BATALHÃO, M.E., LAPENTA, M.J., CARVALHO, M.F., ROSSI, R.V.; VERULI, V.P. Mamíferos da Estação Ecológica de Jataí, Luiz Antônio, São Paulo. **Papéis avulsos de Zoologia**, v. 40, n. 17, p. 267-287, 1998.

GASCON, C.; LOVEJOY, T.E.; BIERREGAARD JR., R.O.; MALCOLM, JR.; STOUFFER, P.C.; VASCONCELOS, H.L.; LAURANCE, W.F.; ZIMMERMAN, B.; TOCHER, M.; BORGES, S. Matrix habitat and species richness in tropical forest remnants. **Biological Conservation**, v. 91, 223-229, 1999.

GASPAR, D.A. **Comunidade de mamíferos não-voadores de um fragmento de floresta Atlântica semidecídua do município de Campinas, SP**. 2005. Tese (Doutorado em Ecologia) – Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GERY, J. The fresh-water fishes of South América. In. E.J. FITTKAU et al. **Biogeography and ecology in South America, vol. 2**. Junk, The Hague, 1969, p. 828-848.

GIBBS, J.P. Demography versus habitat fragmentation as determinants of genetic variation in wild populations. **Biological Conservation**, v. 100, p. 15-20, 2001.

- GIBBS, P.E. & LEITÃO FILHO, H.F. Floristic composition of an area of gallery forest near Mogi-Guaçu, State of São Paulo, SE Brazil. **Revista Brasileira de Botânica**. v. 1, p. 151-156. 1978.
- GIBBS, P.E., LEITÃO-FILHO, H.F.; ABBOTT, R.J. Application of the point-centred quarter method in a floristic survey of an area of gallery forest at Mogi Guaçu, SP, Brazil. **Revista Brasileira de Botânica**, v.3, n.1/2, p.17-22, 1980.
- GILLIES, C.; CLOUT, M. The prey of domestic cats (*Felis catus*) in two suburbs of Auckland City, New Zealand. **Journal of Zoology**, v. 259, p. 309-315, 2003.
- GIOVANELLI, J.G.R. Diversidade de anfíbios anuros em cerradão e plantio de eucalipto em Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Anais do III Congresso Latino Americano de Ecologia**, São Lourenço – MG, 2009.
- GIUDICE-NETO, J. Relatório de atividades de administração de pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96): 19 de junho de 2006 a 17 de junho de 2009. Mogi Guaçu, 2009. 26p.
- GODOY, M.P. **Peixes do Brasil – subordem Characoidei, bacia do rio Mogi Guassu**. Franciscana, São Paulo, 1975.
- GONÇALVES, C.S.; BRAGA, F.M.S. Diversidade e ocorrência de peixes na área de influência da UHE Mogi Guaçu e lagoas marginais, bacia do alto rio Paraná, São Paulo, Brasil. **Biota Neotropica**, v. 8, n. 2, p. 103-114, 2008.
- GONÇALVES, J.L.M. Conservação do solo. In. GONÇALVES, J.L.M.; STAPE, J.L. **Conservação e cultivo de solos para plantações florestais**. Piracicaba: IPEF, 2002. cap. 2, p. 47-129.
- GONÇALVES, C.S. **Biologia alimentar da ictiofauna da área de influência do Reservatório da usina Mogi Guaçu e lagoas marginais na Estação Ecológica – Fazenda Campininha (SP)** – Dissertação para obtenção do Título de Mestre em Ciências Biológicas (Área de Concentração: Zoologia) – Instituto de Biociências - Universidade Estadual Paulista – Campus Rio Claro, 120p., 2007.
- GONZAGA, L.P.; CASTIGLIONI, G. **Aves das Montanhas do Sudeste do Brasil**. Manaus: Sonopress, 2001. CD.
- GRAÇA W. J.; PAVANELLI, C.S. **Peixes da planície de inundação do Alto rio Paraná e áreas adjacentes**. Maringá: EDUEM, 241p, 2007.

- GRACE III, J.M. Forest road sideslopes and soil conservation techniques. **Journal of Soil and Water Conservation**, Ankeny, v. 55, p. 1-9, 2000.
- GREENBERG, C.H.; NEARY, D.G.; HARRIS, L.D. A comparison of herpetofaunal sampling effectiveness of pitfall, single-ended, and double-ended funnel traps with drift fences. **Journal of Herpetology**, v. 28, p. 319-324, 1994.
- GRELLE, C.E.V.; GARCIA, Q.S. Potential dispersal of *Cecropia hololeuca* by the common opossum (*Didelphis aurita*) in Atlantic forest, southeastern Brazil. **Rev. Ecol.-Terre Vie**, v. 54, p. 327-332, 1999.
- GRIGERA, D.E.; RAPOPORT, E.H. Status and Distribution of the European Hare in South America. **Journal of Mammalogy**, Vol. 64, No. 1 (Feb., 1983), pp. 163-166.
- GROOM, M.J. Consequences of subpopulation isolation for pollination, herbivory, and population growth in *Clarkia concinna concinna* (Onagraceae). **Biological Conservation**, v. 100, p. 55-56, 2001.
- GUARATINI, M.T.G. **Banco de sementes de uma floresta ripária no rio Mogi Guaçu, Município de Mogi Guaçu, SP**. Dissertação em Ciências Biológicas do Instituto de Biologia da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1994. 124p.
- GUSSONI, C.O.A. Avifauna de cinco localidades no município de Rio Claro, Estado de São Paulo, Brasil. **Atualidades Ornitológicas**, n. 136, 2007.
- HADDAD, C.F.B. **Biodiversidade dos anfíbios no estado de São Paulo**. In: CASTRO, R.M.C. (Ed.). CASTRO, R.C.M.; JOLY, C.A.; BICUDO, C.E.M. Biodiversidade do Estado de São Paulo: Síntese do conhecimento ao final do século XX: Vertebrados. 1 ed. São Paulo. 1998. p. 16-26.
- HADDAD, C.F.B.; ABE, A.S. **Anfíbios e Répteis**. Workshop Mata Atlântica e Campos Sulinos, 1999. Disponível em: <http://www.bdt.fat.org.br/workshop/mata.atlantica/BR/rfinais/rt_anfibios>. Acesso em: 3 de setembro de 2007.
- HAMMER, O.; HARPER, D. A. T.; RYAN, P. D. PAST. Paleontological Statistics software package for education and data analysis. **Paleontologia Electronica**, v. 4, n. 1, 9 p. (<http://folk.uio.no/ohammer/past>), 2001.
- HENLE, K. et al. Predictors of species sensitivity to fragmentation. **Biodiversity and Conservation**, v. 13, p. 207-251, 2004.

- HENRY, R. Os ecótonos nas interfaces dos ecossistemas aquáticos; conceitos, tipos, processos e importância. In. HENRY, R. (Ed). **Ecótonos nas interfaces dos ecossistemas aquáticos**. Rima, 2003. cap.1, 1-28.
- HEYER, W.R.; DONNELLY, M.A.; MCDIARMID, R.W.; HAYEK, L.C.; FOSTER, M.S. **Measuring and monitoring biological diversity: standard methods for amphibians**. Arlington: Smithsonian Institution, 1994. 364p.
- ILOCAL. **Guia de Cidades - Mogi Guaçu**. Disponível em: < <http://www.ilocal.com.br/guia-de-cidades/mogi-guacu.aspx>>. Acesso em: 25 out. 2009.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL - IBPS. Notícia "**Instituto Florestal obtém reintegração de posse de área invadida em Mogi Guaçu**". Disponível em: < <http://ibps.com.br/2003/03/10/>>. Acesso em 10 de novembro de 2009.
- INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS – IBAMA. **Roteiro Metodológico de Planejamento: Parque Nacional, Reserva Biológica, Estação Ecológica**. Brasília: IBAMA, 2002. 136 p.
- INSTITUTO DE BOTÂNICA - IBT – **Jardim Botânico de São Paulo**. Disponível em: <<http://www.ibot.sp.gov.br/>>. Acesso em 10 de novembro de 2009.
- INSTITUTO DE BOTÂNICA – IBT. Jardim Botânico de São Paulo. **Normas para utilização da Reserva Biológica e Estação Experimental de Mogi Guaçu - 2004**. Disponível em: http://www.ibot.sp.gov.br/UNIDADES/normas_mogi.htm . Acesso em: 25 out. 2009.
- INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO - IPT. **Mapa Geológico do Estado de São Paulo**. escala 1:1.000.000. São Paulo: IPT. 1981a.
- INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO - IPT. **Mapa Geomorfológico do Estado de São Paulo**, escala 1:1.000.000. São Paulo: IPT. 1981b.
- INSTITUTO FLORESTAL – IF – Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.iflorestal.sp.gov.br/default.asp> Acesso em 10 de novembro de 2009.
- INSTITUTO FLORESTAL – IF. **EEco Mogi Guaçu**. Disponível em: < http://www.iflorestal.sp.gov.br/unidades_conservacao/informacoes.asp?cod=70&ar

ea=info>. Acesso em: 25 out. 2009.

INSTITUTO FLORESTAL- IF. **Plano de Manejo do Parque Estadual de Porto Ferreira**. Secretaria do Meio Ambiente, Instituto Florestal. São Paulo. 2003.

INSTITUTO FLORESTAL-IF. COMISSÃO TÉCNICO CIENTÍFICA – COTEC. **Relatório de atividades – Triênio 2003/2005**. Disponível em: <http://www.iflorestal.sp.gov.br/pesquisa/Rel_Trienio_2003_2005.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2010.

INSTITUTO GEOGRÁFICO E CARTOGRÁFICO - IGC. **Plano Geográfico do Estado de São Paulo**. Cartas Planialtimétricas, escala 1:10.000. Cartas: 059_096; 059_097; 062_096; 006_096; 060_097; 061_096; 061_097 062_097. Governo do Estado de São Paulo: Secretaria de Economia e Planejamento. 1984.

INSTITUTO GEOGRÁFICO E CARTOGRÁFICO - IGC. **Unidades Hidrográficas de Gerenciamento de Recursos Hídricos do Estado de São Paulo**. Escala 1:1000000. São Paulo, 1996.

INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE - IUCN. **Dispõe de informações sobre a lista internacional das espécies ameaçadas (Red List of Threatened Species)**. Versão 2009. Disponível em: <http://www.iucnredlist.org>. Acesso em: 4 de novembro de 2009.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Portal do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 9º Superintendência - Regional São Paulo - **Sítios arqueológicos**. Disponível em: <<http://www.arqueologiasp.org/arqueologia/v1/sitios-arqueologicos/default.asp>>. Acesso em: 4 de Nov. 2009.

JANOS, D.P., SAHLEY, C.T.; EMMONS, L.H. Rodent dispersal of vesicular-arbuscular mycorrhizal fungi in Amazonian Peru. **Ecology**, v. 76, p.1852-1858, 1995.

JOHNSON, M.A., SARAIVA, P.M.; COELHO, D. The role of gallery forests in the Distribution of cerrado mammals. **Revista Brasileira de Biologia**, v. 59, n. 3, p. 421-427, 1999.

JORDANO, P; GALETTI, M.; PIZO, M.A.; SILVA, W.R. Ligando Frugivoria e Dispersão de Sementes à Biologia da Conservação. In: ROCHA, C. F. D.; BERGALLO, H. G.; SLUYS, M. V., ALVES, M. A. (Org.). **Biologia da Conservação: Essências**. São

- Carlos: RiMa, 2006. p. 411-436.
- JUNK, W.J.; MELLO, J.A.S.N. Impactos ecológicos das represas hidrelétricas na bacia amazônica brasileira. **Estudos Avançados**, v. 4, n. 8, 1990. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v4n8/v4n8a10>>. Acesso em: 02 ago. 2013.
- KRONKA, F.J.N.; NALON, M.A.; MATSUKUMA, C.K. **Inventário florestal da vegetação natural do estado de São Paulo**. Secretaria do Meio Ambiente, Instituto Florestal, Imprensa Oficial, São Paulo, 2005.
- KUBTIZA, F. Tanques-rede, rações e impacto ambiental. **Panorama da Aquicultura**, v. 9, n. 51, p. 44-50, 1999.
- LANGANI, F. et al. Diversidade da ictiofauna do Alto rio Paraná: composição atual e perspectivas futuras. **Biota Neotropica**, v.7, n.3, p. 181 – 197, 2007.
- LECHNER, L. 2006. Planejamento e Implantação e Manejo de Trilhas em Unidades de Conservação. Fundação O Boticário de Proteção à Natureza. **Cadernos de Conservação**, ano 3, n.1. 125p.
- LEMO, E.R.S.; D'ANDREA, P.S.; BONVICINO, C.R.; FAMADAS, K.M.; PADULA, P.; CAVALCANTI, A.A.; SCHATZMAYR, H.G. Evidence of hantavirus infection in wild rodents captured in a rural area of the state of São Paulo, Brazil. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 24, n. 2, p. 71-73, 2004.
- LEWINSOHN, T.M.; FREITAS, A.V.L.; PRADO, P.I. Conservation of terrestrial invertebrates and their habitats in Brazil. **Conservation Biology**, v. 19, p. 640-645, 2005.
- LIMA, E.F. **Levantamento e Censo de Primatas em Fragmentos Florestais de Mata Atlântica na Região de Sousas e Joaquim Egídio, Campinas, SP**. Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", campus Rio Claro, SP.
- LIMA, W.P.; ZAKIA, M.J.B. Saúde ambiental da microbacia. In: _____ **As florestas plantadas e a água: implementando o conceito de microbacia hidrográfica como unidade de planejamento**. São Carlos: RiMA, 2006. cap. 5, p. 61-76.
- LOURENÇO, L. **Impacto ambiental dos incêndios Florestais**. III semana de geografia física. Coimbra, 1990. p. 143-150.
- LOWE, S.; BROWNE, M.; BOUDJELAS, S.; DE POORTER, M. **100 of the World's Worst**

- Invasive Alien Species:** A selection from the Global Invasive Species Database. The Invasive Species Specialist Group: IUCN, 12pp. 2000.
- LOWE-MCCONNELL, R.H. **Estudos ecológicos de comunidades de peixes tropicais.** Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 533p, 1999.
- LUCE, C.H. Effectiveness of Road Ripping in Restoring Infiltration Capacity of Forest Roads. **Restoration Ecology**, Tucson, v. 5, n. 3, p. 265-270, 1997.
- LYRA-JORGE, M.C.; PIVELLO, V.R. 2005. Caracterização de Grupos biológicos do Cerrado Pé-de-Gigante. Capítulo 10. In: PIVELLO V.R.; VARANDA E.M. **O cerrado Pé-de-Gigante: ecologia e conservação – Parque Estadual de Vassununga.** São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente. 2005.
- LYRA-JORGE, M.C; CIOCHETI, G; PIVELLO, V.R. Carnivore mammals in a fragmented landscape in northeast of São Paulo State, Brazil. **Biodiversity and Conservation**, v. 17, p. 7, p. 1573-1580, 2008.
- MACHADO, A.B.M.; MARTINS, C.S.; DRUMMOND, G.M. **Lista das espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção.** Belo Horizonte: Fundação BIODIVERSITAS, 2005. 160 p.
- MACHADO, C.C.; MALINOVSKI, J.R. A planificação da rede rodoviária em reflorestamentos. In: SIMPÓSIO SOBRE EXPLORAÇÃO, TRANSPORTE, ERGONOMIA E SEGURANÇA EM REFLORESTAMENTOS, 1987., Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR/IUFRO, 1987. p.1-13.
- MACHADO, R.B.; RAMOS NETO, M.B.; PEREIRA, P.G.P.; CALDAS, E.F.; GONÇALVES, D.A.; SANTOS, N. S.; TABOR, K.; STEININGER, M. **Estimativas de perda da área do Cerrado Brasileiro.** Relatório técnico não publicado. Brasília: Conservação Internacional. 2004.
- MAGOSSI, L.; BONACELLA, P. **Poluição das águas.** São Paulo: Ed. Moderna, 1991. 56 p.
- MANDETTA, E.C.N. **Avaliação florística e de aspectos da estrutura da comunidade de um reflorestamento com dois anos e meio de implantação no município de Mogi Guaçu-SP.** 2007. 103f. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Rio Claro.

- MANTOVANI, J.E. **Telemetria convencional e via satélite na determinação da área de vida de três espécies de carnívoros da região nordeste do Estado de São Paulo**. Tese de Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais. São Carlos: UFSCar, 2001.
- MANTOVANI, W. **Análise florística e fitossociológica do estrato herbáceo-subarbustivo do cerrado na Reserva Biológica de Mogi Guaçu e em Itirapina, SP**. 1987. 203f. Tese (Doutorado em Ciências – Ecologia) – Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- MANTOVANI, W. **Composição e similaridade florística, fenologia e espectro biológico do cerrado da Reserva Biológica de Mogi Guaçu, Estado de São Paulo**. Campinas, 1983. 147p. Dissertação (Mestrado em Biologia - Ecologia) – Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- MANTOVANI, W.; LEITÃO FILHO, H.F.; MARTINS, F.R. Chave baseada em caracteres vegetativos para identificação de espécies lenhosas do cerrado da Reserva Biológica de Mogi Guaçu, Estado de São Paulo. **Hoehnea**, v. 12, p. 35-56. 1985.
- MANTOVANI, W.; MARTINS, F.R. Florística do cerrado na Reserva Biológica de Mogi Guaçu, SP. **Acta Botânica Brasilica**. v. 7, p. 33-60. 1993.
- MANTOVANI, W.; MARTINS, F.R. Variações fenológicas das espécies de cerrado da Reserva Biológica de Mogi Guaçu, Estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Botânica**, v. 11, p. 101-112, 1988.
- MANTOVANI, W.; ROSSI, L.; ROMANIUC NETO, S.; ASSAD-LUDEWIGS, I.Y.; WANDERLEY, M.G.L.; MELO, M.M.R.F. & TOLEDO, C.B. Estudo fitossociológico de áreas de mata ciliar em Mogi-Guaçu, SP, Brasil. In: BARBOSA, L.M. (Coord.). **Simpósio sobre Mata Ciliar**. Campinas: Fundação Cargill, 1989. 335p.
- MARINHO-FILHO, J.; RODRIGUES, F.H.G.; JUAREZ, K.M. 2002. The Cerrado Mammals: Diversity, Ecology, and Natural History. In: OLIVEIRA, P.S.; MARQUIS, R.J. **The Cerrados of Brazil: ecology and natural history of a neotropical savanna**. New York: Columbia University Press, 2002, pp. 266-284.
- MARQUES, O.A.V.; MARTINS, M.; ABE, A.S. **Estudo diagnóstico da diversidade de répteis do Estado de São Paulo**. In: CASTRO, R.C.M.; JOLY, C.A.; BICUDO, C.E.M. (Ed.) Biodiversidade do Estado de São Paulo: Síntese do conhecimento ao

- final do século XX: Vertebrados. 1 ed. São Paulo. 1998. p. 29-38.
- MARTINS, M.M.; SETZ, E.Z.F. Diet of Buffy Tufted-Eared Marmosets (*Callithrix aurita*) in a Forest Fragment in Southeastern Brazil. **International Journal of Primatology**, v. 21, n. 3, p. 467-476. 2000.
- MAZZONI R.; LOBON-CERVIÁ, J. Longitudinal structure, density and production rates of a neotropical stream fish assemblage: the river Ubatiba in the Serra do Mar, southeast Brazil. **Ecography**, v. 23, p. 588-602, 2000.
- MENEZES, N.A. Methods for assessing freshwater fish diversity. In. BICUDO, C.E.M.; MENEZES, N.A. **Biodiversity in Brazil: a first approach**. São Paulo: CNPq, 1996, p. 289-295.
- MESCHIATTI, A.J. **Ecologia de peixes associados às macrófitas em duas lagoas marginais do rio Mogi-Guaçu**. Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. SANTOS, J.E.S. & PIRES, J.S.R. 2000. Estudos integrados em ecossistemas: Estação Ecológica de Jataí. RIMA, São Carlos, v.2, 1998.
- MESCHIATTI, A.J.; ARCIFA, M.S. A review on the fishfauna of Mogi Guaçu River basin: a century of studies. **Acta. Limnol. Bras.**, v. 21, n. 1, p.135-159, 2009.
- METZGER, J.P.; MARTENSEN, A.C.; DIXO, M; BERNACCI, L.C.; RIBEIRO, M.C.; TEIXEIRA, A.M.G.; PARDINI, R. Time-lag in biological responses to landscape changes in a highly dynamic Atlantic forest region. **Biological Conservation**, v. 142, p. 1166-1177, 2009.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS - INEP - **Censo da Educação Superior** , 2007.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS - INEP , **Censo Educacional**, 2008.
- MIRANDA, A.I. **Efeito dos incêndios florestais na qualidade do ar**. Tese de doutorado em Ciências Aplicadas ao Ambiente, Universidade de Aveiro. Aveiro, 1998. 217 p. Disponível em: <<http://www.cesumar.br/dcl/cienciasbiologicas3/arquivos/uc.pdf#page=133>>.
Acesso em: 02 ago. 2013.
- MIRANDA, E. E. de; (Coord.). **Brasil em Relevo**. Campinas: Embrapa

- Monitoramento por Satélite, 2005. Disponível em <<http://www.relevobr.cnpm.embrapa.br>>. Acesso em: 19 de outubro de 2009.
- MITTERMEIER, R.A.; FONSECA, G.A.B.; RYLANDS, A.B.; BRANDON, K.A. Brief History of Biodiversity Conservation in Brazil. **Conservation Biology**, v. 19, n. 3, p. 601–607, 2005.
- MODNA, D.; DURIGAN, G.; VITAL, M.V.C. *Pinus elliottii* Engelm como facilitadora da regeneração natural da mata ciliar em região de Cerrado, Assis, SP, Brasil. **Scientia Forestalis**, Sci. For., Piracicaba, v. 38, n. 85, p. 73-83, mar. 2010.
- MOGI GUAÇÚ. Lei nº 926, de 19 de junho de 2008. **Dispõe sobre a alteração da lei de zoneamento do plano diretor de desenvolvimento integrado (PDDI) de Mogi Guaçu**. Disponível em: <<http://www.camaramogiguacu.sp.gov.br/>> Acesso em 09 de novembro de 2009.
- MOGI GUAÇÚ. Lei nº 968, de 05 de novembro de 2008. **Dispõe sobre a revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado (PDDI) de Mogi Guaçu e dá outras providências**. Disponível em: <<http://www.camaramogiguacu.sp.gov.br/>> Acesso em 09 de novembro de 2009.
- MORELLATO, L.P.C.; HADDAD, C.F.B. Introduction: the brazilian Atlantic Forest. **Biotropica**, v. 32, p. 786-792, 2000.
- MUÑOZ, S.I. **Impacto ambiental na área do aterro sanitário e incinerador de resíduos sólidos de Ribeirão Preto, SP**: Avaliação dos níveis de metais pesados. Tese de Doutorado em Enfermagem em Saúde Pública. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2002. 131 p.
- MUSKIN, A. Field notes and geographic distribution of *Callithrix aurita* in Eastern Brazil. **American Journal of Primatology** 7 (4): 377-380. 1984.
- MYERS, N.; MITTERMEIER, R.A.; MITTERMEIER, C.G.; FONSECA, G.A.B.; KENT, J. Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature* 403: 853-858. 2000.
- NERI, F.M. **Ecologia e conservação de catetos, *Tayassu tajacu*, (linnaeus, 1758) (*Artiodactyla*, *Tayassuidae*) em áreas de cerrado do estado de São Paulo**. Tese de doutorado. UFSCAR Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP. 148 pgs, 2004.

NUNES, A.P.; TOMAS, W.M. **Aves migratórias e nômades ocorrentes no Pantanal**. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2008.

O GLOBO. **Aproveite as férias para visitar as reservas florestais de SP**. Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/sp/mat/2008/01/02/327844417.asp>>. Acesso em: 25 out. 2009.

OLIVEIRA, J.B. **Carta pedológica do Estado de São Paulo: Mogi-Mirim**. Rio de Janeiro, Aerofoto Cruzeiro do Sul. 1992. Mapa, escala 1:100.000.

OLIVEIRA, J.B.; BARBIERI, J.L.; ROTTA, C.L.; TREMOCOLDI, W. **Levantamento pedológico semidetalhado do Estado de São Paulo: Quadricula de Araras**. Campinas: Instituto Agrônomo, 1982. Mapa, escala 1:100.000 (Boletim Técnico, 72).

OLIVEIRA, J.B.; CAMARGO, M.N.; ROSSI, M.; CALDERANO FILHO, B. **Mapa pedológico do Estado de São Paulo: legenda expandida**. Campinas: Instituto Agrônomo; Rio de Janeiro: Embrapa-Solos, 1999. Mapa, escala 1:500.000.

OLIVEIRA, V.B.; LINARES, A M.; CORRÊA, G.L.C.; CHIARELLO, A.G. Predation on the black capuchin monkey *Cebus nigritus* (Primates: Cebidae) by domestic dogs *Canis lupus familiaris* (Carnivora: Canidae), in the Parque Estadual Serra do Brigadeiro, Minas Gerais, Brazil. **Revista Brasileira de Zoologia** 25 (2): 376-378. 2008.

PACHECO, J. F.; BAUER, C. Biogeografia e conservação da Avifauna da Mata Atlântica e Campos Sulinos – construção e nível atual do conhecimento. **Workshop Avaliação e Ações Prioritárias para a Conservação dos Biomas Floresta Atlântica e Campos Sulinos**. Síntese dos resultados e relatório Final do Grupo Temático Aves. Disponível em: <http://www.conservation.org.br/ma/rfinais/rt_aves.html>, 2000.

PARDINI, R. Effects of forest fragmentation on small mammals in an Atlantic Forest landscape. **Biodiversity and Conservation**, v. 13, n. 13, p. 2567-2586, 2004.

PARDINI, R.; DITT, E.H.; CULLEN JR, L.; BASSI, C.; RUDRAN, R. Levantamento rápido de mamíferos terrestres de médio e grande porte. In: CULLEN JR, L.; RUDRAN, R., VALLADARES-PÁDUA, C. (Eds). **Métodos de estudo em biologia da conservação e manejo de vida silvestre**. Curitiba: Editora da UFPR, Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, 2003, pp 181-202.

- PARDINI, R.; UMETSU, F. Pequenos mamíferos não-voadores da Reserva Florestal do Morro Grande – distribuição das espécies e da diversidade em uma área de Mata Atlântica. *Biota Neotropica*, v. 6, n. 2, p. 1-22, 2006.
- PERFIL MUNICIPAL. Perfil municipal, 2009 - Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/perfil/perfil.php> . Acesso em: 2 de março de 2010.
- PERROTTA, M.M.; SALVADOR, E.D.; LOPES, R.C.; D'AGOSTINO, L.Z.; Peruffo, N.; GOMES, S.D.; SACHS, L.L.B.; MEIRA, V.T.; GARCIA, M.G.M.; LACERDA FILHO, J.V. **Mapa Geológico do Estado de São Paulo**, escala 1:750.000. Programa Geologia do Brasil - PGB, CPRM, São Paulo. 2005.
- PINTO, M. M., GIUDICE NETO, J. Del, BATISTA, E. A., TOLEDO FILHO, D.V. & MOTA, I.S. Vegetação nativa das unidades de conservação e produção de Mogi Guaçu. In: **Coletânea de Trabalhos do Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação**. Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, São Paulo. 1997.
- PINTO, M.M.; GIUDICE NETO, J. Del; PARENTE, P.R. Análise dos fatores abióticos e bióticos das unidades de conservação de Mogi Guaçu. In: _____ Org. Plano integrado das Unidades de Conservação de Mogi Guaçu. Cap. 2. p. 1-63. 2005.
- PINTO, M.M.; GIUDICE NETO, J. Del; PARENTE, P.R.; SILVA, D.A. Unidades de Conservação de Mogi-Guaçu: Diagnóstico ambiental e ações de manejo integrado necessárias À conservação da biodiversidade e uso público. In: MANTOVANI, M. S. M.; GLEZER, R. (Eds). **Parques Urbanos: preservação e lazer nas áreas públicas**. 2009, p. 221-236.
- PIRES, M.M. Omnivory by *Micoureus paraguayanus* (Didelphimorphia: Didephidae) in a Brazilian Cerrado remnant: diet composition and dietary seasonality. In: **Anais do III Congresso Latino Americano de Ecologia**. São Lourenço/MG. 2009.
- PIZO, M.A. A conservação das aves frugívoras. In: ALBUQUERQUE, J.L.; CÂNDIDO, J.F.; STRAUBE, F.C.; ROOS, A.L. (Eds.) **Ornitologia e Conservacao**: da ciência às estratégias. Tubarão: Unisul, p. 49-59, 2001.
- PRADO, V.H.M.; SILVA, F.R.; DIAS, N.Y.N.; PIRES, J.S.R.; ROSSA-FERES, D.C. Anura, Estação Ecológica de Jataí, São Paulo state, southeastern Brazil. **Check List** (São Paulo. Online), v. 5, p. 495-502, 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARARAS - <http://www.araras.sp.gov.br/> . Acesso em 21 de Out. 2009

PREFEITURA MUNICIPAL DE CONCHAL - <http://www.conchal.sp.gov.br/> . Acesso em: 21 de Out. 2009

PREFEITURA MUNICIPAL DE MOGI GUAÇU - <http://www.mogiguacu.sp.gov.br/cidade.php>. Acesso em : 21 de Out. 2009.

PROBIO. **Áreas prioritárias para biodiversidade.** Disponível em: <http://www.mma.gov.br>. Acessado em: 18 de Agosto de 2009.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD. Brasil <http://www.pnud.org.br> . Acesso em: 05 de Nov. 2009.

PROJETO LUPA. **Levantamento Censitário das Unidades de Produção Agropecuárias do Estado de São Paulo.** Disponível em < <http://www.cati.sp.gov.br/projetolupa/>>. Acesso em 3 de março de 2010.

RAMOS, V.S.; DURIGAN, G.; FRANCO, A.D.C.; SIQUEIRA, M.F.; RODRIGUES, R.R. **Árvores da floresta estacional semidecidual: guia de identificação de espécies.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Biota/Fapesp. 2008. 320p.

REIS, N.R.; PERACCHI, A.L.; PEDRO, W.A.; LIMA, I.P. **Mamíferos do Brasil.** 437p. Londrina, Paraná, Brasil, 2006.

RIBEIRO, M.C.; METZGER, JP; MARTENSEN, A.C.; PONZONI, F.J.; HIROTA, M.M. The Brazilian Atlantic Forest: How much is left, and how is the remaining forest distributed? Implications for conservation. **Biological Conservation** 142 (6): 1141-1153. 2009.

RIBON, R.; SIMON, J.E.; MATTOS, G.T. Bird extinctions in Atlantic Forest Fragments of the Viçosa Region, Southeastern Brazil. **Conservation Biology**, v. 17, n. 6, p. 1827-1839, 2003.

ROCHA, S.P.B.; DA SILVA, G.C.S.; DE MEDEIROS, D.D. **Análise dos Impactos Ambientais causados pelos Postos de distribuição de combustíveis:** uma visão integrada. XXIV Encontro Nacional de Engenharia de Produção. Florianópolis, 2004.

RODRIGUES, R.R. Uma discussão nomenclatural das formações ciliares. In:

- RODRIGUES, R. R.; LEITÃO FILHO, H.F. **Matas Ciliares: conservação e recuperação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2000.
- RODRIGUES, R.R.; BONONI, V.L.R. **Diretrizes para a conservação e recuperação da Biodiversidade no Estado de São Paulo**. 1. ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008. 248 p.
- RODRÍGUEZ, J.P. Exotic species introduction into South America: an underestimated threat? **Biodiversity and Conservation** 10: 1981-1996. 2001.
- ROSSA-FERES, D.C.; MARTINS, M.; MARQUES, O.A.V.; MARTINS, I.A.; SAWAYA, R.J.; HADDAD, C.F.B.. **Herpetofauna**. In: RODRIGUES, R.R.; BONONI, V.L.R. (Eds.). **Diretrizes para a conservação e restauração da biodiversidade no estado de São Paulo**. 1. ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008.
- RUIZ-MIRANDA, C.R.; AFFONSO, A.G.; MARTINS, A.; BECK, B. Distribuição do sagüi (*Callithrix jacchus*) nas áreas de ocorrência do mico-leão-dourado (*Leontopithecus rosalia*) no Estado do Rio de Janeiro. **Neotropical Primates**, 8(3): 98-101. 2000.
- RYLANDS, A.B, MITTERMEIER, R.A., OLIVEIRA, M.M.; KIERULFF, M.C.M. 2008. **Callithrix jacchus**. In: IUCN 2009. IUCN Red List of Threatened Species. Version 2009.2. <www.iucnredlist.org>. Downloaded on 09 February 2010.
- SACHS, L.L.B; BATISTA, I.H.B.; SILVA, V.A. 2006. **Mapa de Recursos Minerais do Estado de São Paulo** – Integração na escala 1:750.000. Programa Geologia do Brasil - PGB, CPRM, São Paulo.
- SAMWAYS, M.J. 1995. **Insect Conservation Biology**. Chapman &Hall, London. xv +358pp.
- SANTOS, A.J. Estimativas de riqueza em espécies. In: CULLEN, Jr. L.; PRUDAN R.; VALLADARES-PÁDUA, C (Eds.). **Métodos de estudo em biologia da conservação e manejo da vida silvestre**. Curitiba: Editora UFPR, 2003, pp. 19-41.
- SANTOS, A.R.; PASTORE, E.L.; AUGUSTO, F.; CUNHA, M.A. **Estradas vicinais de terra**: manual técnico para conservação e recuperação. São Paulo: IPT, 1985. 140p.
- SANTOS, J.E.S.; PIRES, J.S.R. . **Estudos integrados em ecossistemas: Estação Ecológica de Jataí**. RIMA, São Carlos, v.2, 2000.

- SANTOS, S.A.M.; SCHIAVETTI, A.; DEBERDT, A.J. **O estudo de bacias hidrográficas: uma estratégia para educação ambiental.** 2. ed. São Carlos: Rima, 2003. 202 p.
- SANTOS, T.G.; SPIES, M.R.; KOPP, K.; TREVISAN, R.; CECHIN, S.Z. Mamíferos do campus da Universidade Federal de Santa Maria , Rio Grande do Sul, Brasil. **Biota Neotropica** 8 (1): 125-131. 2008.
- SANTOS, T.G.; VASCONCELOS, T.S.; ROSSA-FERES, D.C.; HADDAD, C.F.B. Anurans of a seasonally dry tropical forest: Morro do Diabo State Park, Sao Paulo state, Brazil. **Journal of Natural History**, v. 43, p. 973-993, 2009.
- SÃO PAULO (Estado). Decreto nº 53.494 de 2 de outubro de 2008. **Declara as Espécies da Fauna Silvestre Ameaçadas, as Quase Ameaçadas, as Colapsadas, Sobreexplotadas, Ameaçadas de Sobreexplotação e com dados insuficientes para avaliação no Estado de São Paulo e dá providências correlatas.** Diário Oficial do Estado, v. 118, n. 187, 3 de outubro de 2008.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. Resolução SMA nº 48 de 21 de setembro de 2004. **Lista das Espécies Ameaçadas de Extinção no Estado de São Paulo.** Disponível em: <www.ambiente.sp.gov.br/contAmbientaLegislaçãoAmbienta_res.php>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2009.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. Resolução Resolução SMA nº 33 de 03 de maio de 2013. Define as diretrizes que deverão nortear o estabelecimento de zonas de amortecimento, de que tratam os artigos 25 e 2º, inciso XVIII, da Lei Federal nº 9.985, de 18 de julho de 2000, e dá providências correlatas. **Diário Oficial do Estado**, 04 de mai 2013, seção I, p. 68.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. Resolução SMA nº 32 de 03 de maio de 2013. Define o procedimento a ser adotado para a aprovação de Plano de Manejo de Unidades de Conservação, e dá providências correlatas. **Diário Oficial do Estado**, 04 de mai 2013, seção I, p. 68.
- SÃO-BERNARDO, C.S.; GALETTI, M. Densidade e tamanho populacional de primatas em um fragmento florestal no sudeste do Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, v. 21, n. 4, p. 827-832, 2004.
- SAWAYA, R.J.; MARQUES, O.A.V.; MARTINS, M. Composição e história natural das serpentes de Cerrado de Itirapina, São Paulo, sudeste do Brasil. **Biota Neotropica**

(Ed. Portuguesa), v. 8, p. 127-148, 2008.

SCHAEFER, S.A. Conflict and resolution: impact of new taxa on phylogenetic studies of the neotropical cascudinhos (Siluroidei: Loricariidae). In: MALABARBA, L.R.; REIS, E.; VARI, R.P.; LUCENA, Z.M.S. & LUCENA, C.A.S. (Eds.). **Phylogeny and Classification of Neotropical Fishes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p. 375-400.

SCHONEWALD-COX, C.; BUECHNER, M. Park protection and public roads. In: FIELDER, P. L.; JAIN, S. K. (Eds.). **Conservation Biology: The Theory and practice of nature conservation, preservation and management**. London: Chapman and Hall, 1992. p. 375-395.

SCOSS, L.M.; JÚNIOR, P.D.; SILVA, E.; MARTINS, S.V. Uso de parcelas de areia para o monitoramento de impacto de estradas sobre a riqueza de espécies de mamíferos. **Revista Árvore**, v.28, n.1, p.121-127, 2000.

SEBBENN, A.M.; KAGEYAMA, P.Y.; VENCOVSKY, R. Conservação genética in situ e número de matrizes para a coleta de sementes em população de Genipa americana L. **Scientia Forestalis**, n.63, p.13-22, jun.2003.

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE - SMA / Instituto de Botânica. **Termo de Referência: Tomada de Preços de Estudos Sócio-Econômico-Ecológico e Legislativo para Caracterização, Zoneamento e Planejamento Estratégico visando a implantação do Plano de Manejo Integrado das Unidades de Conservação de Proteção integral de Mogi-Guaçu: Reserva Biológica de Mogi-Guaçu e Estação Ecológica de Mogi-Guaçu**. São Paulo, Agosto, 2007.

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE - SMA. **Relatório de Qualidade Ambiental**. Estado de São Paulo, 2006.

SENTELHAS, P.C.; PEREIRA, A.R.; MARIN, F.R.; ANGELOCCI, L.R.; ALFONSI, R.R.; CARAMORI, P.H.; SWARTS, S. **Balancos hídricos de 500 localidades brasileiras (1999)**. Núcleo de Monitoramento agroclimático, Departamento de Física e Meteorologia da ESALQ/USP: Disponível em <<http://www.lce.esalq.usp.br/nurma.html>>. Acesso em: 01 fev. 2010.

SERRA, V.; GROSSI, M.; PIMENTEL, V. **Lixão, aterro controlado e aterro sanitário**. Departamento de Química e Bioquímica. Universidade Estadual Paulista, campus de

- Botucatu. Botucatu, 1998. Disponível em: <www.laser.com.br/IBB/lixo/aterro/html>. Acesso em: 31 jul. 2012.
- SHEA, K.; CHESSON, P. Community ecology theory as a framework for biological invasions. **Trends in Ecology & Evolution**, v. 17, n. 4, p. 170-176. 2002.
- SICK, H. **Ornitologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SIGRIST, T. **Guia de Campo Avis Brasilis: Avifauna Brasileira**. São Paulo: Avis Brasilis, 2009.
- SILVA, J.M.C. Endemic bird species and conservation in the Cerrado Region, South America. **Biodiversity and Conservation**, v. 6, p. 435-450, 1997.
- SILVEIRA, A. **Lista preliminar cumulativa das aves observadas em Itapira – SP**. Disponível em <http://www.ultimaarcadenoe.com/avesitapira.htm>, acesso em 09 de dezembro de 2009.
- SIMÕES, F.S.; YABE, M.J.S.; MOREIRA, A.B.; BISINOTI, M.C. Avaliação do efeito da piscicultura em sistemas aquáticos em Assis e Cândido Mota, São Paulo, por indicador de qualidade da água e análise estatística multivariada. **Química Nova**, v. 30, n. 8, p. 1835-1841, 2007.
- SISTEMA DE INFORMAÇÃO AMBIENTAL – SINBIOTA. Desenvolvido com o objetivo de integrar informações geradas pelos pesquisadores vinculados ao Programa Biota/FAPESP. Disponível em: <http://sinbiota.cria.org.br/>. Acesso em: 29 de outubro de 2009
- SISTEMA NACIONAL DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA – SNUC, lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000; decreto nº 4.340, de 22 de agosto de 2002. 5.ed. aum. Brasília: MMA/SBF, 2004. 56p.
- SMITH, W.S., PEREIRA, C.C.G.F., ESPÍNDOLA, E.L.G.; ROCHA, O. A importância da zona litoral para a disponibilidade de recursos alimentares à comunidade de peixes. In: **Ecótonos nas interfaces dos ecossistemas aquáticos** (R. Henry, org.). RIMA, São Carlos, p. 233-248, 2003.
- SOULÉ, M.E.; GILPIN, M.E. The theory of wildlife corridor capability. In: SAUNDERS, D.A.; HOBBS, R.J. (Ed) **Nature conservation 2: the role of corridors**. New South Wales: Surrey Beatty & Sons, Chipping Norton, 1991. p.3-8.

SOUZA, D. **All the birds of Brazil: an identification guide**. Salvador: DALL, 2002.

SOUZA, V. C.; LORENZI, H. **Botânica Sistemática: guia ilustrado para identificação da famílias de Angiospermas da flora brasileira, baseado em APG II**. Nova Odessa: Instituto Plantarum. 640 p. 2005.

SPADOTTO, C. A.; GOMES, M.A.F.; LUCHINI, L.C.; ANDRÉA, M.M. **Monitoramento do Risco Ambiental do Agrotóxico: princípios e recomendações**. Jaguariúna: Embrapa Meio Ambiente 2004. 29 p. Disponível em: <<http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/14523/1/documentos42.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2013.

SPAROVEK, G.; Van LIER, Q.D.J.; DOURADO NETO, D. Computer assisted Koeppen climate classification: a case study for Brazil. **International Journal of Climatology**, 2007.

SPECIESLINK. Sistema distribuído de Informação que integra, em tempo real, dados primários de coleções científicas. Disponível em: <http://smlink.cria.org.br/>. Acesso em: 29 de outubro de 2009.

SRBEK-ARAUJO, A.C.; CHIARELLO, A.G. Domestic dogs in Atlantic forest preserves of south-eastern Brazil: a camera-trapping study of patterns of entrance and site occupancy rates. **Brazilian Journal of Biology**, v. 68, n. 4, p. 771-779, 2008.

STRAFFORD, J.A.; STOUFFER, P.C. Local extinctions of terrestrial insectivorous birds in a fragmented landscape near Manaus, Brazil. **Conservation Biology**, v. 13, n. 6, p. 1416-1423, 1999.

STRAUBE, F.C. Avifauna da Fazenda Barra Mansa (Arapoti, Paraná), com anotações sobre a ocupação de monoculturas arbóreas. **Atualidades Ornitológicas**, n. 142, 2008.

STRUFFALDI-DE VUONO, Y.; BATISTA, E. A.; FUNARI, F. L. Balanço hídrico na área da Reserva Biológica de Mogi-Guaçu, São Paulo - Brasil. **Hoehnea**: São Paulo. n. 13, p. 73-85. 1986.

STRUFFALDI-DE VUONO, Y.S.; BARBOSA, L. M.; BATISTA, E.A.A. Reserva Biológica de Mogi-Guaçu. **Silvicultura em São Paulo**: São Paulo. v. 16, n. 1, p. 548-558. 1982.

STRUSSMANN, C. 1991. ZUEC-MAM - Coleção de Mamíferos do Museu de Zoologia da

- UNICAMP. Universidade Estadual de Campinas. Museu de Zoologia, Instituto de Biologia. Campinas/SP. Consulta online, acesso out/2009 <<http://splink.cria.org.br/>>
- SUTACO. Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades. Notícia "Martinho Prado: Projeto Artesanato Com Biojóias Empolga Comunidade". Disponível em: <http://www.sutaco.com.br/noticias/06/20_01.html> Acesso em 10 de novembro de 2009.
- SWAINE, D.J. **Why trace elements are important.** Fuel Processing Technology, v. 65-66, p. 21-33, 2000.
- TALAMONI, S.A.; MOTTA-JUNIOR, J.C.; DIAS, M.M. Fauna de mamíferos da Estação Ecológica de Jataí e da Estação Experimental de Luiz Antônio. In: SANTOS, J.E.; PIRES, J.S.R. (Eds.) (Eds.). **Estação Ecológica de Jataí.** Volume I. São Carlos: RiMa Editora, 346 pp, 2000.
- TÓFOLI, C.F.; ROHE, F.; SETZ, E.Z.F. Jaguarundi (*Puma yagouaroundi*) (Geoffroy, 1803) (Carnivora, Felidae) food habits in a mosaic of Atlantic Rainforest and eucalypt plantations of southeastern Brazil. **Brazilian Journal of Biology**, 69 (3): 871-877. 2009.
- TOLEDO-FILHO, D.V., MELLO, A.F., CAMPOS, S.C. Aves remanescentes do município de Mogi Mirim - SP. **Fórum Ambiental da Alta Paulista**, Eixo Temático Biodiversidade e Populações Nativas, v. III, 2007.
- TOMAS, W.M.; MIRANDA, G.H.B. Uso de armadilhas fotográficas em levantamentos populacionais. In: CULLEN L. JR.; RUDRAN, R.; VALLADARES-PÁDUA, C. (Eds) **Métodos de estudo em biologia da conservação e manejo de vida silvestre.** Curitiba: Editora da UFPR, Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, pp 181-202, 2003.
- VALÉRY, L.; FRITZ, H.; LEFEUVRE, J.C.; SIMBERLOFF, D. In search of a real definition of the biological invasion phenomenon itself. **Biological Invasions** 10: 1345-1351. 2008.
- VERSFELD, D.B. Overland flow on small plots at the jonkershoek forestry research station. **South African Forestry Journal**, Pretoria, n. 119, p. 35-40, Nov.1981.
- VIA RURAL. Estação Ecológica de Mogi Guaçu. Disponível em:

- <<http://br.viarural.com/servicos/turismo/estacoes-ecologicas-estaduais/estacao-ecologica-de-mogi-guacu/default.htm>>. Acesso em: 25 out. 2009.
- VIEIRA, E.M., PIZO, M.A.; IZAR, P. Fruit and seed exploitation by small rodents of the Brazilian Atlantic forest. **Mammalia** 67: 533-539. 2003.
- VIEIRA, L.J.S.; VERANI, J.R. Diversidade e capturabilidade em comunidades de peixes de lagoas marginais do rio Mogi Guaçu submetidas a diferentes graus de assoreamento. In: SANTOS, J.E.; PIRES, J.S.R. (Eds.). **Estudos integrados em ecossistema**: Estação Ecológica de Jataí. São Carlos: RIMA, 2000, p. 831-850.
- VISNADI, S.R. Distribuição da brioflora em diferentes fisionomias de cerrado da Reserva Biológica e Estação Experimental de Mogi-Guaçu, SP, Brasil. **Acta Botanica Brasileira**, v. 18, p. 965-973. 2004.
- VISNADI, S.R.; VITAL, D.M. Lista das briófitas de uma área de cerrado da Reserva Biológica e Estação Experimental de Mogi-Guaçu, SP, Brasil. **Vegetalia**: São Paulo. v. 35, p. 1-15. 2001.
- WANDELEY, M.G.L.; SHEPHERD, G.J.; GIULIETTI, A.M.; MELHEM, T.S. (Coord.). **Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo**, Volume 4. São Paulo: FAPESP: RiMa, 2005.
- WANDELEY, M.G.L.; SHEPHERD, G.J.; MELHEM, T.S.; GIULIETTI, A.M. (Coord.). **Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo**, Volume 5. São Paulo: Instituto de Botânica, 2007.
- WANDELEY, M.G.L.; SHEPHERD, G.J.; MELHEM, T.S.; GIULIETTI, A.M.; MARTINS, S.E. (Coord.). **Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo**, Volume 6. São Paulo: Instituto de Botânica: FAPESP, 2009.
- WANDERLEY, M.G.L.; SHEPHERD, G.J.; GIULIETTI, A.M.; MELHEM, T.S. (coord.). **Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo**, Volume 3. São Paulo: FAPESP: RiMa, 2003.
- WILLIS, E.O.; ONIKI, Y. **Aves do estado de São Paulo**. Rio Claro: Divisa. 2003.
- WILLIS, E.O.; ONIKI, Y. Aves seguidoras de correições de formigas nas Américas e África. **Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa**, ano 2, n. 4, p. 301-320, 2008.



- WILSON, E.O. The little things that run the world: the importance and conservation of invertebrates. **Conservation Biology** 1: 344-346, 1987.
- WILSON, M.F. Loss and habitat connectivity hinders pair formation and juvenile dispersal of chuco tapaculos in Chilean rainforest. **Condor**, v. 106, p. 166-171, 2004.
- WOODS, M.; MCDONALD, R.A.; HARRIS, S. Predation of wildlife by domestic cats *Felis catus* in Great Britain. **Mammal Review** 33 (2): 174-188. 2003.
- ZINA, J.; ENNSER, J.; PINHEIRO, S.C.P.; HADDAD, C.F.B.; TOLEDO, L.F. Taxocenose de anuros de uma mata semidecídua do interior do Estado de São Paulo e comparações com outras taxocenoses do Estado, sudeste do Brasil. **Biota Neotropica** (Ed. Portuguesa), v. 7, p. 1-9, 2007.

ANEXOS



ANEXOS SOCIOECONOMIA

Anexo SOCIOECONOMIA 1 - Ensino - matrículas, docentes e rede escolar 2008

Matrículas (nº de matrículas)	Ano	Mogi-guaçu	Araras	Conchal	Unidade
Ensino fundamental - total	2008	19.220	16.196	4.376	Matrículas
Ensino fundamental - escola pública estadual	2008	6.202	6.868	1.808	Matrículas
Ensino fundamental - escola pública federal	2008	0	0	0	Matrículas
Ensino fundamental - escola pública municipal	2008	10.755	7.037	2.454	Matrículas
Ensino fundamental - escola privada	2008	2.263	2.291	114	Matrículas
Ensino médio total	2008	6.536	5.007	865	Matrículas
Ensino médio - escola pública estadual	2008	5.524	4.318	865	Matrículas
Ensino médio - escola pública federal	2008	0	0	0	Matrículas
Ensino médio - escola pública municipal	2008	300	0	0	Matrículas
Ensino médio - escola privada	2008	712	689	0	Matrículas
Ensino pré-escolar - total	2008	4.242	2.687	1.216	Matrículas
Ensino pré-escolar - escola pública estadual	2008	0	0	0	Matrículas
Ensino pré-escolar - escola pública federal	2008	0	0	0	Matrículas
Ensino pré-escolar - escola pública municipal	2008	3.885	2.387	1.204	Matrículas
Ensino pré-escolar - escola privada	2008	357	300	12	Matrículas
Docentes (nº de docentes)					
Ensino fundamental - total	2008	1.173	883	211	Docentes
Ensino fundamental - escola pública estadual	2008	423	362	90	Docentes
Ensino fundamental - escola pública federal	2008	0	0	0	Docentes
Ensino fundamental - escola pública municipal	2008	539	368	107	Docentes
Ensino fundamental - escola privada	2008	211	153	14	Docentes
Ensino médio - total	2008	606	370	69	Docentes
Ensino médio - escola pública estadual	2008	438	253	69	Docentes
Ensino médio - escola pública federal	2008	0	0	0	Docentes
Ensino médio - escola pública municipal	2008	26	0	0	Docentes
Ensino médio - escola privada	2008	142	117	0	Docentes
Ensino pré-escolar - total	2008	259	169	81	Docentes
Ensino pré-escolar - escola pública estadual	2008	0	0	0	Docentes
Ensino pré-escolar - escola pública federal	2008	0	0	0	Docentes
Ensino pré-escolar - escola pública municipal	2008	219	132	80	Docentes
Ensino pré-escolar - escola privada	2008	40	37	1	Docentes
Escolas (nº de escolas)					
Ensino fundamental - total	2008	52	54	9	Escolas
Ensino fundamental - escola pública estadual	2008	17	18	4	Escolas
Ensino fundamental - escola pública federal	2008	0	0	0	Escolas
Ensino fundamental - escola pública municipal	2008	21	28	4	Escolas
Ensino fundamental - escola privada	2008	14	8	1	Escolas
Ensino médio - total	2008	28	15	3	Escolas
Ensino médio - escola pública estadual	2008	17	9	3	Escolas
Ensino médio - escola pública federal	2008	0	0	0	Escolas
Ensino médio - escola pública municipal	2008	1	0	0	Escolas
Ensino médio - escola privada	2008	10	6	0	Escolas
Ensino pré-escolar - total	2008	66	27	11	Escolas
Ensino pré-escolar - escola pública estadual	2008	0	0	0	Escolas
Ensino pré-escolar - escola pública federal	2008	0	0	0	Escolas
Ensino pré-escolar - escola pública municipal	2008	53	17	10	Escolas
Ensino pré-escolar - escola privada	2008	13	10	1	Escolas
Ensino superior *					
Ensino superior - total	2007	1.193	7.881	-	Matrículas

Matriculas (nº de matrículas)	Ano	Mogi-guaçu	Araras	Conchal	Unidade
Ensino superior - escola pública estadual	2007	0	313	-	Matrículas
Ensino superior - escola pública federal	2007	0	0	-	Matrículas
Ensino superior - escola pública municipal	2007	85	0	-	Matrículas
Ensino superior - escola privada	2007	1.108	7.568	-	Matrículas
Ensino superior - total	2007	95	336	-	Docentes
Ensino superior - escola pública estadual	2007	0	0	-	Docentes
Ensino superior - escola pública federal	2007	0	0	-	Docentes
Ensino superior - escola pública municipal	2007	58	0	-	Docentes
Ensino superior - escola privada	2007	37	336	-	Docentes
Ensino superior - total	2007	2	2	-	Escolas
Ensino superior - escola pública estadual	2007	0	0	-	Escolas
Ensino superior - escola pública federal	2007	0	0	-	Escolas
Ensino superior - escola pública municipal	2007	1	0	-	Escolas
Ensino superior - escola privada	2007	1	2	-	Escolas

Fontes: Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP - Censo Educacional 2008

()Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP - Censo da Educação Superior 2007*

NOTA: Atribui-se zeros aos valores dos municípios onde não há ocorrência da variável.

Anexo SOCIOECONOMIA 2 - Índice Paulista de Responsabilidade Social - IPRS

Critérios para formação dos Grupos		
Grupos	Critérios	Descrição
Grupo 1	Alta riqueza, média longevidade e média escolaridade	Municípios que se caracterizam por um nível elevado de riqueza com bons níveis nos indicadores sociais
	Alta riqueza, média longevidade e alta escolaridade	
	Alta riqueza, alta longevidade e média escolaridade	
	Alta riqueza, alta longevidade e alta escolaridade	
Grupo 2	Alta riqueza, baixa longevidade e baixa escolaridade	Municípios que, embora com níveis de riqueza elevados, não são capazes de atingir bons indicadores sociais
	Alta riqueza, baixa longevidade e média escolaridade	
	Alta riqueza, baixa longevidade e alta escolaridade	
	Alta riqueza, média longevidade e baixa escolaridade	
	Alta riqueza, alta longevidade e baixa escolaridade	
Grupo 3	Baixa riqueza, média longevidade e média escolaridade	Municípios com nível de riqueza baixo, mas com bons indicadores sociais
	Baixa riqueza, média longevidade e alta escolaridade	
	Baixa riqueza, alta longevidade e média escolaridade	
	Baixa riqueza, alta longevidade e alta escolaridade	
Grupo 4	Baixa riqueza, baixa longevidade e média escolaridade	Municípios que apresentam baixos níveis de riqueza e níveis intermediários de longevidade e/ou escolaridade
	Baixa riqueza, baixa longevidade e alta escolaridade	
	Baixa riqueza, média longevidade e baixa escolaridade	
	Baixa riqueza, alta longevidade e baixa escolaridade	
Grupo 5	Baixa riqueza, baixa longevidade e baixa escolaridade	Municípios mais desfavorecidos do Estado, tanto em riqueza como nos indicadores sociais

Indicadores do IPRS		
Indicador sintético de riqueza: combinação linear de quatro variáveis, sendo expresso em uma escala de 0 a 100, na qual o 100 representa a melhor situação e zero, a pior.		
Parâmetros para a Classificação dos Municípios na Dimensão Riqueza do IPRS, segundo Categorias		
Categorias	Ano	Riqueza Municipal
Baixa	2000	Até 49
	2002	Até 40
	2004	Até 42
	2006	Até 45
Média	2000	-
	2002	-
	2004	-

	2006	-
	2000	50 e mais
Alta	2002	41 e mais
	2004	43 e mais
	2006	46 e mais

Fonte: Fundação Seade. Índice Paulista de Responsabilidade Social - IPRS.

Componentes do Indicador Sintético Setorial de Riqueza e seus respectivos pesos

Indicador	Componentes	Contribuição para o Indicador Sintético
Riqueza	Consumo residencial de energia elétrica por ligação	0,44
	Consumo de energia elétrica na agricultura, no comércio e nos serviços por ligação	0,23
	Remuneração média dos empregados com carteira assinada e do setor público	0,19
	Valor adicionado fiscal <i>per capita</i>	0,14

Fonte: Fundação Seade. Índice Paulista de Responsabilidade Social - IPRS.

Fonte dos Dados

Indicador de riqueza: registros administrativos fornecidos anualmente pelas Secretarias de Estado dos Negócios da Fazenda e da Energia do Estado de São Paulo e do Ministério do Trabalho e Emprego.

Observações

A partir dos indicadores referentes ao ano de 2002, houve alterações metodológicas de cálculo. Para manter a comparabilidade, os indicadores do ano 2000 foram refeitos. Portanto, somente estão disponíveis dados a partir de 2000, pois as edições anteriores (anos de 1992 e 1997) não são comparáveis.

Indicador de riqueza: o indicador de riqueza foi alterado, em decorrência de uma mudança no cálculo do consumo anual de energia elétrica por ligação residencial. A forma de obtenção dessa variável foi alterada para os 61 municípios definidos por lei como estâncias turísticas, de acordo com uma demanda surgida no âmbito do Fórum Legislativo de Desenvolvimento Econômico Sustentado. A grande presença, nessas localidades, de domicílios de uso ocasional acaba por subestimar o consumo residencial *per capita* de energia elétrica. A correção desse problema deu-se por meio da criação de um redutor para o número de ligações que compõem o denominador do indicador, utilizando-se a projeção da proporção de domicílios de uso ocasional.

Grupos de municípios: alteraram-se os critérios de formação dos grupos de municípios, com maior exigência para a classificação no primeiro grupo do IPRS, que engloba os municípios mais bem posicionados em termos de riqueza e indicadores sociais. Em consequência desse fato, aumentou-se o número de combinações entre os três indicadores que possibilitam a um município ser classificado no Grupo 2 do IPRS.

Indicadores do IPRS

Indicador sintético de longevidade: combinação linear de quatro taxas de mortalidade, sendo expresso em uma escala de 0 a 100, na qual o 100 representa a

melhor situação e zero, a pior.		
Parâmetros para a Classificação dos Municípiosna Dimensão Longevidade do IPRS, segundo Categorias		
Categorias	Ano	Longevidade
Baixa	2000	Até 64
	2002	Até 66
	2004	Até 68
	2006	Até 70
Média	2000	65 a 71
	2002	67 a 72
	2004	69 a 72
	2006	71 a 73
Alta	2000	72 e mais
	2002	73 e mais
	2004	73 e mais
	2006	74 e mais
Fonte: Fundação Seade. Índice Paulista de Responsabilidade Social - IPRS.		
Componentes do Indicador Sintético Setorial de Longevidadee seus Respectivos Pesos		
Indicador	Componentes	Contribuição para o Indicador Sintético
Longevidade	Taxa de Mortalidade perinatal	0,3
	Taxa de Mortalidade infantil	0,3
	Taxa de Mortalidade de adultos de 15 a 39 anos	0,2
	Taxa de Mortalidade de adultos de 60 anos e mais	0,2
Fonte: Fundação Seade. Índice Paulista de Responsabilidade Social - IPRS.		
Fonte dos Dados		
Indicador de longevidade: projeções populacionais e dados do Registro Civil produzidos anualmente pela Fundação Seade.		
Observações		
A partir dos indicadores referentes ao ano de 2002, houve alterações metodológicas de cálculo. Para manter a comparabilidade, os indicadores do ano 2000 foram refeitos. Portanto, somente estão disponíveis dados a partir de 2000, pois as edições anteriores (anos de 1992 e 1997) não são comparáveis.		
Indicador de longevidade: para o indicador de longevidade manteve-se a mesma metodologia utilizada nas edições anteriores do IPRS.		
Grupos de municípios: alteraram-se os critérios de formação dos grupos de municípios, com maior exigência para a classificação no primeiro grupo do IPRS, que		

engloba os municípios mais bem posicionados em termos de riqueza e indicadores sociais. Em consequência desse fato, aumentou-se o número de combinações entre os três indicadores que possibilitam a um município ser classificado no Grupo 2 do IPRS.

Indicadores do IPRS

Indicador sintético de escolaridade: combinação linear de quatro variáveis, sendo expresso em uma escala de 0 a 100, na qual o 100 representa a melhor situação e zero, a pior.

Parâmetros para a Classificação dos Municípios na Dimensão Escolaridade do IPRS, segundo Categorias

Categorias	Ano	Escolaridade
Baixa	2000	Até 40
	2002	Até 50
	2004	Até 53
	2006	Até 64
Média	2000	41 a 46
	2002	51 a 55
	2004	54 a 57
	2006	65 a 67
Alta	2000	47 e mais
	2002	56 e mais
	2004	58 e mais
	2006	68 e mais

Fonte: Fundação Seade. Índice Paulista de Responsabilidade Social - IPRS.

Componentes do Indicador Sintético Setorial de Escolaridade e seus Respectivos Pesos

Indicador	Componentes	Contribuição para o Indicador Sintético
Escolaridade	Porcentagem de jovens de 15 a 17 anos que concluíram o ensino fundamental	0,36
	Porcentagem de jovens de 15 a 17 anos com pelo menos quatro anos de escolaridade	0,08
	Porcentagem de jovens de 18 a 19 anos que concluíram o ensino médio	0,36
	Porcentagem de crianças de 5 a 6 anos que freqüentam a pré-escola	0,2

Fonte: Fundação Seade. Índice Paulista de Responsabilidade Social - IPRS.

Fonte dos Dados

Indicador de escolaridade: dados de Censos Demográficos produzidos pelo IBGE e Censos Escolares realizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP).

Observações

A partir dos indicadores referentes ao ano de 2002, houve alterações metodológicas de cálculo. Para manter a comparabilidade, os indicadores do ano 2000 foram refeitos. Portanto, somente estão disponíveis dados a partir de 2000, pois as edições anteriores (anos de 1992 e 1997) não são comparáveis.

Indicador de escolaridade: a principal mudança metodológica foi a geração de um indicador de escolaridade baseado em registros administrativos e não em base censitária. Essa alteração ocorreu porque, nas edições anteriores do IPRS (anos bases 1992, 1997 e 2000), o indicador sintético de escolaridade baseava-se, quase exclusivamente, em informações do Censo Demográfico, o que impossibilitava sua reprodução para os anos intercensitários.

Grupos de municípios: alteraram-se os critérios de formação dos grupos de municípios, com maior exigência para a classificação no primeiro grupo do IPRS, que engloba os municípios mais bem posicionados em termos de riqueza e indicadores sociais. Em consequência desse fato, aumentou-se o número de combinações entre os três indicadores que possibilitam a um município ser classificado no Grupo 2 do IPRS.



ANEXOS VEGETAÇÃO

Anexo VEGETAÇÃO 1: Lista das espécies amostradas em pesquisas realizadas no entorno da Fazenda Campininha.

Família	Nome científico	Conchal ¹	Mogi-Guaçu ²
Anacardiaceae	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng		X
	<i>Astronium graveolens</i> Jacq.	X	X
	<i>Lithraea molleoides</i> (Vell.) Engl.		X
	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão		X
	<i>Schinus terebinthifolius</i> Radd.		X
Annonaceae	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	X	X
	<i>Duguetia lanceolata</i> St.-Hill.	X	
Apocynaceae	<i>Rollinia emarginata</i> Schlttdl.	X	
	<i>Aspidosperma cylindrocapon</i> Müll. Arg.		X
Arecaceae	<i>Aspidosperma polyneuron</i> Müll. Arg.	X	X
	<i>Aspidosperma ramiflorum</i> Müll. Arg.	X	
	<i>Tabernaemonta hystrix</i> Steud.		X
	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	X	
Bignoniaceae	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman	X	
	<i>Jacaranda cuspidifolia</i> Mart.		X
Boraginaceae	<i>Tabebuia chrysostrycha</i> (Mart. ex A. DC.) Standl.	X	X
	<i>Tabebuia ochracea</i> (Cham.) Standl.		X
	<i>Tabebuia roseoalba</i> (Ridl.) Sandwith		X
	<i>Tabebuia umbellata</i> (Sond.) Sandwith	X	
	<i>Zeyheria tuberculosa</i> (Vell.) Bureau ex Verlot		X
	<i>Cordia americana</i> (L.) Gottschling & J.S. Mill.	X	
Cannabaceae	<i>Cordia superba</i> Cham.	X	X
	<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arrab. ex Steud.		X
	<i>Trema micrantha</i> Blum.		X
Celastraceae	<i>Maytenus alaternoides</i> Reissek	X	
Clusiaceae	<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess.	X	
Combretaceae	<i>Terminalia brasiliensis</i> (Cambess. ex A. St.-Hil.) Eichler	X	
Ebenaceae	<i>Diospyros inconstans</i> Jacq.	X	
Euphorbiaceae	<i>Actinostemon conceptiones</i> (Chodat & Hassl.) Hochr.	X	
	<i>Alchornea glandulosa</i> Poepp. & Endl.	X	
	<i>Croton floribundus</i> Spreng.	X	X
	<i>Croton urucurana</i> Baill.	X	X
	<i>Mabea fistulifera</i> Mart.		X
	<i>Savia dyctiocarpa</i> Müll. Arg.	X	
	<i>Sebastiania commersoniana</i> (Baill.) L.B. Sm. & Downs	X	
	<i>Sebastiania edwalliana</i> Pax & Hoffm.	X	
	<i>Sebastiania serrata</i> (Baill.) Müll. Arg.	X	
Fabaceae - Caesalpinioideae	<i>Cassia leptophylla</i> Vogel		X
	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	X	X
	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	X	X
	<i>Peltophorum dubium</i> (Spreng.) Taub.		X
	<i>Pterogyne nitens</i> Tul.		X
Fabaceae - Faboideae	<i>Senna multijuga</i> (Rich.) H. S. Irwin & Barneby		X
	<i>Cyclobium vecchii</i> A. Samp. ex Hoehne	X	
	<i>Dalbergia frutescens</i> (Vell.) Britton	X	
	<i>Erythrina falcata</i> Benth.		X
	<i>Lonchocarpus guillemineanus</i> (Tul.) Malme	X	
	<i>Lonchocarpus muehlbergianus</i> Hassl.		X
	<i>Machaerium aculeatum</i> Radd.	X	X

Família	Nome científico	Conchal ¹	Mogi-Guaçu ²
	<i>Machaerium brasiliense</i> Vogel	X	
	<i>Myroxylon peruiferum</i> L. f.	X	X
	<i>Poecilanthe parviflora</i> Benth.		X
	<i>Pterocarpus rohrii</i> Vahl		X
Fabaceae - Mimosoideae	<i>Acacia polyphylla</i> DC.		X
	<i>Albizia niopoides</i> (Spruce ex Benth.) Burkart	X	X
	<i>Anadenanthera falcata</i> Speg.		X
	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong.		X
	<i>Inga marginata</i> Will.	X	
	<i>Inga striata</i> Benth	X	
	<i>Inga vera</i> Willd.	X	X
	<i>Mimosa bimucronata</i> (DC.) O. Kuntze		X
	<i>Parapiptadenia rigida</i> (Benth.) Brenan		X
	<i>Pithecolobium incuriale</i> (Vell.) J. F. Macbr.		X
Lauraceae	<i>Endlicheria paniculata</i> (Spreng.) J.F. Macbr.	X	
	<i>Nectandra megapotamica</i> (Spreng.) Mez	X	
	<i>Nectandra oppositifolia</i> Nees & Mart.	X	
Lecythidaceae	<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze	X	X
	<i>Cariniana legalis</i> (Mart.) Kuntze	X	X
Lythraceae	<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.		X
Malvaceae	<i>Ceiba speciosa</i> (A. St.-Hil.) Ravenna	X	X
	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.		X
	<i>Heliocarpus popayensis</i> Kunth.		X
	<i>Luehea divaricata</i> Mart.		X
	<i>Luehea paniculata</i> Mart.	X	
Melastomataceae	<i>Tibouchina granulosa</i> Cogn.		X
Meliaceae	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.		X
	<i>Cedrela odorata</i> L.		X
	<i>Guarea macrophylla</i> Vahl	X	
	<i>Trichilia casaretti</i> C. DC.	X	
	<i>Trichilia catigua</i> A. Juss.	X	
	<i>Trichilia pallida</i> Sw.	X	
Monimiaceae	<i>Mollinedia argyrogina</i> Perkins	X	
Moraceae	<i>Ficus enormis</i> (Mart. ex Miq.) Mart.		X
	<i>Ficus guaranitica</i> Chodat	X	
	<i>Maclura tinctoria</i> (L.) D. Don ex Steud.		X
Myrsinaceae	<i>Rapanea ferruginea</i> (R. & P.) Mez	X	
	<i>Rapanea guianensis</i> Aubl.	X	
	<i>Rapanea umbellata</i> Mart.		X
Myrtaceae	<i>Calycorectes acutatus</i> (Miq.) Toledo	X	
	<i>Calyptranthes concinna</i> DC.	X	
	<i>Campomanesia guazumifolia</i> (Cambess.) O. Berg	X	
	<i>Campomanesia xantocarpha</i> O. Berg.	X	
	<i>Eugenia aurata</i> O. Berg	X	
	<i>Eugenia brasiliensis</i> Lam.		X
	<i>Eugenia glazioviana</i> Kiaersk.	X	
	<i>Eugenia involucrata</i> DC.	X	
	<i>Eugenia ligustrina</i> Willd.	X	
	<i>Eugenia uniflora</i> L.	X	X
	<i>Myrcia splendens</i> (Sw.) DC.	X	
	<i>Myrciaria tenella</i> O. Berg.	X	
	<i>Psidium guajava</i> L.		X
Phytolaccaceae	<i>Gallesia integrifolia</i> (Spreng.) Harms	X	X

Família	Nome científico	Conchal ¹	Mogi-Guaçu ²
Picramniaceae	<i>Picramnia sellowii</i> Planch.	X	
Polygonaceae	<i>Triplaris gardneriana</i> Wedd.		X
Proteaceae	<i>Roupala montana</i> Aubl.	X	
Rhamnaceae	<i>Colubrina glandulosa</i> Perkins		X
	<i>Rhamnidium elaeocarpum</i> Reissek		X
Rosaceae	<i>Prunus myrtifolia</i> (L.) Urban		X
Rubiaceae	<i>Genipa americana</i> L.	X	X
	<i>Psychotria nemorosa</i> Gardner	X	
	<i>Psychotria vellosiana</i> Benth.	X	
Rutaceae	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	X	X
	<i>Zanthoxylum riedelianum</i> Lam.	X	
Salicaceae	<i>Casearia gossypiosperma</i> Briq.	X	
	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	X	
Sapindaceae	<i>Cupania vernalis</i> Cambess.	X	
	<i>Matayba elaeagnoides</i> Radlk.	X	
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum gonocarpum</i> (Mart. & Eichler ex Miq.) Engl.	X	
Siparunaceae	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	X	
	<i>Siparuna tomentosa</i> Perkins	X	
Solanaceae	<i>Solanum granuloso-leprosum</i> Dunal		X
Urticaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	X	X
Verbenaceae	<i>Aloysia virgata</i> (Ruiz et Pav.) A. L. Juss.		X
	<i>Citharexylum myrianthum</i> Cham.		X
Vochysiaceae	<i>Qualea multiflora</i> Mart.	X	

¹ Pesquisa desenvolvida na Mata dos Macacos de propriedade da International Paper do Brasil.

² Pesquisa desenvolvida no Parque Florestal São Marcelo de propriedade da International Paper do Brasil.

Anexo VEGETAÇÃO 2: Lista das espécies amostradas nas pesquisas realizadas na Fazenda Campininha, Mogi-Guaçu (SP), na Reserva Biológica (ReBio) administrada pelo Instituto de Botânica e na Estação Ecológica (EEc) administrada pelo Instituto Florestal.

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
Briophyta				
Bartramiaceae	<i>Philonotis uncinata</i> (Schwägr.) Brid.	X		
Bryaceae	<i>Brachymenium klotzchii</i> (Schuwägr.) Paris	X		
	<i>Bryum capillare</i> Hedw.	X		
	<i>Bryum densifolium</i> Brid.	X		
Calymperaceae	<i>Syrrophodon africanus</i> (Mitt.) Paris ssp. <i>graminicola</i> (R.S. Williams) W.D. Reese	X		
	<i>Syrrophodon ligulatus</i> Mont.	X		
	<i>Syrrophodon parasiticus</i> (Brid.) Paris	X		
Cephaloziellaceae	<i>Cylindrocolea rhizantha</i> (Mont.) R.M. Schust.	X		
Chonecoleaceae	<i>Chonecolea doellingeri</i> (Nees) Grolle	X		
Cryphaeaceae	<i>Schoenobryum concavifolium</i> (D.G. Griffin) Gangulee	X		
Dicranaceae	<i>Bryohumbertia filifolia</i> (Hornsch.) J.-P. Frahm	X		
	<i>Campylopus carolinae</i> Grout	X		
	<i>Campylopus cryptopodioides</i> Broth.	X		
	<i>Campylopus lamelinervis</i> (Müll. Hal.) Mitt.	X		
	<i>Campylopus occultus</i> Mitt.	X		
Entodontaceae	<i>Erythrodonium squarrosus</i> (Hampe) Paris	X		
	<i>Mesonodon regnellianus</i> (Müll. Hal.) W.R. Buck	X		
Erpodiaceae	<i>Erpodium glaziovii</i> Hampe	X		
Fabroniaceae	<i>Fabronia ciliaris</i> (Brid.) Brid. var. <i>polycarpa</i> (Hook.) W.R. Buck	X		
Fissidentaceae	<i>Fissidens brevipes</i> Besch.	X		
	<i>Fissidens bryoides</i> Hedw., Egunyomi & Vital	X		
	<i>Fissidens minutus</i> Thwaites & Mitt. var. <i>pusillissimus</i> (Steere) Pursell	X		
	<i>Fissidens serratus</i> Müll. Hal.	X		
	<i>Fissidens submarginatus</i> Bruch	X		
	<i>Fissidens termitarum</i> (Herzog) Pursell	X		
	<i>Fissidens zollingeri</i> Mont., Egunyomi & Vital	X		
Hypnaceae	<i>Chryso-hypnum diminutivum</i> (Hampe) W.R. Buck	X		
	<i>Isopterygium pygmaeocarpum</i> (Müll. Hal.) Both., Egunyomi & Vital	X		
	<i>Isopterygium subbrevisetum</i> (Hampe) Broth.	X		
	<i>Isopterygium tenerum</i> (Sw.) Mitt.	X		
Jubulaceae	<i>Frullania arecae</i> (Spreng.) Gottsche	X		
	<i>Frullania brasiliensis</i> Raddi	X		

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Frullania breuteliana</i> Gottsche	X		
	<i>Frullania caulisequa</i> (Nees) Grolle	X		
	<i>Frullania ecklonii</i> (Spreng.) Gottsche, Lindenb. & Nees	X		
	<i>Frullania ecuadorensis</i> Steph.	X		
	<i>Frullania ericoides</i> (Nees) Mont.	X		
	<i>Frullania gibbosa</i> Nees in Mont.	X		
	<i>Frullania neesii</i> Lindenb.	X		
Lejeuneaceae	<i>Acrolejeunea torulosa</i> (Lehm. & Lindenb.) Schiffn.	X		
	<i>Anoplolejeunea conferta</i> (Meissn. ex Spreng.) A. Evans	X		
	<i>Brachiolejeunea phyllorhiza</i> (Nees) Kruijt & Gradst.	X		
	<i>Cheilolejeunea acutangula</i> (Nees) Grolle	X		
	<i>Cheilolejeunea adnata</i> (Kunze) Grolle	X		
	<i>Cheilolejeunea discoidea</i> (Lehm. & Lindenb.) Kachroo & R.M. Schust.	X		
	<i>Cheilolejeunea rigidula</i> (Nees ex Mont.) R.M. Schust.	X		
	<i>Cheilolejeunea trifaria</i> (Reinw., Blume & Nees) Mizut.	X		
	<i>Cololejeunea minutissima</i> (Smith) Schiffn.	X		
	<i>Drepanolejeunea mosenii</i> Bischl.	X		
	<i>Lejeunea bermudiana</i> (A. Evans) R.M. Schust.	X		
	<i>Lejeunea caespitosa</i> Lindenb.	X		
	<i>Lejeunea confusa</i> E.W. Jones	X		
	<i>Lejeunea flava</i> (Sw.) Nees	X		
	<i>Lejeunea glaucescens</i> Gottsche	X		
	<i>Lejeunea laetevirens</i> Nees & Mont.	X		
	<i>Lejeunea minutiloba</i> A. Evans	X		
	<i>Lejeunea phyllobola</i> Nees & Mont. ex Mont.	X		
	<i>Lejeunea ulicina</i> (Taylor) Gottsche, Lindenb. & Nees	X		
	<i>Leucolejeunea conchifolia</i> (A. Evans) A. Evans	X		
	<i>Leucolejeunea uncioba</i> (Lindenb.) A. Evans	X		
	<i>Leucolejeunea xanthocarpa</i> (Lehm. & Lindenb.) A. Evans	X		
	<i>Microlejeunea globosa</i> (Spruce) Steph.	X		
	<i>Omphalanthus filiformis</i> (Sw.) Nees	X		
	<i>Rectolejeunea evansiana</i> R.M. Schust.	X		
	<i>Schiffneriolejeunea polycarpa</i> (Nees) Gradst.	X		
Leucobryaceae	<i>Ochrobryum gardneri</i> (Müll. Hal.) Mitt.	X		
	<i>Octoblepharum albidum</i> Hedw.	X		

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
Leucodontaceae	<i>Henicodium geniculatum</i> (Mitt.) W.R. Buck	X		
Meteoriaceae	<i>Floribundaria usneoides</i> (Broth.) Broth.	X		
	<i>Papillaria nigrescens</i> (Hedw.) A. Jaeger	X		
	<i>Zelometeorium ambiguum</i> (Hornsch.) Manuel, Egunyomi & Vital	X		
Metzgeriaceae	<i>Metzgeria dichotoma</i> (Sw.) Nees	X		
	<i>Metzgeria fruticulosa</i> (Dicks.) A. Evans	X		
	<i>Metzgeria myriopoda</i> Lindb.	X		
	<i>Metzgeria vivipara</i> A. Evans	X		
Myriniaceae	<i>Helicodontium capillare</i> (Hedw.) A. Jaeger	X		
Orthotrichaceae	<i>Groutiella tomentosa</i> (Hornsch.) Wijk & Margad.	X		
	<i>Macrocoma orthotrichoides</i> (Raddi) Wijk & Margad.	X		
	<i>Macrocoma tenuis</i> (Hook. & Grev.) Vitt ssp. <i>sullivantii</i> (Müll. Hal.) Vitt	X		
	<i>Macromitrium punctatum</i> (Hook. & Grev.) Brid., Egunyomi & Vital	X		
	<i>Schlotheimia jamesonii</i> (W. Arnold) Brid.	X		
	<i>Schlotheimia rugifolia</i> (Hook.) Schwägr.	X		
Plagiochilaceae	<i>Plagiochila corrugata</i> (Nees) Nees & Mont.	X		
	<i>Plagiochila martiana</i> (Nees) Nees in Lindenb.	X		
Pottiaceae	<i>Tortella humilis</i> (Hedw.) Jenn.	X		
Pterobryaceae	<i>Jaegerina scariosa</i> (Lorentz) Arzeni	X		
Racopilaceae	<i>Racopilum tomentosum</i> (Hedw.) Brid.	X		
Radulaceae	<i>Radula surinamensis</i> Steph.	X		
	<i>Radula tectiloba</i> Steph.	X		
Rhachithecaceae	<i>Jonesiobryum cerradense</i> Vital ex B.H. Allen & Pursell	X		
	<i>Jonesiobryum termitarum</i> Vital ex B.H. Allen & Pursell	X		
	<i>Rhachithecium perpusillum</i> (Thwaites & Mitt. ex Mitt.) Broth.	X		
Sematophyllaceae	<i>Aptychopsis pungifolia</i> (Hampe) Broth.	X		
	<i>Aptychopsis pyrrophophylla</i> (Müll. Hal.) Wijk. & Margad.	X		
	<i>Donnellia commutata</i> (Müll. Hal.) W.R. Buck	X		
	<i>Sematophyllum galipense</i> (Müll. Hal.) Mitt.	X		
	<i>Sematophyllum subpinnatum</i> (Brid.) E. Britton	X		
	<i>Sematophyllum subsimplex</i> (Hedw.) Mitt.	X		
	<i>Wijkia flagellifera</i> (Broth.) H.A. Crum	X		
Pteridophyta				
Polypodiaceae	<i>Pityrogramma tartarea</i> (Cav.) Maxon			X
	<i>Polypodium latipes</i> Langsd. & L. Fisch.	X		X

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
Pteridaceae	<i>Adiantum fovearum</i> Raddi	X		
	<i>Doryopteris concolor</i> (Langsd. & Fisch.) Kuhn	X		
Schizaeaceae	<i>Anemia flexuosa</i> (Savigny) Sw.	X		X
	<i>Anemia raddiana</i> Link			X
Phanerogamae				
Acanthaceae	<i>Mendoncia velloziana</i> (Mart.) Nees	X		
	<i>Ruellia geminiflora</i> Kunth	X		X
Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliiana</i> (L.) Kuntze	X		
	<i>Amaranthus deflexus</i> L.		X	
	<i>Amaranthus viridis</i> L.		X	X
	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.		X	
	<i>Froelichia lanata</i> Moq.	X		
	<i>Gomphrena macrocephala</i> A. St.-Hil.			X
	<i>Gomphrena macrorhiza</i> Mart.	X		X
	<i>Gomphrena officinalis</i> Mart.	X		
	<i>Gomphrena prostata</i> Mart.	X		
	<i>Gomphrena virgata</i> Mart.	X		X
	<i>Pfaffia gnaphaloides</i> (L. f.) Mart.	X		X
	<i>Pfaffia jubata</i> Mart.	X		
Anacardiaceae	<i>Anacardium humile</i> A. St.-Hil.	X		
	<i>Anacardium nanum</i> A. St.-Hil.			X
	<i>Astronium graveolens</i> Jacq.		X	X
	<i>Lithraea molleoides</i> (Vell.) Engl.			X
	<i>Schinus terebinthifolius</i> Radd.	X	X	
	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	X	X	X
	<i>Tapirira marchandii</i> Engl.			X
Annonaceae	<i>Annona cacans</i> Warm.		X	X
	<i>Annona coriacea</i> Mart.	X		X
	<i>Annona cornifolia</i> A. St.-Hil.	X		
	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	X		
	<i>Duguetia furfuracea</i> (A. St.-Hil.) Saff.	X		
	<i>Duguetia lanceolata</i> St.-Hill.		X	X
	<i>Guatteria nigrescens</i> Mart.			X
	<i>Rollinia exalbida</i> (Vell.) Mart.			X
	<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) M.C. Dias	X		X

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Xylopia emarginata</i> Mart.			X
Apiaceae	<i>Apium leptophyllum</i> (Pers.) Muell.		X	
	<i>Eryngium ebracteatum</i> Lam.			X
	<i>Eryngium junceum</i> Cham. & Schlecht.	X		
	<i>Eryngium pristis</i> Cham. & Schlecht.	X		
Apocynaceae	<i>Asclepias curassavica</i> L.			X
	<i>Aspidosperma polyneuron</i> Müll. Arg.		X	
	<i>Aspidosperma ramiflorum</i> Müll. Arg.			X
	<i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart.	X		X
	<i>Astephanus gardneri</i> E. Fourn.	X		
	<i>Blepharodon lineare</i> (Decne.) Decne.	X		
	<i>Blepharodon nitidum</i> (Vell.) J.F. Macbr.	X		
	<i>Chthamalia purpurea</i> Decne.	X		
	<i>Condylocarpon isthmicum</i> (Vell.) A. DC.	X		
	<i>Forsteronia australis</i> Müll. Arg.	X		
	<i>Forsteronia glabrescens</i> Müll. Arg.	X		
	<i>Forsteronia pilosa</i> (Vell.) Muell. Arg.	X		
	<i>Forsteronia pubescens</i> A. DC.	X		
	<i>Forsteronia thyrsoidea</i> (Vell.) Müll. Arg.	X		
	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	X		
	<i>Hemipogon setaceus</i> Decne.	X		X
	<i>Himatanthus obovatus</i> (Müll. Arg.) Woodson	X		
	<i>Macrosiphonia longiflora</i> (Desf.) Müll. Arg.	X		X
	<i>Macrosiphonia petrea</i> (A. St.-Hil.) K. Sch.	X		
	<i>Macrosiphonia pinifolia</i> (A. St.-Hil.) Malme			X
	<i>Macrosiphonia velame</i> (A. St.-Hil.) Müll. Arg.	X		
	<i>Macrosiphonia virescens</i> (A. St.-Hil.) Müll. Arg.	X		
	<i>Mandevilla emarginata</i> (Vell.) C. Ezcurrea	X		
	<i>Mandevilla illustris</i> (Vell.) Woodson	X		
	<i>Mandevilla pohliana</i> (Mart. ex Sradelm.) A. H. Gentry.	X		X
	<i>Mesechites mansoana</i> (A. DC.) Woodson	X		
	<i>Nautonia nummularia</i> Decne.	X		
	<i>Odontadenia lutea</i> (Vell.) Markgr.	X		
	<i>Oxypetalum appendiculatum</i> Mart.	X		
	<i>Prestonia riedelii</i> (Müll. Arg.) Markgr.	X		

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Rhabdadenia pohlii</i> Muell.			X
	<i>Rhodocalyx rotundifolius</i> Müll. Arg.	X		X
	<i>Tabernaemontana catharinensis</i> A. DC.			X
	<i>Temnadenia violacea</i> (Vell.) Miers	X		
Aquifoliaceae	<i>Ilex cerasifolia</i> Reissk.			X
Araliaceae	<i>Dendropanax cuneatus</i> (DC.) Decne. & Planch.			X
	<i>Hydrocotyle ranunculoides</i> L.			X
	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Seem.	X		
	<i>Schefflera vinosa</i> Marchal	X		X
Arecaceae	<i>Acanthococos emensis</i> Toledo	X		X
	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	X		X
	<i>Attalea geraensis</i> Barb. Rodr.	X		
	<i>Butia paraguayensis</i> (Barb. Rodr.) L.H. Bailey	X		
	<i>Euterpe edulis</i> Mart.		X	X
	<i>Syagrus flexuosa</i> (Mart.) Becc.	X		
	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman	X	X	X
Aristolochiaceae	<i>Aristolochia esperanzae</i> Kuntze	X		X
	<i>Aristolochia galeata</i> Mart. & Zucc.	X		
	<i>Aristolochia labiata</i> Willd.	X		
Asteraceae	<i>Acanthospermum australe</i> (Loefl.) Kuntze	X		X
	<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	X		
	<i>Ageratum conyzoides</i> L.		X	X
	<i>Ambrosia polystachya</i> DC.		X	
	<i>Aspilia montevidensis</i> (Spreng.) Kuntze	X		
	<i>Aspilia reflexa</i> Baker			X
	<i>Aspilia setosa</i> Griseb.	X		
	<i>Baccharis aphylla</i> (Vell.) DC.	X		
	<i>Baccharis camporum</i> DC.	X		
	<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	X	X	X
	<i>Baccharis erigeroides</i> DC.			X
	<i>Baccharis pseudotenuifolia</i> Teodoro	X		
	<i>Baccharis rufescens</i> Spreng.	X		
	<i>Baccharis sessilifolia</i> Vahl	X		
	<i>Baccharis tridentata</i> Vahl	X		
	<i>Baccharis trimera</i> DC.	X		



Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Bidens gardneri</i> Baker	X		
	<i>Bidens graveolens</i> Mart.	X		
	<i>Bidens pilosa</i> L.		X	
	<i>Bidens speciosa</i> Gardn.	X		
	<i>Bidens subalternans</i> DC.			X
	<i>Calea clauseniana</i> Baker	X		
	<i>Calea cuneifolia</i> DC.	X		X
	<i>Calea platylepis</i> Sch. Bip.	X		X
	<i>Chaptalia integerrima</i> (Vell.) Burk.	X		X
	<i>Chromolaena laevigata</i> (Lam.) R.M. King & H. Rob.	X		
	<i>Chromolaena maximiliani</i> (generic SCHRADER ex DC.) R.M. King & H. Rob.	X	X	
	<i>Conyza canadensis</i> (L.) Croq.		X	
	<i>Dimerostemma lippoides</i> (Baker) Baker	X		
	<i>Eclipta alba</i> Hasssk.		X	
	<i>Elephantopus biflorus</i> (Less.) Sch. Bip.	X		
	<i>Elephantopus elongatus</i> Gardner	X		
	<i>Elephantopus micropappus</i> Less.	X		
	<i>Elephantopus mollis</i> L.	X		X
	<i>Elephantopus racemosus</i> Gardn.	X		
	<i>Elephantosis biflora</i> Less.	X		
	<i>Emilia coccinea</i> (Sims) G. Don			X
	<i>Emilia sonchifolia</i> DC.	X	X	
	<i>Erechtites hieracifolia</i> (L.) Raffin	X		X
	<i>Eremanthus sphaerocephalus</i> Baker	X		
	<i>Erigeron bonariensis</i> L.	X		
	<i>Eupatorium amigdalinum</i> Kam.	X		X
	<i>Eupatorium campestre</i> DC.	X		X
	<i>Eupatorium chlorolepis</i> Baker	X		
	<i>Eupatorium dictyophyllum</i> DC.	X		
	<i>Eupatorium horminoides</i> (DC.) Baker	X		
	<i>Eupatorium intermedium</i> DC.	X		
	<i>Eupatorium lanigerum</i> Hook.	X		
	<i>Eupatorium megacephalum</i> Mart.	X		
	<i>Eupatorium molissimum</i> Baker	X		X
	<i>Eupatorium oxylepis</i> DC.	X		

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Eupatorium purpurascens</i> Sch. Bip	X		
	<i>Eupatorium squalidum</i> DC.	X		X
	<i>Eupatorium stachyophyllum</i> Spreng.	X		
	<i>Galinsoga parviflora</i> Cav.			X
	<i>Gnaphalium spathulatum</i> Lam.		X	
	<i>Gochnatia barrosii</i> Cabrera	X		X
	<i>Gochnatia pulchra</i> Cabrera	X		X
	<i>Hieracium commersonii</i> Monn.			X
	<i>Inulopsis scaposa</i> (Baker) Hoffm.	X		
	<i>Isostigma peucedanifolium</i> Less.			X
	<i>Jaegeria hirta</i> (Lag.) Less.		X	
	<i>Lourteigia ballotifolia</i> Kunth			X
	<i>Mikania cordifolia</i> (L.) Willd.	X		
	<i>Mikania officinalis</i> Mart.	X		
	<i>Mikania scandens</i> (L.) Willd.	X		
	<i>Mikania sessilifolia</i> DC.	X		
	<i>Orthopappus angustifolius</i> (Sw.) Gleason	X		X
	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	X		X
	<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass.		X	
	<i>Pseudogynoxys pohlii</i> (Sch. Bip.) Leitão Filho	X		
	<i>Pterocaulon alopecurioides</i> (Lam.) DC.	X		
	<i>Pterocaulon rugosum</i> (Vahl) Malme	X	X	
	<i>Riencourtia oblongifolia</i> Gardn.	X		
	<i>Senecio brasiliensis</i> (Spreng.) Less.			X
	<i>Senecio pohlii</i> Sch. Bip.	X		
	<i>Senecio pseudopohlii</i> Cabrera	X		
	<i>Senecio trixoides</i> Gardn.	X		
	<i>Solidago chilensis</i> Meyen			X
	<i>Solidago microglossa</i> DC.		X	
	<i>Soliva pterosperma</i> (Juss.) Less.		X	
	<i>Sonchus oleraceus</i> L.		X	
	<i>Spilanthes urens</i> Jacq.			X
	<i>Stevia cinerascens</i> Sch. Bip.	X		
	<i>Stevia comixta</i> Rob.	X		
	<i>Stevia veronicae</i> DC.	X		

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Trichogonia salviaefolia</i> Gardn.	X		X
	<i>Trixis glutinosa</i> D.Don	X		X
	<i>Trixis verbasciformis</i> Less.	X		
	<i>Verbesina sordescens</i> DC.	X		
	<i>Vernonia</i> aff. <i>ruficoma</i> Schlecht.			X
	<i>Vernonia apiculata</i> Mart.	X		
	<i>Vernonia bardanoides</i> Less.	X		
	<i>Vernonia brevifolia</i> Less.	X		X
	<i>Vernonia brevipetiolata</i> Sch. Bip.	X		
	<i>Vernonia cognata</i> Less	X		X
	<i>Vernonia coriacea</i> Less.	X		
	<i>Vernonia ferruginea</i> Less.	X		X
	<i>Vernonia glabrata</i> Less.	X		
	<i>Vernonia grandiflora</i> Less.	X		X
	<i>Vernonia herbacea</i> (Vell.) Rusby	X		X
	<i>Vernonia holosericea</i> Mart.	X		X
	<i>Vernonia ignobilis</i> Less	X		
	<i>Vernonia laevigata</i> Mart.	X		
	<i>Vernonia lappoides</i> Baker	X		
	<i>Vernonia megapotamica</i> Spreng.	X		
	<i>Vernonia mucronulata</i> Less.	X		
	<i>Vernonia obtusata</i> Less.	X		
	<i>Vernonia onopordioides</i> Baker	X		
	<i>Vernonia platensis</i> (Spreng.) Less.			X
	<i>Vernonia polyanthes</i> Less.			X
	<i>Vernonia rubriramea</i> Mart.	X		
	<i>Vernonia thyrsoides</i> Baker			X
	<i>Vernonia tragiaefolia</i> DC.	X		
	<i>Vernonia virgulata</i> Mart.	X		
	<i>Vernonia zuccariniana</i> Mart.	X		
	<i>Viguiera discolor</i> Baker	X		
	<i>Viguiera robusta</i> Gardn.	X		X
	<i>Wedelia macrodonta</i> DC.	X		
	<i>Wedelia paludosa</i> DC.	X		
	<i>Wedelia subvelutina</i> DC.	X		

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Wulffia stenoglossa</i> DC.	X		
Begoniaceae	<i>Begonia cucullata</i> Willd.			X
Bignoniaceae	<i>Adenocalyma bracteatum</i> (Cham.) DC.	X		X
	<i>Adenocalyma comosum</i> (Cham.) DC.	X		X
	<i>Anemopaegma acutifolium</i> DC.	X		
	<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stellfeld & J.F. Souza	X		X
	<i>Anemopaegma chamberlaynii</i> (Sims.) Bureau & K. Schum.	X		X
	<i>Arrabidaea brachypoda</i> (DC.) Bureau	X		
	<i>Arrabidaea platyphylla</i> A. DC.			X
	<i>Arrabidaea pubescens</i> (L.) A. H. Gentry	X		X
	<i>Arrabidaea pulchella</i> Bureau	X		X
	<i>Arrabidaea pulchra</i> (Cham.) Sandw.	X		X
	<i>Arrabidaea samydoides</i> (Cham.) Sandw.	X		X
	<i>Arrabidaea triplinervia</i> (DC.) Baill. ex Bur.	X		
	<i>Clytostoma binatum</i> (Thund.) Sandw.	X		X
	<i>Cybistax antisyphilitica</i> Mart.	X		
	<i>Distictella elongata</i> (Vahl.) Urb.	X		X
	<i>Distictella mansoana</i> (DC.) Urb.	X		
	<i>Jacaranda caroba</i> (Vell.) A. DC.	X		
	<i>Jacaranda decurrens</i> Cham.	X		X
	<i>Jacaranda oxyphylla</i> Cham.	X		
	<i>Jacaranda rufa</i> Silva Manso	X		X
	<i>Lundia obliqua</i> Sond.	X		X
	<i>Macfadyena unguis-cati</i> (L.) A. H. Gentry	X		X
	<i>Memora axillaris</i> K. Schum.	X		
Bignoniaceae	<i>Pyrostegia venusta</i> (Ker Gawl.) Miers	X		X
	<i>Tabebuia caraiba</i> (Mart.) Bureau	X		X
	<i>Tabebuia ochracea</i> (Cham.) Standl.	X		X
	<i>Zeyhera digitalis</i> (Vell.) Hoehne	X		X
Bixaceae	<i>Cochlospermum regium</i> (Schrank) Pilg.	X		X
Boraginaceae	<i>Cordia calocephala</i> Cham.	X		
	<i>Cordia corymbosa</i> Willd. ex Roem. & Schult.	X		
	<i>Cordia sellowiana</i> Cham.	X		X
	<i>Cordia superba</i> Cham.		X	
	<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arrab. ex Steud.			X

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
Bromeliaceae	<i>Acanthostachys strobilacea</i> (Schult. f.) Klotzsch	X		
	<i>Aechmea bromeliifolia</i> (Rudge) Baker	X		
	<i>Ananas ananassoides</i> (Baker) L.B. Sm.	X		
	<i>Ananas macrodentes</i> E. Morren			X
	<i>Dyckia linearifolia</i> Baker	X		X
	<i>Dyckia tuberosa</i> (Vell.) Beer			X
	<i>Tillandsia recurvata</i> (L.) L.			X
Burseraceae	<i>Protium brasiliense</i> Engl.			X
	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March.	X	X	X
Cannabaceae	<i>Celtis iguanaea</i> (Jacq.) Sarg.			X
	<i>Trema micrantha</i> Blum.		X	X
Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	X		X
Caryophyllaceae	<i>Polycarpaea corymbosa</i> (L.) Lam.	X		
Celastraceae	<i>Maytenus alaternoides</i> Reissek			X
	<i>Maytenus gonoclada</i> Mart.			X
	<i>Peritassa campestris</i> (Camb.) A. C. Smith	X		X
Chrysobalanaceae	<i>Plenckia populnea</i> (Reissek) Lundell	X		X
	<i>Couepia grandiflora</i> (Mart. & Zucc.) Benth. ex Hook. f.	X		X
	<i>Licania humilis</i> Cham. & Schldl.	X		
Clusiaceae	<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess.		X	X
	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.	X		X
	<i>Kielmeyera rubriflora</i> Cambess.	X		
Combretaceae	<i>Kielmeyera variabilis</i> Mart. & Zucc.	X		X
	<i>Terminalia argentea</i> Mart.	X		X
	<i>Terminalia brasiliensis</i> (Cambess. ex A. St.-Hil.) Eichler		X	
Combretaceae	<i>Terminalia glabrescens</i> Mart.			X
	<i>Terminalia phaeocarpa</i> Eichler			X
	<i>Commelina elegans</i> H.B.K.	X		
Commelinaceae	<i>Commelina erecta</i> L.	X		X
	<i>Dichorisandra hexandra</i> (Aubl.) Standl.	X		
Connaraceae	<i>Connarus suberosus</i> Planch.	X		X
Convolvulaceae	<i>Dichondra repens</i> Forst.		X	
	<i>Evolvulus sericeus</i> Sw.	X		X
	<i>Ipomoea alba</i> L.	X		
	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.		X	

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Ipomoea cairica</i> (L.) Sweet.	X	X	
	<i>Ipomoea longicuspis</i> Meiss.		X	
	<i>Ipomoea ramosissima</i> (Poir) Choisy	X		
	<i>Ipomoea virgata</i> Meissn.	X		
	<i>Jacquemontia densiflora</i> (Meisner) Hallier f.	X		
	<i>Jacquemontia sphaerocephala</i> Meissn.	X		
	<i>Jacquemontia velutina</i> Choisy	X		
	<i>Merremia</i> aff. <i>cissoides</i> (Lam.) Hallier f.	X		
	<i>Merremia contorquens</i> (Choisy) Hall.	X		X
	<i>Merremia macrocalyx</i> (Ruiz et Pav.) O'Donell	X	X	
	<i>Merremia tomentosa</i> (Choisy) Hall.	X		
	<i>Merremia umbellata</i> (L.) Hallier f.	X		
	<i>Odonellia eriocephala</i> (moric.) K. R. Robertson	X		
Cucurbitaceae	<i>Anisosperma passiflora</i> (Vell.) Silva Manso	X		
	<i>Cayaponia espelina</i> (Cogn.) Manso	X		X
	<i>Ceratosanthes hilariana</i> Cogn.	X		
	<i>Melancium campestre</i> Naud.	X		X
	<i>Momordica charantia</i> L.	X		
Cunoniaceae	<i>Lamanonia ternata</i> Vell.	X		
	<i>Lamanonia tomentosa</i> Cambess.	X		
Cyperaceae	<i>Ascolepis brasiliensis</i> (Kunth) Benth.			X
	<i>Ascolepis leucocephala</i> (Nees) L. T. Eiten			X
	<i>Bulbostylis capillaris</i> (L.) C.B. Clarke	X		X
	<i>Bulbostylis hirtella</i> (Schrad. ex Schult.) Nees ex Urb.	X		
	<i>Bulbostylis junciformis</i> (Kunth) C.B. Clarke	X		
	<i>Bulbostylis juncooides</i> (Vahl) Kük. ex Osten	X		
	<i>Bulbostylis sphaerocephala</i> (Boeck.) C.B. Clarke	X		X
	<i>Carex brasiliensis</i> St. Hil.			X
	<i>Cyperus cayennensis</i> Willd. ex Link	X		
	<i>Cyperus densicaespitosus</i> Mattf. & Kük.			X
	<i>Cyperus diffusus</i> Vahl	X		X
	<i>Cyperus ferax</i> Rich.	X		
	<i>Cyperus flavus</i> (Vahl) Ness	X		X
	<i>Cyperus haspan</i> L.			X
	<i>Cyperus lanceolatus</i> Poir.			X

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Cyperus luzulae</i> (L.) Retz.			X
	<i>Cyperus megapotamicus</i> Kunth.			X
	<i>Cyperus meyerianus</i> Kunth.			X
	<i>Cyperus pohlii</i> (Nees) Steud.			X
	<i>Cyperus sesquiflorus</i> (Torr.) Mattf. & Kük.	X		X
	<i>Fimbristylis autumnalis</i> (L.) Roem. & Schult.			X
	<i>Fimbristylis diphylla</i> (Retz) Vahl.			X
	<i>Licocarpha gracilis</i> Nees.			X
	<i>Licocarpha sellowiana</i> Kunth.			X
	<i>Rhynchospora albiceps</i> Kunth.			X
	<i>Rhynchospora emaciata</i> (Nees) Boeck.			X
	<i>Rhynchospora exaltata</i> Kunth	X		X
	<i>Rhynchospora gigantea</i> Link.			X
	<i>Rhynchospora glauca</i> C.B. Clarke	X		
	<i>Rhynchospora globosa</i> (HBK) Roem. & Schult.			X
	<i>Rhynchospora marisculus</i> Lindl. & Nees.			X
	<i>Rhynchospora nervosa</i> (Vahl) Boeckeler	X		
	<i>Rhynchospora polyantha</i> Steud.			X
	<i>Rhynchospora rigida</i> (Kunth) Boeck.			X
	<i>Rhynchospora robusta</i> (Kunth) Boeck.			X
	<i>Rhynchospora velutina</i> (Kunth) Boeck.			X
	<i>Scleria bracteata</i> Cav.	X		X
	<i>Scleria comosa</i> (Nees) Steud.	X		
	<i>Scleria ramosa</i> Clarke			X
Dilleniaceae	<i>Davilla elliptica</i> A. St.-Hil.	X		
	<i>Davilla rugosa</i> Poir.	X		X
	<i>Doliocarpus dentatus</i> (Aubl.) Standl.	X		
Dioscoreaceae	<i>Dioscorea amaranthoides</i> Presl.	X		
	<i>Dioscorea multiflora</i> Mart. ex Griseb	X		
Droseraceae	<i>Drosera capillaris</i> Poir.			X
Ebenaceae	<i>Diospyros brasiliensis</i> Mart. ex Miq.		X	
	<i>Diospyros hispida</i> A. DC.	X		
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea monosperma</i> Vell.			X
Eriocaulaceae	<i>Eriocaulon crassicaipum</i> Bong.			X
	<i>Paepalanthus flaccidus</i> (Bong.) Kunth.			X

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Paepalanthus speciosus</i> (Bong.) Koern.			X
	<i>Syngonanthus caulescens</i> (Poir.) Ruhl.			X
	<i>Syngonanthus nitens</i> var. <i>hirtulus</i> Ruhl.			X
	<i>Syngonanthus squarrosus</i> Ruhl.			X
	<i>Syngonanthus xeranthemoides</i> (Bong.) Raus.			X
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum ambiguuum</i> Peyr.	X		
	<i>Erythroxylum campestre</i> A. St.-Hil.	X		X
	<i>Erythroxylum cuneifolium</i> (Mart.) O.E.Schultz	X		
	<i>Erythroxylum deciduum</i> St. Hil.	X		X
	<i>Erythroxylum suberosum</i> A. St.-Hil.	X		X
	<i>Erythroxylum tortuosum</i> Mart.	X		X
Euphorbiaceae	<i>Actinostemon klotzschianus</i> Baill.			X
	<i>Actinostemon oligandrus</i> (Müll. Arg.) Baill.			X
	<i>Alchornea glandulosa</i> Poepp. & Endl.			X
	<i>Alchornea triplinervia</i> (Spreng.) Müll. Arg.		X	X
	<i>Bernardia spartioides</i> (Baill.) Müll. Arg.	X		X
	<i>Croton antisiphiliticus</i> Müll. Arg.			X
	<i>Croton eriocladus</i> Müll. Arg.	X		
	<i>Croton floribundus</i> Spreng.		X	X
	<i>Croton glandulosus</i> Müll. Arg.	X		
	<i>Croton grandivelum</i> Müll. Arg.	X		
	<i>Croton lobatus</i> L.		X	
	<i>Croton lundianus</i> Müll. Arg.	X		
	<i>Croton paulinus</i> Müll. Arg.			X
	<i>Croton pohlianus</i> Müll. Arg.	X		X
	<i>Croton sclerocalyx</i> Müll. Arg.	X		
	<i>Croton urucurana</i> Baill.		X	X
	<i>Euphorbia caecorum</i> Mart.	X		X
	<i>Euphorbia heterophylla</i> L.		X	X
	<i>Euphorbia submarginatus</i> Müll. Arg.			X
	<i>Julocroton humilis</i> Diedr.	X		
	<i>Julocroton lanceolatus</i> Müll. Arg.	X		
	<i>Manihot tripartita</i> Müll. Arg.	X		
	<i>Maprounea guianensis</i> Aubl.			X
	<i>Pera glabrata</i> (Schott) Poepp. ex Baill.	X		X

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Pera obovata</i> (Klotzsch) Baill.	X		
	<i>Sapium glandulatum</i> (Vell.) Pax	X		
	<i>Sapium marginatus</i> Müll. Arg.	X		X
	<i>Sebastiania bidentata</i> (Mart.) Pax	X		
	<i>Sebastiania commersoniana</i> (Baill.) L.B. Sm. & Downs		X	X
	<i>Sebastiania glandulosa</i> (Mart.) Pax.			X
	<i>Sebastiania hispida</i> (Mart.) Pax.			X
	<i>Sebastiania klotzschiana</i> (Müll. Arg.) Müll. Arg.		X	X
	<i>Sebastiania serrata</i> (Baill.) Müll. Arg.			X
	<i>Sebastiania serrulata</i> Müll. Arg.	X		
	<i>Sebastiania virgata</i> Müll. Arg.	X		
	<i>Tragia bahiensis</i> Müll. Arg.	X		
	<i>Tragia uberabana</i> Müll. Arg.	X		
Fabaceae - Caesalpinioideae	<i>Cassia ferruginea</i> (Schrader) Schrader ex DC.		X	
	<i>Cassia flexuosa</i> L.			X
	<i>Cassia langsdorffii</i> Kunth	X		X
	<i>Cassia patellaria</i> DC.	X		X
	<i>Cassia rotundifolia</i> Persoon.			X
	<i>Cassia rugosa</i> G. Don	X		X
	<i>Cassia setosa</i> Vog.			X
	<i>Cassia sylvestris</i> Vell.			X
	<i>Cassia tetraphylla</i> Desv.	X		X
	<i>Cassia trachycarpa</i> Vog.			X
	<i>Chamaechrista basifolia</i> (G. Don) I. & B.	X		X
	<i>Chamaechrista calycioides</i> (Collad.) Greene	X		
	<i>Chamaechrista cathartica</i> (Mart.) I. & B.	X		X
	<i>Chamaechrista chamaechrista</i> (Michx.) Greene	X		
	<i>Chamaechrista desvauxii</i> (Collad.) Killip	X		
	<i>Chamaechrista fasciculata</i> (Michx.) Greene	X		
	<i>Chamaechrista flexuosa</i> (L.) Greene	X		
	<i>Chamaechrista labouriaea</i> (I. & B.) I. & B.	X		
	<i>Chamaechrista nictitans</i> (L.) Moench.	X		
	<i>Chamaechrista trichopoda</i> (Benth.) Britton & Rose	X		
	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	X	X	X
	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	X		X

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Hymenaea courbaril</i> L.		X	X
	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart.	X		
	<i>Peltophorum dubium</i> (Spreng.) Taub.			X
	<i>Sclerolobium aureum</i> (Tul.) Baill.	X		X
	<i>Senna pilifera</i> (Vog.) I. & B.	X		X
	<i>Senna rugosa</i> (G. Don) I. & B.	X		
	<i>Senna silvestris</i> (Vell.) I. & B.	X		
Fabaceae - Cercideae	<i>Bauhinia burchellii</i> Benth.			X
	<i>Bauhinia geminata</i> Vogel			X
	<i>Bauhinia rufa</i> Steud.	X		X
Fabaceae - Faboideae	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	X		X
	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	X		X
	<i>Aeschynomene falcata</i> Benth.	X		
	<i>Aeschynomene hystrix</i> Poir.	X		
	<i>Aeschynomene marginata</i> Benth.	X		
	<i>Andira anthelmia</i> (Vell.) J.F. Macbr.			X
	<i>Andira humilis</i> Mart.	X		X
	<i>Andira laurifolia</i> Benth.	X		
	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	X		
	<i>Calopogonium caeruleum</i> Hemsl.	X		
	<i>Camptosema ellipticum</i> (Desv.) Bork	X		
	<i>Camptosema isopetalum</i> (Lam.) Benth.			X
	<i>Centrolobium tomentosum</i> Guillemin ex Benth.		X	
	<i>Centrosema angustifolium</i> Kunth	X		
	<i>Centrosema bracteosum</i> Benth.	X		X
	<i>Centrosema venosum</i> Mart.	X		
	<i>Clitoria guianensis</i> Benth.	X		
	<i>Crotalaria anagyroides</i> H. B. K.	X		X
	<i>Crotalaria brachystachya</i> Benth.			X
	<i>Crotalaria depauperata</i> Mart.			X
	<i>Crotalaria foliosa</i> Benth.	X		
	<i>Crotalaria leptophylla</i> Benth.			X
	<i>Crotalaria maypurensis</i> Kunth	X		
	<i>Crotalaria pohliana</i> Benth.	X		
	<i>Cyclobium vecchii</i> A. Samp. ex Hoehne		X	X

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Dalbergia brasiliensis</i> Vogel	X		
	<i>Dalbergia miscolobium</i> Benth.	X		
	<i>Dalbergia violacea</i> (Jacq.) Hoffmanns.	X		
	<i>Desmodium canum</i> (Gmel.) Schinz & Thell.			X
	<i>Desmodium guaraniticum</i> (Schindl.) Malme	X		
	<i>Desmodium incanum</i> (Sw.) DC.	X		
	<i>Desmodium pachyrrhizum</i> Vog.	X		
	<i>Dioclea rufescens</i> Benth.	X		
	<i>Eriosema campestre</i> Benth.	X		
	<i>Eriosema crinitum</i> (Kunth) G. Don.	X		X
	<i>Eriosema heterophyllum</i> Benth.	X		X
	<i>Eriosema longifolium</i> Benth.	X		
	<i>Galactia decumbens</i> (Benth.) Hassler	X		X
	<i>Galactia martii</i> DC.	X		
	<i>Harpalyce brasiliana</i> Benth.	X		
	<i>Indigofera gracilis</i> Bong.	X		X
	<i>Indigofera suffruticosa</i> Miller.			X
	<i>Lonchocarpus guillemineanus</i> (Tul.) Malme		X	
	<i>Lonchocarpus subglaucescens</i> Mart. ex Benth.			X
	<i>Machaerium aculeatum</i> Radd.			X
	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	X		X
	<i>Machaerium angustifolium</i> Vogel			X
	<i>Machaerium brasiliense</i> Vogel			X
	<i>Machaerium nyctitans</i> (Vell.) Benth.			X
	<i>Machaerium villosum</i> Vogel	X		X
	<i>Macoptilium prostratum</i> (Benth.) Urban	X		
	<i>Myrocarpus frondosus</i> Allemão		X	
	<i>Myroxylon peruiferum</i> L. f.			X
	<i>Ormosia arborea</i> (Vell.) Harms	X	X	X
	<i>Phaseolus clitoroides</i> Mart.	X		
	<i>Phaseolus prostratus</i> var. <i>angustifolius</i> Benth.			X
	<i>Platycyamus regnellii</i> Benth			X
	<i>Platypodium elegans</i> Vogel	X		X
	<i>Poiretia coriifolia</i> Vog.	X		
	<i>Rhynchosia melanocarpa</i> Grear	X		

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Stylosanthes gracilis</i> Kunth	X		
	<i>Stylosanthes guianensis</i> Sw.	X		X
	<i>Stylosanthes scabra</i> Vog.	X		X
	<i>Stylosanthes viscosa</i> Sw.			X
	<i>Tephrosia rufescens</i> Benth.	X		X
	<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	X		
	<i>Vigna paraguariensis</i> Benth.			X
	<i>Vigna peduncularis</i> (Kunth) Fawcett et Rendle	X		
	<i>Zornia latifolia</i> Sm.	X		X
	<i>Zornia reticulata</i> Sm.	X		X
Fabaceae - Mimosoideae	<i>Acacia</i> aff. <i>polyphylla</i> DC.		X	
	<i>Acacia plumosa</i> Lowe			X
	<i>Acacia polyphylla</i> DC.		X	X
	<i>Anadenanthera falcata</i> Speg.	X		
	<i>Calliandra microphylla</i> Benth.			X
	<i>Calliandra parviflora</i> Benth.			X
	<i>Desmanthus depressus</i> Humb. & Bompl.	X		
	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong.			X
	<i>Enterolobium gummiferum</i> (Mart.) J.F. Macbr.	X		
	<i>Inga sessilis</i> (Vell.) Mart.	X		
	<i>Inga vera</i> Willd.		X	X
	<i>Mimosa acerba</i> Benth.	X		
	<i>Mimosa</i> aff. <i>albida</i> H. & B.			X
	<i>Mimosa arachnoides</i> Taub.			X
	<i>Mimosa axillares</i> Benth.	X		X
	<i>Mimosa calycina</i> Benth.	X		
	<i>Mimosa capillipes</i> Benth.	X		X
	<i>Mimosa distans</i> Benth.	X		
	<i>Mimosa eriophylla</i> Bent.	X		
	<i>Mimosa invis</i> a Mart.	X		
	<i>Mimosa meticulosa</i> Mart.	X		
	<i>Mimosa neuroloma</i> Benth.			X
	<i>Mimosa pudica</i> L.		X	
	<i>Mimosa rixosa</i> Mart.	X		X
	<i>Mimosa subsericea</i> Benth.	X		X

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Mimosa tremula</i> Benth.	X		
	<i>Plathymenia reticulata</i> Benth.	X		X
	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	X		X
Gentianaceae	<i>Calolisianthus speciosus</i> Gilg.	X		
	<i>Deianira foliosa</i> (Griseb.) Guimarães	X		
Gesneriaceae	<i>Sinningia allagophylla</i> (Mart.) Wiehler	X		
	<i>Sinningia splendens</i> (Van Houte) O. Kuntze	X		
Iridaceae	<i>Cipura paludosa</i> Aubl.	X		
	<i>Sisyrinchium incurvatum</i> Gardner	X		X
	<i>Sisyrinchium vaginatum</i> Spreng.	X		X
	<i>Trimezia juncifolia</i> Klatt	X		
Lacistemataceae	<i>Lacistema hasslerianum</i> Chodat	X		
Lamiaceae	<i>Aegiphila lhotskiana</i> Cham.	X		X
	<i>Aegiphila paraguariensis</i> Brig.			X
	<i>Aegiphila sellowiana</i> Cham.			X
	<i>Eriope crassipes</i> Benth.	X		X
	<i>Hyptis</i> aff. <i>lophantha</i> (Mart.) Benth.		X	
	<i>Hyptis caespitosa</i> A. St.-Hil. ex Benth.	X		
	<i>Hyptis crinita</i> Benth.	X		X
	<i>Hyptis eriophylla</i> Pohl.	X		
	<i>Hyptis marruboides</i> Epl.	X		X
	<i>Hyptis multibracteata</i> Benth.	X		
	<i>Hyptis nudicaulis</i> Benth.	X		
	<i>Hyptis pauliana</i> Epl.	X		X
	<i>Hyptis virgata</i> Benth.	X		X
	<i>Leonurus sibiricus</i> L.			X
	<i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Vahl) Ktze.			X
	<i>Peltodon tomentosus</i> Pohl.	X		
	<i>Salvia rosmarinoides</i> St. Hil.	X		X
	<i>Vitex montevidensis</i> Cham.			X
	<i>Vitex triflora</i> Vahl			X
Lauraceae	<i>Cryptocarya aschersoniana</i> Mez			X
	<i>Endlicheria paniculata</i> (Spreng.) J.F. Macbr.			X
	<i>Nectandra megapotamica</i> (Spreng.) Mez		X	X
	<i>Nectandra mollis</i> (Kunth) Nees			X

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Ocotea aciphylla</i> (Nees) Mez			X
	<i>Ocotea corymbosa</i> (Meisn.) Mez			X
	<i>Ocotea glaziovii</i> Mez			X
	<i>Ocotea minarum</i> (Nees & C. Mart.) Mez			X
	<i>Ocotea odorifera</i> Rohwer			X
	<i>Ocotea oppositifolia</i> S. Yasuda		X	
	<i>Ocotea puberula</i> (Rich.) Nees		X	
	<i>Ocotea pulchella</i> (Nees) Mez	X		X
	<i>Persea pyrifolia</i> (D. Don) Spreng.	X		X
Lecythidaceae	<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze		X	X
	<i>Cariniana legalis</i> (Mart.) Kuntze		X	
Lentibulariaceae	<i>Utricularia</i> cf. <i>subulata</i> L.			X
	<i>Utricularia cucullata</i> St. Hil. & Girard.			X
Loganiaceae	<i>Spigelia dusenii</i> L. B. Smith		X	
	<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil.	X		
Loranthaceae	<i>Psittacanthus robustus</i> Mart.	X		X
	<i>Tripodanthus acutifolius</i> (Ruiz & Pav.) Tiegh.	X		
Lythraceae	<i>Cuphea carthaginensis</i> (Jarq.) Macbr.			X
	<i>Cuphea thymoides</i> Cham. & Schlecht	X		X
	<i>Diplusodon virgatus</i> Pohl	X		
	<i>Heimia salicifolia</i> (H. B. J.) Link.	X		
	<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	X		X
	<i>Lafoensia replicata</i> Pohl			X
Magnoliaceae	<i>Magnolia ovata</i> (A. St.-Hil.) Spreng.	X		
Malpighiaceae	<i>Banisteriopsis anisandra</i> (A. Juss.) Gates	X		
	<i>Banisteriopsis argyrophylla</i> (A. Juss.) Gates	X		
	<i>Banisteriopsis campestris</i> (A. Juss.) Little	X		X
	<i>Banisteriopsis laevifolia</i> (A. Juss.) Gates	X		X
	<i>Banisteriopsis nummifera</i> (A. Juss.) B. Gates	X		
	<i>Banisteriopsis oxyclada</i> (A. Juss.) B. Gates	X		
	<i>Banisteriopsis pubipetala</i> (A. Juss.) Cuaterc	X		
	<i>Banisteriopsis stellaris</i> (Griseb.) Gates	X		
	<i>Banisteriopsis variabilis</i> Gates	X		
	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	X		
	<i>Byrsonima intermedia</i> A. Juss.	X		X

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	X		X
	<i>Camarea affinis</i> St. Hil.	X		
	<i>Heteropterys acutifolia</i> A. Juss.	X		X
	<i>Heteropterys byrsonimifolia</i> A. Juss.	X		X
	<i>Heteropterys</i> cf. <i>procoriaceae</i> Ndzu.			X
	<i>Heteropterys luschnatiana</i> A. Juss.	X		
	<i>Heteropterys umbellata</i> A. Juss.	X		
	<i>Mascagnia cordifolia</i> (A. Juss.) Griseb.	X		
	<i>Mascagnia sepium</i> (A. Juss.) Griseb.	X		
	<i>Peixotoa reticulata</i> Griseb	X		
	<i>Stigmaphyllon puberulum</i> Griseb.	X		
	<i>Tetrapteryx chamaecerasifolia</i> A. Juss.	X		
	<i>Tetrapteryx longibracteata</i> A. Juss.	X		
	<i>Tetrapteryx guilleminiana</i> A. Juss.	X		
	<i>Thryallis brasiliensis</i> L.			X
Malvaceae	<i>Byttneria sagittifolia</i> St. Hil.	X		X
	<i>Corchorus hirtus</i> L.		X	X
	<i>Eriotheca gracilipes</i> (K. Schum.) A. Robyns	X		X
	<i>Eriotheca pubescens</i> (Mart. & Zucc.) Schott & Endl.	X		
	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.			X
	<i>Helicteres brevispira</i> St. Hil.	X		
	<i>Helicteres sacarolha</i> St. Hil.	X		
	<i>Krapovickasia macrodon</i> (DC.) Fryx	X		
	<i>Luehea</i> cf. <i>divaricata</i> Mart.		X	
	<i>Luehea divaricata</i> Mart.	X	X	X
	<i>Luehea speciosa</i> Willd.	X		
	<i>Malva parviflora</i> L.		X	
	<i>Melochia spicata</i> (L.) Tryxell			X
	<i>Melochia splendens</i> St. Hilaire & Naudin	X		
	<i>Pavonia malacophylla</i> Gurcke	X		
	<i>Pavonia sessiliflora</i> H. B. K.	X		
	<i>Pavonia speciosa</i> Kunth	X		X
	<i>Pseudobombax longiflorum</i> (Mart. & Zucc.) A. Robyns	X		
	<i>Sida aurantiaca</i> St. Hil.	X		
	<i>Sida glaziovii</i> K. Schum.	X		

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Sida linifolia</i> Juss.	X		X
	<i>Sida rhombifolia</i> L.	X	X	X
	<i>Sida santamarensis</i> L.		X	
	<i>Sida spinosa</i> L.	X		
	<i>Triumfetta semitriloba</i> Jacq.			X
	<i>Whalteria communis</i> L.	X		X
	<i>Whalteria indica</i> L.	X		X
Mayacaceae	<i>Mayaca sellowiana</i> Kunth			X
	<i>Mayaca subletii</i> Michx.			X
Melastomataceae	<i>Acisanthera alsinaefolia</i> Triana	X		X
	<i>Acisanthera variabilis</i> (DC.) Tr.			X
	<i>Cambessedesia espora</i> subsp. <i>ilicifolia</i> (DC.) A. B. Martins	X		
	<i>Leandra barbinervis</i> (Cham. ex Triana) Cogn.			X
Melastomataceae	<i>Leandra erostrata</i> Cogn.	X		
	<i>Leandra involucrata</i> DC.	X		
	<i>Leandra lacunosa</i> Cogn.	X		
	<i>Leandra penduliflora</i> Cogn.			X
	<i>Leandra scabra</i> DC.			X
	<i>Macairea radula</i> (Bonpl.) DC.			X
	<i>Miconia albicans</i> Triana	X		
	<i>Miconia chamissois</i> Naud.			X
	<i>Miconia langsdorffii</i> Cogn.	X		X
	<i>Miconia rubiginosa</i> (Bonpl.) DC.	X		
	<i>Miconia stenostachya</i> DC.	X		X
	<i>Microlicia euphorbioides</i> Mart.			X
	<i>Rhynchanthera</i> cf. <i>dichotoma</i> (Desr.) DC.			X
	<i>Rhynchanthera verbenooides</i> Cham.			X
	<i>Tibouchina gracilis</i> (Bonpl.) Cogn.	X		X
	<i>Tibouchina sebastianopolitana</i> Cogn.	X		
	<i>Tibouchina stenocarpa</i> (DC.) Cogn.	X		X
Meliaceae	<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart.			X
	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.			X
	<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer		X	X
	<i>Guarea macrophylla</i> Vahl			X
	<i>Melia azedarach</i> L.			X

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Trichilia catigua</i> A. Juss.			X
	<i>Trichilia elegans</i> A. Juss.			X
	<i>Trichilia pallida</i> Sw.		X	X
Menispermaceae	<i>Cissampelos andromorpha</i> DC.	X		
	<i>Cissampelos glaberrima</i> A. St.-Hil.	X		
	<i>Cissampelos ovalifolia</i> R. & P.	X		
	<i>Odontocarya acuparata</i> Miers	X		
Monimiaceae	<i>Mollinedia chrysorrhachis</i> Perkins		X	
	<i>Mollinedia widgrenii</i> A. DC.			X
Moraceae	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trec.	X		X
	<i>Brosimum glaziovii</i> Taub.		X	
	<i>Brosimum rubescens</i> Taub.			X
Moraceae	<i>Dorstenia tubicina</i> R. & P.	X		
	<i>Ficus citrifolia</i> Mill.	X		
	<i>Ficus enormis</i> (Mart. ex Miq.) Mart.			X
	<i>Ficus guaranitica</i> Chodat			X
	<i>Sorocea bonplandii</i> (Baill.) W.C. Burger, Lanj. & Wess. Boer			X
Myristicaceae	<i>Virola sebifera</i> Aubl.	X		X
Myrsinaceae	<i>Ardisia ambigua</i> Mart.			X
	<i>Myrsine coriacea</i> (Sw.) R. Br. ex Roem. & Schult.			X
	<i>Rapanea ferruginea</i> (R. & P.) Mez	X		X
	<i>Rapanea guianensis</i> Aubl.	X		
	<i>Rapanea lancifolia</i> (Mart.) Mez	X		
	<i>Rapanea umbellata</i> Mart.			X
Myrtaceae	<i>Calycorectes acutatus</i> (Miq.) Toledo			X
	<i>Calyptranthes clusiifolia</i> (Miq.) O. Berg			X
	<i>Calyptranthes lucida</i> Mart. ex DC.			X
	<i>Campomanesia guaviroba</i> (DC.) Kiaersk.			X
	<i>Campomanesia guazumifolia</i> (Cambess.) O. Berg			X
	<i>Campomanesia obversa</i> Berg.	X		
	<i>Campomanesia pubescens</i> (DC.) O. Berg	X		
	<i>Campomanesia rufa</i> (Berg.) Ndzu.			X
	<i>Eugenia</i> aff. <i>fusca</i> O. Berg			X
	<i>Eugenia</i> aff. <i>schuchiana</i> O. Berg			X
	<i>Eugenia albo-tomentosa</i> Camb.	X		

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Eugenia aurata</i> O. Berg	X		X
	<i>Eugenia bimarginata</i> DC.	X		
	<i>Eugenia cuspidata</i> O. Berg			X
	<i>Eugenia gardneriana</i> O. Berg			X
	<i>Eugenia hyemalis</i> Cambess.			X
	<i>Eugenia livida</i> Berg.	X		X
	<i>Eugenia moraviana</i> O. Berg			X
	<i>Eugenia observa</i> Berg.	X		
	<i>Eugenia pitanga</i> (O. Berg) Kiaersk.	X		X
	<i>Hexachlamys humilis</i> Berg.	X		
	<i>Myrcia albotomentosa</i> DC.	X		
	<i>Myrcia bella</i> Camb.	X		
	<i>Myrcia lasiantha</i> DC.			X
	<i>Myrcia lingua</i> Berg.	X		X
	<i>Myrcia pseudomini</i> DC.	X		
	<i>Myrcia rhodosepala</i> Kiaersk.			X
	<i>Myrcia tomentosa</i> (Aubl.) DC.	X		X
	<i>Myrcia uberavensis</i> Berg.			X
	<i>Myrcia ypacarayensis</i> Barg. Rodr.			X
	<i>Myrciaria ciliolata</i> (Cambess.) O. Berg			X
	<i>Psidium cinereum</i> Mart.	X		
	<i>Psidium grandifolium</i> Mart.	X		
	<i>Psidium guajava</i> L.			X
	<i>Psidium incanescens</i> Mart.	X		
	<i>Psidium suffruticosum</i> Berg.	X		
	<i>Syzigium jambos</i> (L.) Alston			X
Nyctaginaceae	<i>Guapira noxia</i> (Netto) Lundell	X		
	<i>Guapira opposita</i> (Vell.) Reitz			X
	<i>Neea mollis</i> Spruce ex J.A. Schmidt	X		
	<i>Neea theifera</i> Oerst.	X		
Ochnaceae	<i>Ouratea castaneifolia</i> (DC.) Engl.	X		X
	<i>Ouratea spectabilis</i> (Mart. ex Engl.) Engl.	X		X
	<i>Sauvagesia erecta</i> L.			X
	<i>Sauvagesia racemosa</i> St. Hil.			X
Onagraceae	<i>Ludwigia</i> aff. <i>quadrangularis</i> Michel		X	

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Ludwigia decurrens</i> Walt.		X	
	<i>Ludwigia leptocarpa</i> Nutt.			X
	<i>Ludwigia nervosa</i> var. <i>nervosa</i> Poir.			X
	<i>Ludwigia sericea</i> (Camb.) Hara		X	
	<i>Ludwigia suffruticosa</i> var. <i>ligustrifolia</i> Griseb.			X
Opiliaceae	<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers ex Benth. & Hook. f.	X		
Orchidaceae	<i>Cleistes uliginosa</i> Pabst	X		
	<i>Epidendrum denticulatum</i> Barb. Rodr.	X		
	<i>Galeandra junceoides</i> Rodr.	X		
	<i>Galeandra montana</i> Barb. Rodr.	X		
Orchidaceae	<i>Habenaria</i> aff. <i>gustavi-edwallii</i> Hoehne	X		
	<i>Ionopsis utricularioides</i> (Sw.) Lindl.	X		
	<i>Pelexia laminata</i> Schltr.	X		
Orobanchaceae	<i>Buchnera lavandulacea</i> Cham. & Schtdl.	X		
	<i>Buchnera lobelioides</i> Cham.	X		
	<i>Esterhazyia splendida</i> Mikan	X		
Oxalidaceae	<i>Oxalis corniculata</i> L.			X
	<i>Oxalis physocalyx</i> Zucc. ex Progel	X		
Passifloraceae	<i>Passiflora lepidota</i> Mast.	X		
	<i>Passiflora miersii</i> Mart.	X		
Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus corcovadensis</i> Muell.		X	
	<i>Phyllanthus orbiculatus</i> Rich.	X		
Phytolaccaceae	<i>Gallesia integrifolia</i> (Spreng.) Harms		X	X
	<i>Phytolacca thyrsoiflora</i> Fenz. ex J. A. Smith		X	
Picramniaceae	<i>Picramnia warmingiana</i> Engl.		X	X
Plantaginaceae	<i>Bacopa monnierioides</i> (Cham.) Rob.			X
	<i>Bacopa salmanii</i> (Benth.) Edwall.			X
	<i>Scoparia dulcis</i> L.		X	
Poaceae	<i>Andropogon angustatus</i> (J. Presl) Steud.	X		
	<i>Andropogon leucostachys</i> Kunth	X		
	<i>Andropogon pohlianus</i> Hack.	X		
	<i>Andropogon selloanus</i> (Hack.) Hack.	X		
	<i>Aristida pallens</i> Cav.			X
	<i>Aristida riparia</i> Trin.	X		X
	<i>Axonopus affinis</i> Chase			X



Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Axonopus aureus</i> Beauv.	X		
	<i>Axonopus barbigerus</i> (Kunth) Hitch.	X		
	<i>Axonopus compressus</i> (sw.) Beauv.	X		
	<i>Axonopus fissifolius</i> (Raddi) Kuhlm.			X
	<i>Axonopus marginatus</i> (Trin.) Chase	X		
	<i>Axonopus suffultus</i> (Mikan) Parodi	X		
	<i>Diandrostachya chrysothrix</i> (Nees) Jacues Felix	X		
	<i>Digitaria horizontalis</i> Wild.		X	X
	<i>Digitaria neesiana</i> Henr.	X		
	<i>Echinolaena inflexa</i> (Poir.) Chase	X		X
	<i>Eleusine indica</i> (L.)			X
	<i>Eragrostis articulata</i> (Schrank) Nees	X		
	<i>Eragrostis pilosa</i> (L.) Beauv.	X		
	<i>Eragrostis solida</i> Nees	X		
	<i>Erianthus angustifolius</i> Nees.			X
	<i>Eriochrysis cayennensis</i> Beauv.			X
	<i>Gymnopogon foliosus</i> (Willd.) Nees.			X
	<i>Gymnopogon spicatus</i> (Spreng.) Kuntz	X		
	<i>Hyparrhenia rufa</i> (Nees) Stapf	X		X
	<i>Ichnanthus procurrens</i> (Nees) Swallen	X		
	<i>Ichnanthus sericeus</i> Hack	X		
	<i>Imperata brasiliensis</i> Trin.			X
	<i>Leptocoryphium lanatum</i> (Kunth) Nees	X		
	<i>Luziola bahiensis</i> (Steud.) Hitchc.			X
	<i>Manisuris aurita</i> (Steud.) Kuntze			X
	<i>Manisuris loricata</i> (Trin.) Kuntze			X
	<i>Melinis minutiflora</i> Beauv.	X		X
	<i>Panicum aquaticum</i> Poir.			X
	<i>Panicum campestre</i> Nees	X		X
	<i>Panicum cervicatum</i> Chase	X		
	<i>Panicum decipiens</i> Nees.			X
	<i>Panicum maximum</i> Jacq.			X
	<i>Panicum olyroides</i> Kunth	X		
	<i>Panicum parvifolium</i> Lam.	X		X
	<i>Panicum procurrens</i> Nees			X

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Panicum rudgei</i> Roem.	X		X
	<i>Paspalum carinatum</i> Kunth	X		X
	<i>Paspalum cordatum</i> Hack.			X
	<i>Paspalum erianthum</i> Nees.			X
	<i>Paspalum gardnerianum</i> Nees	X		X
	<i>Paspalum guttatum</i> Trin.	X		
	<i>Paspalum maculosum</i> Trin.			X
	<i>Paspalum notatum</i> Flügge			X
	<i>Paspalum pectinatum</i> Nees	X		
	<i>Paspalum pilosum</i> Lam.			X
	<i>Paspalum plicatulum</i> Michx.	X		
	<i>Paspalum polyphyllum</i> Nees	X		
	<i>Paspalum rojasii</i> Hack.			X
	<i>Paspalum sanguinolentum</i> Trin.	X		
	<i>Paspalum urvillei</i> Steud.			X
	<i>Pennisetum purpureum</i> Schum.			X
	<i>Rhynchelitrum repens</i> (Nees) C.E. Hubb.	X		
	<i>Rhynchelytrum roseum</i> (Nees) Stapf & Hubb.			X
	<i>Schyzachirium condensatum</i> (Kunth) Nees	X		
	<i>Schyzachirium hirtiflorum</i> Ness	X		
	<i>Schyzachirium lactiflorum</i> (Hack.) Herter	X		
	<i>Schyzachirium sanguineum</i> (Retz) Alst.	X		
	<i>Schyzachirium spicatum</i> (Spreng.) Herter	X		
	<i>Setaria geniculata</i> (Lam.) Beauv.	X		X
	<i>Setaria gracilis</i> Kunth	X		
	<i>Sorghastrum albescens</i> (Hack.)			X
	<i>Sorghastrum minarum</i> (Nees) Kunth	X		
	<i>Trachypogon macroglossus</i> Trin.	X		
	<i>Trachypogon spicatus</i> (L. f.) Kuntze	X		
	<i>Trachypogon vestitus</i> Anders.			X
	<i>Tristachya chrysothrix</i> Nees.			X
	<i>Tristachya leiostachya</i> Nees	X		
	<i>Urochloa decumbens</i> (Stapf) R.D. Webster			X
Polygalaceae	<i>Monnina cuneata</i> St. Hil.	X		
	<i>Monnina richardiana</i> St. Hil.			X

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Polygala angulata</i> DC.	X		X
	<i>Polygala rhodoptera</i> Mart.	X		
	<i>Polygala tenuis</i> DC.			X
	<i>Polygala timoutou</i> Auvbl.	X		
	<i>Securidaca tomentosa</i> St. Hil.	X		
Portulacaceae	<i>Portulaca oleracea</i> L.		X	
Proteaceae	<i>Roupala brasiliensis</i> Kl.			X
	<i>Roupala montana</i> Aubl.	X		
Rhamnaceae	<i>Crumenaria polygaloides</i> Reiss.	X		X
	<i>Gouania inornata</i> Reiss.	X		
	<i>Gouania virgata</i> Reiss.	X		
	<i>Rhamnidium elaeocarpum</i> Reissek			X
Rosaceae	<i>Prunus myrtifolia</i> (L.) Urban	X		X
	<i>Rubus brasiliensis</i> Mart.	X		
	<i>Rubus brasiliensis</i> var. <i>organensis</i> (Gardner) Mart.			X
Rubiaceae	<i>Alibertia macrophylla</i> K. Schum.	X		
	<i>Alibertia sessilis</i> (Vell.) K. Schum.	X		X
	<i>Amaioua intermedia</i> Mart.			X
	<i>Borreria capitata</i> (Ruiz & Pav.) DC.	X	X	X
	<i>Borreria</i> cf. <i>capitata</i> (Ruiz & Pav.) DC.			X
	<i>Borreria flavovirens</i> Bacigalupo & E. L. Cabral	X		
	<i>Borreria latifolia</i> (Aubl.) K. Schum.			X
	<i>Borreria suaveolens</i> Meyer	X		
	<i>Borreria verticilata</i> L.		X	
	<i>Borreria warmingii</i> K. Schum.	X		
	<i>Coccocypselum lanceolatum</i> (R. & P.) Pers.	X		X
	<i>Coussarea hydrangeifolia</i> (Benth.) Müll. Arg.	X		X
	<i>Declieuxia fruticosa</i> (Willd.) O. Kuntze	X		
	<i>Declieuxia lysimachioides</i> Zucc.	X		
	<i>Declieuxia mucornulata</i> Mart.			X
	<i>Diodella apiculata</i> (Roem. & Schult.) Delprete			X
	<i>Diodella teres</i> (Walt.) Small	X		
	<i>Faramea montevidensis</i> (Cham. & Schltdl.) DC.			X
	<i>Galianthe eupatorioides</i> (Cham. & Schltdl.) E. L. Cabral	X		
	<i>Galium hirtum</i> Lam.	X		

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Galium noxium</i> (A. St.-Hil.) Dempster	X		
	<i>Genipa americana</i> L.		X	X
	<i>Guettarda uruguensis</i> Cham. & Schltl.	X		X
	<i>Guettarda viburnoides</i> Cham. & Schlecht.	X		
	<i>Ixora gardneriana</i> Benth.		X	
	<i>Ixora syringiflora</i> (Schltl.) Müll. Arg.			X
	<i>Manettia gracilis</i> Cham. & Schltl.	X		
	<i>Palicourea rigida</i> Kunth.	X		X
	<i>Psychotria carthagenensis</i> Jacq.	X		X
	<i>Psychotria hoffmannseggiana</i> (Willd. ex Roem. & Schult.) Müll. Arg. in Mart.	X		
	<i>Psychotria trichophoba</i> M. Arg.	X		
	<i>Psychotria vellosiana</i> Benth.			X
	<i>Randia spinosa</i> (Thunb.) Poir.			X
	<i>Richardia brasiliensis</i> Gomes	X		X
	<i>Richardia scabra</i> L.			X
	<i>Rudgea viburnoides</i> (Cham.) Benth.	X		
	<i>Sabicea brasiliensis</i> Wernh.	X		
	<i>Tocoyena brasiliensis</i> Mart.	X		
	<i>Tocoyena formosa</i> (C. & S.) K. Schum.	X		X
Rutaceae	<i>Zanthoxylum monogymum</i> A. St.-Hil subsp. <i>monogymum</i>		X	X
	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	X		X
Salicaceae	<i>Casearia decandra</i> Jacq.			X
	<i>Casearia gossypiosperma</i> Briq.			X
	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	X	X	X
	<i>Salix humboldtiana</i> Willd.			X
	<i>Xylosma glaberrima</i> Sleumer			X
Sapindaceae	<i>Allophylus edulis</i> (A. St.-Hil., Cambess. & A. Juss.) Radlk.		X	
	<i>Allophylus petiolulatus</i> Radlk.			X
	<i>Cardiospermum grandiflorum</i> Sw.	X		X
	<i>Cupania vernalis</i> Cambess.	X		X
	<i>Magonia pubescens</i> A. St.- Hil.	X		
	<i>Matayba elaeagnoides</i> Radlk.			X
	<i>Paullinia</i> aff. <i>pinata</i> L.		X	
	<i>Paullinia elegans</i> Camb.	X		X
	<i>Paullinia micrantha</i> Camb.	X		X

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Serjania</i> aff. <i>obtusidentata</i> Radlk.	X		
	<i>Serjania caracasana</i> (Jacq.) Willd.	X		X
	<i>Serjania communis</i> Camb.	X		X
	<i>Serjania erecta</i> Radlk.	X		X
	<i>Serjania fuscifolia</i> Radlk.	X		X
	<i>Serjania grandiflora</i> Camb.			X
	<i>Serjania laruotteana</i> Camb.			X
	<i>Serjania lethalis</i> A. St.-Hil.	X		X
	<i>Serjania meridionalis</i> Camb.	X		X
	<i>Serjania multiflora</i> Camb.	X		X
	<i>Serjania ovalifolia</i> Radlk.	X		
	<i>Serjania reticulata</i> Camb.	X		
	<i>Serjania tripleuria</i> Ferrucci	X		
	<i>Urvillea ulmacea</i> Kunth	X		X
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum gonocarpum</i> (Mart. & Eichler ex Miq.) Engl.		X	
	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	X		
	<i>Pouteria salicifolia</i> (Spreng.) Radlk.		X	X
	<i>Pradosia brevipes</i> (Pierre) T. D. Penn.	X		
Simaroubaceae	<i>Simaba glabra</i> Engl.		X	
Siparunaceae	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	X		X
Smilacaceae	<i>Smilax brasiliensis</i> Spreng.	X		
	<i>Smilax campestris</i> Griseb.	X		
	<i>Smilax elastica</i> Griseb.	X		
	<i>Smilax irrorata</i> Mart.			X
	<i>Smilax quinquenervia</i> Vell.	X		
	<i>Smilax spinosa</i> Mill.	X		X
Solanaceae	<i>Cestrum pedicellatum</i> Sendtn.	X		
	<i>Cestrum schlechtendahlia</i> G. Don	X		
	<i>Cestrum sendtnerianum</i> Mart.	X		
	<i>Physalis pubescens</i> L.		X	
	<i>Solanum</i> aff. <i>paniculatum</i> L.		X	
	<i>Solanum americanum</i> Mill.	X	X	X
	<i>Solanum bullatum</i> Vell.			X
	<i>Solanum ciliatum</i> Lam.		X	X
	<i>Solanum granuloso-leprosum</i> Dunal		X	

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
	<i>Solanum lycocarpum</i> St. Hil.	X		X
	<i>Solanum nigrum</i> var. <i>americanum</i> (Mill.) Schulz.			X
	<i>Solanum palinacanthum</i> Dunal	X		X
	<i>Solanum paniculatum</i> L.	X	X	X
Styracaceae	<i>Styrax camporum</i> Pohl	X		X
	<i>Styrax ferrugineus</i> Nees. & Mart.	X		
Symplocaceae	<i>Symplocos celastrinea</i> Mart. ex Miq.			X
	<i>Symplocos pubescens</i> Klotzsch ex Benth.	X		
Thymelaeaceae	<i>Daphnopsis fasciculata</i> (Meisn.) Nevling			X
Trigoniaceae	<i>Trigonia nivea</i> Camb.	X		
Turneraceae	<i>Piriqueta aurea</i> (Camb.) Urban	X		X
Typhaceae	<i>Typha angustifolia</i> L.			X
Urticaceae	<i>Boehmeria caudata</i> Sw.			X
	<i>Boehmeria cylindrica</i> (L.)			X
	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul		X	X
Verbenaceae	<i>Aloysia virgata</i> (Ruiz et Pav.) A. L. Juss.			X
	<i>Lantana camara</i> L.	X		X
	<i>Lantana fucata</i> Lindl.	X		
	<i>Lantana hypoleuca</i> Briz.	X		
	<i>Lippia lasiocalycina</i> Cham.	X		
	<i>Lippia lupulina</i> Cham.	X		X
	<i>Lippia salviaefolia</i> Cham.	X		
	<i>Lippia stachyoides</i> Cham.	X		X
	<i>Stachytarpheta gesnerioides</i> Cham.	X		
	<i>Stachytarpheta maximiliani</i> Schauer	X		X
	<i>Verbena brasiliensis</i> L.			X
Violaceae	<i>Hybanthus atropurpureus</i> (A. St.-Hil) Taub.		X	
Vitaceae	<i>Cissus</i> cf. <i>pohlii</i> (Bak.) Pl.			X
	<i>Cissus erosa</i> Rich.	X		
	<i>Cissus inundata</i> (Baker) Pl.	X		
	<i>Cissus inundata</i> var. <i>suberecta</i> (Bak.) Pl.			X
	<i>Cissus rosea</i> Rich.	X		
	<i>Cissus sessilifolia</i> (Baker) Gilg.	X		
	<i>Cissus sicyoides</i> L.	X		
	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicholson & Joavis		X	

Grupo/Família	Nome científico	Unidades de Conservação		
		ReBio	EEc	EEc+ReBio*
Vochysiaceae	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	X		X
	<i>Qualea multiflora</i> Mart.	X		X
	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	X		
	<i>Vochysia cinnamomea</i> Pohl	X		
	<i>Vochysia tucanorum</i> Mart.	X		X
Xyridaceae	<i>Xyris asperula</i> Mart.			X
	<i>Xyris caroliniana</i> var <i>caroliniana</i> Walt.			X
	<i>Xyris hymenachne</i> Mart.			X
	<i>Xyris savanensis</i> Mig.			X
	<i>Xyris schizachne</i> Mart.			X

* Pesquisas desenvolvidas em ambas as Unidades de Conservação sem separação das espécies amostradas entre as Unidades.



ANEXOS AVIFAUNA

Anexo AVE 1: Espécies de aves registradas na região em que a Fazenda Campininha (Reserva Biológica, Estação Ecológica e Estação Experimental de Mogi-Guaçu) está inserida – dados primários e secundários. Localidades: A – Cerrado, B – Vegetação Ciliar do rio Mogi-Guaçu, C – Reserva Biológica e Estação Ecológica de Mogi-Guaçu, D – Mogi-Guaçu e Orizanga, E – Araras, F – Conchal, G – Itapira, H – Mogi-Mirim.

Espécies (por família)	Nome popular	Fazenda Campininha			Entorno - Dados secundários						Grau de ameaça ⁶	Endemismo ⁷	Migratórias ⁸	
		Dados primários	Dados Secundários			D ¹	E ¹	E ³	F ¹	G ⁴				H ⁵
			A ¹	B ¹	C ²									
Rheidae														
<i>Rhea americana</i> **	ema											CR (SP)		
Tinamidae														
<i>Crypturellus obsoletus</i>	inhambu-guaçu						X	X						
<i>Crypturellus parvirostris</i>	inhambu-chororó	X	X	X	X		X	X		X	X			
<i>Crypturellus tataupa</i>	inhambu-chintã				X		X	X						
<i>Nothura maculosa</i>	codorna-amarela				X		X	X			X			
<i>Nothura minor</i>	codorna-mineira						X*					VU (IUCN), VU (BR), CR (SP)	CE	
<i>Rhynchotus rufescens</i>	perdiz		X					X				VU (SP)		
<i>Taoniscus nanus</i>	inhambu-carapé						X*					VU (IUCN), VU (BR), CR (SP)	CE	
Anatidae														
<i>Amazonetta brasiliensis</i>	pé-vermelho	X	X	X	X		X	X		X	X			
<i>Cairina moschata</i>	pato-do-mato				X		X	X			X			
<i>Dendrocygna autumnalis</i>	asa-branca	X			X						X			
<i>Dendrocygna viduata</i>	irerê	X					X	X			X			
<i>Nomonyx dominica</i>	marreca-de-bico-roxo	X						X						
Cracidae														
<i>Penelope obscura</i>	jacuaçu									X	X			
<i>Penelope superciliaris</i>	jacupemba	X	X		X			X						
Podicipedidae														
<i>Podilymbus podiceps</i>	mergulhão-caçador				X						X			X
<i>Tachybaptus dominicus</i>	mergulhão-pequeno				X			X						
Phalacrocoracidae														
<i>Phalacrocorax brasilianus</i>	biguá				X		X				X			
Anhingidae														

Espécies (por família)	Nome popular	Fazenda Campininha			Entorno - Dados secundários						Grau de ameaça ⁶	Endemismo ⁷	Migra-tórias ⁸	
		Dados primários	Dados Secundários			D ¹	E ¹	E ³	F ¹	G ⁴				H ⁵
			A ¹	B ¹	C ²									
<i>Anhinga anhinga</i>	biguatinga										X			
Ardeidae														
<i>Ardea alba</i>	garça-branca-grande			X			X	X	X	X				
<i>Ardea cocoi</i>	garça-moura			X			X		X	X				
<i>Bulbucus ibis</i>	garça-vaqueira						X		X	X				
<i>Butorides striata</i>	socozinho		X			X	X		X	X				
<i>Egretta thula</i>	garça-branca-pequena						X	X		X				
<i>Nycticorax nycticorax</i>	savacu					X*				X	X			
<i>Pilherodius pileatus</i>	garça-real						X	X				VU (SP)		
<i>Syrigma sibilatrix</i>	maria-faceira	X		X	X		X	X		X	X			
Threskiornithidae														
<i>Mesembrinibis cayennensis</i>	coró-coró	X		X			X*	X			X			
<i>Platalea ajaja</i>	colhereiro										X			
Ciconiidae														
<i>Ciconia maguari</i>	maguari						X*					CR (SP)		
<i>Mycteria americana</i>	cabeça-seca			X										
Cathartidae														
<i>Cathartes aura</i>	urubu-de-cabeça-vermelha			X			X	X		X	X			
<i>Cathartes burrovianus</i>	urubu-de-cabeça-amarela						X*					VU (SP)		
<i>Coragyps atratus</i>	urubu	X	X	X	X		X	X		X	X			
Accipitridae														
<i>Accipiter bicolor</i>	gavião-bombachinha-grande				X									
<i>Accipiter striatus</i>	gavião-míudo		X					X						
<i>Busarellus nigricollis</i>	gavião-belo	x			X							CR (SP)		
<i>Buteo albicaudatus</i>	gavião-de-rabo-branco		X				X*	X		X				
<i>Buteo albonotatus</i>	gavião-de-rabo-barrado									X				
<i>Buteo brachyurus</i>	gavião-de-cauda-curta		X					X	X					
<i>Buteogalus urubitinga</i>	gavião-preto	X		X										
<i>Circus buffoni</i>	gavião-do-banhado						X*					CR (SP)		X
<i>Condohierax uncinatus</i>	caracoleiro			X										
<i>Elanus leucurus</i>	gavião-peneira						X*	X			X			
<i>Geranospiza caerulescens</i>	gavião-pernilongo				X									
<i>Heterospizias meridionalis</i>	gavião-caboclo	X			X			X						

Espécies (por família)	Nome popular	Fazenda Campininha				Entorno - Dados secundários						Grau de ameaça ⁶	Endemismo ⁷	Migra-tórias ⁸	
		Dados primários	Dados Secundários			D ¹	E ¹	E ³	F ¹	G ⁴	H ⁵				
			A ¹	B ¹	C ²										
<i>Ictinia plumbea</i>	sovi	X						X							X
<i>Leptodon cayanensis</i>	gavião-de-cabeça-cinza							X	X						
<i>Rostrhamus sociabilis</i>	gavião-caramujeiro											X			X
<i>Rupornis magnirostris</i>	gavião-carijó	X	X	X	X	X*	X	X		X	X				
Falconidae															
<i>Caracara plancus</i>	caracará	X	X	X	X			X	X		X	X			
<i>Falco femoralis</i>	falcão-de-coleira	X			X				X						
<i>Falco peregrinus</i>	falcão-peregrino							X							X
<i>Falco sparverius</i>	quiriquiri								X		X				
<i>Herpetotheres cachinnans</i>	acauã			X	X			X	X		X				
<i>Micrastur ruficollis</i>	falcão-caburé	X			X				X						
<i>Micrastur semitorquatus</i>	falcão-relógio			X					X						
<i>Milvago chimachima</i>	carrapateiro	X	X	X	X			X	X		X	X			
Aramidae															
<i>Aramus guarauna</i>	carão							X							
Rallidae															
<i>Aramides cajanea</i>	saracura-três-potes	X	X	X	X			X	X			X			
<i>Aramides saracura</i>	saracura-do-mato								X		X			MA	
<i>Fulica armillata</i>	carqueja-de-bico-manchado							X*							
<i>Gallinula chloropus</i>	frango-d'água-comum				X			X	X			X			
<i>Gallinula melanops</i>	frango-d'água-carijó								X				VU (SP)		
<i>Laterallus leucopyrrhus</i>	sanã-vermelha	X									X				
<i>Laterallus melanophaius</i>	sanã-parda	X		X	X				X						
<i>Pardirallus nigricans</i>	saracura-sanã								X		X				
<i>Porphyrio martinica</i>	frango-d'água-azul							X*	X			X			
<i>Porzana albicollis</i>	sanã-carijó	X	X		X			X	X						
<i>Rallus longirostris</i>	saracura-matraca												?		
Cariamidae															
<i>Cariama cristata</i>	seriema	X	X		X			X	X		X	X			
Charadriidae															
<i>Vanellus chilensis</i>	quero-quero	X	X	X	X			X	X	X	X	X			
Scolopacidae															
<i>Bartramia longicauda</i>	maçarico-do-campo								X						

Espécies (por família)	Nome popular	Fazenda Campininha				Entorno - Dados secundários						Grau de ameaça ⁶	Endemismo ⁷	Migra-tórias ⁸	
		Dados primários	Dados Secundários			D ¹	E ¹	E ³	F ¹	G ⁴	H ⁵				
			A ¹	B ¹	C ²										
<i>Gallinago paraguaie</i>	narceja										X			X	
<i>Gallinago undulata</i>	narcejão										X				
<i>Tringa solitaria</i>	maçarico-solitário										X			X	
Jacaníde															
<i>Jacana jacana</i>	jaçanã				X		X	X			X				
Columbíde															
<i>Claravis pretiosa</i>	pararau-azul						X*	X	X					X	
<i>Columba livia</i> (exótico)	pombo-doméstico												X		
<i>Columbina squammata</i>	fogo-apagou	X					X*						X		
<i>Columbina talpacoti</i>	rolinha-roxa	X	X	X	X			X	X		X	X			
<i>Geotrygon violacea</i>	juriti-vermelha								X				EN (SP)		
<i>Leptotila rufaxilla</i>	juriti-gemeadeira	X		X	X			X	X						
<i>Leptotila verreauxi</i>	juriti-pupu	X	X	X	X			X	X		X				
<i>Patagioenas cayennensis</i>	pomba-galega	X	X	X	X			X	X		X	X			
<i>Patagioenas picazuro</i>	asa-branca	X	X	X	X			X	X		X	X		X	
<i>Patagioenas plumbea</i>	pomba-amargosa				X									X	
<i>Zenaida auriculata</i>	pomba-de-bando	X	X	X	X			X	X		X	X			
Psittacíde															
<i>Amazona aestiva</i>	papagaio-verdadeiro								X						
<i>Aratinga aurea</i>	periquito-rei	X													
<i>Aratinga auricapillus</i>	jandaia-de-testa-vermelha								X						
<i>Aratinga leucophthalma</i>	periquitão-maracanã	X			X			X	X		X	X			
<i>Brotogeris chiriri</i>	periquito-de-encontro-amarelo	X							X		X				
<i>Brotogeris tirica</i>	periquito-rico										X	X		MA	
<i>Forpus xanthopterygius</i>	tuim	X	X		X			X	X	X	X	X			
<i>Pionopsitta pileata</i>	cuiú-cuiú								X				VU (SP)	MA	
<i>Pionus maximiliani</i>	maitaca-verde				X			X	X	X	X				
<i>Pyrrhura frontalis</i>	tiriba-de-testa-vermelha								X						
Cuculíde															
<i>Coccyzus americanus</i>	papa-lagarta-de-asa-vermelha								X					X	
<i>Coccyzus euleri</i>	papa-lagarta-de-euler								X						
<i>Coccyzus melacoryphus</i>	papa-lagarta-acanelado							X	X					X	

Espécies (por família)	Nome popular	Fazenda Campininha				Entorno - Dados secundários						Grau de ameaça ⁶	Endemismo ⁷	Migra-tórias ⁸	
		Dados primários	Dados Secundários			D ¹	E ¹	E ³	F ¹	G ⁴	H ⁵				
			A ¹	B ¹	C ²										
<i>Crotophaga ani</i>	anu-preto	X	X	X	X		X	X	X	X	X				
<i>Crotophaga major</i>	anu-coroca	X				X*	X						VU (SP)		
<i>Dromococcyx pavoninus</i>	peixe-frito-pavonino							X							
<i>Dromococcyx phasianellus</i>	peixe-frito-verdadeiro									X			CR (SP)		
<i>Guira guira</i>	anu-branco	X	X	X	X		X	X		X	X				
<i>Piaya cayana</i>	alma-de-gato	X	X	X	X	X*	X	X		X	X				
<i>Tapera naevia</i>	saci	X	X	X	X		X	X		X					
Tytonidae															
<i>Tyto alba</i>	coruja-da-igreja		X	X	X					X	X				
Strigidae															
<i>Asio clamator</i>	coruja-orelhuda										X				
<i>Athene cunicularia</i>	coruja-buraqueira	X	X	X	X	X*	X	X		X	X				
<i>Glaucidium brasilianum</i>	caburé		X	X	X	X*		X			X				
<i>Megascops choliba</i>	corujinha-do-mato			X				X		X					
<i>Pulsatrix koenigswaldiana</i>	murucututu-de-barriga-amarela									X			MA		
<i>Strix virgata</i>	coruja-do-mato	X													
Nyctibiidae															
<i>Nyctibius griseus</i>	mãe-da-lua	X		X			X			X	X				
Caprimulgidae															
<i>Caprimulgus parvulus</i>	bacurau-chintã							X						X	
<i>Caprimulgus rufus</i>	joão-corta-pau							X							
<i>Chordeiles minor</i>	bacurau-norte-americano					X*		X						X	
<i>Eleothreptus anomalus</i>	curiango-do-banhado									X			CR (SP)		
<i>Eleothreptus candicans</i>	bacurau-de-rabo-branco					X*							EN (IUCN), EN (BR), CR (SP)		
<i>Hydropsalis torquata</i>	bacurau-tesoura		X	X				X							
<i>Lurocalis semitorquatus</i>	tuju	X	X	X	X	X*	X	X						X	
<i>Nyctidromus albicollis</i>	bacurau	X	X	X	X		X	X		X					
<i>Podager nacunda</i>	coruçã					X*	X	X							
Apodidae															
<i>Chaetura meridionalis</i>	andorinhão-do-temporal			X				X		X				X	
<i>Streptoprocne zonaris</i>	taperuçu-de-coleira									X					

Espécies (por família)	Nome popular	Fazenda Campininha			Entorno - Dados secundários						Grau de ameaça ⁶	Endemismo ⁷	Migra-tórias ⁸	
		Dados primários	Dados Secundários			D ¹	E ¹	E ³	F ¹	G ⁴				H ⁵
			A ¹	B ¹	C ²									
Trochilidae														
<i>Amazilia fimbriata</i>	beija-flor-de-garganta-verde													
<i>Amazilia lactea</i>	beija-flor-de-peito-azul	X	X	X	X		X	X		X				
<i>Amazilia versicolor</i>	beija-flor-de-banda-branca						X	X		X				
<i>Anthracothorax nigricollis</i>	beija-flor-de-veste-preta					X*		X						X
<i>Aphantochroa cirrhochloris</i>	beija-flor-cinza						X	X				MA		
<i>Calliphlox amethystina</i>	estrelinha-ametista							X						X
<i>Chlorostilbon lucidus</i>	besourinho-de-bico-vermelho	X	X		X	X*	X	X		X				
<i>Colibri serrirostris</i>	beija-flor-de-orelha-violeta	X						X						X
<i>Eupetomena macroura</i>	beija-flor-tesoura	X	X	X	X		X	X		X	X			
<i>Florisuga fusca</i>	beija-flor-preto							X		X				X
<i>Heliomaster longirostris</i>	bico-cinzento	X			X									
<i>Heliomaster squamosus</i>	bico-reto-de-banda-branca					X*	X	X						
<i>Hylocharis chrysura</i>	beija-flor-dourado	X	X		X									X
<i>Leucochloris albicollis</i>	beija-flor-de-papo-branco							X						
<i>Lophornis chalybeus</i>	topetinho-verde	X			X									
<i>Phaethornis eurynome</i>	rabo-branco-de-garganta-rajada									X			MA	
<i>Phaethornis nattereri</i>	besourão-de-sobre-amarelo											?		
<i>Phaethornis pretrei</i>	rabo-branco-acanelado	X	X		X		X	X						
<i>Phaethornis squalidus</i>	rabo-branco-pequeno					X*							MA	
<i>Thalurania glaucopis</i>	beija-flor-de-fronte-violeta				X	X*	X	X		X			MA	
Trogonidae														
<i>Trogon surrucura</i>	surucuá-variado						X	X					MA	
Alcedinidae														
<i>Chloroceryle amazona</i>	martim-pescador-verde	X		X		X*	X	X		X	X			
<i>Chloroceryle americana</i>	martim-pescador-pequeno	X		X	X	X*		X			X			
<i>Megaceryle torquata</i>	martim-pescador-grande	X		X	X	X*	X	X		X	X			
Momotidae														
<i>Baryphthengus ruficapillus</i>	juruva-verde	X	X	X	X		X							
Galbulidae														
<i>Galbula ruficauda</i>	ariramba-de-cauda-ruiva	X		X	X		X							
Bucconidae														

Espécies (por família)	Nome popular	Fazenda Campininha				Entorno - Dados secundários						Grau de ameaça ⁶	Endemismo ⁷	Migra-tórias ⁸	
		Dados primários	Dados Secundários			D ¹	E ¹	E ³	F ¹	G ⁴	H ⁵				
			A ¹	B ¹	C ²										
<i>Malacoptila striata</i>	barbudo-rajado	X	X				X								
<i>Nystalus chacuru</i>	joão-bobo	X	X	X					X		X				
Ramphastidae															
<i>Pteroglossus aracari</i>	araçari-de-bico-branco						X*						VU (SP)		
<i>Ramphastos toco</i>	tucanuçu	X			X				X		X	X			
Picidae															
<i>Campephilus melanoleucus</i>	pica-pau-de-topete-vermelho											X	VU (SP)		
<i>Campephilus robustus</i>	pica-pau-rei	X			X			X	X					MA	
<i>Celeus flavescens</i>	pica-pau-de-cabeça-amarela							X							
<i>Colaptes campestris</i>	pica-pau-do-campo	X	X	X	X			X	X		X	X			
<i>Colaptes melanochloros</i>	pica-pau-verde-barrado	X	X	X	X			X	X		X*				
<i>Dryocopus lineatus</i>	pica-pau-de-banda-branca	X	X	X	X			X	X		X				
<i>Melanerpes candidus</i>	pica-pau-branco	X		X	X		X*	X	X		X	X			
<i>Picumnus albosquamatus</i>	pica-pau-anão-escamado	X	X	X	X			X	X						
<i>Picumnus cirratus</i>	pica-pau-anão-barrado	X									X*	X	X		
<i>Veniliornis passerinus</i>	picapuzinho-anão	X	X	X	X			X	X						
<i>Veniliornis spilogaster</i>	picaupuzinho-verde-carijó										X				
Melanopareiidae															
<i>Melanopareia torquata</i>	tapaculo-de-colarinho		X		X		X*						EN (SP)	CE	
Thamnophilidae															
<i>Dryophila ferruginea</i>	trovoada							X	X					MA	
<i>Dryophila ochropyga</i>	choquinha-de-dorso-vermelho								X					MA	
<i>Dysithamnus mentalis</i>	choquinha-lisa	X	X	X	X			X	X		X				
<i>Formicivora rufa</i>	papa-formiga-vermelho		X		X										
<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i>	chorozinho-de-bico-comprido							X	X						
<i>Hypoedaleus guttatus</i>	chorão-carijó	X	X	X	X				X		X			MA	
<i>Mackenziaena severa</i>	borralhara	X		X				X	X					MA	
<i>Pyriglena leucoptera</i>	papa-taoca-do-sul				X			X	X					MA	
<i>Taraba major</i>	choró-boi	X							X						
<i>Thamnophilus caerulescens</i>	choca-da-mata	X	X	X	X			X	X		X				
<i>Thamnophilus doliatus</i>	choca-barrada	X		X	X			X	X			X			
<i>Thamnophilus pelzeni</i>	choca-do-planalto	X	X												

Espécies (por família)	Nome popular	Fazenda Campininha				Entorno - Dados secundários						Grau de ameaça ⁶	Endemismo ⁷	Migra-tórias ⁸	
		Dados primários	Dados Secundários			D ¹	E ¹	E ³	F ¹	G ⁴	H ⁵				
			A ¹	B ¹	C ²										
<i>Thamnophilus ruficapillus</i>	choca-de-chapéu-vermelho								X		X				
Conopophagidae															
<i>Conopophaga lineata</i>	chupa-dente	X	X	X	X			X	X		X				
Rhinocryptidae															
<i>Psilorhamphus guttatus</i>	tapaculo-pintado								X				MA		
Scleruridae															
<i>Sclerurus scansor</i>	vira-folha								X						
Dendrocolaptidae															
<i>Dendrocolaptes platyrostris</i>	arapaçu-grande							X	X						
<i>Lepidocolaptes angustirostris</i>	arapaçu-de-cerrado	X	X	X	X		X*								
<i>Sittasomus griseicapillus</i>	arapaçu-verde	X	X	X	X			X	X						
<i>Xiphorhynchus fuscus</i>	arapaçu-rajado							X	X						
Furnariidae															
<i>Anumbius annumbi</i>	cochicho		X		X										
<i>Automolus leucophthalmus</i>	barraqueiro-de-olho-branco	X		X	X			X	X		X				
<i>Certhiaxis cinnamomeus</i>	curutié	X						X	X		X				
<i>Cranioleuca pallida</i>	arredio-pálido								X				MA		
<i>Cranioleuca vulpina</i>	arredio-do-rio	X		X				X	X						
<i>Furnarius rufus</i>	joão-de-barro	X	X	X	X			X	X	X*	X	X			
<i>Hylocryptus rectirostris</i>	fura-barreira							X					CE		
<i>Lochmias nematura</i>	joão-porca								X		X				
<i>Phacellodomus ferrugineigula</i>	joão-botina-do-brejo								X				MA		
<i>Synallaxis albescens</i>	uí-pi	X	X					X	X						
<i>Synallaxis frontalis</i>	petrim	X	X		X			X	X		X				
<i>Synallaxis ruficapilla</i>	pichororé	X		X	X			X	X		X		MA		
<i>Synallaxis spixi</i>	joão-teneném	X	X	X	X			X	X		X	X			
<i>Syndactyla rufosuperciliata</i>	trepador-quiete				X										
<i>Xenops minutus</i>	bico-virado-miúdo	X													
<i>Xenops rutilans</i>	bico-virado-carijó	X		X				X	X						
Tyrannidae															
<i>Arundinicola leucocephala</i>	freirinha				X			X	X						
<i>Attila phoenicurus</i>	capitão-castanho	X			X										
<i>Camptostoma obsoletum</i>	risadinha	X	X	X				X	X		X				

Espécies (por família)	Nome popular	Fazenda Campininha				Entorno - Dados secundários						Grau de ameaça ⁶	Endemismo ⁷	Migra-tórias ⁸	
		Dados primários	Dados Secundários			D ¹	E ¹	E ³	F ¹	G ⁴	H ⁵				
			A ¹	B ¹	C ²										
<i>Capsiempis flaveola</i>	marianinha-amarela	X		X			X	X							
<i>Casiornis rufus</i>	caneleiro	X													X
<i>Cnemotriccus fuscatus</i>	guaracavuçu	X	X	X	X		X	X							
<i>Colonia colonus</i>	viuvinha	X					X	X							X
<i>Contopus cinereus</i>	papa-moscas-cinzento				X			X							
<i>Corythopis delalandi</i>	estalador	X						X							
<i>Elaenia chiriquensis</i>	guaracava-de-crista-branca							X							X
<i>Elaenia cristata</i>	guaracava-de-topete-uniforme	X	X		X							EN (SP)			X
<i>Elaenia flavogaster</i>	guaracava-de-barriga-amarela	X	X	X	X		X	X		X					
<i>Elaenia mesoleuca</i>	tuque							X							X
<i>Elaenia obscura</i>	tucão		X	X	X			X							
<i>Elaenia parvirostris</i>	guaracava-de-bico-curto							X							X
<i>Elaenia spectabilis</i>	guaracava-grande						X	X							X
<i>Empidonomus varius</i>	peitica	X					X	X		X					X
<i>Euscarthmus meloryphus</i>	barulhento				X										
<i>Fluvicola nengeta</i>	lavadeira-mascarada	X								X	X				
<i>Gubernetes yetapa</i>	tesoura-do-brejo	X	X*				X*	X	X						
<i>Hemitriccus diops</i>	olho-falso								X				MA		
<i>Hemitriccus margaritaceiventer</i>	sebinho-de-olho-de-ouro				X										
<i>Hemitriccus nidipendulus</i>	tachuri-campinha	X		X	X			X					MA		
<i>Knipolegus cyanirostris</i>	maria-preta-de-bico-azulado							X							X
<i>Lathrotriccus eulerei</i>	enferrujado	X	X		X		X	X							
<i>Legatus leucophaeus</i>	bem-te-vi-pirata	X					X*	X							X
<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	cabeçudo	X	X	X			X	X		X					
<i>Machetornis rixosa</i>	suiriri-cavaleiro	X	X					X		X					
<i>Megarynchus pitangua</i>	neinei	X	X	X	X		X	X		X	X				X
<i>Muscippra vetula</i>	tesoura-cinzenta		X		X								MA		X
<i>Myiarchus ferox</i>	maria-cavaleira	X	X	X	X		X	X		X					
<i>Myiarchus swainsoni</i>	irrê	X	X				X	X		X					X
<i>Myiarchus tyrannulus</i>	maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado	X	X	X	X			X							X

Espécies (por família)	Nome popular	Fazenda Campininha			Entorno - Dados secundários						Grau de ameaça ⁶	Endemismo ⁷	Migra-tórias ⁸	
		Dados primários	Dados Secundários			D ¹	E ¹	E ³	F ¹	G ⁴				H ⁵
			A ¹	B ¹	C ²									
<i>Myiodinastes maculatus</i>	bem-te-vi-rajado	X	X	X		X	X			X			X	
<i>Myiopagis caniceps</i>	guaracava-cinzenta	X	X	X		X	X							
<i>Myiopagis gaimardii</i>	maria-pechim			X							VU (SP)			
<i>Myiophobus fasciatus</i>	filipe	X	X	X		X	X							
<i>Myiornis auricularis</i>	miudinho		X	X		X	X					MA		
<i>Myiozetetes similis</i>	bentevizinho-de-penacho-vermelho	X	X	X		X	X		X	X				
<i>Myiopagis viridicata</i>	guaracava-de-crista-alaranjada	X	X	X		X	X						X	
<i>Phaeomyias murina</i>	bagageiro		X				X						X	
<i>Phyllomyias fasciatus</i>	piolhinho						X						X	
<i>Phylloscartes ventralis</i>	borboletinha-do-mato			X										
<i>Pitangus sulphuratus</i>	bem-te-vi	X	X	X	X		X	X		X	X			
<i>Platyrinchus mystaceus</i>	patinho							X						
<i>Poecilotriccus plumbeiceps</i>	tororó					X*		X						
<i>Pyrocephalus rubinus</i>	verão							X		X			X	
<i>Satrapa icterophrys</i>	suiriri-pequeno		X	X	X		X	X					X	
<i>Serpophaga subcristata</i>	alegrinho	X		X			X	X		X				
<i>Sirystes sibilator</i>	gritador	X		X										
<i>Todirostrum cinereum</i>	ferreirinho-relógio	X		X			X	X						
<i>Todirostrum poliocephalum</i>	teque-teque	X		X			X	X		X		MA		
<i>Tolmomyias sulphurescens</i>	bico-chato-de-orelha-preta	X	X	X	X		X	X		X				
<i>Tyrannus albogularis</i>	suiriri-de-garganta-branca			X									X	
<i>Tyrannus melancholicus</i>	suiriri	X	X	X	X		X	X		X	X		X	
<i>Tyrannus savana</i>	tesourinha	X	X			X*	X	X		X			X	
<i>Xolmis cinereus</i>	primavera							X					X	
<i>Xolmis velatus</i>	noivinha-branca		X	X	X	X*	X	X		X			X	
Cotingidae														
<i>Phibalura flavirostris</i>	tesourinha-da-mata							X						X
Pipridae														
<i>Antilophia galeata</i>	soldadinho							X		X			CE	
<i>Chiroxiphia caudata</i>	tangará	X		X	X	X*	X	X		X			MA	
<i>Manacus manacus</i>	rendeira	X	X	X	X		X	X						

Espécies (por família)	Nome popular	Fazenda Campininha				Entorno - Dados secundários						Grau de ameaça ⁶	Endemismo ⁷	Migra-tórias ⁸	
		Dados primários	Dados Secundários			D ¹	E ¹	E ³	F ¹	G ⁴	H ⁵				
			A ¹	B ¹	C ²										
Tityridae															
<i>Pachyrampus castaneus</i>	caneleiro	X													
<i>Pachyrampus polychopterus</i>	caneleiro-preto	X	X	X	X	X*	X	X							X
<i>Pachyrampus validus</i>	caneleiro-de-chapéu-preto		X	X	X	X*	X	X							X
<i>Pachyrampus viridis</i>	caneleiro-verde	X			X			X							
<i>Tityra cayana</i>	anambé-branco-de-rabo-preto					X*		X							X
<i>Tityra inquisitor</i>	anambé-branco-de-bochecha-parda					X*	X	X							
Vireonidae															
<i>Cyclarhis gujanensis</i>	pitiguari	X	X	X	X		X	X	X*	X					
<i>Hylophilus amaurocephalus</i>	vite-vite-de-olho-cinza	X						X							
<i>Vireo olivaceus</i>	juruviara			X			X	X							X
Corvidae															
<i>Cyanocorax chrysops</i>	gralha-picaça	X	X	X	X										
<i>Cyanocorax cristatellus</i>	gralha-do-campo	X	X	X	X	X*		X		X	X			CE	
Hirundinidae															
<i>Alopochelidon fucata</i>	andorinha-morena							X							X
<i>Hirundo rustica</i>	andorinha-de-bando		X	X			X	X							X
<i>Petrochelidon pyrrhonota</i>	andorinha-de-dorso-acanelado		X	X		X*	X	X							X
<i>Progne chalybea</i>	andorinha-doméstica-grande	X	X		X		X	X		X					X
<i>Progne subis</i>	andorinha-azul							X							X
<i>Progne tapera</i>	andorinha-do-campo	X	X		X		X	X		X	X				X
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	andorinha-pequena-de-casa	X	X	X	X		X	X		X	X				X
<i>Riparia riparia</i>	andorinha-do-barranco										X				X
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	andorinha-serradora	X	X	X	X		X	X							X
<i>Tachycineta albiventer</i>	andorinha-do-rio	X			X		X								X
<i>Tachycineta leucorrhoa</i>	andorinha-de-sobre-branco		X				X	X							X
Troglodytidae															
<i>Troglodytes musculus</i>	corruíra	X	X	X	X		X	X		X	X				
Donacobiidae															
<i>Donacobius atricapilla</i>	japacamim			X			X	X							
Turdidae															
<i>Turdus albicollis</i>	sabiá-coleira							X							X

Espécies (por família)	Nome popular	Fazenda Campininha				Entorno - Dados secundários						Grau de ameaça ⁶	Endemismo ⁷	Migra-tórias ⁸	
		Dados primários	Dados Secundários			D ¹	E ¹	E ³	F ¹	G ⁴	H ⁵				
			A ¹	B ¹	C ²										
<i>Turdus amaurochalinus</i>	sabiá-poca	X	X				X	X		X	X				X
<i>Turdus flavipes</i>	sabiá-una		X	X											X
<i>Turdus leucomelas</i>	sabiá-barranco	X	X	X	X		X	X	X	X	X				
<i>Turdus rufiventris</i>	sabiá-laranjeira							X		X					
<i>Turdus subalaris</i>	sabiá-ferreiro							X							X
Mimidae															
<i>Mimus saturninus</i>	sabiá-do-campo	X	X	X	X		X	X			X				
Motacillidae															
<i>Anthus lutescens</i>	caminheiro-zumbidor						X	X							
Coerebidae															
<i>Coereba flaveola</i>	cambacica	X					X	X		X	X				
Thraupidae															
<i>Conirostrum speciosum</i>	figuinha-de-rabo-castanho	X	X	X	X		X	X							
<i>Cypsnagra hirundinacea</i>	bandoleta						X*						EN (SP)		
<i>Dacnis cayana</i>	saí-azul	X	X	X	X		X	X		X	X				
<i>Hemithraupis ruficapilla</i>	saíra-ferrugem	X		X	X		X	X						MA	
<i>Nemosia pileata</i>	saíra-de-chapéu-preto	X	X	X	X		X	X							
<i>Neothraupis fasciata</i>	cigarra-do-campo		X*				X*								
<i>Pipraeidea melanonota</i>	saíra-viúva							X							X
<i>Pyrrhocomma ruficeps</i>	cabecinha-castanha							X						MA	X
<i>Ramphocelus carbo</i>	pipira-vermelha	X	X		X		X	X			X				
<i>Saltator fuliginosus</i>	pimentão							X							
<i>Saltator similis</i>	trinca-ferro-verdadeiro			X			X	X		X					
<i>Saltatricula atricollis</i>	bico-de-pimenta		X		X		X*						VU (SP)	CE	
<i>Schistochlamys ruficapillus</i>	bico-de-veludo	X	X		X			X			X				
<i>Tachyphonus coronatus</i>	tiê-preto	X	X*				X	X	X*	X	X			MA	
<i>Tangara cayana</i>	saíra-amarela	X	X	X	X		X	X		X	X				
<i>Tersina viridis</i>	saí-andorinha	X	X				X		X						X
<i>Thlypopsis sordida</i>	saí-canário	X					X	X							
<i>Thraupis palmarum</i>	sanhaçu-de-coqueiro	X								X	X				
<i>Thraupis sayaca</i>	sanhaçu-cinzeno	X	X		X		X	X		X	X				
<i>Tricothraupis melanops</i>	tiê-de-topete			X			X	X							
Emberizidae															

Espécies (por família)	Nome popular	Fazenda Campininha			Entorno - Dados secundários						Grau de ameaça ⁶	Endemismo ⁷	Migra-tórias ⁸	
		Dados primários	Dados Secundários			D ¹	E ¹	E ³	F ¹	G ⁴				H ⁵
			A ¹	B ¹	C ²									
<i>Ammodramus humeralis</i>	tico-tico-do-campo	X	X	X		X	X		X	X				
<i>Arremon flavirostris</i>	tico-tico-de-bico-amarelo						X							
<i>Arremon semitorquatus</i>	tico-tico-do-mato						X					MA		
<i>Coryphospingus cucullatus</i>	tico-tico-rei	X	X	X	X	X*	X				X			
<i>Donascopiza albifrons</i>	tico-tico-do-banhado							X						
<i>Emberizoides herbicola</i>	canário-do-campo	X	X	X			X	X			X			
<i>Haplospiza unicolor</i>	cigarra-bambu							X					X	
<i>Sicalis citrina</i>	canário-rasteiro										X		X	
<i>Sicalis flaveola</i>	canário-da-terra-verdadeiro		X		X			X		X	X			
<i>Sporophila angolensis</i>	curió					X*	X					VU (SP)		
<i>Sporophila bouvreuil</i>	caboclinho		X									EN (SP)	X	
<i>Sporophila caerulea</i>	coleirinho	X	X	X	X		X	X		X	X		X	
<i>Sporophila leucoptera</i>	chorão-carijó						X	X						
<i>Sporophila lineola</i>	bigodinho	X	X	X			X	X			X		X	
<i>Sporophila plumbea</i>	patativa					X*						EN (SP)	X	
<i>Tiaris fuliginosus</i>	cigarra-do-coqueiro						X	X					X	
<i>Volatinia jacarina</i>	tiziu	X	X	X	X		X	X		X	X		X	
<i>Zonotrichia capensis</i>	tico-tico	X	X	X	X		X	X		X	X			
Cardinalidae														
<i>Cyanoloxia brissoni</i>	azulão							X				VU (SP)		
<i>Cyanoloxia glaucoerulea</i>	azulinho							X					X	
<i>Habia rubica</i>	tiê-do-mato-grosso	X	X	X	X		X	X						
<i>Piranga flava</i>	sanhaçu-de-fogo	X	X										X	
Parulidae														
<i>Basileuterus culicivorus</i>	pula-pula		X*	X	X		X*	X	X*	X				
<i>Basileuterus flaveolus</i>	canário-do-mato	X	X	X	X		X	X		X				
<i>Basileuterus hypoleucus</i>	pula-pula-de-barriga-branca	X	X	X	X		X	X						
<i>Basileuterus leucoblepharus</i>	pula-pula-assobiador							X						
<i>Geothlypis aequinoctialis</i>	pia-cobra	X	X		X		X	X		X				
<i>Parula pitiaiyumi</i>	mariquita	X	X	X	X		X	X		X				
Icteridae														
<i>Agelasticus cyanopus</i>	carretão							X						
<i>Agelasticus thilius</i>	carretão						X							

Espécies (por família)	Nome popular	Fazenda Campininha			Entorno - Dados secundários						Grau de ameaça ⁶	Endemismo ⁷	Migra-tórias ⁸	
		Dados primários	Dados Secundários			D ¹	E ¹	E ³	F ¹	G ⁴				H ⁵
			A ¹	B ¹	C ²									
<i>Cacicus chrysopterus</i>	tecelão										X			
<i>Cacicus haemorrhous</i>	guaxe	X		X	X									
<i>Chrysomus ruficapillus</i>	garibaldi	X				X	X					X		
<i>Gnorimopsar chopi</i>	graúna	X						X	X	X				
<i>Icterus cayanensis</i>	encontro	X												
<i>Molothrus bonariensis</i>	vira-bosta					X	X		X	X			X	
<i>Pseudoleistes guirahuro</i>	chopim-do-brejo						X		X	X				
<i>Sturnella superciliaris</i>	polícia-inglesa-do-sul					X	X			X			X	
Fringillidae														
<i>Euphonia chlorotica</i>	fim-fim	X	X	X	X		X	X		X	X			
<i>Euphonia cyanocephala</i>	gutaramo-rei							X					X	
<i>Euphonia violacea</i>	gaturamo-verdadeiro						X	X						
Estrildidae														
<i>Estrilda astrild</i> (exótico)	bico-de-lacre						X	X						
Passeridae														
<i>Passer domesticus</i> (exótico)	pardal	X	X		X		X	X		X	X			

Referências: ¹WILLIS e ONIKI (2003), ²BARBOSA e OLMOS (não publicado), ³GUSSONI (2007), ⁴SILVEIRA(<http://www.ultimaarcadenoe.com/avesitapira.htm>), ⁵TOLEDO FILHO et al. (2007).

⁶Grau de ameaça de extinção: indicado apenas as espécies ameaçadas de extinção de acordo com a lista Estadual (SP), do IBAMA (BR) e mundial (IUCN), sendo: CR – Criticamente Ameaçada, VU – Vulnerável e EN – Em Perigo.

⁷Endemismo: MA – endêmica da Mata Atlântica (segundo Pacheco e Bauer, 2000); CE – endêmica do Cerrado (segundo Silva, 1997).

⁸Espécies migratórias: aquelas que toda população ou parte desta migra, segundo Sick (2001), Willis e Oniki (2003) e Sigrist (2009).

*Registro de museu mencionado em Willis e Oniki (2003).

**Espécie que ocorre ou ocorria na região, informação fornecida por moradores da região.

?: Registro duvidoso, não considerado.

Observação: Coleção de Aves do Museu de Zoologia da Unicamp - W. R. Silva: cinco espécies depositadas em 1979, referentes à Fazenda Campininha: *Camptostoma obsoletum*, *Elaenia chiriquensis*, *Myiarchus swainsoni*, *Turdus leucomelas* e *Nemosia pileata*. R. Soave: dois espécies depositados em 1989, referentes a Pádua Salles, Conchal: *Cacicus haemorrhous* e *Colaptes melanochloros*.

Anexo AVE 2: Espécies de aves registradas na Fazenda Campininha: Reserva Biológica, Estação Ecológica e Estação Experimental de Mogi-Guaçu (Mogi-Guaçu, SP) – dados primários (coletados em janeiro de 2010, apresentados por fisionomia ou ambiente) e secundários (Willis e Oniki, 2003, e Barbosa e Olmos, não publicado). Os números indicam o número de indivíduos registrados. SF – Savana Florestada, FES – Floresta Estacional Semidecidual, FESA – Floresta Estacional Semidecidual Aluvial, FR – Floresta Ribeirinha, SA – Savana Arborizada, CU – Campo Úmido.

Espécies (por família)	Nome popular	Dados Primários								Dados Secundários			Grau de ameaça ³	Endemismo ⁴	Migratórias ⁵
		Reserva Biológica		Estação Ecológica				Estação Experimental		ReBio e EEco Mogi-Guaçu ¹	Cerrado ²	FESA ²			
		Gleba A	Gleba B	FES e FR	Rio Mogi-Guaçu e Lagoas	SA	CU	Jardim, pomar e gramado	Pinus						
		SF e FES	Trans. FES e SF												
Tinamidae															
<i>Crypturellus parvirostris</i>	inhambu-chororó			6		3				X	X	X			
<i>Crypturellus tataupa</i>	inhambu-chintã									X					
<i>Nothura maculosa</i>	codorna-amarela									X					
<i>Rhynchotus rufescens</i>	perdiz										X		VU (SP)		
Anatidae															
<i>Amazonetta brasiliensis</i>	pé-vermelho					4				X	X	X			
<i>Cairina moschata</i>	pato-do-mato									X					
<i>Dendrocygna autumnalis</i>	asa-branca			3						X					
<i>Dendrocygna viduata</i>	irerê							2							
<i>Nomonyx dominica</i>	marreca-de-bico-roxo					1									
Cracidae															
<i>Penelope superciliosus</i>	jacupemba	5		2						X	X				
Podicipedidae															
<i>Podilymbus podiceps</i>	mergulhão-caçador									X					X
<i>Tachybaptus dominicus</i>	mergulhão-pequeno											X			
Phalacrocoracidae															
<i>Phalacrocorax brasilianus</i>	biguá									X					
Ardeidae															
<i>Ardea alba</i>	garça-branca-grande									X					
<i>Ardea cocoi</i>	garça-moura									X					
<i>Butorides striata</i>	socozinho											X			
<i>Syrigma sibilatrix</i>	maria-faceira					1		1		X		X			
Threskiornithidae															
<i>Mesembrinibis cayennensis</i>	coró-coró	1		7								X			
<i>Mycteria americana</i>	cabeça-seca											X			
Cathartidae															
<i>Cathartes aura</i>	urubu-de-cabeça-vermelha									X					
<i>Coragyps atratus</i>	urubu					1			X	X	X	X			

Espécies (por família)	Nome popular	Dados Primários								Dados Secundários			Grau de ameaça ³	Endemismo ⁴	Migratórias ⁵
		Reserva Biológica		Estação Ecológica			Estação Experimental			ReBio e EEco Mogi-Guaçu ¹	Cerrado ²	FESA ²			
		Gleba A	Gleba B	FES e FR	Rio Mogi-Guaçu e Lagoas	SA	CU	Jardim, pomar e gramado	Pinus						
		FESA e SF	Trans. FES e SF												
Accipitridae															
<i>Accipiter bicolor</i>	gavião-bombachinha-grande											X			
<i>Accipiter striatus</i>	gavião-míudo														
<i>Busarellus nigricollis</i>	gavião-belo					E						X			CR (SP)
<i>Buteo albicaudatus</i>	gavião-de-rabo-branco														
<i>Buteo brachyurus</i>	gavião-de-cauda-curta														
<i>Buteogalus urubitinga</i>	gavião-preto						1								X
<i>Condohierax uncinatus</i>	caracoleiro														X
<i>Geranospiza caerulescens</i>	gavião-pernilongo											X			
<i>Heterospizias meridionalis</i>	gavião-caboclo							1				X			
<i>Ictinia plumbea</i>	sovi														
<i>Rupornis magnirostris</i>	gavião-carijó	1	2	1	4			1			X	X	X	X	
Falconidae															
<i>Caracara plancus</i>	caracará		1								X	X	X	X	
<i>Falco femoralis</i>	falcão-de-coleira				1							X			
<i>Herpetotheres cachinnans</i>	acauiã											X			X
<i>Micrastur ruficollis</i>	falcão-caburé	1										X			
<i>Micrastur semitorquatus</i>	falcão-relógio														X
<i>Milvago chimachima</i>	carrapateiro	1			1			2			X	X	X	X	
Rallidae															
<i>Aramides cajanea</i>	saracura-três-potes				2							X	X	X	
<i>Gallinula chloropus</i>	frango-d'água-comum											X			
<i>Laterallus leucopyrrhus</i>	sanã-vermelha				1										
<i>Laterallus melanophaius</i>	sanã-parda				1							X			X
<i>Porzana albicollis</i>	sanã-carijó				1					3		X	X		
Cariamidae															
<i>Cariama cristata</i>	seriema							2				X	X		
Charadriidae															
<i>Vanellus chilensis</i>	quero-quero				2						6	X	X	X	
Jacanidae															
<i>Jacana jacana</i>	jaçanã											X			
Columbidae															
<i>Columbina squammata</i>	fogo-apagou	5			1			2							
<i>Columbina talpacoti</i>	rolinha-roxa				31			12	2	3	X	X	X	X	X
<i>Leptotila rufaxilla</i>	juriti-gemeadeira	5	1		5							X			X

Espécies (por família)	Nome popular	Dados Primários								Dados Secundários			Grau de ameaça ³	Endemismo ⁴	Migratórias ⁵
		Reserva Biológica		Estação Ecológica				Estação Experimental		ReBio e EEco Mogi-Guaçu ¹	Cerrado ²	FESA ²			
		Gleba A	Gleba B	Rio Mogi-Guaçu e Lagoas		SA	CU	Jardim, pomar e gramado	Pinus						
		SF	FESA e FES	Trans. FES e SF	FES e FR										
<i>Leptotila verreauxi</i>	juriti-pupu	28	3	7	39					X	X	X			
<i>Patagioenas cayennensis</i>	pomba-galega	14	2	3	16						X	X	X		
<i>Patagioenas picazuro</i>	asa-branca	7		2	17		4	4	X	X	X	X			X
<i>Patagioenas plumbea</i>	pomba-amargosa										X				X
<i>Zenaida auriculata</i>	pomba-de-bando							3		X	X	X			
Psittacidae															
<i>Aratinga aurea</i>	periquito-rei		2					2							
<i>Aratinga leucophthalma</i>	periquitão-maracanã				10						X				
<i> Brotogeris chiriri</i>	periquito-de-encontro-amarelo				2				30						
<i>Forpus xanthopterygius</i>	tuim		1		9				6		X	X			
<i>Pionus maximiliani</i>	maitaca-verde										X				
Cuculidae															
<i>Crotophaga ani</i>	anu-preto						7	7			X	X	X		
<i>Crotophaga major</i>	anu-coroca				2									VU (SP)	
<i>Guira guira</i>	anu-branco								11		X	X	X		
<i>Playa cayana</i>	alma-de-gato		3	1	2						X	X	X		
<i>Tapera naevia</i>	saci	1	1	1	4		3				X	X	X		
Tytonidae															
<i>Tyto alba</i>	coruja-da-igreja										X	X	X		
Strigidae															
<i>Athene cunicularia</i>	coruja-buraqueira			1			1	1			X	X	X		
<i>Glaucidium brasilianum</i>	caburé										X	X	X		
<i>Megascops choliba</i>	corujinha-do-mato												X		
<i>Strix virgata</i>	coruja-do-mato				1										
Nyctibiidae															
<i>Nyctibius griseus</i>	mãe-da-lua								1				X		
Caprimulgidae															
<i>Hydropsalis torquata</i>	bacurau-tesoura											X	X		
<i>Lurocalis semitorquatus</i>	tuju	1			1		1				X	X	X		X
<i>Nyctidromus albicollis</i>	bacurau	3		3	4		2			X	X	X	X		
Apodidae															
<i>Chaetura meridionalis</i>	andorinhão-do-temporal												X		X
Trochilidae															
<i>Amazilia fimbriata</i>	beija-flor-de-garganta-verde										X				
<i>Amazilia lactea</i>	beija-flor-de-peito-azul	1			4			1			X	X	X		

Espécies (por família)	Nome popular	Dados Primários								Dados Secundários			Grau de ameaça ³	Endemismo ⁴	Migratórias ⁵
		Reserva Biológica		Estação Ecológica				Estação Experimental		ReBio e EEco Mogi-Guaçu ¹	Cerrado ²	FESA ²			
		Gleba A	Gleba B	FES e FR	Rio Mogi-Guaçu e Lagoas	SA	CU	Jardim, pomar e gramado	Pinus						
<i>Chlorostilbon lucidus</i>	besourinho-de-bico-vermelho	4	1	1				1		X	X				
<i>Colibri serrirostris</i>	beija-flor-de-orelha-violeta	5		2											X
<i>Eupetomena macroura</i>	beija-flor-tesoura	1		2		2		2		X	X	X			
<i>Heliomaster longirostris</i>	bico-cinzeiro			2						X					
<i>Hylocharis chrysura</i>	beija-flor-dourado	3	2	2	4					X	X				X
<i>Lophornis chalybeus</i>	topetinho-verde			1		1	1			X					
<i>Phaethornis pretrei</i>	rabo-branco-acanelado	2		2	7			1	1	X	X				
<i>Thalurania glaucopis</i>	beija-flor-de-frente-violeta									X					MA
Alcedinidae															
<i>Chloroceryle amazona</i>	martim-pescador-verde			2	1							X			
<i>Chloroceryle americana</i>	martim-pescador-pequeno			1						X		X			
<i>Megaceryle torquata</i>	martim-pescador-grande			1	3					X		X			
Momotidae															
<i>Baryphthengus ruficapillus</i>	juruva-verde		2	1						X	X	X			
Galbulidae															
<i>Galbula ruficauda</i>	ariramba-de-cauda-ruiva		3		7					X		X			
Bucconidae															
<i>Malacoptila striata</i>	barbudo-rajado			1								X			
<i>Nystalus chacuru</i>	joão-bobo			1						X		X			
Ramphastidae															
<i>Ramphastos toco</i>	tucanuçu	7		3				1	X	X					
Picidae															
<i>Campephilus robustus</i>	pica-pau-rei		1							X					MA
<i>Colaptes campestris</i>	pica-pau-do-campo			2		2		2		X	X	X			
<i>Colaptes melanochloros</i>	pica-pau-verde-barrado			1						X	X	X			
<i>Dryocopus lineatus</i>	pica-pau-de-banda-branca	1		1					X	X	X	X			
<i>Melanerpes candidus</i>	pica-pau-branco	6		7						X		X			
<i>Picumnus albosquamatus</i>	pica-pau-anão-escamado	3	1	3						X	X	X			
<i>Picumnus cirratus</i>	pica-pau-anão-barrado			1	3										
<i>Veniliornis passerinus</i>	picapuzinho-anão	3		2	6					X	X	X			
Melanopareidae															
<i>Melanopareia torquata</i>	tapaculo-de-colarinho									X	X		EN (SP)	CE	
Thamnophilidae															
<i>Dysithamnus mentalis</i>	choquinha-lisa			2						X	X	X			
<i>Formicivora rufa</i>	papa-formiga-vermelho									X	X				

Espécies (por família)	Nome popular	Dados Primários								Dados Secundários			Grau de ameaça ³	Endemismo ⁴	Migratórias ⁵	
		Reserva Biológica		Estação Ecológica			Estação Experimental			ReBio e EEco Mogi-Guaçu ¹	Cer-rado ²	FESA ²				
		Gleba A	Gleba B	Rio Mogi-Guaçu e Lagoas		SA	CU	Jardim, pomar e gramado	Pinus							
		SF	FESA e FES	Trans. FES e SF	FES e FR											
<i>Hypoedaleus guttatus</i>	chorão-carijó				3						X	X	X		MA	
<i>Mackenziaena severa</i>	borralhara	1			1								X		MA	
<i>Pyriglena leucoptera</i>	papa-taoca-do-sul										X				MA	
<i>Taraba major</i>	choró-boi				3											
<i>Thamnophilus caerulescens</i>	choca-da-mata		1		1						X	X	X			
<i>Thamnophilus doliatus</i>	choca-barrada			5	12		1		2		X		X			
<i>Thamnophilus pelzeni</i>	choca-do-planalto	15		9	6								X			
Conopophagidae																
<i>Conopophaga lineata</i>	chupa-dente		1	1	1						X	X	X			
Dendrocolaptidae																
<i>Lepidocolaptes angustirostris</i>	arapaçu-de-cerrado								1		X	X	X			
<i>Sittasomus griseicapillus</i>	arapaçu-verde	6		1	6						X	X	X			
Furnariidae																
<i>Anumbius annumbi</i>	cochicho										X	X				
<i>Automolus leucophthalmus</i>	barranqueiro-de-olho-branco		1		2						X		X			
<i>Certhiaxis cinnamomeus</i>	curutié				2									X		
<i>Cranioleuca vulpina</i>	arredio-do-rio				2									X		
<i>Furnarius rufus</i>	joão-de-barro								4		X	X	X			
<i>Synallaxis albescens</i>	uí-pi						1						X			
<i>Synallaxis frontalis</i>	petrim	2		1	10						X	X				
<i>Synallaxis ruficapilla</i>	pichororé				2						X		X		MA	
<i>Synallaxis spixi</i>	joão-teneném				7				2		X	X	X			
<i>Syndactyla rufosuperciliata</i>	trepador-quiete										X					
<i>Xenops minutus</i>	bico-virado-miúdo								1							
<i>Xenops rutilans</i>	bico-virado-carijó	1	1		1								X			
Tyrannidae																
<i>Arundinicola leucocephala</i>	freirinha										X					
<i>Attila phoenicurus</i>	capitão-castanho				1						X					
<i>Camptostoma obsoletum</i>	risadinha	9		1	3				1			X	X			
<i>Capsiempis flaveola</i>	marianinha-amarela				2								X			
<i>Casiornis rufus</i>	caneleiro	1														X
<i>Cnemotriccus fuscatus</i>	guaracavuçu	1									X	X	X			
<i>Colonia colonus</i>	viuvinha				3											X
<i>Contopus cinereus</i>	papa-moscas-cinzento										X					
<i>Corythopsis delalandi</i>	estalador	4	2		8											

Espécies (por família)	Nome popular	Dados Primários										Grau de ameaça ³	Endemismo ⁴	Migratórias ⁵		
		Reserva Biológica		Estação Ecológica				Estação Experimental		Dados Secundários						
		Gleba A	Gleba B	Rio Mogi-Guaçu e Lagoas		SA	CU	Jardim, pomar e gramado	Pinus	ReBio e EEco Mogi-Guaçu ¹	Cer-rado ²				FESA ²	
		SF	FESA e FES	Trans. FES e SF	FES e FR											
<i>Elaenia cristata</i>	guaracava-de-topete-uniforme	1			1			2				X	X		EN (SP)	X
<i>Elaenia chiriquensis</i> **	chibum															
<i>Elaenia flavogaster</i>	guaracava-de-barriga-amarela		1	1	4		5	1			X	X	X	X		
<i>Elaenia obscura</i>	tucão											X	X	X		
<i>Empidonamus varius</i>	peitica	1	2		4		1		1							X
<i>Euscarthmus meloryphus</i>	barulhento											X				
<i>Fluvicola nengeta</i>	lavadeira-mascarada								1							
<i>Gubernetes yetapa</i>	tesoura-do-brejo							4					X*			
<i>Hemitrircus margaritaceiventris</i>	sebinho-de-olho-de-ouro											X				
<i>Hemitrircus nidipendulus</i>	tachuri-campainha	2			5							X		X		MA
<i>Lathrotrircus euleri</i>	enferrujado	13	2		3							X	X			
<i>Legatus leucophaius</i>	bem-te-vi-pirata			1												X
<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	cabeçudo	4		1	2								X	X		
<i>Machetornis rixosa</i>	suiriri-cavaleiro								1				X			
<i>Megarynchus pitangua</i>	neinei	8			10		1					X	X	X		X
<i>Muscipipra vetula</i>	tesoura-cinzenta											X	X			MA X
<i>Myiarchus ferox</i>	maria-cavaleira	3			7		4		6	X		X	X	X		
<i>Myiarchus swainsoni</i>	irrê	1			4								X			X
<i>Myiarchus tyrannulus</i>	maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado	2			2							X	X	X		X
<i>Myiodinastes maculatus</i>	bem-te-vi-rajado	3	5	1	6				5	X		X		X		X
<i>Myiopagis caniceps</i>	guaracava-cinzenta				1							X		X		
<i>Myiopagis gaimardii</i>	maria-pechim											X			VU (SP)	
<i>Myiophobus fasciatus</i>	filipe						2						X	X		
<i>Myiornis auricularis</i>	miudinho											X		X		MA
<i>Myiozetetes similis</i>	bentevizinho-de-penacho-vermelho		2		10		1	1	11			X		X		
<i>Myiopagis viridicata</i>	guaracava-de-crista-alaranjada	1			1								X	X		X
<i>Phaeomyias murina</i>	bagageiro												X			X
<i>Phylloscartes ventralis</i>	borboletinha-do-mato											X				
<i>Pitangus sulphuratus</i>	bem-te-vi	9	1	3	18		2	1	4	X		X	X	X		
<i>Satrapa icterophrys</i>	suiriri-pequeno											X	X	X		X
<i>Serpophaga subcristata</i>	alegrinho								1			X				

Espécies (por família)	Nome popular	Dados Primários								Dados Secundários			Grau de ameaça ³	Endemismo ⁴	Migratórias ⁵	
		Reserva Biológica		Estação Ecológica			Estação Experimental			ReBio e EEco Mogi-Guaçu ¹	Cerrado ²	FESA ²				
		Gleba A	Gleba B	FES e FR	Rio Mogi-Guaçu e Lagoas	SA	CU	Jardim, pomar e gramado	Pinus							
<i>Syrstes sibilator</i>	gritador				1						X					
<i>Todirostrum cinereum</i>	ferreirinho-relógio				2				2				X			
<i>Todirostrum poliocephalum</i>	teque-teque				3							X				
<i>Tolmomyias sulphurescens</i>	bico-chato-de-orelha-preta	1	2	3	10						X	X	X			
<i>Tyrannus albogularis</i>	suiriri-de-garganta-branca										X					X
<i>Tyrannus melancholicus</i>	suiriri				16			4	10	X	X	X	X			X
<i>Tyrannus savana</i>	tesourinha							2	1			X				X
<i>Xolmis velatus</i>	noivinha-branca										X	X	X			X
Pipridae																
<i>Chiroxiphia caudata</i>	tangará	1									X		X			MA
<i>Manacus manacus</i>	rendeira		1		1						X	X	X			
Tityridae																
<i>Pachyramphus castaneus</i>	caneleiro				5											
<i>Pachyramphus polychopterus</i>	caneleiro-preto				4						X	X	X			X
<i>Pachyramphus validus</i>	caneleiro-de-chapéu-preto										X	X	X			X
<i>Pachyramphus viridis</i>	caneleiro-verde								2		X					
Vireonidae																
<i>Cyclarhis gujanensis</i>	pitiguari	3		3	8						X	X	X			
<i>Hylophilus amaurocephalus</i>	vite-vite-de-olho-cinza		1													
<i>Vireo olivaceus</i>	juruviara												X			X
Corvidae																
<i>Cyanocorax chrysops</i>	gralha-piçaca	1			2						X	X	X			
<i>Cyanocorax cristatellus</i>	gralha-do-campo	6		3					1	X	X	X	X			CE
Hirundinidae																
<i>Hirundo rustica</i>	andorinha-de-bando											X	X			X
<i>Petrochelidon pyrrhonota</i>	andorinha-de-dorso-acanelado											X	X			X
<i>Progne chalybea</i>	andorinha-doméstica-grande			1	11						X	X				X
<i>Progne tapera</i>	andorinha-do-campo								3		X	X				X
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	andorinha-pequena-de-casa								8		X	X	X			X
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	andorinha-serradora				2						X	X	X			X
<i>Tachycineta albiventer</i>	andorinha-do-rio				5	2					X					X
<i>Tachycineta leucorrhoa</i>	andorinha-de-sobre-branco											X				X
Troglodytidae																
<i>Troglodytes musculus</i>	corruíra			2	19		6		4		X	X	X			

Espécies (por família)	Nome popular	Dados Primários								Dados Secundários			Grau de ameaça ³	Endemismo ⁴	Migratórias ⁵
		Reserva Biológica		Estação Ecológica			Estação Experimental			ReBio e EEco Mogi-Guaçu ¹	Cerrado ²	FESA ²			
		Gleba A	Gleba B	FES e FR	Rio Mogi-Guaçu e Lagoas	SA	CU	Jardim, pomar e gramado	Pinus						
Donacobiidae															
<i>Donacobius atricapilla</i>	japacamim												X		
Turdidae															
<i>Turdus amaurochalinus</i>	sabiá-poca	1											X		X
<i>Turdus flavipes</i>	sabiá-una												X	X	X
<i>Turdus leucomelas</i>	sabiá-barranco	8		3	9			3	X	X	X	X			
Mimidae															
<i>Mimus saturninus</i>	sabiá-do-campo							2		X	X	X			
Coerebidae															
<i>Coereba flaveola</i>	cambacica	2	1	2	7			5							
Thraupidae															
<i>Conirostrum speciosum</i>	figuinha-de-rabo-castanho	6		7	8			4		X	X	X			
<i>Dacnis cayana</i>	saí-azul	1			2					X	X	X			
<i>Hemithraupis ruficapilla</i>	saíra-ferrugem				4					X		X		MA	
<i>Nemosia pileata</i>	saíra-de-chapéu-preto	2			4					X	X	X			
<i>Neothraupis fasciata</i>	cigarra-do-campo										X*				
<i>Ramphocelus carbo</i>	pipira-vermelha		4		1					X	X				
<i>Saltator similis</i>	trinca-ferro-verdadeiro											X			
<i>Saltatricula atricollis</i>	bico-de-pimenta									X	X		VU (SP)	CE	
<i>Schistochlamys ruficapillus</i>	bico-de-veludo			1	1					X	X				
<i>Tachyphonus coronatus</i>	tiê-preto		2		7						X*			MA	
<i>Tangara cayana</i>	saíra-amarela	3		4	4					X	X	X			
<i>Tersina viridis</i>	saí-andorinha	1			1						X				X
<i>Thlypopsis sordida</i>	saí-canário				1										
<i>Thraupis palmarum</i>	sanhaçu-de-coqueiro							1							
<i>Thraupis sayaca</i>	sanhaçu-cinzento	3			7		2	11	X	X	X				
<i>Tricothraupis melanops</i>	tiê-de-topete											X			
Emberizidae															
<i>Ammodramus humeralis</i>	tico-tico-do-campo						1					X	X		
<i>Coryphospingus cucullatus</i>	tico-tico-rei	1		7	3		2	2		X	X	X			
<i>Emberizoides herbicola</i>	canário-do-campo				2		1	1				X	X		
<i>Sicalis flaveola</i>	canário-da-terra-verdadeiro									X	X				
<i>Sporophila bouvreuil</i>	caboclinho										X		EN (SP)		X
<i>Sporophila caeruleascens</i>	coleurinho	2	8	3	19		4	5		X	X	X			X
<i>Sporophila lineola</i>	bigodinho	1	2	11	4		10	8	3			X	X		X
<i>Volatinia jacarina</i>	tiziu			11	52		94	20	2	X	X	X			X

Espécies (por família)	Nome popular	Dados Primários								Dados Secundários			Grau de ameaça ³	Endemismo ⁴	Migratórias ⁵
		Reserva Biológica		Estação Ecológica				Estação Experimental		ReBio e EEco Mogi-Guaçu ¹	Cerrado ²	FESA ²			
		Gleba A	Gleba B	FES e FR	Rio Mogi-Guaçu e Lagoas	SA	CU	Jardim, pomar e gramado	Pinus						
<i>Zonotrichia capensis</i>	tico-tico	1	11	6				8		X	X	X			
Cardinalidae															
<i>Habia rubica</i>	tiê-do-mato-grosso	4	3	10						X	X	X			
<i>Piranga flava</i>	sanhaçu-de-fogo	2									X				X
Parulidae															
<i>Basileuterus culicivorus</i>	pula-pula									X	X*	X			
<i>Basileuterus flaveolus</i>	canário-do-mato	23	6	19					X	X	X	X			
<i>Basileuterus hypoleucus</i>	pula-pula-de-barriga-branca	14	4	6	7					X	X	X			
<i>Geothlypis aequinoctialis</i>	pia-cobra				2			10		X	X				
<i>Parula pitiayumi</i>	mariquita	2	1	4	1				1	X	X	X			
Icteridae															
<i>Cacicus haemorrhous</i>	guaxe				8					X		X			
<i>Chrysomus ruficapillus</i>	garibaldi								14						
<i>Gnorimopsar chopi</i>	graúna				1										
<i>Icterus cayanensis</i>	encontro								1						
Fringillidae															
<i>Euphonia chlorotica</i>	fim-fim	4	5	1	6					X	X	X			
Passeridae															
<i>Passer domesticus</i> (exótico)	pardal								10	X	X				

Referências: ¹BARBOSA e OLMOS (não publicado), ²WILLIS e ONIKI (2003),

³Grau de ameaça de extinção: indicado apenas as espécies ameaçadas de extinção de acordo com a lista Estadual (SP), sendo: VU – Vulnerável e EN – Em Perigo. Não há registro de espécies ameaçadas de acordo com as listas do IBAMA ou da IUCN na fazenda.

⁴Endemismo: MA – endêmica da Mata Atlântica (segundo Pacheco e Bauer, 2000); CE – endêmica do Cerrado (segundo Silva, 1997).

⁵Espécies migratórias: aquelas que toda população ou parte desta migra, segundo Sick (2001), Willis e Oniki (2003) e Sigrist (2009).

E – espécie registrada para a Fazenda Campininha através de entrevista.

*Registro de museu mencionado em Willis e Oniki (2003).

**Um indivíduo oriundo da Fazenda Campininha depositado no Museu de Zoologia da Unicamp por W. R. Silva em 1979.



ANEXOS MASTOFAUNA

Anexo MASTO 1- Espécies de mamíferos de médio e grande porte presentes nos Parque Estadual de Jataí e Estação Experimental de Luiz Antônio, no Parque Estadual de Porto Ferreira e no Parque Estadual da Vassununga (Gleba Pé-de-Gigante). Graus de ameaça de acordo com a lista de espécies da IUCN (IUCN, 2009), do Brasil (IBAMA, 2003) e do Estado de São Paulo (SMA, 2008): VU-Vulnerável, EN-Ameaçada, CR-Criticamente ameaçada.

Ordem/Família	Nome Científico	Nome Popular	Jataí/ Luiz Antônio	Porto Ferreira	Pé-de- Gigante	Grau de Ameaça		
						IUCN	MMA	SMA/SP
DIDELPHIMORPHIA								
Didelphidae	<i>Caluromys lanatus</i>	Cuíca-lanosa	•	•				
	<i>Chironectes minimus</i>	Cuíca-d'água	•					
	<i>Didelphis albiventris</i>	Gambá-de-orelha-branca	•	•	•			
	<i>Gracilinanus microtarsus</i>	Catita	•	•	•			
	<i>Lutreolina crassicaudata</i>	Cuíca-de-cauda-grossa	•	•				
	<i>Micoureus paraguayanus (cinereus)</i>	Cuíca	•	•	•			
	<i>Philander frenatus (opossum)</i>	Cuíca-quatro-olhos			•			
	<i>Thylamys (Marmosa) velutinus</i>	Catita			•			VU
PILOSA								
Myrmecophagidae	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	Tamanduá-bandeira	•		•			VU
	<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá-mirim	•	•	•			
CINGULATA								
Dasypodidae	<i>Cabassous unicinctus</i>	Tatu-de-rabo-mole-pequeno	•	•				
	<i>Dasypus novemcinctus</i>	Tatu-galinha	•	•	•			
	<i>Dasypus septemcinctus</i>	Tatuíra	•	•				
	<i>Euphractus sexcinctus</i>	Tatu-peba	•	•				
PRIMATES								
Atelidae	<i>Alouatta caraya</i>	Bugio-preto	•		•			VU
	<i>Alouatta guariba</i>	Bugio-ruivo	•					
Callitrichidae	<i>Callithrix penicillata</i>	Sagui-de-tufo-preto	•	•				
Cebidae	<i>Cebus nigrinus</i>	Macaco-prego		•	•			
Pitheciidae	<i>Callicebus nigrifrons</i>	Sauá		•	•			
LAGOMORPHA								
Leporidae	<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Tapiti	•	•	•			
CARNIVORA								
Felidae	<i>Leopardus pardalis</i>	Jaguatirica	•	•				
	<i>Leopardus sp.</i>	Gato-do-mato		•	•	VU*	VU	VU/EN*
	<i>Puma yaguarondi</i>	Gato-mourisco	•	•				
	<i>Puma concolor</i>	Onça-parda	•	•	•		VU	VU
Canidae	<i>Cerdocyon thous</i>	Cachorro-do-mato	•	•	•			
	<i>Chrysocyon brachyurus</i>	Lobo-guará	•	•	•		VU	VU
Mephitidae	<i>Conepatus semistriatus</i>	Jaritataca	•	•	•			
Mustelidae	<i>Eira barbara</i>	Irara	•	•	•			

Ordem/Família	Nome Científico	Nome Popular	Jataí/ Luiz Antônio	Porto Ferreira	Pé-de- Gigante	Grau de Ameaça			
						IUCN	MMA	SMA/SP	
Procyonidae	<i>Galictis cuja</i>	Furão	•	•					
	<i>Lontra longicaudis</i>	Lontra	•	•					
	<i>Nasua nasua</i>	Quati	•	•	•				
	<i>Procyon cancrivorus</i>	Mão-pelada	•	•	•				
CETARTIODACTYLA									
Cervidae	<i>Mazama americana</i>	Veado-mateiro	•		•			VU	
	<i>Mazama gouazoubira</i>	Veado-catingueiro	•	•	•				
	<i>Blastocerus dichotomus</i>	Cervo-do-pantanal	•			VU	VU	CR	
Tayassuidae	<i>Pecari tajacu</i>	Cateto	•		•				
	<i>Tayassu pecari</i>	Queixada	•					EN	
RODENTIA									
Cricetidae	<i>Akodon montensis</i>	Rato-de-chão	•	•	•				
	<i>Calomys tener</i>	Rato-calunga	•		•				
	<i>Cerradomys (Oryzomys) subflavus</i>	Rato-do-mato			•				
	<i>Holochilus brasiliensis</i>	Rato-do-brejo	•						
	<i>Hylaeamys (Oryzomys) megacephalus (capito)</i>	Rato-do-mato	•	•					
	<i>Necomys (Bolomys) lasiurus</i>	Pixuna	•		•				
	<i>Nectomys squamipes</i>	Rato-d'água	•	•	•				
	<i>Oecomys concolor</i>	Rato-de-árvore	•						
	<i>Oligoryzomys nigripes (eliurus)</i>	Camundongo-do-mato	•	•	•				
	<i>Oxymycterus roberti</i>	Rato-do-brejo	•		•				
	<i>Pseudoryzomys simplex</i>	Rato-do-mato	•		•			VU	
	<i>Juliomys (Wilfredomys) pictipes</i>	Rato-do-mato		•					
	Caviidae	<i>Cavia aperea</i>	Preá	•	•	•			
		<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	Capivara	•	•	•			
Cuniculidae	<i>Cuniculus paca</i>	Paca	•	•	•				
Dasyproctidae	<i>Dasyprocta azarae</i>	Cutia	•	•	•				
Erethizontidae	<i>Coendou prehensilis</i>	Ouriço-cacheiro	•	•					
	<i>Sphiggurus villosus</i>	Ouriço-cacheiro	•		•				
Sciuridae	<i>Sciurus aestuans</i>	Esquilo	•	•					
Total			49	38	36	2	5	9	

*Pode corresponder a *L. tigrinus* e *L. wiedii*



Anexo MASTO 2- Espécies de mamíferos de médio e grande porte registradas na Fazenda Campininha: Reserva Biológica de Mogi-Guaçu - Gleba A (RBMG A) e Gleba B (RBMG B), Estação Ecológica de Mogi-Guaçu (EEMG) e Estação Experimental de Mogi-Guaçu (EExMG). Tipo de registro: AF - Armadilhas Fotográfica; AV - Avistamento; C - Captura em live-trap; E - entrevista; F - fezes; P - Pegadas; PB - Pesquisa Bibliográfica; VO - Vocalização. Vegetação: Pn - Pínus; FES - Floresta Estacional Semidecidual; FESA - Floresta Estacional Semidecidual Aluvial; SF - Savana Florestada; CU - Campo Úmido; Ar - Arboreto. Status de Conservação: VU- vulnerável; EN- ameaçada; CR- criticamente ameaçada.

Ordem/Família	Nome Científico	Nome Popular	EEMG	RBMG A	RBMG B	EExMG	Tipo de Registro	Vegetação	Caça	Endêmica	Exótica	Grau de Ameaça			
												IUCN	MMA	SMA/SP	
DIDELPHIMORPHIA															
Didelphidae	<i>Didelphis albiventris</i>	Gambá-de-orelha-branca	•				AF,C,PB	FESA,SF							
	<i>Gracilinanus microtarsus</i>	Catita	•	•			C,PB	FESA,SF							
	<i>Micoureus paraguayanus</i>	Cuíca	•	•			C,PB	FESA,SF							
PILOSA															
Mymecophagidae	<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá-mirim		•			E,P	SF							
	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	Tamanduá-bandeira	•				E	FES					VU		
CINGULATA															
Dasypodidae	<i>Dasypus novemcinctus</i>	Tatu-galinha	•	•	•	•	AV, P, PB	SF,FESA,Pn,Ar,FES,CU							
	<i>Dasypus septemcinctus</i>	Tatuí					PB	**							
	<i>Euphractus sexcinctus</i>	Tatu-peba	•			•	P,PB	Ar,FESA,FES							
PRIMATES															
Callitrichidae	<i>Callithrix aurita</i>	Sagui-da-serra-escuro		•			AV,E	SF		•			VU	VU	VU
Pitheciidae	<i>Callicebus nigrifrons</i>	Sauá	•			•	AV,PB	FESA,FES,SF		•					
Atelidae	<i>Alouatta sp.</i>	Bugio	•				E	**		•					
LAGOMORPHA															
Leporidae	<i>Lepus europaeus</i>	Lebre-europeia		•			P,E	FESA,Pn			•				
	<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Tapiti					E,PB	FES							
CARNIVORA															
Felidae	<i>Felis silvestris catus</i>	Gato-doméstico				•	AV	FESA			•				
	<i>Leopardus pardalis</i>	Jaguatirica					E,PB	FESA,FES					VU	VU	
	<i>Leopardus sp.</i>	Gato-do-mato				•	E, F	Pn				VU*	VU*	VU/EN*	
	<i>Puma concolor</i>	Onça-parda	•	•		•	AF,P,PB,E	FESA,Pn					VU	VU	
	<i>Puma yagouaroundi</i>	Jaguarundi					PB	**							
Canidae	<i>Chrysocyon brachyurus</i>	Lobo-guará	•		•	•	E,F,P,PB	FES,FESA,SF,Pn,CU					VU	VU	
	<i>Cerdocyon thous</i>	Cachorro-do-mato	•	•		•	E,P,PB	FES,FESA,SF,Ar,CU,Pn							
	<i>Canis lupus familiaris</i>	Cachorro-doméstico				•	AV,P	SF,Pn,FESA,FES			•				
Mephitidae	<i>Conepatus cf. semistriatus</i>	Jaritataca				•	P	CU							
	<i>Eira Barbara</i>	Irara					PB	FES,SF							
Mustelidae	<i>Lontra longicaudis</i>	Lontra	•				P	FESA							
Procyonidae	<i>Nasua nasua</i>	Furão					PB	FESA,FES,SF,CU							
	<i>Procyon cancrivorus</i>	Mão-pelada					PB	SF							
CETARTIODACTYLA															
Cervidae	<i>Mazama americana</i>	Veado-mateiro					E,PB	FESA,FES,SF,CU		•				VU	

Ordem/Família	Nome Científico	Nome Popular	EEMG	RBMG A	RBMG B	EExMG	Tipo de Registro	Vegetação	Caça	Endêmica	Exótica	Grau de Ameaça			
												IUCN	MMA	SMA/SP	
Tayassuidae Suidae	<i>Mazama gouazoubira</i>	Veado-catingueiro		•	•	•	E,P,PB	Pn,FESA,SF,CU,FES	•						
	<i>Pecari tajacu</i>	Cateto					E	**	•						
	<i>Sus scrofa</i>	Porco-monteiro	•				AV,E,P	FESA,FES,SF				•			
RODENTIA															
Cricetidae	<i>Akodon montensis</i>	Rato-de-chão		•			PB	**							
	<i>Calomys tener</i>	Rato-calunga	•	•		•	C,PB	SF,Pn							
	<i>Necomys lasiurus</i>	Rato-pixuna	•				C	SF,Pn							
	<i>Cerradomys subflavus</i>	Rato-do-mato		•			PB	SF							
	<i>Hylaelmys megacephalus</i>	Rato-do-mato	•				C	FESA							
	<i>Oligoryzomys cf. flavescens</i>	Camundondo-do-mato	•	•			C	SF							
	<i>Oxymycterus roberti</i>	Rato-do-brejo	•				PB	CU							
Caviidae	<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	Capivara	•		•		E,P,PB	SF,FES,FESA,CU	•						
	<i>Cavia aperea</i>	Preá					PB	FES,SF	•						
	<i>Dasyprocta azarae</i>	Cutia		•			P	SF							
Cuniculidae	<i>Cuniculus paca</i>	Paca					E,PB	FESA,FES,SF	•						
Erethizontidae	<i>Coendou prehensilis</i>	Ouriço-cacheiro					PB	FESA,FES,SF,Pn,CU							
Myocastoridae	<i>Myocastor coypus</i>	Ratão-do-banhado					PB	SF							?
			19	14	4	12				6	3	5	2	6	6

* Pode corresponder a *L. tigrinus* ou *L. wiedii*

** Localização imprecisa: dados obtidos através de entrevistas e/ou referências bibliográficas que não citavam a localização.

? Espécie possivelmente exótica.



ANEXOS ICTIOFAUNA

Anexo ICTIO 1: Lista de espécies da bacia do rio Mogi Guaçu, com indicação dos ambientes em que ocorrem. Fonte: Meschiatti & Arcifa, 2009. **Ambientes:** CP-Canal Principal; Tr-Tributários; LM-Lagoas Marginais; Rp-Represa.

Ordenamento Taxonômico	Ambientes			
	CP	Tr	LM	Rp
CHARACIFORMES				
Acestrorhynchidae				
<i>Acestrorhynchus lacustris</i> (Lütken, 1875)	X	X	X	
Anostomidae				
<i>Leporellus vittatus</i> (Valenciennes, 1850)	X	X		
<i>Leporinus elongatus</i> Valenciennes, 1850	X		X	
<i>Leporinus cf. friderici</i> (Bloch, 1794)	X	X	X	
<i>Leporinus lacustris</i> Campos, 1945	X	X	X	
<i>Leporinus obtusidens</i> (Valenciennes, 1850)	X	X	X	
<i>Leporinus octofasciatus</i> Steindachner, 1915	X	X	X	X
<i>Leporinus paranensis</i> Garavello & Britski, 1987		X		
<i>Leporinus striatus</i> Kner, 1859	X	X	X	
<i>Leporinus</i> sp1	X	X	X	
<i>Schizodon nasutus</i> Kner, 1858	X	X	X	X
Characidae				
Aphyocaraeinae				
<i>Aphyocharax dentatus</i> Eigenmann & Kennedy, 1903	X	X	X	
Bryconinae				
<i>Brycon cephalus</i> (Günther, 1869)	X			
<i>Brycon orbignyanus</i> (Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1850) ^{cr, nac}	X			
Characinae				
<i>Galeocharax knerii</i> (Steindachner, 1879)	X	X	X	
<i>Rhoeboides descalvadensis</i> Fowler, 1932			X	
Cheirodontinae				
<i>Aphyocheirodon hemigrammus</i> Eigenmann, 1915	X			
<i>Odontostilbe microcephala</i> Eigenmann, 1907	X		X	
<i>Odontostilbe</i> sp1	X	X		
<i>Serrapinnus heterodon</i> (Eigenmann, 1915)	X	X	X	X
<i>Serrapinnus notomelas</i> (Eigenmann, 1915)	X	X	X	
Serrasalminae				
<i>Mettynis maculatus</i> (Kner, 1858)			X	
<i>Mettynis</i> sp1			X	
<i>Myeius tiete</i> (Eigenmann & Norris, 1903) ^{vu, nac}	X	X		
<i>Piaractus mesopotamicus</i> (Holmberg, 1887) ^{cr}	X			
<i>Serrasalmus cf. maculatus</i> Kner, 1858	X	X	X	X
<i>Serrasalmus marginatus</i> Valenciennes, 1837		X		
<i>Characidae Incertae sedis</i>				
<i>Astyanax altiparanae</i> Garutti & Britski, 2000	X	X	X	X
<i>Astyanas fasciatus</i> (Cuvier, 1819)	X	X	X	X
<i>Astyanax pananae</i> Eigenmann, 1914	X	X		
<i>Astyanax cf. schubarti</i> Britski, 1964	X		X	X
<i>Astyanax trierythropterus</i> Godoy, 1970 ^{en; @}	X			
<i>Astyanax</i> sp1			X	

Ordenamento Taxonômico	Ambientes			
	CP	Tr	LM	Rp
<i>Bryconamericus stramineus</i> Eigenmann, 1908	X	X		
<i>Cheirodon stenodon</i> Eigenmann, 1915	X	X	X	X
<i>Gymnocorymbus ternetzi</i> (Boulenger, 1895)	X	X	X	
<i>Hemigrammus marginatus</i> Ellis, 1911	X	X	X	
<i>Hollandichthys multifasciatus</i> (Eigenmann & Norris, 1900)*; @				
<i>Hyphessobrycon anisitsi</i> (Eigenmann, 1907)		X	X	X
<i>Hyphessobrycon bifasciatus</i> Ellis, 1911		X	X	
<i>Hyphessobrycon eques</i> (Steindachner, 1882)	X	X	X	X
<i>Hyphessobrycon</i> sp1	X		X	
<i>Moenkhausia intermedia</i> Eigenmann, 1908		X	X	
<i>Moenkhausia sanctaefilomenae</i> (Steindachner, 1907)		X	X	
<i>Oligosarcus pintoii</i> Campos, 1945	X	X	X	X
<i>Piabina argentea</i> Reinhardt, 1867	X	X	X	X
Salmininae				
<i>Salminus brasiliensis</i> (Cuvier, 1816)	X		X	
<i>Salminus hilarii</i> Valenciennes, 1850	X	X	X	
Crenuchidae				
<i>Characidium gomesi</i> Travassos, 1956		X		
<i>Characidium zebra</i> Eigemann, 1909	X	X	X	
<i>Characidium fasciatum</i> Reinhardt, 1866	X	X	X	
<i>Characidium</i> sp1		X		
Curimatidae				
<i>Cyphocharax modestus</i> (Fernandez-Yepepe, 1948)	X	X	X	X
<i>Cyphocharax nagelli</i> (Steindachner, 1881)	X	X	X	X
<i>Cuyphocharax</i> sp1			X	
<i>Steindachnerina insculpta</i> (Fernandez-Yepepe, 1948)	X	X	X	X
Erythrinidae				
<i>Hoplerythrinus unitaeniatus</i> (Agassiz, 1829)		X	X	
<i>Hoplias malabaricus</i> (Bloch, 1794)	X	X	X	X
<i>Hoplias aff. malabaricus</i> (<i>H. microcephalus</i> (Agassiz, 1829))			X	
Lesbianidae				
<i>Pyrrhulina</i> sp1			X	
Parodontidae				
<i>Apareiodon affinis</i> (Steindachner, 1879)	X	X	X	
<i>Apareiodon piracicabae</i> (Eigenmann, 1907)		X	X	
<i>Apareiodon ibitiensis</i> Campos, 1944 @	X			
<i>Parodon nasus</i> Kner, 1859	X	X	X	
Prochilodontidae				
<i>Prochilodus lineatus</i> (Valenciennes, 1836)	X	X	X	
<i>Prochilodus vimboides</i> Kner, 1859 ^{vu}	X		X	
<i>Prochilodus</i> spp				X
GYMNOTIFORMES				
Apteronotidae				
<i>Apteronotus albifrons</i> (Linnaeus, 1766)*; @				
<i>Apteronotus brasiliensis</i> (Reinhardt, 1852) @	X			
<i>Sternachella curvioperculata</i> Godoy, 1968 @	X	X		

Ordenamento Taxonômico	Ambientes			
	CP	Tr	LM	Rp
Hypopomidae				
<i>Brachyhypopomus cf. pinnicaudatus</i> (Hopkins; Confort; Bastian & Bass, 1990)		X		
Rhamphichthyidae				
<i>Rhamphichthys hanni</i> (Meinken, 1937)*; ©				
Sternopygidae				
<i>Eigenmania trilineata</i> Lopez & Castello, 1966		X	X	X
<i>Eigenmainia virescens</i> (Valenciennes, 1847)	X	X		
<i>Eigenmania</i> sp1	X	X	X	
<i>Sternopygius macrurus</i> (Bloch & Schneider, 1801)			X	
Gymnotidae				
<i>Gymnotus aff. carapo</i> Linnaeus, 1758		X	X	X
<i>Gymnotus</i> sp1	X	X		
SILURIFORMES				
Aspredinidae				
<i>Bunocephalus larai</i> Ilhering, 1930 ^{vu}		X		
Auchenipteridae				
<i>Glaninium cesarpintoii</i> Ilhering, 1928 [©]	X			
<i>Tatia nevai</i> Ilhering, 1930	X		X	
<i>Trachelyopterus coriaceus</i> Valenciennes, 1840	X		X	
<i>Parauchnepterus galeatus</i> (Linnaeus, 1766)			X	
Callichthyidae				
Callichthyinae				
<i>Callichthys callichthys</i> (Linnaeus, 1758)		X		X
<i>Lepthoplosternum pectoralle</i> (Boulenger, 1895)		X		
<i>Hoplosternum littorale</i> (Hancock, 1828)		X	X	X
<i>Megalechis personata</i> (Ranzani, 1841)		X	X	
Corydoradinae				
<i>Corydoras aeneus</i> (Gill, 1858)		X		
<i>Corydoras sp (cf. garbei)</i>		X		
<i>Corydoras difluviatilis</i> Brito & Castro, 2002		X		
Cetopsidae				
<i>Cetopsis gobioides</i> Kner, 1857		X		
Doradidae				
<i>Rhinodoras dorbigniyi</i> (Kner, 1855)	X			
Heptapteridae				
<i>Cetopsorhamdia iheringi</i> Schubart & Gomes, 1959	X	X		
<i>Chasmocranus brachynema</i> Gomes & Schubart, 1958 ^{vu, nac}	X			
<i>Imparfinis schubarti</i> (Gomes, 1956)	X	X		
<i>Imparfinis</i> sp1	X			
<i>Phenacorhamdia tenebrosa</i> (Schubart, 1964)	X	X		
<i>Pimelodella gracilis</i> (Valenciennes, 1835)		X		
<i>Pimelodella boschmai</i> (Van der Stigchel, 1964) [©]	X			
<i>Pimelodella meeki</i> Eigenmann, 1910		X		
<i>Pimelodella</i> sp1	X	X	X	
<i>Rhamdia quelen</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	X	X	X	X
Loricariidae				

Ordenamento Taxonômico	Ambientes			
	CP	Tr	LM	Rp
Hipoptopomatinae				
<i>Hisonotus depressicauda</i> (Miranda-Ribeiro, 1918)		X		
<i>Hisonotus insperatus</i> Britski & Garavello, 2003	X	X		
<i>Hisonotus</i> sp1		X		
Hypostominae				
<i>Hypostomus albopunctatus</i> (Regan, 1908)	X			
<i>Hypostomus ancistroides</i> (Ilhering, 1911)	X	X	X	X
<i>Hypostomus fluviatilis</i> (Schubart, 1964)	X	X		
<i>Hypostomus hermanni</i> (Ilhering, 1905)	X	X		
<i>Hypostomus iheringii</i> (Regan, 1908)		X		
<i>Hypostomus margaritifer</i> (Regan, 1908)	X			
<i>Hypostomus paulinus</i> (Ilhering, 1905)	X	X		
<i>Hypostomus regani</i> (Ilhering, 1905)	X	X		
<i>Hypostomus strigaticeps</i> (Regan, 1908)	X	X		X
<i>Hypostomus nigromaculatus</i> (Schubart, 1967)	X	X		
<i>Hypostomus topavae</i> (Godoy, 1969) @	X			
<i>Hypostomus tietensis</i> (Ilhering, 1905)			X	
<i>Hypostomus</i> sp1	X	X	X	X
<i>Pterygoplichthys ansitsi</i> Eigenmann & Kennedy, 1903			X	
Loricariinae				
<i>Loricaria legitinosa</i> Isbrücker, 1979	X	X		
<i>Loricaria prolixa</i> Isbrücker & Hijssen, 1978	X		X	
<i>Loricaria</i> sp1	X			
<i>Rineloricaria latirostris</i> (Boulenger, 1900)	X	X		
Neoplecostominae				
<i>Neoplecostomus paranensis</i> Langeani, 1990 ^{vu}		X		
Pimelodidae				
<i>Iheringichthys labrosus</i> (Lütken, 1874)	X			X
<i>Pimelodus heraldoi</i> Azpelicueta, 2001	X			
<i>Pimelodus maculatus</i> La Cepède, 1803	X	X	X	X
<i>Pimelodus</i> sp1			X	
<i>Pimelodus microstoma</i> (Steindachner, 1877)	X			X
<i>Pseudoplatystoma corruscans</i> (Spix & Agassiz, 1829) ^{vu} ; @	X			
<i>Steindachneridion</i> sp1	X			
<i>Zungaro jahu</i> (Ilhering, 1898) ^{en}	X			
Pseudopimelodidae				
<i>Pseudopimelodus mangurus</i> (Valenciennes, 1835) ^{vu}	X			
<i>Pseudopimelodus</i> sp1		X		
Trichomycteridae				
<i>Parastegophilus paulensis</i> (Miranda-Ribeiro, 1918) ^{en, nac}	X	X		
<i>Paravandellia oxyptera</i> Miranda-Ribeiro, 1912	X	X		
CYPRINODONTIFORMES				
Poeciliidae				
<i>Phalloceros aff. caudimaculatus</i> (Hensel, 1968)		X	X	
<i>Phallorhynchus jucundus</i> (Ilhering, 1930) ^{en, nac}		X	X	
<i>Poecilia reticulata</i> (Peters, 1859) ^{Ex}		X	X	

Ordenamento Taxonômico	Ambientes			
	CP	Tr	LM	Rp
Rivulidae				
<i>Rivulus</i> sp1			X	
SYNBRANCHIFORMES				
Synbranchidae				
<i>Synbranchus marmoratus</i> Bloch, 1795	X	X		
PERCIFORMES				
Centrarchidae				
<i>Micropterus salmoides</i> (La Cepède, 1802) ^{Ex}	X			
Cichlidae				
<i>Austronotus ocellatus</i> (Agassiz, 1831)*; @				
<i>Australoheros facetus</i> (Jenyns, 1842)			X	X
<i>Crenicichla jaguarensis</i> Haseman, 1911	X	X		
<i>Crenicichla</i> sp1			X	
<i>Geophagus brasiliensis</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	X	X	X	X
<i>Geophagus</i> sp1				X
<i>Tilapia rendalli</i> (Boulenger, 1897) ^{Ex}	X	X		
Scianidae				
<i>Plagioscion squamosissimus</i> (Heckel, 1840)	X			
CYPRINIFORMES				
Cyprinidae				
<i>Cyprinus carpio</i> Linnaeus, 1758 ^{Ex} ; *; @				
TOTAL	96	98	73	29

Legenda: status na lista estadual de espécies ameaçadas (en – em perigo; vu – vulnerável; cr – criticamente em perigo). nac – citada na lista nacional de espécies ameaçadas. Ex – espécie exótica introduzida. * - espécie descrita para a bacia do rio Mogi Guaçu, porém sem definição de ambiente de ocorrência. @ espécie não registrada na bacia do rio Mogi Guaçu desde 1975.

Anexo ICTIO 2: Lista de espécies registradas em quatro lagoas marginais presentes na Estação Ecológica Mogi Guaçu (Fazenda Campininha). Fonte: Gonçalves & Braga, 2008.

Ordenamento Taxonômico

CHARACIFORMES

Acestrorhynchidae

Acestrorhynchus lacustris Lütken, 1875

Anostomidae

Leporinus lacustris Campos, 1945

Characidae

Cheirodontinae

Serrapinnus notomelas Eigenmann, 1915

Serrasalminae

Mettnis maculatus Kner, 1858

Serrasalmus cf. maculatus Kner, 1858

Characidae *Incertae sedis*

Astyanax altiparanae Garutti & Britski, 2000

Astyanas fasciatus Cuvier, 1819

Astyanax pananae Eigenmann, 1914

Hyphessobrycon anisitsi Eigenmann, 1907

Hyphessobrycon bifasciatus Ellis, 1911

Hyphessobrycon eques Steindachner, 1882

Moenkhausia intermedia Eigenmann, 1908

Oligosarcus pintoii Campos, 1945

Curimatidae

Cyphocharax modestus Fernandez-Yepe, 1948

Cyphocharax nagelli Steindachner, 1881

Steindachnerina insculpta Fernandez-Yepe, 1948

Erythrinidae

Hoplerythrinus unitaeniatus Agassiz, 1829

Hoplias malabaricus Bloch, 1794

Hoplias aff. malabaricus (*H. microcephalus* Agassiz, 1829)

Prochilodontidae

Prochilodus spp

GYMNOTIFORMES

Gymnotidae

Gymnotus aff. carapo Linnaeus, 1758

SILURIFORMES

Auchenipteridae

Parauchnepterus galeatus Linnaeus, 1766

Callichthyidae

Callichthyinae

Hoplosternum littorale Hancock, 1828

CYPRINODONTIFORMES

Poeciliidae

Phalloceros aff. caudimaculatus Hensel, 1968

PERCIFORMES

Cichlidae

Geophagus brasiliensis Quoy & Gaimard, 1824

Anexo ICTIO 3: Espécies de peixes registradas nos pontos de amostragem de Ictiofauna nos limites da Fazenda Campininha em Janeiro de 2010. Tipo de Ambiente: Lêntico - Lagoas, Reservatórios, Represas, etc.; Lótico – Córregos, Riachos Ribeirões, Rios, etc. Metodologia: PE – Pesca Elétrica; R – Rede-de-espera; C – Covo; Rd – Redinha de Arrasto, Penira, Pulsá.

Táxon	Nome popular	Tipo de Ambiente	Pontos de Amostragem	Metodologia	Status	OBS
<u>OSTEICHTHYES</u>						
CHARACIFORMES						
Characidae						
<i>Astyanax altiparanae</i>	Tambiu, lambari-do-rabo-amarelo	Lêntico, Lótico	MG2, MG3, MG4, MG5, MG9, MG10, MG12	PE, R, C		
<i>Astyanax aff. fasciatus</i>	Lambari-do-rabo-vermelho	Lótico	MG3, MG4, MG5	R, PE		
<i>Hyphessobrycon eques</i>	Mato-grosso	Lêntico, Lótico	MG3, MG9, MH10	C, Rd		
<i>Hemigrammus marginatus</i>	Lambarizinho	Lêntico, Lótico	MG7, MG9, MG11, MG12	PE, C, Rd		
<i>Serrapinnus notomelas</i>	Pequira	Lêntico, Lótico	MG4, MG11	PE, C, Rd		
<i>Oligosarcus pintoi</i>	Peixe-cachorro	Lêntico, Lótico	MG2, MG12	PE, R		
<i>Piabina argentea</i>	Pequira	Lótico	MG3	PE, C		
Curimatidae						
<i>Cyphocharax modestus</i>	Saguiru	Lêntico	MG11	R		
Anostomidae						
<i>Leporinus obtusidens</i>	Piapara	Lótico	MG5	R		Migradora
Serrasalminidae						
<i>Metinnis maculatus</i>	Pacu-prata	Lêntico	MG9, MG10	R, C		
Erythrinidae						
<i>Hoplias malabaricus</i>	Traíra	Lêntico, Lótico	MG10, MG11, MG12	PE, R		
<i>Hoploerithynus unitaeniatus</i>	Jeju	Lêntico	MG3, MG8, MG9, MG10	PE, R		
Crenuchidae						
<i>Characidium aff. zebra</i>	Mocinha	Lótico	MG9, MG10, MG12	C, Rd		
<i>Characidium cf. fasciatum</i>	Mocinha	Lêntico	MG1, MG3, MG6	PE		
SILURIFORMES						
Heptapteridae						
<i>Pimelodella sp1</i>	Bagrinho	Lótico	MG5, MG6	PE, C		
<i>Imparfinnis cf. schubarti</i>	Bagrinho	Lótico	MG2	PE		
<i>Rhamdia quelen</i>	Jundiá, bagre	Lêntico, Lótico	MG3, MG4, MG5	PE, R		Migradora
Callichthyidae						
<i>Hoplosternum litoralle</i>	Caborja, tamboatá	Lêntico, Lótico	MG4, MG8	R		
<i>Callichthys callichthys</i>	Caborja, tamboatá	Lêntico, Lótico	MG4, MG8, MG12	R		
Loricariidae						
<i>Hypostomus ancistroides</i>	Cascudo	Lótico	MG4, MG5	R		
<i>Hypostomus sp1</i>	Cascudo	Lótico	MG4	R		
<i>Hisonotus cf. depressicauda</i>	Cascudinho, bodózinho	Lótico	MG1, MG2	PE		



Táxon	Nome popular	Tipo de Ambiente	Pontos de Amostragem	Metodologia	Status	OBS
<i>Neoplecostomus cf. paranensis</i>	Cascudinho, bodózinho	Lótico	MG4	PE		
GYMNOTIFORMES						
Gymnotidae						
<i>Gymnotus carapo</i>	Tuvira	Lêntico	MG9, MG11	R		
CYPRINODONTIFORMES						
Poeciliidae						
<i>Phalloceros harpagos</i>	Guaru, barrigudinho	Lêntico, Lótico	MG2, MG3, MG4, MG7	PE, C, Rd		
<i>Poecilia reticulata</i>	Lebiste	Lótico	MG4			exótica
Rivulidae						
<i>Rivulus sp1</i>	Guaru	Lêntico	MG8	Rd		
SYNBRANCHIFORMES						
Synbranchidae						
<i>Synbranchus marmoratus</i>	Muçum	Lêntico, Lótico	MG4, MG8	PE, C		
PERCIFORMES						
Cichlidae						
<i>Geophagus brasiliensis</i>	Cará	Lêntico, Lótico	MG2, MG4, MG5, MG7, MG9, MG10, MG11, MG12	PE, R, C, Rd		

Anexo ICTIO 4: Ocorrência e Número de Indivíduos Capturados nos pontos de amostragem de Ictiofauna (MG1 – MG12) nos Limites da Fazenda Campininha e entorno imediato em Janeiro de 2010.

Táxon	MG 1	MG 2	MG 3	MG 4	MG 5	MG 6	MG 7	MG 8	MG 9	MG1 0	MG1 1	MG1 2
<i>Astyanax altiparanae</i>		1	7	1	2				9	1		4
<i>Astyanax aff. fasciatus</i>			11	1	36							
<i>Hyphessobrycon eques</i>			4						1	5		
<i>Hemmigrammus marginatus</i>							3		1		6	2
<i>Serrapinnus notomelas</i>				2							1	
<i>Oligosarcus pintoi</i>		1										1
<i>Cyphocharax modestus</i>											9	
<i>Piabina argentea</i>			2									
<i>Leporinnus obtusidens</i>					3							
<i>Metinnis maculatus</i>									1	1		
<i>Hoplias malabaricus</i>										1	4	6
<i>Hoploerithynus unitaeniatus</i>			1					16	1	1		
<i>Characidium aff. zebra</i>									1	2		1
<i>Characidium cf. fasciatum</i>	2		1			1						
<i>Pimelodella sp1</i>					1	2						
<i>Imparfinnis cf. schubarti</i>		1										
<i>Rhamdia quelen</i>			1	1	1							
<i>Hoplosternum litoralle</i>				5				2				
<i>Callichthys callichthys</i>				2				1				1
<i>Hypostomus ancistroides</i>				1	1							
<i>Hypostomus sp1</i>				1								
<i>Hisonotus cf. depressicauda</i>	7	3										
<i>Neoplecostomus cf. paranensis</i>				1								
<i>Gymnotus carapo</i>									1		1	
<i>Phalloceros harpagos</i>		2	1	1			3					
<i>Poecilia reticulata</i>				1								
<i>Rivulus sp1</i>								2				
<i>Symbranchus</i>				1				1				



Táxon	MG 1	MG 2	MG 3	MG 4	MG 5	MG 6	MG 7	MG 8	MG 9	MG1 0	MG1 1	MG1 2
<i>marmoratus</i>												
<i>Geophagus brasiliensis</i>		1		2	1		1		1	8	10	1
Número de Indivíduos	9	9	28	20	45	3	7	22	16	19	31	16
Riqueza de Espécies	2	6	8	13	7	2	3	5	8	7	6	7





ANEXOS HERPETOFAUNA

Anexo HERPETO 1: Lista de espécies de anfíbios registradas para a Bacia do Rio Mogi-Guaçu, Estado de São Paulo.

ORDEM/Família	Espécie	Nome popular	Município ¹	Fonte ²
ANURA				
Bufonidae	<i>Rhinella ornata</i>	sapo-cururuzinho	7, 17, 21, 24, 27	B, D, E, F
	<i>Rhinella schneideri</i>	sapo-cururu	24	D, F
Hylidae	<i>Dendropsophus elianeae</i>	pererequinha-do-brejo	21	B, F
	<i>Dendropsophus minutus</i>	pererequinha-do-brejo	2, 17, 21, 24	A, D, E, F
	<i>Dendropsophus nanus</i>	pererequinha-do-brejo	17, 21	B, F
	<i>Dendropsophus rhea</i>	pererequinha-do-brejo	21	E
	<i>Dendropsophus</i> cf. <i>rubicundulus</i>	pererequinha-do-brejo	21	E
	<i>Dendropsophus sanborni</i>	pererequinha-do-brejo	19, 21	C, E
	<i>Hypsiboas albopunctatus</i>	perereca-cabrinha	17, 19, 21, 24, 27	B, C, D, E, F
	<i>Hypsiboas faber</i>	sapo-ferreiro	24	D, F
	<i>Hypsiboas lundii</i>	rã-martelinho	7, 24, 27	B, D
	<i>Hypsiboas polytaenius</i>	perereca-de-pijama	29	B
	<i>Hypsiboas prasinus</i>	perereca	31	C
	<i>Hypsiboas raniceps</i>	perereca	24	D
	<i>Itapotihyla langsdorffii</i>	perereca-castanhola	19, 24	C, D
	<i>Scinax fuscomarginatus</i>	pererequinha-do-brejo	19, 21	C, E
	<i>Scinax fuscovarius</i>	raspa-cuia	14, 17, 21, 24, 21, 27	A, B, D, E, F
	<i>Scinax nasicus</i>	perereca	19	C
	<i>Scinax similis</i>	raspa-cuia	17	F
	<i>Trachycephalus venulosus</i>	perereca-grudenta	17, 13	B, F
Leiuperidae	<i>Eupemphix nattereri</i>	sapo-de-quatro-olhos	7, 14, 17, 21, 24	A, B, D, E, F
	<i>Physalaemus centralis</i>	rãzinha	17	F
	<i>Physalaemus cuvieri</i>	rã-cachorro	7, 14, 17, 21, 24, 27	A, B, D, E, F
	<i>Physalaemus marmoratus</i>	sapo-chorão	7, 21	B
	<i>Physalaemus olfersii</i>	sapo-chorão	31	C
	<i>Pseudopaludicola</i> cf. <i>mystacalis</i>	sapo-pulga	21	E
Leptodactylidae	<i>Leptodactylus furnarius</i>	rã-assoviadeira	21	E
	<i>Leptodactylus fuscus</i>	rã-assoviadeira	14, 17, 21, 27	A, B, E, F
	<i>Leptodactylus labyrinthicus</i>	rã-pimenta	17, 27	B, F
	<i>Leptodactylus mystaceus</i>	rã	17, 27	B
	<i>Leptodactylus mystacinus</i>	rã-assoviadeira	7, 14, 17, 18, 19, 24	A, B, C, D, F
	<i>Leptodactylus notoaktites</i>	rã-gota	24	D
	<i>Leptodactylus latrans</i>	rã-manteiga	24	D
<i>Leptodactylus podicipinus</i>	rã-gota	17, 21, 24, 27, 30	B, C, D, F	
Microhylidae	<i>Dermatonotus muelleri</i>	sapo-das-raízes	17	F



ORDEM/Família	Espécie	Nome popular	Município ¹	Fonte ²
	<i>Elachistocleis cf. ovalis</i>	sapo-guarda	17	F

¹Municípios pertencentes à Bacia do rio Mogi-Guaçu (em ordem alfabética): 1-Águas da Prata, 2-Águas de Lindóia, 3-Américo Brasiliense, 4-Araras, 5-Barrinha, 6-Conchal, 7-Descalvado, 8-Engenheiro Coelho, 9-Espírito Santo do Pinhal, 10-Estiva Gerbi, 11-Guariba, 12-Guatapará, 13-Itapira, 14-Jaboticabal, 15-Leme, 16-Lindóia, 17-Luís Antônio, 18-Mogi-Mirim, 19-Mogi-Guaçu, 20-Motuca, 21-Pirassununga, 22-Pitangueiras, 23-Pontal, 24-Porto Ferreira, 25-Pradópolis, 26-Rincão, 27-Santa Rita do Passa Quatro, 28-São João da Boa Vista, 29-Serra Negra, 30-Sertãozinho, 31-Socorro, 32-Santa Cruz da Conceição, 33-Santa Cruz das Palmeiras, 34-Santa Lúcia, 35-Taquaral.

²Fonte Bibliográfica: A- Coleção de Anfíbios do Departamento de Zoologia da Universidade Estadual Paulista - campus de São José do Rio Preto (DZSJRP-Amphibia adults); B- Coleção Célio F.B. Haddad, Instituto de Biociências - Universidade Estadual Paulista - campus de Rio Claro (CFBH); C- Coleção de Anfíbios do Museu de Zoologia da UNICAMP (ZUEC-AMP); D – Plano de Manejo do Parque Estadual de Porto Ferreira – IF; E- Dissertação de Mestrado de Cinthia Brasileiro (1998); F- Publicação de Prado et al. (2009).

Anexo HERPETO 2: Lista de espécies de répteis registradas para a Bacia do Rio Mogi-Guaçu, Estado de São Paulo.

ORDEM/Família	Espécie	Nome popular	Município ¹	Fonte ²
CROCODYLIA				
Alligatoridae	<i>Caiman latirostris</i>	jacaré-do-papo-amarelo	3	A
SQUAMATA				
Gymnophthalmidae	<i>Colobosaura cf. mentalis</i>	-	3	A
	<i>Micrablepharus atticolus</i> *	lagarto-do-rabo-azul	7	A
	<i>Heterodactylus imbricatus</i>	lagarto-cobra	9	A
Polychrotidae	<i>Anolis chrysolepis</i>	-	3	A
	<i>Polychrus acutirostris</i>	camaleão	7	A
Scincidae	<i>Mabuya frenata</i>	-	7	A
Teiidae	<i>Ameiva ameiva</i>	calango-verde	3, 7, 18	A
	<i>Kentropyx paulensis</i> *	lagarto-listrado-do-cerrado	7	A
	<i>Tupinambis merianae</i>	teiú	7	A
Tropiduridae	<i>Tropidurus itambere</i>	calango	3, 7	A
Leptotyphlopidae	<i>Leptotyphlops koppesi</i>	cobra-cega	19	A
Boidae	<i>Boa constrictor</i>	jibóia	7, 17, 20, 21, 24, 28, 33	B
	<i>Epicrates cenchria crassus</i>	salamanta	18, 19, 21, 24, 30	B
	<i>Eunectes murinus</i>	sucuri	11, 20, 22	B
Viperidae	<i>Bothrops moojeni</i>	caçaca	3, 7, 9, 17, 19, 20, 21, 27, 32, 35	A, B
	<i>Bothropoides jararaca</i>	jararaca	4, 8, 9, 13, 15, 28, 32	A, B
	<i>Bothropoides neuwiedii</i>	jararaca-pintada	3, 7, 9, 12, 15, 17, 19, 20, 21, 28, 32	A, B
	<i>Caudisona durissa</i>	cascavel	2, 7, 4, 9, 11, 13, 14, 17, 19, 20, 21, 28, 29, 30, 31	A, B
	<i>Rhinocerophis alternatus</i>	urutu	4, 15, 17, 19, 27, 28	B
	<i>Rhinocerophis itapetiningae</i> *	jararaquinha	5, 13, 19, 20, 21, 25, 26, 27	B
	<i>Rhinocerophis fonsecai</i> *	cotiara	9	A
Elapidae	<i>Micrurus corallinus</i>	cobra-coral	23	B
	<i>Micrurus decoratus</i>	cobra-coral	1	A
	<i>Micrurus lemniscatus</i>	cobra-coral	4, 7, 10, 11, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 34	A, B
	<i>Micrurus frontalis</i>	cobra-coral	2, 7, 9, 19, 13, 15, 17, 20, 21, 22, 26, 29, 31	A, B
Colubridae	<i>Chironius exoletus</i>	cobra-cipó	15	B
	<i>Chironius quadricarinatus</i>	cobra-cipó	14, 26	B
	<i>Chironius flavolineatus</i>	cobra-cipó	3, 7, 17, 14, 21, 23, 26, 27, 33	A, B
	<i>Drymoluber brazili</i>	cobra-cipó	17, 34	B
	<i>Mastigodryas bifossatus</i>	jararacuçu-do-brejo	3, 20, 28	A, B

ORDEM/Família	Espécie	Nome popular	Município ¹	Fonte ²
Colubridae	<i>Simophis rhinostoma</i>	falsa-coral	3, 4, 6, 17, 21, 22, 24, 35	A, B
	<i>Spilotes pullatus</i>	caninana	7, 15, 17, 20, 21, 24	A, B
	<i>Tantilla melanocephala</i>	cobra-da-terra	7, 17	B
Dipsadidae	<i>Apostolepis assimilis</i>	falsa-coral	28	B
	<i>Apostolepis dimidiata</i>	falsa-coral	3, 20, 21	A, B
	<i>Boiruna maculata</i>	muçurana	21	B
	<i>Dipsas indica</i>	come-lesma	9, 12, 13, 19, 15, 18, 28, 31, 33	A, B
	<i>Echianthera cephalostriata</i>	-	29	B
	<i>Echianthera undulata</i>	papa-rã	29	B
	<i>Erythrolamprus aesculapii</i>	falsa-coral	3, 9, 14, 17, 21, 26, 28, 34	A, B
	<i>Helicops carinicaudus</i>	cobra-d'água	14	B
	<i>Helicops gomesi</i>	cobra-d'água	4	B
	<i>Helicops modestus</i>	cobra-d'água	14, 17, 19, 22, 29	A, B
	<i>Hydrodynastes gigas</i>	surucucu-do-pantanal	14, 17, 30, 34	B
	<i>Imantodes cenchoa</i>	dormideira	26	B
	<i>Leptodeira annulata</i>	dormideira	7, 15	B
	<i>Liophis almadensis</i>	corre-campo	23	B
	<i>Liophis flavifrenatus</i>	-	26	B
	<i>Liophis jaegeri</i>	cobra-capim	5	B
	<i>Liophis lineatus</i>	cobra-listrada	4, 19, 24	B
	<i>Liophis meridionalis</i>	cobra-listrada	12, 19, 21, 32, 33	B
	<i>Liophis miliaris</i>	cobra-d'água	7, 28, 31, 33, 34, 35	B
	<i>Liophis poecilogyrus</i>	cobra-de-capim	4, 7, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 25, 35	A, B
	<i>Liophis reginae</i>	cobra-verde	7, 9, 15, 18, 19, 21, 27, 28, 33, 34	B
	<i>Liophis typhlus</i>	cobra-verde	15	B
	<i>Liophis viridis</i>	-	15	B
	<i>Oxyrhopus guibeii</i>	falsa-coral	7, 8, 13, 15, 17, 18, 21, 28, 29, 30, 31	A, B
	<i>Oxyrhopus petola</i>	cobra-preta	3, 12, 14, 17, 25, 34	A, B
	<i>Oxyrhopus rhombifer</i>	falsa-coral	19	B
	<i>Oxyrhopus trigeminus</i>	falsa-coral	14, 15, 18, 21, 22, 25, 29	A, B
	<i>Pseudoboa nigra</i>	muçurana	21	B
	<i>Phalotris mertensi</i>	falsa-coral	3, 7, 11, 14, 15, 17, 19, 20, 21, 22, 24, 27	A, B
	<i>Phalotris nasutus</i> **	fura-terra-nariguda	20	B
<i>Phalotris tricolor</i>	falsa-coral	23	B	
<i>Phimophis guerini</i>	nariguda	7, 26, 27	B	
<i>Philodryas aestivus</i>	cobra-verde	12	B	
<i>Philodryas mattogrossensis</i>	parelheira	12	B	
<i>Philodryas olfersii</i>	cobra-cipó	7, 17, 31	A, B	



ORDEM/Família	Espécie	Nome popular	Município ¹	Fonte ²
Dipsadidae	<i>Philodryas patagoniensis</i>	parelheira	13, 17, 21, 22, 23, 24, 26, 33	A, B
	<i>Rhachidelus brazili</i>	falsa-muçurana	7, 21, 23, 26, 27	B
	<i>Sibynomorphus mikanii</i>	dormideira	5, 3, 13, 17, 27, 28	A, B
	<i>Sibynomorphus turgidus</i>	dormideira	14, 28	B
	<i>Sibynomorphus ventrimaculatus</i>	-	23	B
	<i>Taeniophallus affinis</i>	-	16, 29	B
	<i>Taeniophallus occipitalis</i>	-	2, 9, 19, 26	A, B
	<i>Thamnodynastes hypoconia</i>	jararaca-dourada	26	B
	<i>Thamnodynastes pallidus</i>	cobra-do-mato	7, 18, 35	B
	<i>Thamnodynastes strigatus</i>	corredeira	4	B
	<i>Tropidodryas serra</i>	cobra-cipó	28	B
	<i>Tropidodryas striaticeps</i>	cobra-cipó	9, 15	B
	<i>Xenodon merremii</i>	boipeva	7, 17, 20	B
	<i>Xenodon neuwiedii</i>	falsa-jararaca	19	B
	<i>Xenopholis undulatus*</i>	cobra-da-terra	25	B

¹Municípios pertencentes à Bacia do rio Mogi-Guaçu (em ordem alfabética): 1-Águas da Prata, 2-Águas de Lindóia, 3-Américo Brasiliense, 4-Araras, 5-Barrinha, 6-Conchal, 7-Descalvado, 8-Engenheiro Coelho, 9-Espírito Santo do Pinhal, 10-Estiva Gerbi, 11-Guariba, 12-Guatapará, 13-Itapira, 14-Jaboticabal, 15-Leme, 16-Lindóia, 17-Luís Antônio, 18-Mogi-Mirim, 19-Mogi-Guaçu, 20-Motuca, 21-Pirassununga, 22-Pitangueiras, 23-Pontal, 24-Porto Ferreira, 25-Pradópolis, 26-Rincão, 27-Santa Rita do Passa Quatro, 28-São João da Boa Vista, 29-Serra Negra, 30-Sertãozinho, 31-Socorro, 32-Santa Cruz da Conceição, 33-Santa Cruz das Palmeiras, 34-Santa Lúcia, 35-Taquaral.

²Fonte Bibliográfica: A- Coleção de Répteis do Museu de Zoologia da UNICAMP (ZUEC-REP); B- Coleção Herpetológica "Alphonse Richard Hoge" do Instituto Butantan (IBSP-Herpeto).

Categorias de ameaça de acordo com a lista das espécies de répteis ameaçados de extinção no Estado de São Paulo (Decreto no. 53494/2008): *VU – Vulnerável; **EN – Em Perigo.

Anexo HERPETO 3: Lista de espécies de anfíbios registradas para Reserva Biológica e Estação Ecológica de Mogi-Guaçu, Estado de São Paulo.

ORDEM/Família	Espécie	Nome popular	Fonte de dados ¹
ANURA			
Bufo	<i>Rhinella ornata</i>	sapo-cururuzinho	C
	<i>Rhinella schneideri</i>	sapo-cururu	C
Hylidae	<i>Dendropsophus minutus</i>	pererequinha-do-brejo	C
	<i>Dendropsophus nanus</i>	pererequinha-do-brejo	C
	<i>Dendropsophus sanborni</i>	pererequinha-do-brejo	B
	<i>Hypsiboas albopunctatus</i>	perereca-cabrinha	B, C
	<i>Hypsiboas lundii</i>	sapo-martelinho	C
	<i>Hypsiboas raniceps</i>	perereca	C
	<i>Itapotihyla langsdorffii</i>	perereca-castanhola	B
	<i>Scinax fuscomarginatus</i>	pererequinha-do-brejo	B
	<i>Scinax fuscovarius</i>	raspa-cuia	C
	<i>Scinax nasicus</i>	perereca	B
	<i>Scinax similis</i>	raspa-cuia	C
Leiuperidae	<i>Eupemphix nattereri</i>	sapo-de-quatro-olhos	C
	<i>Physalaemus centralis</i>	rãzinha	C
	<i>Physalaemus cuvieri</i>	rã-cachorro	C
	<i>Pseudopaludicola</i> sp.	sapo-pulga	C
Leptodactylidae	<i>Leptodactylus fuscus</i>	rã-assoviadeira	C
	<i>Leptodactylus labyrinthicus</i>	rã-pimenta	C
	<i>Leptodactylus mystaceus</i>	rã	C
	<i>Leptodactylus mystacinus</i>	rã-assoviadeira	B, C
	<i>Leptodactylus</i> cf. <i>marmoratus</i>	rãzinha	C
Microhylidae	<i>Elachistocleis</i> cf. <i>ovalis</i>	sapo-guarda	C
	<i>Chiasmocleis albopunctata</i>	rãzinha-pintada	C

¹Fonte de dados:

C – Dados coletados em campo.

B – Dados de Bibliografia: Coleção de Anfíbios do Museu de Zoologia da UNICAMP (ZUEC-AMP).

Não há espécies ameaçadas.

Anexo HERPETO 4: Lista de espécies de répteis registradas para Reserva Biológica e Estação Ecológica de Mogi-Guaçu, Estado de São Paulo.

ORDEM/Família	Espécie	Nome popular	Fonte de dados
SQUAMATA			
Teiidae	<i>Tupinambis merianae</i>	teiú	C
Scincidae	<i>Mabuya dorsivittata</i>	-	C
Leptotyphlopidae	<i>Leptotyphlops koppersi</i>	cobra-cega	B (1)
Boidae	<i>Boa constrictor</i>	jibóia	C
	<i>Epicrates cenchria crassus</i>	salamanta	B (1)
Viperidae	<i>Bothrops moojeni</i>	caiçaca	B (1, 2)
	<i>Bothropoides neuwiedii</i>	jararaca-pintada	B (1, 2)
	<i>Caudisoma durissa</i>	cascavel	B (1, 2)
	<i>Rhinocerothis alternatus</i>	urutu	B (2)
	<i>Rhinocerothis itapetiningae*</i>	jararaquinha	B (2)
Elapidae	<i>Micrurus lemniscatus</i>	cobra-coral	B (1, 2)
	<i>Micrurus frontalis</i>	cobra-coral	B (1, 2)
Dipsadidae	<i>Dipsas indica</i>	come-lesma	B (1, 2)
	<i>Helicops modestus</i>	cobra-d'água	B (1, 2)
	<i>Liophis lineatus</i>	cobra-listrada	B (1)
	<i>Liophis meridionalis</i>	cobra-listrada	B (1)
	<i>Liophis reginae</i>	cobra-verde	B (1)
	<i>Oxyrhopus rhombifer</i>	falsa-coral	B (1)
	<i>Oxyrhopus trigeminus</i>	falsa coral	C
	<i>Phalotris mertensi</i>	falsa-coral	B (1, 2)
	<i>Philodryas aestiva</i>	cobra-verde	C
	<i>Taeniophallus occipitalis</i>	-	B (1, 2)
<i>Xenodon neuwiedii</i>	falsa-jararaca	B (2)	

¹Fonte de dados:

C – Dados coletados em campo.

B – Dados de Bibliografia: 1- Coleção de Répteis do Museu de Zoologia da UNICAMP (ZUEC-REP); 2- Coleção Herpetológica "Alphonse Richard Hoge" do Instituto Butantan (IBSP-Herpeto).

*Categoria de ameaça de acordo com a lista das espécies de répteis ameaçados de extinção no Estado de São Paulo (Decreto no. 53494/2008): *VU – Vulnerável



ANEXOS ARTROPODOFAUNA

Anexo ARTRÓPODES 1: Artrópodes da Bacia do Rio Mogi-Guaçu compilados a partir de dados secundários.

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
Arachnida	Subclasse Acari	<i>Shevtchenkella gnatholoba</i>	X		SpLin
		<i>Vimola paucisetosa</i>	X		SpLin
		<i>Abacarus</i> sp.		LA;PI	Sin
		<i>Acaphyllisa araucariae</i>		SN	SpLin
		<i>Aculus</i> sp.		LA;PI	Sin
		<i>aff. Gerloubia</i> sp.1		PI	SpLin
		<i>Afrogamasellus</i> sp.		LA	Sin
		<i>Afronothrus incisivus</i>		LA	SpLin
		<i>Agistemus</i> sp.		LA;PI	Sin, SpLin
		<i>Albacarus</i> sp.		LA	SpLin
		<i>Allonothrus neotropicus</i>		LA	SpLin
		<i>Allonychus braziliensis</i>		JA	SpLin
		<i>Allonychus reisi</i>		JA	SpLin
		<i>Allozetes</i> sp.1		LA	SpLin
		<i>Amblyomma brasiliense</i>		JA	SpLin
		<i>Amblyomma cajennense</i>		AP;JA;SR	Sin, SpLin
		<i>Amblyomma ovale</i>		LA	SpLin
		<i>Amblyomma</i> sp.		AP;AL;LA	SpLin
		<i>Amblyseius acalyphus</i>		LA;PI	Sin, SpLin
		<i>Amblyseius chiapensis</i>		LA;PI	Sin
		<i>Amblyseius compositus</i>		LA;PI	Sin, SpLin
		<i>Amblyseius neochiapensis</i>		LA;PI	Sin, SpLin
		<i>Amrineus cocofolius</i>		PI	Sin
		<i>Argas miniatus</i>		JA	SpLin
		<i>Armascirius</i> spp.		LA	SpLin
		<i>Asca</i> sp.		LA;PI	Sin, SpLin
		<i>Asetadiptacus</i> aff sp.		LA	SpLin
		<i>Athrix brevitibia</i>		LA	SpLin
		<i>Atropacarus</i> sp.1		LA	SpLin
		<i>Bdella</i> sp.		LA;PI	SpLin
		<i>Bimichelia</i> sp.		LA;PI	SpLin
		<i>Boophilus microplus</i>		LI	SpLin
		<i>Brevipalpus cassia</i>		PI	SpLin
		<i>Brevipalpus obovatus</i>		LA	SpLin
		<i>Brevipalpus phoenicis</i>		LA;PI	Sin
		<i>Caleobonzia moraesii</i>		PI	SpLin
		<i>Cheletomimus</i> sp.		LA;PI	Sin, SpLin
		<i>Coleoscirus breslauensis</i>		LA;PI	SpLin
		<i>Cosella</i> sp.		PI	Sin
		<i>Cultroribula</i> sp.1		PI	SpLin
		<i>Cunaxa capreolus</i>		LA	SpLin
		<i>Cunaxa</i> sp. n. 1		PI	SpLin
		<i>Cunaxa</i> sp.n. 2		LA	SpLin
		<i>Cunaxa</i> sp.n. 3		LA;PI	SpLin
		<i>Cunaxoides</i> sp.		LA	Sin
		<i>Czenspinksia</i> sp.		LA;PI	Sin, SpLin
		<i>Daidalotarsenemus folisetae</i>		PI	SpLin
		<i>Daidalotarsonemus</i> sp.		PI	Sin
		<i>Daidalotarsonemus tesselatus</i>		LA;PI	Sin, SpLin
		<i>Deleonia</i> sp.		LA;PI	Sin
		<i>Diptilostatus lofegoi</i>		LA	SpLin
		<i>Dynatozetes</i> aff. <i>amplus</i>		LA	SpLin
		<i>Eremaozetes</i> sp.3		LA	SpLin
		<i>Eremulus</i> sp.2		LA	SpLin
		<i>Eremulus</i> sp.3		LA	SpLin
		<i>Eremulus</i> sp.4		PI	SpLin
		<i>Eupodes</i> sp.4		LA;PI	SpLin
<i>Euseius citrifolius</i>		ARLA;PI	Sin, SpLin		
<i>Euseius sibelius</i>		LA;PI	Sin, SpLin		
<i>Euseius vivax</i>		JA	SpLin		
<i>Eustigmaeus</i> sp.		PI	Sin		

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Fungitarsonemus</i> sp.		LA	Sin
		<i>Furcoppia americana</i>		LA	SpLin
		<i>Gaeolaelaps aff. brevipellis</i>		LA;PI	SpLin
		<i>Galendromus annectens</i>		LA;PI	Sin, SpLin
		<i>Homeopronematus</i> sp.		LA	Sin, SpLin
		<i>Iphiseiodes zuluagai</i>		AR;LA;PI	Sin, SpLin
		<i>Lamellobates molecula</i>		LA	SpLin
		<i>Lamellobates</i> sp.2		LA	SpLin
		<i>Lasioseius</i> sp.		PI	SpLin
		<i>Licneremaeus atypicus</i>		PI	SpLin
		<i>Liochtonius</i> sp.1		LA	SpLin
		<i>Lorryia</i> sp.		LA;PI	Sin, SpLin
		<i>Malaconothrus</i> sp.2		LA	SpLin
		<i>Melissotydeus</i> sp.		LA;PI	Sin, SpLin
		<i>Mesalox</i> sp.		PI	Sin
		<i>Mesalox</i> sp.3		LA	SpLin
		<i>Metapronematus</i> sp.		LA	Sin
		<i>Metaseiulus camelliae</i>		LA	Sin
		<i>Metaseiulus cornus</i>		LA	SpLin
		<i>Metatarsonemus megasolenidii</i>		LA	SpLin
		<i>Metatarsonemus</i> sp.		LA	Sin
		<i>Mochlozetes</i> sp.1		LA	SpLin
		<i>Mononychus chemosetosus</i>		JA	SpLin
		<i>Nacerimina</i> sp.		PI	Sin
		<i>Nanorchestes</i> sp.		LA	SpLin
		<i>Nasuchus pindobates</i>		LA	Sin, SpLin
		<i>Neocunaxoides ovatus</i>		LA	SpLin
		<i>Neogamaselle Evans</i> sp.		LA	Sin
		<i>Neolorryia</i> sp.		LA;PI	Sin
		<i>Neoscirula flechtmanni</i>		LA;PI	SpLin
		<i>Neoscirula oliveirai</i>		PI	SpLin
		<i>Neoseiulus anonymus</i>		JA	SpLin
		<i>Neoseiulus bellottii</i>		LA;PI	Sin, SpLin
		<i>Neoseiulus tunus</i>		LA;PI	Sin, SpLin
		<i>Neotropacarus</i> sp.		LA;PI	Sin, SpLin
		<i>Notostrix butiae</i>		LA;PI	Sin
		<i>Notostrix longiseta</i>		PI	Sin
		<i>Octobdellodes</i> sp.		LA	Sin, SpLin
		<i>Oehserchestes</i> sp.		PI	SpLin
		<i>Oligonychus anonae</i>		JA	SpLin
		<i>Oligonychus psidii</i>		LA;PI	Sin
		<i>Oligonychus</i> sp.		LA;PI	Sin, SpLin
		<i>Oribatula</i> sp.1		PI	SpLin
		<i>Ornithodoros rostratus</i>		JA	SpLin
		<i>Paralamellobates</i> sp.1		LA	SpLin
		<i>Parapronematus</i> sp.		LA;PI	Sin, SpLin
		<i>Pausia</i> sp.		PI	Sin
		Phytoseiidae		JA	SpLin
		<i>Phytoseius guianensis</i>		LA;PI	Sin, SpLin
		<i>Podoribates</i> sp.1		PI	SpLin
		<i>Pretydeus</i> sp.		LA;PI	Sin, SpLin
		<i>Proctolaelaps</i> sp.		LA	SpLin
		<i>Pronematus</i> sp.		LA;PI	Sin, SpLin
		<i>Proprioseiopsis neotropicus</i>		PI	Sin
		<i>Protydeus</i> sp.		LA	SpLin
		<i>Pseudolorryia</i> sp.		PI	Sin
		<i>Pseudolorryia</i> sp.1		LA;PI	SpLin
		<i>Pseudolorryia</i> sp.2		LA;PI	SpLin
		<i>Pseudoparasitus aff. exilis</i>		LA	SpLin
		<i>Rhipicephalus sanguineus</i>		AP	SpLin
		<i>Rhodacarellus</i> sp.		LA;PI	Sin
		<i>Rhodacarus</i> sp.		LA;PI	Sin
		<i>Ricoseius loxocheles</i>		LA	Sin
		<i>Rubroscirus</i> sp.		LA;PI	Sin, SpLin

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Rubroscirus sp. n. 1</i>		LA	SpLin
		<i>Rubroscirus sp.n. 2</i>		LA	SpLin
		<i>Schizozetes quadrilineatus</i>		PI	SpLin
		<i>Scutascirus braziliensis</i>		PI	SpLin
		<i>Scutascirus polyscutosus</i>		LA	SpLin
		<i>Speleorchestes sp.</i>		PI	SpLin
		<i>Stratiolaelaps aff. longicostalis</i>		PI	SpLin
		<i>Tarsonemus bilobatus</i>		LA;PI	Sin
		<i>Tarsonemus confusus</i>		LA;PI	Sin
		<i>Tarsonemus waitei</i>		LA;PI	Sin
		<i>Tegeozetes sp.1</i>		PI	SpLin
		<i>Tenuipalpus jussiaeae</i>		PI	SpLin
		<i>Tenuipalpus pedrus</i>		JA	SpLin
		<i>Tenuipalpus sp.</i>		LA;PI	Sin, SpLin
		<i>Tenuipalpus sp.2- Nora</i>		LA;PI	SpLin
		<i>Tetranychus paschoali</i>		PIT	SpLin
		<i>Trimalaconothrus sp.1</i>		LA	SpLin
		<i>Trimalaconothrus sp.2</i>		PI	SpLin
		<i>Tycherobius sp.</i>		PI	SpLin
		<i>Tydeus sp.</i>		LA	Sin, SpLin
		<i>Typhlodromalus aripo</i>		JA;LA;PI	Sin, SpLin
		<i>Typhlodromips mangleae</i>		LA;PI	Sin
		<i>Typhlodromus ornatus</i>		PI	Sin
		<i>Xenocaligonellus sp.1</i>		LA	SpLin
		<i>Xenotarsonemus brachytegula</i>		PI	SpLin
		<i>Xenotarsonemus cerrado</i>		PI	SpLin
		<i>Xenotarsonemus pirassunungaensis</i>		PI	SpLin
		<i>Xenotarsonemus sp.</i>		PI	Sin
		<i>Xenotarsonemus spiniphorus</i>		PI	SpLin
		<i>Zetzellia sp.</i>		LA;PI	Sin
		<i>Zygoribatula sp.1</i>		PI	SpLin
	Ordem Araneae	<i>Thiodina sp.</i>	X		SpLin
		<i>Abapeba rioclaro</i>		PI	Sin
		<i>Acacesia hamata</i>		PI	Sin
		<i>Acanthoscurria gomesiana</i>		IT	SpLin
		<i>Acanthoscurria paulensis</i>		PI	Sin
		<i>Achaeearanea hirta</i>		PI	SpLin
		<i>Achaeearanea tessellata</i>		PI	SpLin
		<i>Aglaoctenus lagotis</i>		SN	Sin
		<i>Ailluticus sp.</i>		JA	SpLin
		<i>Alpaida itauba</i>		PI	Sin
		<i>Alpaida veniliae</i>		JA	Sin
		<i>Ancylometes concolor</i>		PI	Sin
		<i>Anelosimus aff. studiosus</i>		PI	SpLin
		<i>Anelosimus rupununi</i>		PI	SpLin
		<i>Apopyllus iheringi</i>		PI	Sin
		<i>Araneus unanimus</i>		SN	Sin
		<i>Araneus uniformis</i>		PI	Sin
		<i>Araneus workmani</i>		SN	Sin
		<i>Architis spinipes</i>		LA	SpLin
		<i>Aysha pirassununga</i>		PI	Sin
		<i>Aysha prospera</i>		SN	Sin
		<i>Camillina nova</i>		PI	Sin
		<i>Cheiracanthium inclusum</i>		JA;PI;SN	Sin
		<i>Coleosoma floridanum</i>		PI	SpLin
		<i>Corinna capito</i>		PI	Sin
		<i>Corinna nitens</i>		GU	Sin
		<i>Cyclosa vicente</i>		PI	Sin
		<i>Dipoena alta</i>		PI	SpLin
		<i>Dipoena atlantica</i>		PI	SpLin
		<i>Eilica sp.</i>		LA	SpLin
		<i>Falconina gracilis</i>		JA	Sin
		<i>Hamataliwa bituberculata</i>		LA	SpLin

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Italaman santamaria</i>		SN	Sin
		<i>Jessica erythrostroma</i>		PI	Sin
		<i>Meriola cetiformis</i>		JA	Sin
		<i>Metazygia cunha</i>		JA	Sin
		<i>Micrathena nigrichelis</i>		PI	Sin
		<i>Micrathena plana</i>		GU;PI	Sin
		<i>Micrathena spitzii</i>		PI	Sin
		<i>Micrathena swainsoni</i>		PI	Sin
		<i>Misionella mendensis</i>		SN	Sin
		<i>Ocrepeira venustula</i>		JA;PI	Sin
		<i>Osoriella tahela</i>		LA	SpLin
		<i>Oxyopes constrictus</i>		LA	SpLin
		<i>Oxyopes rubrosignatus</i>		LA	SpLin
		<i>Parawixia audax</i>		JA	Sin
		<i>Parawixia velutina</i>		PI	Sin
		<i>Scytodes globula</i>		GU	Sin
		<i>Selenops melanurus</i>		PI	Sin
		<i>Selenops occultus</i>		GU;SN	Sin
		<i>Staberius spinipes</i>		LA	SpLin
		<i>Urarachne longa</i>		GU;PI	Sin
		<i>Vitalius dubius</i>		JA;PI	Sin
		<i>Vitalius sorocabae</i>		SN	Sin
		<i>Xiruana tetraseta</i>		LA	SpLin
	Ordem Opiliones	<i>Liogonyleptoides inermis</i>	X	ESP;JA	Sin
		<i>Anoplogynopsis nasutus</i>		PI	Sin
		<i>Discocyrtoides nigricans</i>		PI	Sin
		<i>Discocyrtus latus</i>		DE;PI	Sin
		<i>Eusarcus furcatus</i>		PI	Sin
		<i>Gryne coccinelloides</i>		PI	Sin
		<i>Metagraphinotus pectinifemur</i>		PI;PF	Sin
		<i>Paratricommatus modestus</i>		PI	Sin
		<i>Pirassunungoleptes calcaratus</i>		PI	Sin
	Ordem Scorpiones	<i>Ananteris balzanii</i>		JA;SR	Sin
		<i>Thestylus aurantiurus</i>		SN	Sin
		<i>Tityus bahiensis</i>		CB;CO;DE;IT;LA;MM;PO;RI;SJ;SN	Sin
		<i>Tityus costatus</i>		SE	Sin
		<i>Tityus serrulatus</i>		AL;CB;IT;JA;LI;M;M;PIT;PO;SN;SE;SO	Sin
Chilopoda	Ordem Scolopendromorpha	<i>Cryptops galathea</i>		DE;PI;SR	Sin
		<i>Cryptops iheringi</i>		IT;PI;PO	Sin
		<i>Cryptops schubarti</i>		JA;PI;PF;SR	Sin
		<i>Newportia longitarsis</i>		PI	Sin
		<i>Otocryptops ferrugineus</i>		JA;SN	Sin
		<i>Otostigmus cavalcantii</i>		PI	Sin
		<i>Otostigmus pradoi</i>		SN	Sin
		<i>Otostigmus tibialis</i>		IT	Sin
		<i>Rhysida brasiliensis</i>		JA;PI	Sin
		<i>Rhysida sp.</i>		DE	Sin
		<i>Scolopendra subspinipes</i>		SO	Sin
		<i>Scolopendra viridicornis</i>		AG;JA;PF;RI;SR	Sin
Insecta	Ordem Coleoptera	<i>Apion sp.</i>	X		Sin
		<i>Apion sp.1</i>	X		diss/tes
		<i>Apion sp.2</i>	X		diss/tes
		<i>Apion sp.3</i>	X		diss/tes
		<i>Apion sp.4</i>	X		diss/tes
		<i>Apion sp.5</i>	X		diss/tes
		<i>Apion sp.6</i>	X		diss/tes
		<i>Apion sp.7</i>	X		diss/tes
		<i>Aphodius lividus</i>		AL	SpLin
		<i>Hyperaspis festiva</i>		AR;GU;JA	SpLin
		<i>Naupactus paulanus</i>		AR	SpLin

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Pentilia egena</i>		JA	SpLin
		<i>Pentilia</i> sp.		JA	SpLin
		<i>Trichillum pereirai</i>		PR	SpLin
		<i>Achryson surinamum</i>		PI	AMB
		<i>Chlorida festiva</i>		PI	AMB
		<i>Coleoxestia vittata</i>		PI	AMB
		<i>Criodion angustatum</i>		PI	AMB
		<i>Hamaticherus bellator</i>		PI	AMB
		<i>Ochrodion gahani</i>		PI	AMB
		<i>Poeciloxestia suturalis</i>		PI	AMB
		<i>Aglaoschema ventrale</i>		PI	AMB
		<i>Compsocerus violaceus</i>		PI	AMB
		<i>Megacyllene</i> sp.		PI	AMB
		<i>Neoclytus curvatus</i>		PI	AMB
		<i>Neoclytus olivaceus</i>		PI	AMB
		<i>Eburodacrys crassimana</i>		PI	AMB
		<i>Eburodacrys dubittata</i>		PI	AMB
		<i>Eburodacrys fortunata</i>		PI	AMB
		<i>Eburodacrys seminigra</i>		PI	AMB
		<i>Eburodacrys truncada</i>		PI	AMB
		<i>Eburodacrys vittata</i>		PI	AMB
		<i>Susuacanga maculicornis</i>		PI	AMB
		<i>Appula sericatula</i>		PI	AMB
		<i>Mallocera umbrosa</i>		PI	AMB
		<i>Mephritus callidioides</i>		PI	AMB
		<i>Nephalius cassus</i>		PI	AMB
		<i>Periboeum acuminatum</i>		PI	AMB
		<i>Periboeum paucispinum</i>		PI	AMB
		<i>Periboeum piliferum</i>		PI	AMB
		<i>Stizocera consobrina</i>		PI	AMB
		<i>Stizocera horni</i>		PI	AMB
		<i>Stizocera plicicollis</i>		PI	AMB
		<i>Anoplomerus buqueti</i>		PI	AMB
		<i>Chrysoprasia aurigena</i>		PI	AMB
		<i>Chrysoprasia auriventris</i>		PI	AMB
		<i>Chrysoprasia hypocrita</i>		PI	AMB
		<i>Gnomidolon pictum</i>		PI	AMB
		<i>Hexoplon ctenostomoides</i>		PI	AMB
		<i>Hexoplon uncinatum</i>		PI	AMB
		<i>Stenigra conspicua</i>		PI	AMB
		<i>Compsibidion campestre</i>		PI	AMB
		<i>Compsibidion maronicum</i>		PI	AMB
		<i>Compsibidion megarthrin</i>		PI	AMB
		<i>Engyum ludibriosum</i>		PI	AMB
		<i>Gnomibidion fulvipes</i>		PI	AMB
		<i>Neocompsa lineolata</i>		PI	AMB
		<i>Opthalmibidion tetrops</i>		PI	AMB
		<i>Stenoidium corallinum</i>		PI	AMB
		<i>Thoracibidion flavopictum</i>		PI	AMB
		<i>Tropidion pictipenne</i>		PI	AMB
		<i>Tropidion supernotatum</i>		PI	AMB
		<i>Luscosmodicum beaveri</i>		PI	AMB
		<i>Neocorus ibidionoides</i>		PI	AMB
		<i>Macroeme condyla</i>		PI	AMB
		<i>Gorybia castanea</i>		PI	AMB
		<i>Haruspex bivittis</i>		PI	AMB
		<i>Thelgetra</i> sp.		PI	AMB
		<i>Ommata viridis</i>		PI	AMB
		<i>Ommata</i> sp.		PI	AMB
		<i>Listroptera tenebricosa</i>		PI	AMB
		<i>Andraegoidus rufipes</i>		PI	AMB
		<i>Cercoptera banoni</i>		PI	AMB
		<i>Chevrolatella tripunctata</i>		PI	AMB
		<i>Chydarteres dimidiatus</i>		PI	AMB

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Chydarteres dimidiatus</i>		PI	AMB
		<i>Eriphus bisignatus</i>		PI	AMB
		<i>Neomegaderus stigma</i>		PI	AMB
		<i>Oxymerus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Oxymerus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Oxymerus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Oxymerus basalis</i>		PI	AMB
		<i>Poecilopeplus haemopterus</i>		PI	AMB
		<i>Trachyderes succinctus</i>		PI	AMB
		<i>Tropidosoma spencei</i>		PI	AMB
		<i>Unxia gracilior</i>		PI	AMB
		<i>Lepturges fasciculata</i>		PI	AMB
		<i>Ozineus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Pattalinus loineatus</i>		PI	AMB
		<i>Trypanidius dimidiatus</i>		PI	AMB
		<i>Myoxomorpha funesta</i>		PI	AMB
		<i>Psapharochrus jaspidea</i>		PI	AMB
		<i>Psapharochrus nigricans</i>		PI	AMB
		<i>Steirastoma marmorata</i>		PI	AMB
		<i>Steirastoma stellio</i>		PI	AMB
		<i>Acrocinus longimanus</i>		PI	AMB
		<i>Antodice picta</i>		PI	AMB
		<i>Holoaerenica multipunctata</i>		PI	AMB
		<i>Phaula microstictica</i>		PI	AMB
		<i>Recchia hirticornis</i>		PI	AMB
		<i>Recchia ludibriosa</i>		PI	AMB
		<i>Hyppopsis pubiventris</i>		PI	AMB
		<i>Hyppopsis solangea</i>		PI	AMB
		<i>Anisocerus scopifer</i>		PI	AMB
		<i>Callia comitessa</i>		PI	AMB
		<i>Callia flavofemorata</i>		PI	AMB
		<i>Cathexis longimana</i>		PI	AMB
		<i>Colobotheca</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Colobotheca</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Colobotheca cassandra</i>		PI	AMB
		<i>Ceipaba lineata</i>		PI	AMB
		<i>Estola albocincta</i>		PI	AMB
		<i>Estola albomarmorata</i>		PI	AMB
		<i>Ischnolea bimaculata</i>		PI	AMB
		<i>Mimasygenes</i> sp.		PI	AMB
		<i>Apagomerella</i> sp.		PI	AMB
		<i>Gagarinia</i> sp.		PI	AMB
		<i>Hemilophus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Charoides distinctus</i>		PI	AMB
		<i>Hesychotypa lirissa</i>		PI	AMB
		<i>Hypsioma gibbera</i>		PI	AMB
		<i>Lachaerus fascinus</i>		PI	AMB
		<i>Lochmaeocles fasciatus</i>		PI	AMB
		<i>Lochmaeocles sladeni</i>		PI	AMB
		<i>Midamus hecabe</i>		PI	AMB
		<i>Neodillonionia albisparsa</i>		PI	AMB
		<i>Oncideres bondari</i>		PI	AMB
		<i>Trachysomus luederwaldti</i>		PI	AMB
		<i>Raphiptera</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Raphiptera</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Tapeina dispar</i>		PI	AMB
		<i>Xenofrea</i> sp.		PI	AMB
		<i>Euryptera</i> sp.		PI	AMB
		<i>Strangalia succincta</i>		PI	AMB
		<i>Hesperandra glabra</i>		PI	AMB
		<i>Navosoma luctuosum</i>		PI	AMB
		<i>Mallodon dasytomus</i>		PI	AMB
		<i>Mallodon spinibarbis</i>		PI	AMB
		<i>Euparius tigris</i>		PI	AMB

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Domoptolis</i> sp.		PI	AMB
		<i>Araecerus fasciculatua</i>		PI	AMB
		<i>Clinolabus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Euscelus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Euscelus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Hybolabus ater</i>		PI	AMB
		<i>Hybolabus foveolatus</i>		PI	AMB
		<i>Xylopsocus capucinus</i>		PI	AMB
		<i>Dysides obscurus</i>		PI	AMB
		<i>Arrhenodes</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Arrhenodes</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Brentus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Brentus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Proteramocerus villens</i>		PI	AMB
		<i>Agrilus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Agrilus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Agrilus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Agrilus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Agrilus</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Agrilus</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Agrilus</i> sp.7		PI	AMB
		<i>Paragrilus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Dismorpha diffusa</i>		PI	AMB
		<i>Leiopleura</i> sp.		PI	AMB
		<i>Lius</i> sp.		PI	AMB
		<i>Pachyschelus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Pachyschelus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Pachyschelus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Pachyschelus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Pachyschelus</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Taphrocerus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Actenodes nobilis</i>		PI	AMB
		<i>Psiloptera</i> sp.		PI	AMB
		<i>Saundersina</i> sp.		PI	AMB
		<i>Mastogenius</i> sp.		PI	AMB
		<i>Pelonomus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Cantharis</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Cantharis</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Chauliognathus expansus</i>		PI	AMB
		<i>Chauliognathus fallax</i>		PI	AMB
		<i>Malthodes</i> sp.		PI	AMB
		<i>Discodon</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Discodon</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Discodon</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Discodon</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Silis</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Silis</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Silis</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Helluobrochus petrus</i>		PI	AMB
		<i>Helluomorpha araujoi</i>		PI	AMB
		<i>Helluomorphoides squiresi</i>		PI	AMB
		<i>Odontocheila</i> sp.		PI	AMB
		<i>Pentacomia</i> sp.		PI	AMB
		<i>Tetracha</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Tetracha</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Tetracha</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Tetracha brasiliensis</i>		PI	AMB
		<i>Agra</i> sp.		PI	AMB
		<i>Notiobia</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Notiobia</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Notiobia</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Notiobia chalcites</i>		PI	AMB
		<i>Chlaenius</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Chlaenius</i> sp.2		PI	AMB

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Chlaenius</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Leptotrachelus brasiliensis</i>		PI	AMB
		<i>Galeritula collaris</i>		PI	AMB
		<i>Galeritula occidentalis</i>		PI	AMB
		<i>Athrostictus speciosus</i>		PI	AMB
		<i>Selenophorus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Selenophorus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Selenophorus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Selenophorus alternans</i>		PI	AMB
		<i>Calleida</i> sp.		PI	AMB
		<i>Calleida pallidipennis</i>		PI	AMB
		<i>Lebia quinquenotata</i>		PI	AMB
		<i>Morion</i> sp.		PI	AMB
		<i>Calophaena</i> sp.		PI	AMB
		<i>Brachygnathus oxigonus</i>		PI	AMB
		<i>Sierrobius</i> sp.		PI	AMB
		<i>Trirammatus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Polpochila</i> sp.		PI	AMB
		<i>Polpochila reticulata</i>		PI	AMB
		<i>Physeia testudinea</i>		PI	AMB
		<i>Pseudomorpha laevissima</i>		PI	AMB
		<i>Scarites</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Scarites</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Scarites</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Scarites</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Hologymnetis miliaris</i>		PI	AMB
		<i>Euphoria lurida</i>		PI	AMB
		<i>Chelonarium</i> sp.		PI	AMB
		<i>Coraliomera brunnea</i>		PI	AMB
		<i>Charidotella pallescens</i>		PI	AMB
		<i>Charidotis</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Charidotis</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Charidotis flavicans</i>		PI	AMB
		<i>Charidotis formosa</i>		PI	AMB
		<i>Charidotis vitreata</i>		PI	AMB
		<i>Coptocyclus adamantina</i>		PI	AMB
		<i>Coptocyclus contempta</i>		PI	AMB
		<i>Cteisela</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Cteisela</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Metriona elatior</i>		PI	AMB
		<i>Microctenochira optata</i>		PI	AMB
		<i>Microctenochira similata</i>		PI	AMB
		<i>Parachirida pustulata</i>		PI	AMB
		<i>Plagiometriona</i> sp.		PI	AMB
		<i>Chalepotatus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Chalepus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Chalepus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Chalepus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Chalepus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Chalepus</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Chalepus</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Chalepus</i> sp.7		PI	AMB
		<i>Chalepus</i> sp.8		PI	AMB
		<i>Chalepus</i> sp.9		PI	AMB
		<i>Chalepus</i> sp.10		PI	AMB
		<i>Chalepus</i> sp.11		PI	AMB
		<i>Octhispa</i> sp.		PI	AMB
		<i>Octotoma</i> sp.		PI	AMB
		<i>Octuroplata</i> sp.		PI	AMB
		<i>Probaenia</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Probaenia</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Probaenia</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Sternostena</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Sternostena</i> sp.2		PI	AMB

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Uroplata</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Uroplata</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Uroplata</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Uroplata</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Xenochalepus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Xenochalepus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Xenochalepus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Xenochalepus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Dorynota</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Dorynota</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Dorynota monoceros</i>		PI	AMB
		<i>Agenysa guianensis</i>		PI	AMB
		<i>Omocerus truncatus</i>		PI	AMB
		<i>Ocnosispa</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Ocnosispa</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Oediopalpa</i> sp.		PI	AMB
		<i>Acromis spinifex</i>		PI	AMB
		<i>Anacassis cribrum</i>		PI	AMB
		<i>Anacassis fuscata</i>		PI	AMB
		<i>Botanochara</i> sp.		PI	AMB
		<i>Botanochara ruforeticulata</i>		PI	AMB
		<i>Botanochara tessellata</i>		PI	AMB
		<i>Chelymorpha</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Chelymorpha</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Chelymorpha</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Chelymorpha</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Chelymorpha</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Chelymorpha boliviana</i>		PI	AMB
		<i>Chelymorpha indigesta</i>		PI	AMB
		<i>Cyrtonota</i> sp.		PI	AMB
		<i>Paraselenis dichroa</i>		PI	AMB
		<i>Stolas</i> sp.		PI	AMB
		<i>Stolas chalybaea</i>		PI	AMB
		<i>Zatrephina</i> sp.		PI	AMB
		<i>Deuterocampta duodecimpunctata</i>		PI	AMB
		<i>Doryphora</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Doryphora</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Doryphora conviva</i>		PI	AMB
		<i>Plagiodera</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Plagiodera</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Strichosa bivia</i>		PI	AMB
		<i>Zygogramma</i> sp.		PI	AMB
		<i>Lema</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Lema</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Lema</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Lema</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Lema</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Lema</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Lema</i> sp.7		PI	AMB
		<i>Lema</i> sp.8		PI	AMB
		<i>Lema</i> sp.9		PI	AMB
		<i>Babia unimaculata</i>		PI	AMB
		<i>Dinophthalma nigriceps</i>		PI	AMB
		<i>Helioscopia angusticollis</i>		PI	AMB
		<i>Urodera quadriverrucata</i>		PI	AMB
		<i>Chlamisus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Chlamisus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Chlamisus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Chlamisus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Chlamisus</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Chlamisus</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Chlamisus</i> sp.7		PI	AMB
		<i>Chlamisus</i> sp.8		PI	AMB

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Exema</i> sp.		PI	AMB
		<i>Fulcidax monstrosa</i>		PI	AMB
		<i>Fulcidax violacea</i>		PI	AMB
		<i>Cryptocephalus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Megalostomis analis</i>		PI	AMB
		<i>Megalostomis grandis</i>		PI	AMB
		<i>Megalostomis grossa</i>		PI	AMB
		<i>Cribarius</i> sp.		PI	AMB
		<i>Metallactus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Metallactus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Metallactus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Metallactus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Metallactus</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Metallactus</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Metallactus</i> sp.7		PI	AMB
		<i>Metallactus</i> sp.8		PI	AMB
		<i>Pachybrachys</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Pachybrachys</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Pachybrachys</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Pachybrachys</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Myochrous bohemani</i>		PI	AMB
		<i>Endocephalus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Endocephalus geminatus</i>		PI	AMB
		<i>Endocephalus bigatus</i>		PI	AMB
		<i>Endocephalus octopunctatus</i>		PI	AMB
		<i>Chalcophana</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Chalcophana</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Chalcophana</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Chalcophana</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Chalcophana</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Chalcophana</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Chalcophana</i> sp.7		PI	AMB
		<i>Chalcophana</i> sp.8		PI	AMB
		<i>Chalcophana viridipennis</i>		PI	AMB
		<i>Colaspis</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Colaspis</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Colaspis</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Colaspis</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Colaspis</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Colaspis</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Colaspis</i> sp.7		PI	AMB
		<i>Colaspis</i> sp.8		PI	AMB
		<i>Colaspis</i> sp.9		PI	AMB
		<i>Colaspis</i> sp.10		PI	AMB
		<i>Colaspis</i> sp.11		PI	AMB
		<i>Colaspoides</i> sp.		PI	AMB
		<i>Costalimaita ferruginea</i>		PI	AMB
		<i>Costalimaita ferruginea</i>		PI	AMB
		<i>Eumolpus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Eumolpus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Eumolpus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Eumolpus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Eumolpus</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Eumolpus cupreus</i>		PI	AMB
		<i>Hermesia</i> sp.		PI	AMB
		<i>Hylax dives</i>		PI	AMB
		<i>Iphimeis</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Iphimeis</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Iphimeis</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Iphimeis</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Iphimeis</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Iphimeis</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Iphimeis</i> sp.7		PI	AMB
		<i>Iphimeis</i> sp.8		PI	AMB

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Iphimeis</i> sp.9		PI	AMB
		<i>Iphimeis</i> sp.10		PI	AMB
		<i>Iphimeis</i> sp.11		PI	AMB
		<i>Metazyonycha</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Metazyonycha</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Metazyonycha</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Metazyonycha</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Metazyonycha</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Metazyonycha parallela</i>		PI	AMB
		<i>Metazyonycha tejudana</i>		PI	AMB
		<i>Metazyonycha tetrasticta</i>		PI	AMB
		<i>Metazyonycha viridilimbata</i>		PI	AMB
		<i>Nodonota</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Nodonota</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Nodonota</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Prionodera chloroptera</i>		PI	AMB
		<i>Spintherophyta</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Spintherophyta</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Spintherophyta</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Spintherophyta</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Spintherophyta</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Spintherophyta</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Spintherophyta</i> sp.7		PI	AMB
		<i>Spintherophyta</i> sp.8		PI	AMB
		<i>Paria</i> sp.		PI	AMB
		<i>Typophorus nobilis</i>		PI	AMB
		<i>Acallepitrix</i> sp.		PI	AMB
		<i>Alagoasa</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Alagoasa</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Alagoasa</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Alagoasa</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Alagoasa</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Alagoasa</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Alagoasa</i> sp.7		PI	AMB
		<i>Alagoasa</i> sp.8		PI	AMB
		<i>Altica plicata</i>		PI	AMB
		<i>Caeporis</i> sp.		PI	AMB
		<i>Disonycha</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Disonycha</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Disonycha prolixa</i>		PI	AMB
		<i>Epitrix</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Epitrix</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Lactica</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Lactica</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Lactica</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Lactica</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Lactica</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Longitarsus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Megistops</i> sp.		PI	AMB
		<i>Octogonotes</i> sp.		PI	AMB
		<i>Omophoita</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Omophoita</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Omophoita</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Omophoita</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Omophoita argus</i>		PI	AMB
		<i>Omophoita personata</i>		PI	AMB
		<i>Paranaita</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Paranaita</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Paranapiacaba</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Paranapiacaba</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Paranapiacaba significata</i>		PI	AMB
		<i>Systema</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Systema</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Systema</i> sp.3		PI	AMB

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Walterianella</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Walterianella</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Walterianella</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Walterianella</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Walterianella</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Walterianella</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Walterianella</i> sp.7		PI	AMB
		<i>Walterianella</i> sp.8		PI	AMB
		<i>Wanderbiltiana</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Wanderbiltiana</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Wanderbiltiana</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Wanderbiltiana</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Wanderbiltiana</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Wanderbiltiana</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Wanderbiltiana</i> sp.7		PI	AMB
		<i>Wanderbiltiana</i> sp.8		PI	AMB
		<i>Wanderbiltiana</i> sp.9		PI	AMB
		<i>Wanderbiltiana</i> sp.10		PI	AMB
		<i>Coelomera</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Coelomera</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Monocesta</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Monocesta</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Monocesta</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Neolochmaea</i> sp.		PI	AMB
		<i>Schematiza</i> sp.		PI	AMB
		<i>Acalymma</i> sp.		PI	AMB
		<i>Aristobrotica</i> sp.		PI	AMB
		<i>Byblitea</i> sp.		PI	AMB
		<i>Diabrotica</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Diabrotica</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Diabrotica</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Lilophaea</i> sp.		PI	AMB
		<i>Uaupesia</i> sp.		PI	AMB
		<i>Exora</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Exora</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Exora</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Exora obsoleta</i>		PI	AMB
		<i>Lamprosoma</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Lamprosoma</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Lamprosoma</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Lamprosoma</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Epiphloeus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Ichnea</i> sp.		PI	AMB
		<i>Azya luteipes</i>		PI	AMB
		<i>Exoplectra bernardinensis</i>		PI	AMB
		<i>Epilachna</i> sp.		PI	AMB
		<i>Hyperaspis</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Hyperaspis</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Hyperaspis</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Scymnus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Scymnus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Scymnus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Baptobaris exarata</i>		PI	AMB
		<i>Opertes</i> sp.		PI	AMB
		<i>Crepantis</i> sp.		PI	AMB
		<i>Diorymerus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Diorymerus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Diorymerus auritus</i>		PI	AMB
		<i>Eulophodes</i> sp.		PI	AMB
		<i>Xystus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Xystus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Xystus tenuistriatus</i>		PI	AMB
		<i>Copturus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Copturus</i> sp.2		PI	AMB

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Cratosomus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Cossonus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Eurycorynus excavatus</i>		PI	AMB
		<i>Odontopus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Odontopus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Odontopus nigrispinis</i>		PI	AMB
		<i>Arthrocorynus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Atrichis</i> sp.		PI	AMB
		<i>Coelosternus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Coelosternus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Coelosternus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Coelosternus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Coelosternus</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Coelosternus</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Coelosternus</i> sp.7		PI	AMB
		<i>Coelosternus</i> sp.8		PI	AMB
		<i>Collabismus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Cophes</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Cophes</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Cryptorhynchus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Cryptorhynchus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Cryptorhynchus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Cylindrothecus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Cylindrothecus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Cylindrothecus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Elytrocoptus lirinus</i>		PI	AMB
		<i>Episcirrus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Macromerus crinitarsis</i>		PI	AMB
		<i>Malacobius</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Malacobius</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Rhynochenus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Rhynochenus stigma</i>		PI	AMB
		<i>Tyloderma</i> sp.		PI	AMB
		<i>Tyrannion</i> sp.		PI	AMB
		<i>Orthognathus lividus</i>		PI	AMB
		<i>Rhinostomus barbirostris</i>		PI	AMB
		<i>Sphenophorus levis</i>		PI	AMB
		<i>Platyomus nodipennis</i>		PI	AMB
		<i>Polyteles stevenii</i>		PI	AMB
		<i>Rhigus dejeanii</i>		PI	AMB
		<i>Anidius nitidulus</i>		PI	AMB
		<i>Phaops</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Phaops</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Phaops</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Phaops</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Hypsonotus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Hypsonotus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Cyrtomon gibber</i>		PI	AMB
		<i>Naupactus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Naupactus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Naupactus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Naupactus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Naupactus</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Naupactus</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Naupactus</i> sp.7		PI	AMB
		<i>Naupactus</i> sp.8		PI	AMB
		<i>Naupactus</i> sp.9		PI	AMB
		<i>Naupactus</i> sp.10		PI	AMB
		<i>Naupactus</i> sp.11		PI	AMB
		<i>Naupactus rivulosus</i>		PI	AMB
		<i>Naupactus viridicinctus</i>		PI	AMB
		<i>Pantomorus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Pantomorus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Pantomorus</i> sp.3		PI	AMB

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Pantomorus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Parapantomorus fluctuosus</i>		PI	AMB
		<i>Teratopactus nodicollis</i>		PI	AMB
		<i>Hadromeropsis pulverulenta</i>		PI	AMB
		<i>Ileomus mucoreus</i>		PI	AMB
		<i>Lixus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Lixus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Lixus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Lixus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Lixus</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Lixus</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Lixus</i> sp.7		PI	AMB
		<i>Lixus</i> sp.8		PI	AMB
		<i>Lixus</i> sp.9		PI	AMB
		<i>Cnemidontus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Ameris ynca</i>		PI	AMB
		<i>Anaenomus rubiginous</i>		PI	AMB
		<i>Astyage punctulata</i>		PI	AMB
		<i>Cholus annulatus</i>		PI	AMB
		<i>Cholus boisduvali</i>		PI	AMB
		<i>Neoerethistes</i> sp.		PI	AMB
		<i>Cleogonus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Cleogonus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Aeatus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Conotrachelus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Conotrachelus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Conotrachelus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Conotrachelus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Conotrachelus</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Conotrachelus</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Conotrachelus</i> sp.7		PI	AMB
		<i>Conotrachelus</i> sp.8		PI	AMB
		<i>Conotrachelus</i> sp.9		PI	AMB
		<i>Conotrachelus</i> sp.10		PI	AMB
		<i>Conotrachelus</i> sp.11		PI	AMB
		<i>Pheloconus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Pheloconus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Rhyssomatus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Rhyssomatus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Rhyssomatus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Rhyssomatus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Rhyssomatus</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Arniticus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Heilipinus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Heilipinus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Heilipinus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Heilipinus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Heilipodus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Heilipodus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Heilipodus onychinus</i>		PI	AMB
		<i>Heilipodus trachypterus</i>		PI	AMB
		<i>Heilipus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Heilus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Epipedophyes alticollis</i>		PI	AMB
		<i>Petalochilus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Petalochilus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Spermologus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Spermologus funereus</i>		PI	AMB
		<i>Chalcodermus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Chalcodermus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Chalcodermus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Sternechus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Sternechus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Sternechus</i> sp.3		PI	AMB

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Sternechus triangulifer</i>		PI	AMB
		<i>Megadytes giganteus</i>		PI	AMB
		<i>Aeolus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Aeolus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Aeolus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Conoderus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Conoderus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Conoderus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Conoderus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Conoderus</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Conoderus</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Conoderus</i> sp.7		PI	AMB
		<i>Conoderus</i> sp.8		PI	AMB
		<i>Conoderus alfreddoi</i>		PI	AMB
		<i>Conoderus bigatus</i>		PI	AMB
		<i>Conoderus geminatus</i>		PI	AMB
		<i>Conoderus malleatus</i>		PI	AMB
		<i>Chalcolepidius limbatus</i>		PI	AMB
		<i>Cryptolampus coecus</i>		PI	AMB
		<i>Ptesiomopsia elongata</i>		PI	AMB
		<i>Pyrearinus comissata</i>		PI	AMB
		<i>Pyrophorus punctatissimus</i>		PI	AMB
		<i>Esthesopus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Horistonotus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Horistonotus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Horistonotus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Horistonotus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Horistonotus</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Horistonotus</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Horistonotus</i> sp.7		PI	AMB
		<i>Horistonotus</i> sp.8		PI	AMB
		<i>Crepidius</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Crepidius</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Dipropus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Dipropus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Agriotes</i> sp.		PI	AMB
		<i>Cardiorhinus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Cardiorhinus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Cardiorhinus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Cardiorhinus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Cardiorhinus</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Cardiorhinus</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Cardiorhinus</i> sp.7		PI	AMB
		<i>Cosmesus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Dalopius</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Dalopius</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Pomachilius</i> sp.		PI	AMB
		<i>Lissomus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Bravicerus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Cylindroderus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Cylindroderus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Cylindroderus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Corynomalus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Stenotarsus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Stenotarsus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Stenotarsus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Stenotarsus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Stenotarsus</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Aegithus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Ellipticus testaceus</i>		PI	AMB
		<i>Erotylina jaspidea</i>		PI	AMB
		<i>Iphiclus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Iphiclus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Iphiclus</i> sp.3		PI	AMB

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Iphiclus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Iphiclus</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Iphiclus</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Iphiclus</i> sp.7		PI	AMB
		<i>Iphiclus quadrisignatus</i>		PI	AMB
		<i>Tapinotarsus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Mycolybas</i> sp.		PI	AMB
		<i>Micrischyus nigrolineatus</i>		PI	AMB
		<i>Athyreus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Athyreus bilobus</i>		PI	AMB
		<i>Athyreus tridens</i>		PI	AMB
		<i>Neoathyreus lanuginosus</i>		PI	AMB
		<i>Neoathyreus sexdentatus</i>		PI	AMB
		<i>Parathyreus lobatus</i>		PI	AMB
		<i>Bolbapium</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Bolbapium</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Bolbapium bigibbosum</i>		PI	AMB
		<i>Bolbapium lucidulum</i>		PI	AMB
		<i>Bolbapium quadrispinosum</i>		PI	AMB
		<i>Bolbapium sculturatum</i>		PI	AMB
		<i>Carcinops</i> sp.		PI	AMB
		<i>Hister</i> sp.		PI	AMB
		<i>Euspilotus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Chaetodus irregularis</i>		PI	AMB
		<i>Chaetodus vilosicollis</i>		PI	AMB
		<i>Astaenomechus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Astaenomechus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Astaenomechus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Ceratocanthus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Ceratocanthus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Germarostes macleayi</i>		PI	AMB
		<i>Germarostes puncticollis</i>		PI	AMB
		<i>Germarostes</i> sp.		PI	AMB
		<i>Germarostes diffundus</i>		PI	AMB
		<i>Germarostes rugiceps</i>		PI	AMB
		<i>Helochares</i> sp.		PI	AMB
		<i>Hydrophilus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Amydetes</i> sp.		PI	AMB
		<i>Aspisoma</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Aspisoma</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Aspisoma</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Cratomorphus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Cratomorphus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Cratomorphus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Cratomorphus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Cratomorphus</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Lamprocera</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Lamprocera</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Lucidota</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Lucidota</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Lucidota</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Lucidota</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Photinus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Photinus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Photinus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Photinus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Photinus</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Calyptocephalus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Photuris</i> sp.		PI	AMB
		<i>Pyrogaster</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Pyrogaster</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Pyrogaster</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Pyrogaster</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Pyrogaster</i> sp.5		PI	AMB

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Sclerostomus costatus</i>		PI	AMB
		<i>Calopteron</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Calopteron</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Calopteron</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Calopteron</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Calopteron</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Calopteron</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Calopteron</i> sp.7		PI	AMB
		<i>Calopteron</i> sp.8		PI	AMB
		<i>Calopteron</i> sp.9		PI	AMB
		<i>Calopteron</i> sp.10		PI	AMB
		<i>Calopteron</i> sp.11		PI	AMB
		<i>Calopteron</i> sp.12		PI	AMB
		<i>Calopteron</i> sp.13		PI	AMB
		<i>Calopteron</i> sp.14		PI	AMB
		<i>Calopteron</i> sp.15		PI	AMB
		<i>Calopteron</i> sp.16		PI	AMB
		<i>Calopteron</i> sp.17		PI	AMB
		<i>Calopteron</i> sp.18		PI	AMB
		<i>Calopteron</i> sp.19		PI	AMB
		<i>Calopteron</i> sp.20		PI	AMB
		<i>Calopteron</i> sp.21		PI	AMB
		<i>Mesopteron</i> sp.		PI	AMB
		<i>Agathomerus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Agathomerus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Agathomerus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Agathomerus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Agathomerus signatus</i>		PI	AMB
		<i>Mastosthetus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Phloiotrya</i> sp.		PI	AMB
		<i>Eustrophopsis</i> sp.		PI	AMB
		<i>Epicauta</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Epicauta</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Epicauta</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Epicauta</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Epicauta</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Epicauta philaemata</i>		PI	AMB
		<i>Pyrota vittigera</i>		PI	AMB
		<i>Chalepides fuliginosus</i>		PI	AMB
		<i>Cyclocephala</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Cyclocephala</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Cyclocephala</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Cyclocephala atricapilla</i>		PI	AMB
		<i>Cyclocephala bicolorata</i>		PI	AMB
		<i>Cyclocephala forsteri</i>		PI	AMB
		<i>Cyclocephala laminata</i>		PI	AMB
		<i>Cyclocephala ohausiana</i>		PI	AMB
		<i>Cyclocephala suturalis</i>		PI	AMB
		<i>Dyscinetus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Dyscinetus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Dyscinetus rugifrons</i>		PI	AMB
		<i>Stenocrates laborata</i>		PI	AMB
		<i>Megasoma gyas rumbucheri</i>		PI	AMB
		<i>Coelosis bicornis</i>		PI	AMB
		<i>Coelosis denticornis</i>		PI	AMB
		<i>Megaceras philoctetes</i>		PI	AMB
		<i>Bothynus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Bothynus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Bothynus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Bothynus cunctator</i>		PI	AMB
		<i>Bothynus laevipennis</i>		PI	AMB
		<i>Bothynus medon</i>		PI	AMB
		<i>Bothynus villiersi</i>		PI	AMB
		<i>Oxylygyrus</i>		PI	AMB

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Oxylygyrus zoilos</i>		PI	AMB
		<i>Liogenys</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Liogenys</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Ceraspis</i> sp.		PI	AMB
		<i>Corminus luridipennis</i>		PI	AMB
		<i>Isonychus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Isonychus caudiculatus</i>		PI	AMB
		<i>Macroductylus pumilio</i>		PI	AMB
		<i>Plectris</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Plectris</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Astaena</i> sp.		PI	AMB
		<i>Raysymmela</i> sp.		PI	AMB
		<i>Serica</i> sp.		PI	AMB
		<i>Anomala testaceipennis</i>		PI	AMB
		<i>Bolax</i> sp.		PI	AMB
		<i>Geniates barbata</i>		PI	AMB
		<i>Leucothyreus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Leucothyreus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Leucothyreus suturalis</i>		PI	AMB
		<i>Trizogeniates vittatus</i>		PI	AMB
		<i>Macraspis cincta</i>		PI	AMB
		<i>Macraspis festiva</i>		PI	AMB
		<i>Macraspis morio</i>		PI	AMB
		<i>Cotalpa castanea</i>		PI	AMB
		<i>Pelidnota</i> sp.		PI	AMB
		<i>Pelidnota glaberrima</i>		PI	AMB
		<i>Pelidnota rubripennis</i>		PI	AMB
		<i>Pelidnota ludovici</i>		PI	AMB
		<i>Pelidnota pallidipennis</i>		PI	AMB
		<i>Pelidnota sordida</i>		PI	AMB
		<i>Pelidnota testaceovirens</i>		PI	AMB
		<i>Plesiorutela</i> sp.		PI	AMB
		<i>Astylus lineatus</i>		PI	AMB
		<i>Hyporrhagus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Hyporrhagus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Mordella</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Colopterus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Colopterus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Mystrops</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Camptodes</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Camptodes</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Camptodes</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Camptodes</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Lasiiodactylus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Passalus interstitialis</i>		PI	AMB
		<i>Passalus interruptus</i>		PI	AMB
		<i>Passalus dubitans</i>		PI	AMB
		<i>Paxillus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Veturius platyrhinus</i>		PI	AMB
		<i>Catogenus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Phengodes</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Phengodes</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Phengodes</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Ptilodactyla</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Ptilodactyla</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Ptilodactyla</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Rhipicera marginata</i>		PI	AMB
		<i>Pelecotomoides</i> sp.		PI	AMB
		<i>Macrosiagon</i> sp.		PI	AMB
		<i>Ateuchus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Ateuchus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Ateuchus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Ateuchus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Ateuchus carbonarius</i>		PI	AMB

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Eutrichillum hirsutum</i>		PI	AMB
		<i>Canthon laminatum</i>		PI	AMB
		<i>Canthon virens</i>		PI	AMB
		<i>Canthon latipes</i>		PI	AMB
		<i>Canthon oliverioi</i>		PI	AMB
		<i>Deltochilum icaroides</i>		PI	AMB
		<i>Deltochilum morbillosum</i>		PI	AMB
		<i>Deltochilum brasiliensis</i>		PI	AMB
		<i>Deltochilum rubripenne</i>		PI	AMB
		<i>Malagoniella lanei</i>		PI	AMB
		<i>Malagoniella puncticollis</i>		PI	AMB
		<i>Canthidium</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Canthidium</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Canthidium</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Canthidium</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Dichotomius bos</i>		PI	AMB
		<i>Dichotomius longiceps</i>		PI	AMB
		<i>Dichotomius mormon</i>		PI	AMB
		<i>Dichotomius carbonarius</i>		PI	AMB
		<i>Dichotomius crinicollis</i>		PI	AMB
		<i>Dichotomius luctuosus</i>		PI	AMB
		<i>Dichotomius nisus</i>		PI	AMB
		<i>Dichotomius sexdentatus</i>		PI	AMB
		<i>Dichotomius ascanius</i>		PI	AMB
		<i>Dichotomius quadraticeps</i>		PI	AMB
		<i>Ontherus erosioides</i>		PI	AMB
		<i>Ontherus sulcator</i>		PI	AMB
		<i>Coprophanaeus acrisius</i>		PI	AMB
		<i>Coprophanaeus jasius</i>		PI	AMB
		<i>Coprophanaeus spitzii</i>		PI	AMB
		<i>Coprophanaeus ensifer</i>		PI	AMB
		<i>Dendropaemon denticolle</i>		PI	AMB
		<i>Dendropaemon viridipenne</i>		PI	AMB
		<i>Diabroctis mirabilis</i>		PI	AMB
		<i>Ora</i> sp.		PI	AMB
		<i>Pinophilus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Oligotergus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Lobopoda</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Lobopoda</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Lobopoda</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Lobopoda</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Lobopoda</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Lobopoda</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Lobopoda</i> sp.7		PI	AMB
		<i>Lobopoda</i> sp.8		PI	AMB
		<i>Lobopoda</i> sp.9		PI	AMB
		<i>Lobopoda</i> sp.10		PI	AMB
		<i>Prostenus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Prostenus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Prostenus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Prostenus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Prostenus</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Camaria gibbosa</i>		PI	AMB
		<i>Cuphotes</i> sp.		PI	AMB
		<i>Dicyrtus gibbosus</i>		PI	AMB
		<i>Otocerus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Otocerus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Poecilesthus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Poecilesthus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Poecilesthus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Poecilesthus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Poecilesthus</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Poecilesthus</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Poecilesthus</i> sp.7		PI	AMB

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Poecilesthus</i> sp.8		PI	AMB
		<i>Poecilesthus</i> sp.9		PI	AMB
		<i>Poecilesthus fasciatus</i>		PI	AMB
		<i>Strongylium</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Strongylium</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Strongylium</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Strongylium</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Strongylium</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Strongylium</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Strongylium</i> sp.7		PI	AMB
		<i>Strongylium</i> sp.8		PI	AMB
		<i>Strongylium</i> sp.9		PI	AMB
		<i>Strongylium</i> sp.10		PI	AMB
		<i>Strongylium azureum</i>		PI	AMB
		<i>Strongylium bicolor</i>		PI	AMB
		<i>Platydemia</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Platydemia</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Anaedus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Disema</i> sp.		PI	AMB
		<i>Statira</i> sp.		PI	AMB
		<i>Goniadera</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Goniadera</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Goniadera</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Goniadera</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Goniadera</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Goniadera</i> sp.6		PI	AMB
		<i>Goniadera</i> sp.7		PI	AMB
		<i>Nilion maculatus</i>		PI	AMB
		<i>Nilion marginellus</i>		PI	AMB
		<i>Epitragus</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Epitragus</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Epitragus</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Epitragus</i> sp.4		PI	AMB
		<i>Epitragus</i> sp.5		PI	AMB
		<i>Pyanisia hieroglyphica</i>		PI	AMB
		<i>Trichoton</i> sp.		PI	AMB
		<i>Alobates maxima</i>		PI	AMB
		<i>Tauroceras angulatum</i>		PI	AMB
		<i>Calymmus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Antimachus</i> sp.		PI	AMB
		<i>Hypogena tricornis</i>		PI	AMB
		<i>Uloma</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Uloma</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Uloma</i> sp.3		PI	AMB
		<i>Omorgus locus</i>		PI	AMB
		<i>Omorgus suberosus</i>		PI	AMB
		<i>Polinoncus gemmingeri</i>		PI	AMB
		<i>Polinoncus parafurcatus</i>		PI	AMB
		<i>Temnochila</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Temnochila</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Temnochila fulgidovittata</i>		PI	AMB
		<i>Tenebroides</i> sp.1		PI	AMB
		<i>Tenebroides</i> sp.2		PI	AMB
		<i>Noserinus dormeanus</i>		PI	AMB
	Ordem Diptera	<i>Adiscochaetta ingens</i>	X		diss/tes
		<i>Asphandyia</i> sp.	X		diss/tes
		<i>Atherigona orientalis</i>	X		diss/tes
		<i>Biopirellia</i> sp.	X		diss/tes
		<i>Cecidochoares connexa</i>	X	SR	Sin, diss/tes
		<i>Cecidochoares fluminensis</i>	X		diss/tes
		<i>Cecidochoares</i> sp.	X		Sin
		<i>Chloroprocta idioidea</i>	X		diss/tes
		<i>Chrysomya albiceps</i>	X		diss/tes
		<i>Chrysomya megacephala</i>	X		diss/tes

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Cochliomyia homnivorax</i>	X		diss/tes
		<i>Cochliomyia macellaria</i>	X		diss/tes
		<i>Cyrtoneurina</i> sp.	X		diss/tes
		<i>Dasineura</i> sp.	X		diss/tes
		<i>Dysenaresta</i> sp.B	X		diss/tes
		<i>Euarestoides</i> sp.	X		Sin
		<i>Euarestoides</i> sp.5	X		diss/tes
		<i>Euboettcheria anguilla</i>	X		diss/tes
		<i>Euboettcheria collusor</i>	X		diss/tes
		<i>Fannia pusio</i>	X		diss/tes
		<i>Fannia sabroski</i>	X		diss/tes
		<i>Fannia</i> sp.	X		diss/tes
		<i>Hemilucilia segmentaria</i>	X		diss/tes
		<i>Hemilucilia semidiaphana</i>	X		diss/tes
		<i>Hermetia illucens</i>	X		diss/tes
		<i>Lucilia eximia</i>	X		diss/tes
		<i>Melanagromyza</i> sp.	X		Sin
		<i>Melanagromyza</i> sp. <i>erechitidis</i>	X		diss/tes
		<i>Melanagromyza</i> sp. <i>minimoides</i>	X		diss/tes
		<i>Morellia</i> sp.	X		diss/tes
		<i>Musca domestica</i>	X		diss/tes
		<i>Muscae</i> sp.	X		diss/tes
		<i>Muscinae</i> sp.	X		diss/tes
		<i>Neolasioptera</i> sp	X		diss/tes
		<i>Neomyopites</i> sp.1	X		diss/tes
		<i>Ophyra chalcogaster</i>	X		diss/tes
		<i>Oxysarcodexia</i> sp.	X		diss/tes
		<i>Pattonella intermutans</i>	X		diss/tes
		<i>Plaumannimyia</i> cf. <i>paulens</i>	X		diss/tes
		<i>Sarcodexia lambens</i>	X		diss/tes
		<i>Sarcophagidae</i> sp.	X		diss/tes
		<i>Stomoxys calcitrans</i>	X		diss/tes
		<i>Tomoplagia achromoptera</i>	X	SR	Sin
		<i>Tomoplagia</i> cf. <i>reimoseri</i>	X		diss/tes
		<i>Tomoplagia minuta</i>	X		diss/tes
		<i>Tomoplagia reimoseri</i>	X		Sin
		<i>Tomoplagia</i> sp.1	X		diss/tes
		<i>Tomoplagia</i> sp.2	X		diss/tes
		<i>Trupanea</i> sp.	X		Sin
		<i>Trupanea</i> sp.1	X		diss/tes
		<i>Xanthaciura biocellata</i>	X	SR	Sin, diss/tes
		<i>Xanthaciura chrysur</i>	X	SR	Sin, diss/tes
		<i>Xanthaciura itirapinensis</i>	X	SR	Sin
		<i>Xanthaciura mallochi</i>	X		Sin, diss/tes
		<i>Xanthaciura</i> sp.1	X		diss/tes
		<i>Ablabesmyia annulata</i>		LA	Sin
		<i>Ablabesmyia</i> sp.		DE;LA;SR	Sin
		<i>Aedokritus</i> sp.		LA	Sin
		<i>Allograpta exotica</i>		SE	SpLin
		<i>Alotanypus</i> sp.		LA	Sin
		<i>Asheum beckae</i>		LA	Sin
		<i>Asheum decorus</i>		LA	Sin
		<i>Asheum</i> sp.		LA	Sin
		<i>Beardius parvus</i>		LA	Sin
		<i>Beardius</i> sp.		LA	Sin
		<i>Beardius xylophalus</i>		LA	Sin
		<i>Caladomyia</i> sp.		DE;LA;SR	Sin
		<i>Chironomus columbiensis</i>		LA	Sin
		<i>Chironomus decorus</i>		LA	Sin
		<i>Chironomus gigas</i>		AB;LA	Sin
		<i>Chironomus latistylus</i>		LA	Sin
		<i>Chironomus riparius</i>		LA	Sin
		<i>Chironomus sancticaroli</i>		PI	Sin

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Chironomus</i> sp.		DE;LA;PI	Sin
		<i>Chironomus strenzkei</i>		LA	Sin
		<i>Cladopelma</i> sp.		LA	Sin
		<i>Clinotanypus</i> sp.		DE;LA	Sin
		<i>Coelotanypus</i> sp.		DE;LA	Sin
		<i>Corynoneura</i> sp.		DE;LA;SR	Sin
		<i>Cricotopus</i> sp.		DE;LA;SR	Sin
		<i>Cryptochironomus</i> sp.		DE;LA;SR	Sin
		<i>Demicryptochironomus</i> sp.		LA	Sin
		<i>Dicrotendipes</i> sp.		LA	Sin
		<i>Djalmabatista</i> sp.		DE;LA;SR	Sin
		<i>Endochironomus</i> sp.		LA	Sin
		<i>Endotribelos</i> sp.		DE;SR	Sin
		<i>Fissimentum</i> sp.		LA	Sin
		<i>Fittkauimyia</i> sp.		DE;LA	Sin
		<i>Goeldichironomus</i> sp.		LA	Sin
		<i>Goeldichironomus holopr sinus</i>		LA	Sin
		<i>Goeldichironomus natans</i>		LA	Sin
		<i>Goeldichironomus serratus</i>		LA	Sin
		<i>Goeldichironomus</i> sp.		LA	Sin
		<i>Goeldichironomus xiborema</i>		LA	Sin
		<i>Harnischia</i> sp.		LA	Sin
		<i>Labrundinia</i> sp.		DE;LA	Sin
		<i>Labrundinia stellatus</i>		LA	Sin
		<i>Larsia</i> sp.		DE;LA	Sin
		<i>Lopescladius</i> sp.		LA;SR	Sin
		<i>Meromacrus niger</i>		DE	SpLin
		<i>Monopelopia</i> sp.		LA	Sin
		<i>Nanocladius</i> sp.		DE;LA;SR	Sin
		<i>Neomyopites paulensis</i>		SR	Sin
		<i>Nilothauma</i> sp.		LA	Sin
		<i>Nimbecera rhabdomantis</i>		LA	Sin
		<i>Nimbecera</i> sp.		LA	Sin
		<i>Obiricimyia</i> sp.		LA	Sin
		<i>Ocyptamus antiphates</i>		SE	SpLin
		<i>Ocyptamus funebris</i>		SE	SpLin
		<i>Ocyptamus gastrostactus</i>		SE	SpLin
		<i>Ocyptamus stenogaster</i>		SE	SpLin
		<i>Onconeura</i> sp.		DE;SR	Sin
		<i>Oribicimyia</i> sp.		LA	Sin
		<i>Orthocla diinae</i> sp.		DE;LA;SR	Sin
		<i>Palpada furcata</i>		DE	SpLin
		<i>Palpada vinetorum</i>		DE;SE	SpLin
		<i>Parachironomus</i> sp.		LA	Sin
		<i>Paralauterborniella</i> sp.		LA	Sin
		<i>Parametriocnemus</i> sp.		DE;SR	Sin
		<i>Paratendipes</i> sp.		DE	Sin
		<i>Pelomus</i> sp.		DE	Sin
		<i>Pentaneura</i> sp.		DE;LA;SR	Sin
		<i>Phaenopsectra</i> sp.		LA	Sin
		<i>Polypedilum</i> sp.		DE;LA;SR	Sin
		<i>Procladius</i> sp.		LA	Sin
		<i>Pseudodorus clavatus</i>		SE	SpLin
		<i>Rheotanytarsus</i> sp.		DE;LA;SR	Sin
		<i>Saetheria</i> sp.		LA	Sin
		<i>Simulium brachycladum</i>		AB;PI	Sin
		<i>Simulium inaequale</i>		PI	Sin
		<i>Simulium nigrimanum</i>		AB	Sin
		<i>Simulium perflavum</i>		PI	Sin
		<i>Simulium pertinax</i>		AB	Sin
		<i>Simulium subpallidum</i>		AB;PI	Sin
		<i>Stempellina</i> sp.		LA	Sin
		<i>Stenochironomus riparius</i>		LA	Sin
		<i>Stenochironomus</i> sp.		DE;LA;SR	Sin

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Tanypus puctipennis</i>		LA	Sin
		<i>Tanypus</i> sp.		DE;LA	Sin
		<i>Tanypus stellatus</i>		LA	Sin
		<i>Tanytarsus</i> sp.		DE;LA;SR	Sin
		<i>Thienemanniella</i> sp.		DE;LA;SR	Sin
		<i>Thienemannimyia</i> sp.		LA;SR	Sin
		<i>Tomoplagia trivittata</i>		SR	Sin
		<i>Tribelos</i> sp.		LA	Sin
		<i>Zavreliella</i> sp.		LA	Sin
	Ordem Ephemeroptera	<i>Baetodes</i> sp.		LA	Sin
		<i>Callibaetis</i> sp.		LA	Sin
		<i>Campsurus</i> sp.		LA	Sin
		<i>Farrodes carioca</i>		LA	Sin
		<i>Farrodes</i> sp.		LA	Sin
		<i>Hagenulopsis</i> sp.		LA	Sin
		<i>Hydrosmilodon</i> sp.		LA	Sin
		<i>Leptohyphes plaumanni</i>		LA	Sin
		<i>Miroculis</i> sp.		LA	Sin
		<i>Ulmeritoides</i> sp.		LA	Sin
		<i>Ulmeritus</i> sp.		LA	Sin
	Ordem Hemiptera	<i>Guayaquila xiphias</i>	X		diss/tes
		<i>Edessa rufomarginata</i>		PI	SpLin
	Ordem Hymenoptera	<i>Anthodiocetes megachiloides</i>	X	LA	SpLin
		<i>Brachymeria pandora</i>	X		SpLin
		<i>Brachymyrmex</i> sp.1	X		diss/tes
		<i>Brachymyrmex</i> sp.2	X		diss/tes
		<i>Camponotus abdominalis</i>	X		diss/tes
		<i>Camponotus aff. blandus</i>	X		diss/tes
		<i>Camponotus crassus</i>	X		diss/tes
		<i>Camponotus lespesi</i>	X		diss/tes
		<i>Camponotus pallescens</i>	X		diss/tes
		<i>Camponotus renggeri</i>	X		diss/tes
		<i>Camponotus rufipes</i>	X		diss/tes
		<i>Camponotus sericeiventris</i>	X		diss/tes
		<i>Camponotus</i> sp.1	X		diss/tes
		<i>Camponotus</i> sp.2	X		diss/tes
		<i>Camponotus</i> sp.3	X		diss/tes
		<i>Camponotus</i> sp.4	X		diss/tes
		<i>Cephalotes atratus</i>	X		diss/tes
		<i>Conura</i> sp.	X	AB;JA	SpLin
		<i>Crematogaster</i> sp.	X		diss/tes
		<i>Cyphomyrmex gr. rimosus</i> sp.1	X		diss/tes
		<i>Cyphomyrmex gr. rimosus</i> sp.2	X		diss/tes
		<i>Cyphomyrmex gr. strigatus</i> sp.1	X		diss/tes
		<i>Cyphomyrmex gr. strigatus</i> sp.2	X		diss/tes
		<i>Ectatomma edentatum</i>	X		diss/tes
		<i>Ectatomma planidens</i>	X		diss/tes
		<i>Leurotrigona muelleri</i>	X		SpLin
		<i>Mycetarotes parallelus</i>	X		diss/tes
		<i>Mycocephurus goeldi</i>	X		diss/tes
		<i>Mycocephurus</i> sp.	X		diss/tes
		<i>Myrmicocrypta</i> sp.	X		diss/tes
		<i>Pheidole</i> sp.	X		diss/tes
		<i>Sericomyrmex</i> sp.	X		diss/tes
		<i>Trachymyrmex dichrous</i>	X		diss/tes
		<i>Trachymyrmex fuscus</i>	X		diss/tes
		<i>Trachymyrmex</i> sp.1	X		diss/tes
		<i>Trachymyrmex</i> sp.2	X		diss/tes
		<i>Trachymyrmex</i> sp.3	X		diss/tes

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Trachymyrmex</i> sp.4	X		diss/tes
		<i>Trachymyrmex</i> sp.5	X		diss/tes
		<i>Trachymyrmex</i> sp.6	X		diss/tes
		<i>Trachymyrmex</i> sp.7	X		diss/tes
		<i>Trachymyrmex</i> sp.8	X		diss/tes
		<i>Zacryptocerus cypeatus</i>	X		diss/tes
		<i>Zacryptocerus pusillus</i>	X		diss/tes
		<i>Agapostemon</i> sp.		SR	SpLin
		<i>Alloscirtetica paraguayensis</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Anisepyris</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Anthodioctes</i>		SR	SpLin
		<i>Apenesia</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Aphaereta</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Apis mellifera</i>		SR	SpLin
		<i>Astichus</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Augochlora amphitrite</i>		LA	SpLin
		<i>Augochlora caerulior</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Augochlora esox</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Augochlora francisca</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Augochlora perimelas</i>		LA	SpLin
		<i>Augochlora</i> sp.		LA;SR	SpLin
		<i>Augochlora</i> sp.1CP		LA;SR	SpLin
		<i>Augochlora</i> sp.2CP		SR	SpLin
		<i>Augochlora</i> sp.3CP		LA;SR	SpLin
		<i>Augochlora</i> sp.4CP		LA	SpLin
		<i>Augochlora</i> sp.c		SR	SpLin
		<i>Augochlora</i> sp.cCP		SR	SpLin
		<i>Augochlora</i> sp.fCP		LA;SR	SpLin
		<i>Augochlora tantilla</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Augochloropsis cupreola</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Augochloropsis hebescens</i>		LA	SpLin
		<i>Augochloropsis pandrosos</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Augochloropsis smithiana</i>		LA	SpLin
		<i>Augochloropsis</i> sp.		LA;SR	SpLin
		<i>Augochloropsis</i> sp.1CP		LA;SR	SpLin
		<i>Augochloropsis</i> sp.6CP		LA	SpLin
		<i>Augochloropsis tupacamaru</i>		LA	SpLin
		<i>Bassus</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Bombus atratus</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Bombus morio</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Bombus</i> sp.		LA;SR	SpLin
		<i>Brachymeria annulata</i>		AB;JA	SpLin
		<i>Brachymeria</i> sp.		AB;JA	SpLin
		<i>Caenohalictus curtipes</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Caenohalictus incertus</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Caenohalictus</i> sp.1CP		LA	SpLin
		<i>Centris bicolor</i>		LA	SpLin
		<i>Centris fuscata</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Centris lanipes</i>		LA	SpLin
		<i>Centris lutea</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Centris mocsaryi</i>		LA	SpLin
		<i>Centris nitens</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Centris obsoleta</i>		LA	SpLin
		<i>Centris</i> sp.		LA;PI;SR	SpLin
		<i>Centris terminata</i>		LA	SpLin
		<i>Cephalonomia stephanoderis</i>		JA	SpLin
		<i>Cephalotrigona capitata</i>		LA;MM	SpLin
		<i>Cephalotrigona</i> sp.		AL	SpLin
		<i>Ceratalictus</i> sp.		LA;SR	SpLin
		<i>Ceratina aspera</i>		LA	SpLin
		<i>Ceratina chloris</i>		LA	SpLin
		<i>Ceratina cyanicollis</i>		LA	SpLin
		<i>Ceratina maculifrons</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Ceratina muelleri</i>		SR	SpLin

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Ceratina</i> sp.		PI	SpLin
		<i>Ceratina taeniaspis</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Ceratina vernoniae</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Chrysocharis</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Coelioxys cerasiopleura</i>		LA	SpLin
		<i>Coelioxys pampeana</i>		LA	SpLin
		<i>Coelioxys pirata</i>		SR	SpLin
		<i>Coelioxys</i> sp.		LA	SpLin
		<i>Coelioxys</i> sp.1CP		LA	SpLin
		<i>Coelioxys</i> sp.2CP		LA;SR	SpLin
		<i>Coelioxys</i> sp.3CP		SR	SpLin
		<i>Colpoclypeus</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Conura femorata</i>		JA	SpLin
		<i>Cucarastichus</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Dentigaster</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Diaeretiella rapae</i>		JA	SpLin
		<i>Dialictus</i> sp.		LA;SR	SpLin
		<i>Dialictus</i> sp.1CP		LA;SR	SpLin
		<i>Dialictus</i> sp.2CP		SR	SpLin
		<i>Diolcogaster</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Dissomphalus</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Entedon</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Epanthidium maculatum</i>		MM	SpLin
		<i>Epanthidium</i> sp.1CP		LA;SR	SpLin
		<i>Epanthidium</i> sp.2CP		LA	SpLin
		<i>Epanthidium tigrinum</i>		LA	SpLin
		<i>Epanthidium tuberculatum</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Epicharis analis</i>		LA	SpLin
		<i>Epicharis flava</i>		LA	SpLin
		<i>Epicharis rustica</i>		LA	SpLin
		<i>Epicharis schrottkyi</i>		LA	SpLin
		<i>Epicharis</i> sp.		PI	SpLin
		<i>Epyris</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Eufriesea</i> sp.		LA	SpLin
		<i>Euglossa chalybeata</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Euglossa fimbriata</i>		LA	SpLin
		<i>Eulaema</i> sp.		LA;SR	SpLin
		<i>Eurytoma</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Exomalopsis analis</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Exomalopsis auropilosa</i>		LA	SpLin
		<i>Exomalopsis collaris</i>		LA	SpLin
		<i>Exomalopsis fulvofasciata</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Exomalopsis</i> sp.		LA;PI;SR	SpLin
		<i>Exomalopsis</i> sp.5CP		LA;SR	SpLin
		<i>Exomalopsis</i> sp.7CP		LA;SR	SpLin
		<i>Florilegus melectoides</i>		LA	SpLin
		<i>Frieseomelitta</i> sp.		LA;SR	SpLin
		<i>Galeopsomyia</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Geotrigona</i> sp.		LA;SR	SpLin
		<i>Glyptapanteles</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Gonatocerus</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Habralictus callichroma</i>		LA	SpLin
		<i>Habralictus flavopictus</i>		LA	SpLin
		<i>Haltichella hydara</i>		JA	SpLin
		<i>Haltichella ornatocornis</i>		JA	SpLin
		<i>Haltichella perpulcra</i>		JA	SpLin
		<i>Heterospilus</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Holepyris</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Horismenus</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Hormius</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Hylaeus</i> sp.1CP		SR	SpLin
		<i>Hylaeus</i> sp.2CP		LA;SR	SpLin
		<i>Hylaeus</i> sp.3CP		LA;SR	SpLin
		<i>Hypanthidium divaricatum</i>		LA	SpLin

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Hypanthidium nigrifulum</i>		LA	SpLin
		<i>Hypanthidium obscurius</i>		LA	SpLin
		<i>Hypanthidium</i> sp.1CP		LA	SpLin
		<i>Lanthanomelissa</i> sp.1CP		LA	SpLin
		<i>Litus</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Megachile asuncicola</i>		LA	SpLin
		<i>Megachile bernardina</i>		LA	SpLin
		<i>Megachile curvipes</i>		LA	SpLin
		<i>Megachile laeta</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Megachile nigripennis</i>		LA	SpLin
		<i>Megachile</i> sp.		LA;SR	SpLin
		<i>Megachile verrucosa</i>		LA	SpLin
		<i>Melanosmicra flavicollis</i>		AB;JA	SpLin
		<i>Melipona Illiger</i>		PIT	SpLin
		<i>Melipona marginata</i>		LA	SpLin
		<i>Melipona quadrifasciata</i>		LA;PIT;SR	SpLin
		<i>Melipona rufiventris</i>		LA	SpLin
		<i>Melipona</i> sp.		LA;MM	SpLin
		<i>Metaplectrus</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Monoeca brasiliensis</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Monomachus eurycephalus</i>		AB	SpLin
		<i>Nannotrigona testaceicornis</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Neocorynura</i> sp.		LA	SpLin
		<i>Neorileya</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Ooderella</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Orasema</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Oxaea flavescens</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Oxaea</i> sp.		LA;SR	SpLin
		<i>Pachyneuron</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Paracrias</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Paratetrapedia lineata</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Paratetrapedia</i> sp.		SR	SpLin
		<i>Paratetrapedia</i> sp.1CP		SR	SpLin
		<i>Paratetrapedia</i> sp.3CP		LA	SpLin
		<i>Paratetrapedia</i> sp.5CP		LA	SpLin
		<i>Paratetrapedia</i> sp.7CP		SR	SpLin
		<i>Paratrigona lineata</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Partamona</i> sp.		LA	SpLin
		<i>Perilampus</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Plebeia remota</i>		LA	SpLin
		<i>Plebeia</i> sp.		AL;LA;SR	SpLin
		<i>Prodecatoma</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Pseudagapostemon</i>		SR	SpLin
		<i>Pseudaugochlora</i>		LA	SpLin
		<i>Pseudaugochlora</i> sp.1CP		LA	SpLin
		<i>Pseudaugochlora</i> sp.2CP		LA	SpLin
		<i>Pseudisobrachium</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Quadrastichus</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Rhabdepyris</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Rhynocorynura</i> sp.1CP		LA;SR	SpLin
		<i>Scaptotrigona bipunctata</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Scaptotrigona</i> sp.		AL	SpLin
		<i>Scaptotrigona</i> sp.2CP		LA;SR	SpLin
		<i>Scaptotrigona</i> sp.3CP		LA;SR	SpLin
		<i>Schwarziana quadripunctata</i>		SR	SpLin
		<i>Tetragona clavipes</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Tetragonisca angustula</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Tetrapedia curvipes</i>		LA	SpLin
		<i>Tetrapedia diversipes</i>		LA	SpLin
		<i>Tetrapedia</i> sp.		LA;SR	SpLin
		<i>Tetrapedia</i> sp.1CP		LA;SR	SpLin
		<i>Tetrapedia</i> sp.3CP		LA	SpLin
		<i>Tetrastichus</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Thectochlora alaris</i>		LA;SR	SpLin



Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Thygater analis</i>		LA	SpLin
		<i>Triaspis</i> sp.		AB	SpLin
		<i>Trichocerapis mirabilis</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Trigona hyalinata</i>		LA;PIT;SR	SpLin
		<i>Trigona hypogea</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Trigona jurine</i>		LA;PIT	SpLin
		<i>Trigona recursa</i>		LA	SpLin
		<i>Trigona</i> sp.		LA;SR	SpLin
		<i>Trigona spinipes</i>		AL;LA;SR	SpLin
		<i>Trigona truculenta</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Trimeria americana</i>		LA	SpLin
		<i>Xylocopa bipunctata</i>		SR	SpLin
		<i>Xylocopa frontalis</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Xylocopa hirsutissima</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Xylocopa ordinaria</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Xylocopa</i> sp.		LA;SR;SO	SpLin
		<i>Xylocopa</i> sp.1CP		LA;SR	SpLin
		<i>Xylocopa suspecta</i>		LA;SR	SpLin
		<i>Zavoya parvula</i>		JA	SpLin
	Ordem Lepidoptera	<i>Adaina bipunctata</i>	X		diss/tes
		<i>Adaina fuscahodias</i>	X		Sin
		<i>Argyrotaenia sphaleropa</i>	X		diss/tes
		<i>Lioptilodes parvus</i>	X		Sin, diss/tes
		<i>Recurvaria</i> sp.1	X		diss/tes
		<i>Recurvaria</i> sp.2	X		diss/tes
		<i>Saphenista squalida</i>	X		Sin, diss/tes
		<i>Unadilla erronella</i>	X		diss/tes
		<i>Adelowalkeria eugenia</i>		LA	Sin
		<i>Agrius cingulata</i>		LE	SpLin
		<i>Apatelodes firmiana</i>		LA	Sin
		<i>Apatelodes pithala</i>		AB	Sin
		<i>Apatelodes sericea</i>		LA;PF	Sin
		<i>Arotros striata</i>		LA	Sin
		<i>Automerina auletes</i>		LA	Sin
		<i>Automeris amoena</i>		AB	Sin
		<i>Automeris bilinea</i>		LA	Sin
		<i>Automeris naranja</i>		LA	Sin
		<i>Callionima inuus</i>		AB	Sin
		<i>Callionima parce</i>		LA;PF	Sin
		<i>Cocytius lucifer</i>		LA	Sin
		<i>Copiopteryx semiramis</i>		LA	Sin
		<i>Dirphiopsis trisignata</i>		PF	Sin
		<i>Ephoria dora</i>		LA	Sin
		<i>Erinnyis crameri</i>		LA	Sin
		<i>Erinnyis oenotrus</i>		LE	SpLin
		<i>Eumorpha satellitia</i>		PF	Sin
		<i>Eupyrrhoglossum sagra</i>		LE	SpLin
		<i>Isognathus caricae</i>		LA	Sin
		<i>Manduca diffissa</i>		PF	Sin
		<i>Manduca florestan</i>		LA;PF	Sin
		<i>Manduca sexta</i>		LA	Sin
		<i>Molippa superba</i>		LA	Sin
		<i>Neogene dynaeus</i>		AB	Sin
		<i>Olceclostera microps</i>		LA	Sin
		<i>Olceclostera mutusca</i>		PF	Sin
		<i>Olceclostera truncata</i>		PF	Sin
		<i>Pachylioides resumens</i>		AB;LA	Sin
		<i>Paradaemonia thelia</i>		LA	Sin
		<i>Periga falcata</i>		LA	Sin
		<i>Perigonia pallida</i>		LA	Sin
		<i>Protambulyx strigilis</i>		LE	SpLin
		<i>Ptiloscola cinerea</i>		LA	Sin
		<i>Rhescyntis hippodamia</i>		LA	Sin
		<i>Rothschildia hesperus</i>		PF	Sin

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Rothschildia sp1</i>		LA	Sin
		<i>Schausiella arpi</i>		LA;PF	Sin
		<i>Schausiella subochreatea</i>		LA	Sin
		<i>Syssphinx molina</i>		AB;LA;PF	Sin
		<i>Titae tamerlan</i>		LA	Sin
		<i>Xylophanes anubus</i>		AB;LA	Sin
		<i>Xylophanes porcus</i>		LA	Sin
		<i>Xylophanes resta</i>		PF	Sin
		<i>Xylophanes tyndarus</i>		LA	Sin
	Ordem Lepidoptera (borboletas)	<i>"Thecla" dindymus</i>		LA	Sin
		<i>"Thecla" sp.1</i>		SR	Sin
		<i>"Thecla" sp.2</i>		SR	Sin
		<i>Achlyodes busirus</i>	X	PF	Sin
		<i>Achlyodes mithridates</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Actinote canutia</i>		SR	Sin
		<i>Actinote carycina</i>	X	SR	Sin
		<i>Actinote hyalina</i>	X	LA	Sin
		<i>Actinote pellenea</i>	X		Sin
		<i>Actinote thalia</i>	X	LA	Sin
		<i>Adelotypa sp.</i>		LA	Sin
		<i>Adelpha abia</i>		AP	Sin
		<i>Adelpha cytherea</i>	X		Sin
		<i>Adelpha goyama</i>		SR	Sin
		<i>Adelpha iphiclus</i>	X	LA;PF	Sin
		<i>Adelpha mincia</i>		PF	Sin
		<i>Adelpha mythra</i>		AP	Sin
		<i>Adelpha phliassa</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Adelpha plesaure</i>			SpLin
		<i>Adelpha poltius</i>		PF	Sin
		<i>Adelpha sp.</i>			SpLin
		<i>Adelpha syma</i>	X	IT	Sin, SpLin
		<i>Adelpha thoasa</i>		LA;PF	Sin
		<i>Aeria olenia</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Aethilla echina</i>		PF	SpLin
		<i>Agraulis vanillae</i>	X	LA	Sin
		<i>Agrias claudina</i>		SR	Sin
		<i>Aguna asander</i>		SR	Sin
		<i>Aguna megaeles</i>		LA	Sin
		<i>Aguna metophis</i>		SR	Sin
		<i>Aguna squamalba</i>	X		Sin
		<i>Anartia amathea</i>	X	LA;PF	Sin
		<i>Anartia jatrophae</i>	X	LA;SR	Sin
		<i>Anastrus sempiternus</i>	X	LA	Sin
		<i>Anteos clorinde</i>	X	LA;PF	Sin
		<i>Anteos menippe</i>		LA;PF	Sin
		<i>Anteros formosus</i>	X	SR	Sin
		<i>Anthanassa frisia</i>		LA	Sin
		<i>Anthoptus epictetus</i>	X	LA;PF	Sin, SpLin
		<i>Antigonus erosus</i>		LA;PF	Sin, SpLin
		<i>Antigonus nearchus</i>		LA	Sin
		<i>Aphrissa statira</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Arawacus aetolus</i>		LA;PF	Sin
		<i>Arawacus meliboeus</i>	X	LA	Sin
		<i>Archaeoprepona amphimachus</i>		LA;PF;SR	Sin
		<i>Archaeoprepona demophon</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Archaeoprepona demophoon</i>	X	PF;SR	Sin
		<i>Archonias brassolis</i>		AP	Sin
		<i>Argyrogrammana sp.</i>		SR	Sin
		<i>Ariconias glaphyra</i>	X		Sin, SpLin
		<i>Aricoris signata</i>	X		Sin
		<i>Arotis derasa</i>	X		Sin
		<i>Artines aepitus</i>		PF	Sin
		<i>Artines eras</i>		PF	Sin

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Ascia monuste</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Astrartes anaphus</i>	X		Sin
		<i>Astrartes fulgurator</i>	X	PF	Sin
		<i>Astrartes janeira</i>	X		Sin
		<i>Astrartes naxos</i>	X		Sin
		<i>Aubergina hesychia</i>	X		Sin
		<i>Autochton neis</i>	X	PF	Sin
		<i>Autochton zarex</i>	X	SR	Sin
		<i>Baeotis</i> sp.		SR	Sin
		<i>Barbicornis basilis</i>		PF	Sin
		<i>Battus polydamas</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Battus polystictus</i>		AP;PF	Sin
		<i>Biblis hyperia</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Bistonina mantica</i>		SR	Sin
		<i>Blepolenis batea</i>	X	SR	Sin, SpLin
		<i>Bolla atahuallpai</i>		PF	Sin
		<i>Bolla catharina</i>	X	LA	Sin
		<i>Brangas ca.atena</i>	X		Sin
		<i>Brangas ca.neora</i>	X	SR	Sin
		<i>Brevioleria aelia</i>	X		Sin
		<i>Brevioleria arzalia</i>	X		Sin, SpLin
		<i>Bungalotis</i> sp.		PF	Sin
		<i>Calephelis braziliensis</i>	X	AP;LA;SR	Sin
		<i>Caligo illioneus</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Callicore hydaspes</i>		LA;PF	Sin
		<i>Callicore pygas</i>		LA	Sin
		<i>Callicore selima</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Callicore sorana</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Callimormus interpunctata</i>	X		Sin
		<i>Callimormus saturnus</i>	X		Sin
		<i>Callimormus</i> sp.		SR	Sin
		<i>Callithomia lenea</i>	X	PF	Sin, SpLin
		<i>Calospila</i> sp.		SR	Sin
		<i>Calycopis ca.xeneta</i>		LA;PF	Sin
		<i>Calycopis caulonia</i>	X	AP;LA;PF	Sin
		<i>Calycopis</i> sp.	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Calycopis</i> sp.1		SR	Sin
		<i>Calycopis</i> sp.2		LA;SR	Sin
		<i>Calycopis</i> sp.3		SR	Sin
		<i>Camptopleura auxo</i>	X		Sin
		<i>Camptopleura janthinus</i>		LA	Sin
		<i>Capronnieria galesus</i>	X		Sin
		<i>Caria trochilus</i>		LA	Sin
		<i>Carrhenes canescens</i>	X		Sin
		<i>Carystoides</i> sp.	X		Sin
		<i>Catasticta bithys</i>		AP	Sin
		<i>Catoblepia amphirhoe</i>	X		Sin
		<i>Catonephele acontius</i>	X	LA	Sin
		<i>Catonephele numilia</i>	X	LA;PF	Sin, SpLin
		<i>Celmia ca.uzza</i>		LA	Sin
		<i>Celmia celmus</i>		LA;PF	Sin
		<i>Celmia uzza</i>	X		Sin
		<i>Chalodeta theodora</i>	X	SR	Sin
		<i>Chalybs hassan</i>		LA	Sin
		<i>Charis charyatis</i>	X		Sin
		<i>Charis gynaea</i>	X	LA;PF	Sin
		<i>Charis theodora</i>		LA	Sin
		<i>Chioides catillus</i>	X	LA;SR	Sin
		<i>Chiomara asychis</i>		LA	Sin
		<i>Chiomara basigutta</i>		LA;SR	Sin
		<i>Chlosyne lacinia</i>	X	LA;SR	Sin
		<i>Chorinea heliconides</i>		LA	Sin
		<i>Cissia penelope</i>		LA	Sin
		<i>Cobalopsis miaba</i>	X	SR	Sin

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Cobalopsis nero</i>	X	LA	Sin
		<i>Colobura dirce</i>	X	LA;PF	Sin, SpLin
		<i>Contrafacia imma</i>	X	LA;SR	Sin
		<i>Corticea corticea</i>	X	LA;SR	Sin
		<i>Corticea noctis</i>	X		Sin
		<i>Corticea sp.</i>		SR	Sin
		<i>Cremna thasus</i>		SR	Sin
		<i>Cyanophrys acaste</i>		LA;SR	Sin
		<i>Cyanophrys herodotus</i>		LA	Sin
		<i>Cycloglypha tisia</i>	X		Sin
		<i>Cymaenes alumna</i>		LA;PF;SR	Sin
		<i>Cymaenes distigma</i>		LA;SR	Sin
		<i>Cymaenes gisca</i>	X	LA;PF	Sin
		<i>Cymaenes laurelolus</i>	X		Sin
		<i>Cymaenes leptia</i>	X		Sin
		<i>Cymaenes sp.</i>	X		Sin
		<i>Cymaenes tripunctata</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Danaus erippus</i>	X	AP;LA;SR	Sin
		<i>Danaus gilippus</i>	X	AP;LA	Sin
		<i>Diaethria candrena</i>		APSR	Sin
		<i>Diaethria clymena</i>	X	LA;PF	Sin
		<i>Dione juno</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Dircenna dero</i>	X	LA;PF	Sin, SpLin
		<i>Dismorphia amphiona</i>	X	LA;PF	Sin
		<i>Dismorphia thermesia</i>		IT	SpLin
		<i>Doxocopa agathina</i>		LA	Sin
		<i>Doxocopa laurentia</i>	X	AP;PF	Sin
		<i>Doxocopa linda</i>	X	LA	Sin
		<i>Dryadula phaetusa</i>	X	AP;LA	Sin
		<i>Dryas iulia</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Dynamine agacles</i>	X	LA;PF	Sin
		<i>Dynamine artemisia</i>		LA;PF	Sin
		<i>Dynamine coenus</i>	X	LA;PF	Sin, SpLin
		<i>Dynamine postverta</i>	X	LA;PF	Sin, SpLin
		<i>Dynamine serina</i>		LA	Sin
		<i>Dynamine tithia</i>	X	LA	Sin, SpLin
		<i>Dynastor darius</i>		LA	Sin
		<i>Ebrietas anacreon</i>	X	LA;PF	Sin
		<i>Ebrietas infanda</i>		PF	Sin
		<i>Ectima thecla</i>		PF	Sin, SpLin
		<i>Elbella sp.</i>		LA	Sin
		<i>Electrostrymon ecbatana</i>	X	LA	Sin
		<i>Elkalyce cogina</i>		PF	Sin
		<i>Emesis diogenia</i>		SR	Sin
		<i>Emesis fatimella</i>		PF	Sin, SpLin
		<i>Emesis russula</i>		SR	Sin
		<i>Enantia lina</i>	X	LA;PF	Sin, SpLin
		<i>Enantia melite</i>	X		Sin
		<i>Epiphile orea</i>		AP	Sin
		<i>Episcada carcinia</i>		LA	Sin
		<i>Episcada hymenaea</i>	X	LA;PF	Sin, SpLin
		<i>Eresia eunice</i>		PF	Sin
		<i>Eresia lansdorfi</i>	X	LA;SR	Sin
		<i>Eryphanis reevesi</i>		LA	Sin
		<i>Eteona thisiphone</i>		AP	SpLin
		<i>Eueides aliphora</i>	X	PF	Sin
		<i>Eueides isabella</i>	X	LA;PF	Sin, SpLin
		<i>Eunica bechina</i>		LA;SR	Sin, SpLin
		<i>Eunica eburnea</i>	X		Sin
		<i>Eunica maja</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Eunica malvina</i>		LA	Sin
		<i>Eunica margarita</i>	X	LA;PF	Sin, SpLin
		<i>Eunica tatila</i>		LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Euptoieta hegesia</i>		ITSR	Sin, SpLin

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Euptychoides castrensis</i>		LA	Sin
		<i>Eurema agave</i>		LA	Sin, SpLin
		<i>Eurema albula</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Eurema arbela</i>	X	LA;SR	Sin
		<i>Eurema deva</i>	X		Sin
		<i>Eurema elathea</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Eurema phiale</i>	X		Sin, SpLin
		<i>Eurybia elvina</i>		PF	Sin
		<i>Eurybia halimede</i>	X	LA;PF	Sin
		<i>Eurybia pergaea</i>	X		Sin
		<i>Eurybia</i> sp.		PF	Sin, SpLin
		<i>Euselasia eucerus</i>		LA	Sin
		<i>Euselasia hygenius</i>		LA	Sin
		<i>Euselasia mys</i>	X		Sin
		<i>Euselasia</i> sp.	X		Sin
		<i>Euselasia thucydides</i>		LA	Sin
		<i>Eutocus vetulus</i>		PF	Sin
		<i>Eutyche physcella</i>		LA	Sin
		<i>Evenus regalis</i>		LA;PF	Sin, SpLin
		<i>Evenus satyroides</i>		PF	Sin
		<i>Forsterinaria quantius</i>		LA	Sin
		<i>Fountainea glycerium</i>		LA	Sin, SpLin
		<i>Fountainea ryphea</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Gesta gesta</i>	X	LA	Sin
		<i>Gesta heteropterus</i>	X		Sin
		<i>Glutophrissa drusilla</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Gorgythion begga</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Gorgythion beggina</i>	X	LA	Sin
		<i>Gorgythion canda</i>		LA;SR	Sin
		<i>Haematera pyrame</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Hamadryas amphinome</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Hamadryas arete</i>	X	IT;LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Hamadryas chloe</i>		LA;PF	Sin, SpLin
		<i>Hamadryas epinome</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Hamadryas februa</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Hamadryas feronia</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Helias phalaenoides</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Heliconius besckei</i>		LA	Sin, SpLin
		<i>Heliconius erato</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Heliconius ethilla</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Heliopetes alana</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Heliopetes arsalte</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Heliopetes laviana</i>		LA	Sin
		<i>Heliopetes omrina</i>	X	LA;SR	Sin
		<i>Hemiargus hanno</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Heraclides anchisiades</i>	X	LA	Sin
		<i>Heraclides astyalus</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Heraclides hectorides</i>	X	LA;PF	Sin
		<i>Heraclides thoas</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Heraclides torquatus</i>		LA;PF	Sin
		<i>Hermeuptychia hermes</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Hermeuptychia</i> sp.	X	LA;SR	Sin
		<i>Historis odius</i>	X	LA;PF	Sin
		<i>Hylephila phylaeus</i>	X	SR	Sin
		<i>Hypanartia bella</i>	X	LA	Sin
		<i>Hypanartia lethe</i>	X	LA	Sin
		<i>Hypna clytemnestra</i>	X	LA;PF	Sin
		<i>Hypoleria lavinia</i>	X		Sin
		<i>Hypoleria sarepta</i>	X		Sin
		<i>Hypothyris euclea</i>	X	LA;PF	Sin, SpLin
		<i>Hypothyris ninonia</i>	X	LA;PF	Sin
		<i>Ithomia agnosia</i>	X	LA	Sin
		<i>Janthecla</i> sp.		SR	Sin
		<i>Junonia evarete</i>	X	LA;SR	Sin

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Justinia justinianus</i>	X	LA;SR	Sin
		<i>Kolana ergina</i>		SR	SpLin
		<i>Lasaia agesilas</i>		LA;PF	Sin, SpLin
		<i>Lemonias zygia</i>	X		Sin, SpLin
		<i>Leptotes cassius</i>	X	AP;LA;SR	Sin, SpLin
		<i>Lerodea erythrostictus</i>	X		Sin
		<i>Lerodea eufala</i>		AP	Sin
		<i>Leucochimona icare</i>	X	PF	Sin
		<i>Levina levina</i>		LA	Sin
		<i>Libytheana carinenta</i>	X	LA;SR	Sin
		<i>Lucida schmidtii</i>		AP	Sin
		<i>Lycas argentea</i>		LA	Sin
		<i>Lycorea halia</i>		APITLA;PF	Sin, SpLin
		<i>Lycorea ilione</i>		APSR	Sin
		<i>Lyropteryx tersichore</i>		LA	Sin
		<i>Marpesia chiron</i>	X	LA;SR	Sin
		<i>Marpesia petreus</i>		LA	Sin
		<i>Mcclungia cymo</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Mechanitis lysimnia</i>	X	LA;PF	Sin
		<i>Mechanitis polymnia</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Melanis electron</i>		LA	Sin
		<i>Melete lycimnia</i>	X	AP;IT;LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Mellana sp.</i>	X		Sin
		<i>Memphis appias</i>	X	LA;PF	Sin
		<i>Memphis arginussa</i>	X	LA;PF	Sin
		<i>Memphis moruus</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Memphis otrere</i>		AP	Sin
		<i>Mesene epaphus</i>		LA;SR	Sin
		<i>Mesene pyrippe</i>		SR	Sin
		<i>Mesene sp.</i>		LA;SR	Sin, SpLin
		<i>Mesosemia bella</i>	X		Sin
		<i>Mesosemia melpia</i>		LA;SR	Sin
		<i>Mesosemia odice</i>	X		Sin
		<i>Mesosemia rhodia</i>	X		Sin
		<i>Mesosemia sp.</i>		LA	Sin, SpLin
		<i>Methionopsis ina</i>	X	LA;PF	Sin
		<i>Methona themisto</i>	X		Sin
		<i>Milanion leucaspis</i>		LA	Sin
		<i>Miltomiges cinnamomea</i>	X	LA	Sin
		<i>Ministrymon sp.</i>	X		Sin
		<i>Mnaseas bicolor</i>	X	LA	Sin
		<i>Moeris striga</i>	X		Sin
		<i>Moneuptychia soter</i>	X		Sin
		<i>Morpho anaxibia</i>		PF	Sin
		<i>Morpho epistrophus</i>	X		Sin
		<i>Morpho helenor</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Morpho menelaus</i>	X	LA;PF	Sin
		<i>Morvina fissimacula</i>		PF	SpLin
		<i>Morys geisa</i>	X		Sin
		<i>Mylon maimon</i>	X	SR	Sin
		<i>Myscelia orsis</i>	X	PF	Sin
		<i>Mysoria barcastus</i>		LA	Sin
		<i>Napaea zikani</i>		LA	Sin
		<i>Nica flavilla</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Niconiades merenda</i>		PF	Sin
		<i>Niconiades sp.</i>		PF	Sin
		<i>Niconiades xanthaphes</i>		PF	Sin
		<i>Nisoniades bipuncta</i>		LA	Sin
		<i>Nisoniades castolus</i>		LA	Sin
		<i>Nisoniades macarius</i>	X		Sin
		<i>Notheme erota</i>		LA;PF	Sin
		<i>Nyctelius nyctelius</i>	X	LA;SR	Sin
		<i>Nymphidium lisimon</i>	X	PF;SR	Sin
		<i>Ocaria ocrisia</i>		LA	Sin

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Ochropyge ruficauda</i>		LA	Sin
		<i>Olythus</i> sp.		LA	Sin
		<i>Opoptera syme</i>	X		Sin
		<i>Opsiphanes invirae</i>	X	LA	Sin
		<i>Opsiphanes quiteria</i>	X		Sin
		<i>Ortilia ithra</i>	X	AP;LA;SR	Sin
		<i>Ortilia orticas</i>		AP	SpLin
		<i>Ortilia velica</i>		IT	SpLin
		<i>Ostrinotes ca.empusa</i>		SR	Sin
		<i>Ouleus fridericus</i>	X		Sin
		<i>Pachyneuria inops</i>		LA	Sin
		<i>Paiwarria venulius</i>	X	SR	Sin
		<i>Panaropsis inaria</i>		SR	Sin
		<i>Panoquina hecebolus</i>	X	LA;SR	Sin
		<i>Panoquina lucas</i>	X	SR	Sin
		<i>Panoquina ocola</i>	X	SR	Sin
		<i>Panthiades hebraeus</i>	X	SR	Sin
		<i>Parcella amarynthina</i>		LA;SR	Sin
		<i>Pareuptychia ocirrhoe</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Pareuptychia</i> sp.		LA	Sin
		<i>Pareuptychia summandosa</i>		PF	Sin
		<i>Parides agavus</i>		PF	Sin
		<i>Parides anchises</i>		LA;PF	Sin
		<i>Parides bunichus</i>		AP	Sin
		<i>Parides neophilus</i>	X	LA;PF	Sin
		<i>Parides proneus</i>		IT;PF	Sin, SpLin
		<i>Parrhasius orgia</i>	X	PF	Sin
		<i>Parrhasius polibetes</i>	X	SR	Sin
		<i>Paryphthimoides phronius</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Paryphthimoides poltys</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Paulogramma pyracmon</i>		SR	Sin
		<i>Penicula advena</i>	X		Sin
		<i>Pereute antodyca</i>		AP	Sin
		<i>Perichares philetus</i>	X	SR	Sin
		<i>Perophtalma tullius</i>		LA	Sin
		<i>Phaenochitonia ca.cingulus</i>		SR	Sin
		<i>Phaenochitonia cingulus</i>		SR	Sin
		<i>Phaenochitonia fuliginea</i>		SR	Sin
		<i>Phaenochitonia</i> sp.		SR	Sin
		<i>Phanes rezia</i>	X		Sin
		<i>Pharneuptychia innocentia</i>		SR	Sin
		<i>Pharneuptychia phares</i>		SR	Sin
		<i>Pharneuptychia pharnabazos</i>	X		Sin
		<i>Pharneuptychia pharnaces</i>		SR	Sin
		<i>Pharneuptychia</i> sp.		LA;SR	Sin, SpLin
		<i>Philaethria wernickei</i>		LA;SR	Sin
		<i>Phocides polybius</i>		SR	Sin
		<i>Phoebis argante</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Phoebis neocypris</i>		LA;PF	Sin
		<i>Phoebis philea</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Phoebis sennae</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Pirascuca sagaris</i>		LA;SR	Sin, SpLin
		<i>Placidina euryanassa</i>	X	SR	Sin
		<i>Polites vibex</i>	X	SR	Sin
		<i>Polyctor polyctor</i>	X	LA;PF	Sin, SpLin
		<i>Polygonus leo</i>		LA;PF	Sin, SpLin
		<i>Polythrix caunus</i>	X	LA;SR	Sin
		<i>Polythrix octomaculata</i>		LA	Sin
		<i>Pompeius pompeius</i>	X	LA;SR	Sin
		<i>Prepona laertes</i>	X	LA;SR	Sin
		<i>Prepona</i> sp.		SR	Sin
		<i>Protesilaus protesilaus</i>		LA	Sin
		<i>Protesilaus</i> sp.		SR	SpLin
		<i>Protesilaus telesilaus</i>		LA	Sin

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Pseudolycaena marsyas</i>	X	LA;SR	Sin, SpLin
		<i>Pseudopieris nehemia</i>	X	LA;PF	Sin
		<i>Pseudoscada acilla</i>	X	LA;PF	Sin, SpLin
		<i>Pseudoscada erruca</i>	X	LA	Sin, SpLin
		<i>Pterourus menatius</i>		LA	Sin
		<i>Pyrgus communis</i>	X	AP;SR	Sin
		<i>Pyrgus oileus</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Pyrisitia dina</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Pyrisitia nise</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Pyrrhogyra neaerea</i>	X	LA;PF	Sin, SpLin
		<i>Pyrrhopyge pelota</i>		PF	Sin
		<i>Pyrrhopyge sp.(rhacia?)</i>		LA	Sin
		<i>Pythonides jovianus</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Pythonides sp.</i>		SR	Sin
		<i>Quadrus cerealis</i>	X		Sin
		<i>Quadrus u-lucida</i>	X	LA	Sin
		<i>Quasimellana eulogius</i>	X	LA	Sin
		<i>Quinta cannae</i>	X	LA	Sin
		<i>Rekoa marius</i>		LA;SR	Sin
		<i>Rekoa meton</i>	X	LA	Sin
		<i>Rekoa palegon</i>	X	SR	Sin
		<i>Rekoa stagira</i>	X	SR	Sin
		<i>Rhabdodryas trite</i>		LA;SR	Sin
		<i>Rhetus periander</i>	X		Sin
		<i>Riodina lycisca</i>		PF	Sin
		<i>Saliana longirostris</i>		LA	Sin
		<i>Saliana triangularis</i>	X		Sin
		<i>Sarota chrysus</i>	X		Sin
		<i>Siderus philinna</i>		LA;SR	Sin
		<i>Siproeta stelenes</i>		LA;PF	Sin
		<i>Smyrna blomfieldia</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Sodalia coler</i>	X		Sin
		<i>Sodalia dimassa</i>	X		Sin
		<i>Sophista latifasciata</i>	X	LA;SR	Sin
		<i>Sostrata bifasciata</i>	X	LA	Sin
		<i>Sostrata cronion</i>	X	LA	Sin
		<i>Spathilepia clonius</i>	X	SR	Sin
		<i>Splendeptychia doxes</i>		LA	Sin
		<i>Staphylus ascalon</i>		LA	Sin
		<i>Staphylus incisus</i>	X	LA	Sin
		<i>Staphylus melangon</i>	X		Sin
		<i>Stichelia sp.(laranja)</i>		SR	Sin
		<i>Stichelia sp.(preta)</i>		SR	Sin
		<i>Strenophota tephraeus</i>		LA	Sin
		<i>Strymon astiocha</i>		LA	Sin
		<i>Strymon ca.oreala</i>		SR	Sin
		<i>Strymon ca.ziba</i>		LA	Sin
		<i>Strymon eurytulus</i>	X		Sin
		<i>Strymon megarus</i>		SR	Sin
		<i>Strymon serapio</i>		SR	Sin
		<i>Strymon sp.</i>	X	LA	Sin
		<i>Strymon ziba</i>	X	SR	Sin
		<i>Symbiopsis lenitas</i>		LA	Sin
		<i>Symmachia ca.basilissa</i>		LA	Sin
		<i>Symmachia leopardinus</i>		SR	Sin
		<i>Symmachia sp.</i>		SR	Sin
		<i>Synapte malitiosa</i>		LA	Sin, SpLin
		<i>Synapte sp.</i>		SR	Sin
		<i>Synargis calyce</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Taygetis kerea</i>		LA	Sin, SpLin
		<i>Taygetis laches</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Taygetis rufomarginata</i>		LA	Sin
		<i>Taygetis thamyra</i>	X		Sin
		<i>Taygetis tripunctata</i>	X		Sin

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Taygetis virgilia</i>	X	PF	Sin
		<i>Tegosa claudina</i>	X	LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Telemiades</i> sp.		LA;SR	Sin
		<i>Telemiades squanda</i>		AP	Sin
		<i>Temenis laothoe</i>	X	AP;LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Theope ca.terambus</i>		LA	Sin
		<i>Theope nycteis</i>		SR	Sin
		<i>Theope</i> sp.		SR	Sin
		<i>Theope thestias</i>	X		Sin
		<i>Theritas hemon</i>		LA;SR	Sin
		<i>Theritas triquetra</i>		LA;SR	Sin
		<i>Thespieus dalman</i>		SR	Sin
		<i>Thespieus ethemides</i>		AP	Sin
		<i>Thisbe irenea</i>		PF	Sin
		<i>Thracides cleantes</i>	X		Sin
		<i>Tithorea harmonia</i>	X	LA;PF	Sin, SpLin
		<i>Tmolus echion</i>	X	SR	Sin
		<i>Trina geometrina</i>	X	LA;PF	Sin
		<i>Typhedanus crameri</i>		LA	Sin
		<i>Udranomía kikkawai</i>		LA;SR	Sin
		<i>Udranomía</i> sp.1	X	SR	Sin, SpLin
		<i>Udranomía</i> sp.2	X	SR	Sin, SpLin
		<i>Udranomía spitzzi</i>	X	SR	Sin
		<i>Urbanus albimargo</i>	X		Sin
		<i>Urbanus dorantes</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Urbanus doryssus</i>	X		Sin
		<i>Urbanus esmeraldus</i>	X	LA;PF	Sin
		<i>Urbanus esta</i>	X	LA;SR	Sin
		<i>Urbanus procne</i>	X		Sin
		<i>Urbanus proteus</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Urbanus simplicius</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Urbanus</i> sp.	X		SpLin
		<i>Urbanus teleus</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Urbanus velinus</i>	X		Sin
		<i>Urbanus virescens</i>	X	LA	Sin
		<i>Vanessa braziliensis</i>	X	LA;SR	Sin
		<i>Vanessa myrinna</i>	X	LA;SR	Sin
		<i>Vehilius inca</i>		LA;PF	Sin
		<i>Vehilius stictomenes</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Vettius artona</i>		SR	Sin
		<i>Vettius diversa</i>		AP	Sin
		<i>Vettius fantasos</i>	X	SR	Sin
		<i>Vettius lafrenayei</i>	X		Sin
		<i>Vettius lucretius</i>	X		Sin
		<i>Vettius marcus</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Viola minor</i>	X	LA	Sin
		<i>Wallengrenia otho</i>	X	LA	Sin
		<i>Xeniades orchamus</i>		SR	Sin
		<i>Xenophanes tryxus</i>	X	LA;PF	Sin
		<i>Xispia</i> sp.		SR	Sin
		<i>Yphthimoides "urbana"</i>		SR	Sin
		<i>Yphthimoides affinis</i>	X	IT	SpLin
		<i>Yphthimoides celmis</i>		SR	Sin
		<i>Yphthimoides maepius</i>	X	LA;SR	Sin
		<i>Yphthimoides manasses</i>	X	SR	Sin
		<i>Yphthimoides pacta</i>	X		Sin
		<i>Yphthimoides renata</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Yphthimoides</i> sp.	X		Sin
		<i>Yphthimoides</i> sp.1		SR	Sin
		<i>Yphthimoides</i> sp.2		SR	Sin
		<i>Yphthimoides yphthima</i>	X		Sin
		<i>Zaretis itys</i>	X	LA;PF;SR	Sin
		<i>Zariaspes mys</i>		LA;PF;SR	Sin, SpLin
		<i>Zera hyacinthinus</i>		LA	Sin

Classe	Ordem ou Subclasse	Espécie	Mogi Guaçu	Bacia do Rio Mogi Guaçu ¹	Fonte ²
		<i>Ziegleria hesperitis</i>		LA	Sin
		<i>Zischkaia saundersi</i>		PF	Sin
		<i>Zizula cyna</i>	X	AP;LA	Sin

¹ Municípios: Aguaí (AG); Águas da Prata (AP); Águas de Lindóia (AL); Américo Brasiliense (AB); Araras (AR); Casa Branca (CB); Conchal (CO); Descalvado (DE); Espírito Santo do Pinhal (ESP); Guataporá (GU); Itapira (IT); Jaboticabal (JA); Leme (LE); Lindóia (LI); Luis Antonio (LA); Mogi Mirim (MM); Pirassununga (PI); Pitangueiras (PIT); Pontal (PO); Porto Ferreira (PF); Pradópolis (PR); Rincão (RI); Santa Rita do Passa Quatro (SR); São João da Boa Vista (SJ); Serra Negra (SN); Sertãozinho (SE); Socorro (SO).

² Splin = Species Link; Sin = Sinbiota; diss/tes = dissertação/tese; AMB = coleção de Ayr de Moura Bello.

Anexo ARTRÓPODES 2: Dados primários e secundários de borboletas das famílias Papilionidae, Pieridae e Nymphalidae coletadas na Fazenda Campininha, Mogi Guaçu, SP.

Família / subfamília	Espécie	primário	secundário	
Papilionidae				
Papilioninae	<i>Battus polydamas</i>	X	X	
	<i>Heraclides anchisiades</i>		X	
	<i>Heraclides astyalus</i>	X	X	
	<i>Heraclides hectorides</i>		X	
	<i>Heraclides thoas</i>		X	
	<i>Parides neophilus</i>	X	X	
Pieridae				
Coliadinae	<i>Anteos clorinde</i>		X	
	<i>Aphrissa statira</i>	X	X	
	<i>Eurema albula</i>	X	X	
	<i>Eurema arbela</i>		X	
	<i>Eurema deva</i>	X	X	
	<i>Eurema elathea</i>	X	X	
	<i>Eurema phiale</i>		X	
	<i>Phoebis argante</i>	X	X	
	<i>Phoebis philea</i>	X	X	
	<i>Phoebis sennae</i>	X	X	
	<i>Pyrisitia dina</i>	X	X	
	<i>Pyrisitia nise</i>	X	X	
	Pierinae	<i>Ascia monuste</i>	X	X
		<i>Glutophrissa drusilla</i>	X	X
<i>Melete lycimnia</i>		X	X	
Dismorphiinae	<i>Dismorphia amphiona</i>		X	
	<i>Enantia lina</i>		X	
	<i>Enantia melite</i>		X	
	<i>Pseudopieris nehemia</i>	X	X	
Nymphalidae				
Acraeinae	<i>Actinote carycina</i>		X	
	<i>Actinote hyalina</i>		X	
	<i>Actinote pellenea</i>		X	
	<i>Actinote thalia</i>		X	
Apaturinae	<i>Doxocopa laurentia</i>		X	
	<i>Doxocopa linda</i>		X	
Biblidinae	<i>Biblis hyperia</i>	X	X	
	<i>Callicore hydaspes</i>	X		
	<i>Callicore selima</i>	X	X	
	<i>Callicore sorana</i>	X	X	
	<i>Catonephele acontius</i>	X	X	
	<i>Catonephele numilia</i>	X	X	
	<i>Diaethria clymena</i>	X	X	
	<i>Dynamine agacles</i>		X	
	<i>Dynamine coenus</i>		X	
	<i>Dynamine postverta</i>		X	
	<i>Dynamine tithia</i>		X	

Família / subfamília	Espécie	primário	secundário
	<i>Eunica bechina</i>	X	
	<i>Eunica eburnea</i>		X
	<i>Eunica maja</i>		X
	<i>Eunica margarita</i>		X
	<i>Haematera pyrame</i>		X
	<i>Hamadryas amphinome</i>	X	X
	<i>Hamadryas arete</i>		X
	<i>Hamadryas chloe</i>	X	
	<i>Hamadryas epinome</i>	X	X
	<i>Hamadryas februa</i>	X	X
	<i>Hamadryas feronia</i>	X	X
	<i>Myscelia orsis</i>		X
	<i>Nica flavilla</i>		X
	<i>Pyrrhogyra neaerea</i>		X
	<i>Temenis laothoe</i>	X	X
Brassolinae	<i>Blepolenis batea</i>	X	X
	<i>Caligo illioneus</i>	X	X
	<i>Catoblepia amphirhoe</i>		X
	<i>Dinastor darius</i>	X	
	<i>Opoptera syme</i>		X
	<i>Opsiphanes invirae</i>	X	X
	<i>Opsiphanes quiteria</i>		X
Charaxinae	<i>Archaeoprepona demophon</i>	X	X
	<i>Archaeoprepona demophoon</i>	X	X
	<i>Hypna clytemnestra</i>		X
	<i>Memphis acidalia</i>	X	X
	<i>Memphis appias</i>		X
	<i>Memphis arginussa</i>		X
	<i>Prepona laertes</i>		X
	<i>Siderone marthesia</i>	X	
	<i>Zaretis itys</i>		X
Cyrestinae	<i>Marpesia chiron</i>	X	X
Danainae	<i>Danaus erippus</i>		X
	<i>Danaus gilippus</i>	X	X
Heliconiinae	<i>Agraulis vanillae</i>	X	X
	<i>Dione junio</i>	X	X
	<i>Dryadula phaetusa</i>		X
	<i>Dryas iulia</i>	X	X
	<i>Eueides aliphera</i>		X
	<i>Eueides isabella</i>		X
	<i>Heliconius erato</i>	X	X
	<i>Heliconius ethilla</i>	X	X
Ithomiinae	<i>Aeria olenia</i>	X	X
	<i>Brevoleria aelia</i>		X
	<i>Brevoleria arzalia</i>		X
	<i>Callithomia lenea</i>		X
	<i>Dircenna dero</i>	X	X
	<i>Episcada hymenaea</i>		X

Família / subfamília	Espécie	primário	secundário
	<i>Hypoleria cymo</i>	X	X
	<i>Hypoleria lavinia</i>		X
	<i>Hypoleria sarepta</i>		X
	<i>Hypothyris euclea</i>		X
	<i>Hypothyris ninonia</i>		X
	<i>Ithomia agnosia</i>		X
	<i>Mechanitis lysimnia</i>	X	X
	<i>Mechanitis polymnia</i>	X	X
	<i>Methona themisto</i>		X
	<i>Placidina euryanassa</i>	X	X
	<i>Pseudoscada acilla</i>		X
	<i>Pseudoscada erruca</i>		X
	<i>Tithorea harmonia</i>		X
Libytheinae	<i>Libytheana carinenta</i>		X
Limnitiidae	<i>Adelpha cytherea</i>		X
	<i>Adelpha goyama</i>	X	
	<i>Adelpha iphiclus</i>		X
	<i>Adelpha phliassa</i>	X	X
	<i>Adelpha syma</i>		X
	<i>Adelpha thoasa</i>	X	
Morphinae	<i>Morpho epistrophus</i>		X
	<i>Morpho helenor</i>	X	X
	<i>Morpho menelaus</i>		X
Nymphalinae	<i>Anartia amathea</i>	X	X
	<i>Anartia jatrophae</i>		X
	<i>Chlosyne lacinia</i>	X	X
	<i>Colobura dirce</i>		X
	<i>Eresia lansdorfi</i>		X
	<i>Historis odius</i>		X
	<i>Hypanartia bella</i>		X
	<i>Hypanartia lethe</i>		X
	<i>Junonia evarete</i>	X	X
	<i>Ortilia ithra</i>		X
	<i>Smyrna blomfieldia</i>	X	X
	<i>Vanessa braziliensis</i>		X
	<i>Vanessa myrinna</i>	X	X
Satyrinae	<i>Capronnieria galesus</i>	X	X
	<i>Fountainea ryphea</i>	X	X
	<i>Hermeuptychia hermes</i>	X	X
	<i>Hermeuptychia sp.</i>		X
	<i>Moneuptychia soter</i>	X	X
	<i>Pareuptychia ocirrhoe</i>	X	X
	<i>Paryphthimoides phronius</i>	X	X
	<i>Paryphthimoides poltys</i>	X	X
	<i>Pharneuptychia pharnabazos</i>	X	X
	<i>Taygetis laches</i>	X	X
	<i>Taygetis thamyra</i>		X
	<i>Taygetis tripunctata</i>		X

Família / subfamília	Espécie	primário	secundário
	<i>Taygetis virgilia</i>	X	X
	<i>Tegosa claudina</i>		X
	<i>Yphthimoides aff. celmis</i>	X	
	<i>Yphthimoides affinis</i>	X	X
	<i>Yphthimoides maepius</i>		X
	<i>Yphthimoides manasses</i>	X	X
	<i>Yphthimoides ochracea</i>	X	
	<i>Yphthimoides pacta</i>		X
	<i>Yphthimoides renata</i>	X	X
	<i>Yphthimoides sp.</i>		X
	<i>Yphthimoides yphthima</i>		X
	Total	75	140

Anexo ARTRÓPODES 3: Locais de registro e locais com ocorrência esperada das espécies de borboletas amostradas na Fazenda Campininha em Janeiro de 2010.

Espécie	Locais registrados	Zona	X_UTM	Y_UTM	Locais com ocorrência esperada
Nymphalidae					
<i>Biblis hyperia</i>	FESA	23K	275017	7534306	FES, FESA, SF
<i>Callicore hydaspes</i>	AA				FES, FESA, SF, SA, AA
<i>Callicore selima</i>	AA				FES, FESA, SF, SA, AA
<i>Callicore sorana</i>	AA				FES, FESA, SF, SA, AA
<i>Catonephele acontius</i>	SF	23K	276773	7537594	FES, FESA, SF
<i>Catonephele acontius</i>	SF	23K	275316	7537648	FES, FESA, SF
<i>Catonephele numila</i>	SF	23K	276773	7537594	FES, FESA, SF
<i>Catonephele numila</i>	SF	23K	275316	7537648	FES, FESA, SF
<i>Diaethria clymena</i>	AA				FES, FESA, SF, SA, AA
<i>Eunica bechina</i>	CU	23K	274577	7536703	AA
<i>Hamadryas amphinome</i>	SF	23K	276773	7537594	FES, FESA, SF, SA
<i>Hamadryas amphinome</i>	SF	23K	275316	7537648	FES, FESA, SF, SA
<i>Hamadryas chloe</i>	FESA	23K	275017	7534306	FES, FESA, SF
<i>Hamadryas epinome</i>	FESA	23K	275017	7534306	FES, FESA, SF, SA
<i>Hamadryas februa</i>	FESA	23K	275017	7534306	FES, FESA, SF, SA
<i>Hamadryas feronia</i>	CU	23K	274577	7536703	FES, FESA, SF, SA
<i>Temenis laothoe</i>	FESA	23K	275017	7534306	FES, FESA, SF, SA
<i>Blepolenis batea</i>	FESA	23K	275017	7534306	FES, FESA, SF, SA
<i>Caligo illioneus</i>	SF	23K	277420	7537727	FES, FESA, SF, SA
<i>Opsiphanes invirae</i>	SF	23K	276773	7537594	FES, FESA, SF, SA
<i>Dinastor darius</i>	SF	23K	275316	7537648	FES, FESA, SF, SA
<i>Opsiphanes invirae</i>	SF	23K	275316	7537648	FES, FESA, SF, SA
<i>Archaeoprepona demophon</i>	SF	23K	276773	7537594	FES, FESA, SF
<i>Archaeoprepona demophon</i>	AA				FES, FESA, SF, AA
<i>Fountainea ryphea</i>	AA				FES, FESA, SF, SA, AA
<i>Memphis acidalia</i>	SF	23K	276773	7537594	FES, FESA, SF
<i>Memphis acidalia</i>	SF	23K	277420	7537727	FES, FESA, SF
<i>Siderone marthesia</i>	SF	23K	277420	7537727	FES, FESA, SF
<i>Danaus gilippus</i>	AA				AA
<i>Agraulis vanillae</i>	AA				AA
<i>Dione juno</i>	AA				AA
<i>Dryas iulia</i>	AA				AA
<i>Heliconius erato</i>	AA				AA
<i>Heliconius ethilla</i>	AA				AA
<i>Aeria olena</i>	FESA	23K	274849	7535452	FES, FESA, SF
<i>Dircenna dero</i>	FESA	23K	274849	7535452	FES, FESA, SF
<i>Hypoleria symo</i>	FESA	23K	275017	7534306	FES, FESA, SF
<i>Mechanitis lysimnia</i>	SF	23K	275316	7537648	FES, FESA, SF, SA
<i>Mechanitis polymnia</i>	SF	23K	275316	7537648	FES, FESA, SF, SA
<i>Placidina euryanassa</i>	SF	23K	275316	7537648	FES, FESA, SF, SA
<i>Adelpha phliassa</i>	AA				FES, FESA, SF, SA, AA
<i>Morpho helenor</i>	Pn	23K	278102	7542209	FES, FESA, SF, SA
<i>Anartia amathea</i>	AA				AA
<i>Junonia evarete</i>	AA				AA
<i>Smyrna blomfieldia</i>	SF	23K	275316	7537648	FES, FESA, SF, SA
<i>Vanessa myrinna</i>	AA				AA
<i>Capronnieria galesus</i>	SF	23K	277420	7537727	Pn, FES, FESA, SF, SA
<i>Hermeuptychia hermes</i>	Pn	23K	278102	7542209	Pn, FES, FESA, SF, SA
<i>Moneuptychia soter</i>	SF	23K	275316	7537648	FES, FESA, SF, SA
<i>Pareuptychia ocyrrhoe</i>	SF	23K	276773	7537594	FES, FESA, SF, SA
<i>Pareuptychia ocyrrhoe</i>	SF	23K	275316	7537648	FES, FESA, SF, SA

<i>Paryphthimoides phronius</i>	SF	23K	277420	7537727	FES, FESA, SF, SA
<i>Paryphthimoides poltys</i>	SF	23K	275316	7537648	FES, FESA, SF, SA
<i>Paryphthimoides poltys</i>	SF	23K	276773	7537594	FES, FESA, SF, SA
<i>Paryphthimoides poltys</i>	SF				FES, FESA, SF, SA
<i>Pharneuptychia cf. pharnabazos</i>	SF	23K	276773	7537594	FES, FESA, SF, SA
<i>Taygetis laches</i>	Pn	23K	278102	7542209	Pn, FES, FESA, SF, SA
<i>Taygetis virgilia</i>	SF	23K	276773	7537594	FES, FESA, SF, SA
<i>Taygetis virgilia</i>	SF	23K	275316	7537648	FES, FESA, SF, SA
<i>Yphthimoides aff. celmis</i>	SF	23K	276773	7537594	FES, FESA, SF, SA
<i>Yphthimoides affinis</i>	CU	23K	274577	7536703	FES, FESA, SF, SA
<i>Yphthimoides affinis</i>	SF				FES, FESA, SF, SA
<i>Yphthimoides manasses</i>	SF	23K	276773	7537594	FES, FESA, SF, SA
<i>Yphthimoides ochracea</i>	SF	23K	275316	7537648	FES, FESA, SF, SA
<i>Yphthimoides ochracea</i>	SF				FES, FESA, SF, SA
<i>Yphthimoides renata</i>	SF	23K	276773	7537594	FES, FESA, SF, SA
<i>Yphthimoides renata</i>	SF	23K	275316	7537648	FES, FESA, SF, SA
<i>Adelpha goyama</i>	AA				FES, FESA, SF, SA, AA
<i>Adelpha thoasa</i>	SF	23K	277420	7537727	FES, FESA, SF, SA
<i>Chlosine lacinia</i>	AA				AA
<i>Marpesia chiron</i>	AA				AA
Papilionidae					
<i>Battus polydamas</i>	AA				AA
<i>Heraclides astyalus</i>	AA				AA
<i>Parides neophilus</i>	AA				AA
Pieridae					
<i>Aphrissa statira</i>	AA				AA
<i>Ascia monuste</i>	AA				AA
<i>Eurema albula</i>	AA				AA
<i>Eurema deva</i>	AA				AA
<i>Eurema elathea</i>	AA				AA
<i>Glutophrissa drusilla</i>	AA				AA
<i>Melete lycimnia</i>	AA				AA
<i>Phoebis argante</i>	AA				AA
<i>Phoebis philea</i>	AA				AA
<i>Phoebis sennae</i>	AA				AA
<i>Pseudopieris nehemia</i>	AA				AA
<i>Pyrisitia dina</i>	AA				AA
<i>Pyrisitia nise</i>	AA				AA
<i>Taygetis laches</i>	FES				SA, SF, FES, FESA
<i>Hermeuptychia hermes</i>	AA				AA
<i>Morpho helenor</i>	AA				AA, SA, SF, FES, FESA
<i>Paryphthimoides phronius</i>	SF	23K	275316	7537648	SA, SF, FES, FESA





ANEXOS TRILHAS

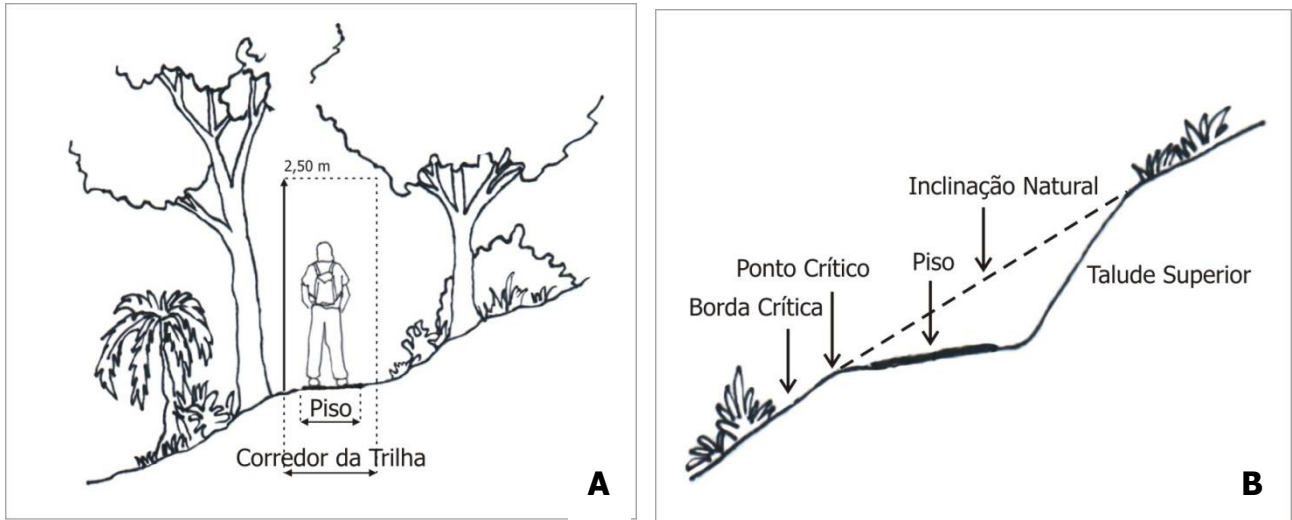
Anexo TRILHAS - *Glossário de termos sobre trilhas*

Elementos das trilhas

Borda crítica: a parte mais baixa imediatamente adjacente ao piso da trilha, arredondada e ajustada para permitir a drenagem natural.

Corredor da trilha: área de passagem da trilha, incluindo todas as áreas limpas e manejadas acima, ao lado e sobre o piso da trilha.

Visualização do corredor e piso da trilha. **B** – Nomenclatura de elementos de trilha.



Declividade: a distância vertical ascendente ou descendente de uma dada distância horizontal, geralmente expressa em porcentagem de declividade ou em graus.

Drenagem: a remoção de água superficial ou subsuperficial por movimentos de superfície ou subsuperfície.

Erosão: o escoamento ou a remoção de material superficial por água, vento, gelo, fricção ou por forças gravitacionais.

Geotêxtil: fibra, natural ou artificial, usada na contenção de áreas sob risco de erosão ou deslizamento.

Inclinação lateral da trilha: ângulo de inclinação do piso da trilha, do talude em direção à borda crítica.

Piso da trilha: a superfície de caminhada; a superfície sobre a qual os usuários andam.

Trilha Linear: percurso simples na qual o visitante vai e volta pelo mesmo caminho. Utilizado também em local onde não se deseja causar maiores impactos em certos atrativos, restringindo o atrativo apenas para os interessados.

Trilha Circular: percurso na qual retorna-se ao ponto inicial sem repetição de percurso

Trilha Elevada: trilha acima do nível do terreno com valas de drenagem lateral. Feitos com geotêxtil envolvendo rochas de forma que o fluxo natural da água continue sob a trilha. Podem ser utilizados materiais como rochas e troncos.



ANEXOS SOCIOAMBIENTAL

Anexo SOCIOAMBIENTAL**Questionário socioambiental (entorno da Fazenda Campininha)**

Município:	Data:	Ponto GPS:
1. Endereço:		
2. Nome da propriedade:		3. Tamanho:
4. Entrevistado:		
5. Idade:	6. Escolaridade:	
7. Morador local:	8. Nº de moradores:	
9. Reside no local a quanto tempo?		
10. Nome do proprietário:		
11. Profissão: a) Entrevistado:		b) Proprietário:
12. Principal fonte de renda:		
13. Pertence ou participa de alguma instituição? (Associação, cooperativa, ONG, grupo religioso, etc.)		
14. Nome da instituição:		
15. Principal cultura agropecuária:	16. Outras:	
17. Sistema de cultivo (Plantio convencional, plantio direto, SAF, Orgânico, rotação de cultura, curva de nível, etc.)		
18. Utiliza insumos agrícolas?	19. Quais?	
20. Procedência da água utilizada na propriedade:		
21. Conhece a Fazenda Campininha?		
22. Costuma visitar o local? Finalidade?	23. Com que frequência?	
24. O que sabe sobre a Fazenda Campininha?		
25. Conhece alguma história sobre o local? (Identificar patrimônio cultural material e imaterial)		
26. Utiliza as estradas e trilhas internas da fazenda campininha? Quais? Finalidades?		



27. É morador antigo da região? Os antepassados moravam na mesma região?
28. Conhece alguém que é morador antigo da região? Quem? Onde é possível encontrá-lo?
29. Tem animais de estimação? Solto ou em gaiola? Quais?
30. Conhece os animais e as plantas nativos da região? Quais?
31. Usa materiais nativos da região? Quais? Qual a finalidade? (Lazer, religião, atalho, caça, etc)
32. Ou sabe de alguém que usa? Quais materiais? Qual a finalidade? Quem? Onde pode ser encontrado?
33. Pratica pesca? Que tipo? (vara, rede, espinhal, tarrafa, etc.) Em quais rios? (Identificar localização) Profissional?
34. Você aponta algum problema ambiental na propriedade?
35. Tem APP, RL ou outra? Sabe o que é APP e RL?

No decorrer da entrevista observar a presença de vestígios de ações antrópicas na mata, bem como evidências nas residências. (extração, caça, mangueiras saindo das matas, possíveis entradas de trilhas, fogão a lenha, construções com espécies nativas, gaiolas, etc).





ANEXOS ATIVIDADES



Anexo ATIVIDADES 1 - Dados de visitação da Reserva Biológica de Mogi Guaçu – 2004 a 2009

ESCOLA	NIVEL			MUNICÍPIO	UF	2004		2005		2006		2007		2008		2009	
	Fund /Méd	Téc	Sup			P	A	P	A	P	A	P	A	P	A	P	A
CENA - USP			1	São Paulo	SP											1	35
Coopel (Cooperativa Educacional de Leme)	1			Leme	SP	1	22										
Cooperativa Educacional			1	Leme	SP											2	50
EE Prof. Osmarina Sedeh Padilha	1			Pirassununga	SP					4	42						
EE Profa Maria Joaquina de Arruda	1			Leme	SP	1	85										
Esc.Téc.Estad. Dr.Carolino da Motta e Silva		1		Espírito Santo do Pinhal	SP	4	50					1	32			1	32
Escola Edventista	1			Conchal	SP	2	15										
Faculdade Metrocamp			1	Campinas	SP											2	22
Faculdade Municipal Franco Montoro			1	Mogi Guaçu	SP								1	40			
Instituto de Botânica			1	São Paulo	SP								27				
Instituto de Botânica - Pós Graduação Biodiv.			1	São Paulo	SP							3	13				
UNESP			1	Rio Claro	SP			3	71	1	40						
Uniararas			1	Araras	SP											1	45
UNICAMP			1	Campinas	SP			11	106	1	60	13	91	1	60	15	15
Univ. Braz Cubas			1	Mogi das Cruzes	SP							2	27			2	27
Univ. de Sorocaba - UNISO			1	Sorocaba	SP	2	30	1	100	1	13			2	55	2	60
Univ. Mackenzie			1	São Paulo	SP				4	35							
Univ. Metodista			1	São Paulo	SP											3	80
Univ. Metodista de São Paulo - UMESP			1	São Bernardo do Campo	SP	5	42	4	35	3	37	3	45	3	40	3	45
USP - Departamento Ecologia			1	São Paulo	SP							1	6	1	11	1	6

Fund/Méd= escolas de ensino fundamental e médio; Tec = Ensino Técnico; Sup = Ensino Superior; P = professores; A = alunos.

Anexo ATIVIDADES 2 - Eventos Visitação – IF – Descrição de Atividades

Evento: **Semana do Meio Ambiente**

Local: Estação Ecológica de Mogi Guaçu

Data: 2 a 6 de junho de 1997

Horário: 07:00 às 16:00

Público Escolares de 1º e 2º grau

alvo:

Programação

02.06.97 - Visitação de escolares da região

03.06.97 - Plantio de espécies arbóreas por alunos de 1º e 2º graus no Arboreto "Dr. Hermógenes de Freitas Leitão Filho"

04.06.97 – Palestra "O Meio Ambiente – Aspectos Sociais e Ecológicos"

05.06.97 - Palestra "O rio Mogi Guaçu" – apresentação de vídeo relativo ao mesmo

06.06.97 - Encerramento com caminhada e interpretação de trilhas na mata ciliar do rio Mogi Guaçu

Evento: **Semana do Meio Ambiente**

Local: Estação Ecológica de Mogi Guaçu

Data: 5 a 23 de junho de
2000

Horário: 07:00 às 16:00

Programação

Abertura – 5 de Junho de 2000

09:00 – Recepção das Autoridades

09:30 – Plantio de mudas, espécies nativas do Arboreto

10:00 – Inauguração da Trilha Lagoa da Pedra

11:00 – Encerramento

12:00 – Visitas monitorado pelas trilhas pré agendada

Atividades – 6 a 16 de Junho de 2000

07:00 às 16:00

- Palestra a importância do Meio Ambiente;
- Abordagem problemas ambientais;
- Passeio orientado em trecho das trilhas de interpretada da Lagoa da Pedra, ou trilha do cerrado;

- Desenvolvimento de atividades educativas no Arboreto Prof. Hermógenes de F. Leitão;
- Atividades recreação livre

Materiais de apoio a serem utilizados:

- Fitas cassete com tema sobre meio ambiente e mata ciliar.
- Gibis educacionais para várias faixas etárias
- Cartazes educativos
- Jogos educativos
- Folders educativos sobre os assuntos do meio ambiente.

Evento: **Semana da Árvore**

Local: Estação Ecológica de Mogi Guaçu

Data: 18 a 30 de setembro de
2000

Horário: 07:00 às 16:00

Programação

- Palestra: A importância das árvores no Meio Ambiente;
 - Desenvolvimento de atividades educativas e plantio de árvores nativas pelos alunos, no arboreto florestal Prof. Hermógenes de Freitas Leitão;
 - Abordagem de problemas ambientais;
 - Atividades de recreação livre;
 - Passeio orientado em trecho das trilhas de interpretação da mata ciliar do rio Mogi Guaçu ou trilha do cerrado.
-

Anexo ATIVIDADES 3 – Recorte do Relatório Triênio 2003-2005, Comissão Técnico Científica – COTEC (SÃO PAULO (Estado). IF / COTEC, 2006)

Unidades do Instituto Florestal que receberam maior número de projetos de pesquisa nos anos de 2003, 2004 e 2005 em números absolutos.

Unidade	2003	2004	2005	Total
1. Parque Estadual da Ilha do Cardoso	29	15	24	68
2. PESH - Núcleo Picinguaba	13	15	17	45
3. Parque Estadual Carlos Botelho	13	14	14	41
4. Estação Ecológica de Itirapina	17	12	9	38
5. Parque Estadual da Ilha Anchieta	17	8	10	35
6. Estação Ecológica de Juréia-Itatins	12	8	12	32
7. PESH - Núcleo Santa Virgínia	11	8	10	29
8. Parque Estadual da Cantareira	7	8	12	27
9. Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira	15	6	6	27
10. Estação Ecológica de Jataí	14	5	5	24
11. Parque Estadual de Vassununga	5	11	8	24
12. Estação Ecológica dos Caetetus	7	6	10	23
13. Estação Experimental de Itirapina	9	8	5	22
14. Estação Ecológica de Assis	6	6	9	21
15. Parque Estadual do Morro do Diabo	9	7	4	20
16. PESH - Núcleo Cunha	12	3	5	20
17. Floresta Estadual Edmundo N Andrade	9	5	5	19
18. PESH – Núcleo Caraguatatuba	11	4	4	19
19. Parque Estadual de Campos do Jordão	9	3	4	16
20. Estação Experimental de Luiz Antonio	9	3	2	14
21. PESH – Núcleo Itutinga Pilões	4	6	4	14
22. Floresta Estadual de Assis	2	6	4	12
23. Parque Estadual Jacupiranga	6	1	5	12
24. Parque Estadual de Ilhabela	4	2	5	11
25. Estação Ecológica de Mogi Guaçu	3	3	4	10

Anexo ATIVIDADES 4 - Lista das publicações de projetos científicos realizados no mosaico.

Título	Autor Principal	Fonte
Biologia alimentar de comunidades de peixes, no reservatório da Usina Mogi-Guaçu e lagoas marginais da Estação Ecológica Fazenda -Fazenda Campininha SP	GONÇALVES, Cristina da Silva	COTEC, 2006 - Comissão Técnico Científica – IF - Relatório de Atividades Triênio 2003/2005
Caracterização cariotípica de espécies de Vernonia Schreb. (Asteraceae, Vernoniaeae) com técnicas de diferencial longitudinal de cromossomos (Bandamento e hibridação de DNA In situ)	OLIVEIRA, Vanessa Mancuso de; MARTINS, Eliana Regina Forni	COTEC, 2006 - Comissão Técnico Científica – IF - Relatório de Atividades Triênio 2003/2005
Caracterização da vegetação natural de cooredores ecológicos visando a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento sustentável em paisagens fragmentadas do Município de Paulínia (SP)	MIACHIR, Jeanette Inamine; KAGEYAMA, Paulo; RODRIGUES, Ricardo Ribeiro	COTEC, 2006 - Comissão Técnico Científica – IF - Relatório de Atividades Triênio 2003/2005
Caracterização de uma biblioteca enriquecida com microssatélites de <i>Hymenaea courbaril</i> var. <i>silbocarpa</i>	BRANCO, Diana Santos; VINCENTZ, Michel G.A.	COTEC, 2006 - Comissão Técnico Científica – IF - Relatório de Atividades Triênio 2003/2005
Citotaxonomia de espécies da subfamília Rubioideae (Rubiaceae) nos cerrados do Estado São Paulo	CORRÊA, Andréa Macêdo; MARTINS, Eliana Regina Forni	COTEC, 2006 - Comissão Técnico Científica – IF - Relatório de Atividades Triênio 2003/2005
Diversidade de arctidae (Lepidoptera) do cerrado	FERRO, Viviane G.; DINIZ, Ivone; BECKER, Vitor; S. NETO, Adriano	COTEC, 2006 - Comissão Técnico Científica – IF - Relatório de Atividades Triênio 2003/2005
Efeito do manejo silvicultural sobre o estoque de carbono e o estado do solo em áreas de cerrado.	MONTERO, Leda Lorenzo; DELITTI, Wellington B.C.	COTEC, 2006 - Comissão Técnico Científica – IF - Relatório de Atividades Triênio 2003/2005
Estrutura secretoras em espécie de cerrado	CASTRO, Marília de Moraes	COTEC, 2006 - Comissão Técnico Científica – IF - Relatório de Atividades Triênio 2003/2005

Título	Autor Principal	Fonte
Estudo da fauna de Ichneumonoidea (Hymenoptera, Braconidae e Ichneumonidae) em áreas de savana (=cerrado) do Estado de São Paulo	PENTEADO-DIAS, Angélica Maria; DIAS FILHO, Manoel Martins	COTEC, 2006 - Comissão Técnico Científica – IF - Relatório de Atividades Triênio 2003/2005
Estudos citotaxonômicos em espécies da subtribo Mytinae O. Berg (Mytaceae Juss.), com ênfase no gênero Psidium L.	COSTA, Itayguara Ribeiro da; FORNI-MARTINS, Eliana Regina	COTEC, 2006 - Comissão Técnico Científica – IF - Relatório de Atividades Triênio 2003/2005
Estudos Citotaxonômicos em espécies do gênero Vernonia schreb. (Asteraceae: Vernoniae)	OLIVEIRA, Vanessa Mancuso de; FORNI-MARTINS, Eliana Regina	COTEC, 2006 - Comissão Técnico Científica – IF - Relatório de Atividades Triênio 2003/2005
Variabilidade genética e química entre e dentro de populações de Casearia sylvestris (Flacoutiaceae)	CAVALLARI, Marcelo Mattos; GIMENES, Marcos Aparecido; CAVALHEIRO Alberto José; MAZZEO, Rogério Romero; YANO, Bruno	COTEC, 2006 - Comissão Técnico Científica – IF - Relatório de Atividades Triênio 2003/2005
"A fertilidade do solo no desenvolvimento inicial de espécies nativas zoocóricas e os processos de interação (dispersão de sementes) podendo acelerar o processo de restauração vegetal em áreas degradadas".	BARBOSA, K.C. - doutorado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Ácaros e carrapatos parasitos (Arachnida: Acari) de roedores de três áreas de Cerrado no Estado de São Paulo: influência de fatores endógenos e exógenos, especificidade e redes complexas".	CRUZ, L.D.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Agregação espacial de capítulos e seus efeitos sobre insetos fitófagos e parasitóides em Chromolaena odorata (L.) King & Robinson (Asteraceae)".	LEWINSOHN, T.M. et all	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt

Título	Autor Principal	Fonte
"Análise comparada dos perfis de AFLP de populações de <i>Vochysia pyramidalis</i> e <i>Vochysia tucanorun</i> e de seus ácidos graxos de sementes".	CLEMENTE, M.S. - mestrado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Análise comparativa da abundância da espécie invasora <i>Zaprionus indianus</i> Gupta, 1970 (Díptera, Drosophilidae) entre as matas de galeria e de cerrado da Reserva Biológica e Estação Experimental de Mogi Guaçu - SP"	CARDOSO JÚNIOR, J.C.S.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Análise comparativa e aproveitamento econômico entre espécies de <i>Annona</i> "	EDYDIO, A.P.M. - doutorado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Análise da Estrutura Genética de populações de <i>Cochliomyi homonivorax</i> (Coquerel) (DIPTERA: CALLIPHORIDAE) da América do Sul através de marcadores microsatélites"	TORRES, T.T.; Azevedo-Espin, A.M.L.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Análise de hidratos de carbono, lipídios e proteínas de sementes de leguminosas do cerrado"	SASAKI, M. - mestrado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Anatomia de Lenho e Periodicidade de Crescimento de <i>Xilopia emarginata</i> Mart. e <i>X. aromatica</i> (Lam.) Bail (Annonaceae)".	LUCHI, A. E.; MORAES, M.A.; SILVA, L.C.P.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Aspectos da dinâmica em duas áreas revegetadas, junto ao Rio Mogi-Guaçu, como ferramenta na determinação de parâmetros facilitadores para avaliação e monitoramento de plantios heterogêneos no Estado de São Paulo".	AQUINO, Clarissa de - Doutorado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Aspectos ecofisiológicos da germinação, sobrevivência e desenvolvimento inicial de <i>Styrax camporum</i> Pohl. (Styracaceae)"	SIMÃO, E. - doutorado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt

Título	Autor Principal	Fonte
"Atividade antimicrobiana e anticâncer de extratos e princípios ativos obtidos de espécies vegetais do Estado de São Paulo".	MAGALHÃES, P.M et all	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Avaliação de aspectos das relações ecológicas de um reflorestamento implantado com alta diversidade, a partir de dois anos e meio de idade, Mogi-Guaçu, SP"	NEUENHAUS, Elizabete - Mestrado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Caesalpinia echinata Lam. (pau-brasil): da semente à madeira, um modelo para estudos de plantas arbóreas tropicais brasileiras" (vários subprojetos). FAPESP	RIBEIRO, Rita de Cássia Leone Figueiredo	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Caracterização cariotípica de espécies de Vernonia Schreb. (Asteraceae, Vernonieae) com técnicas de diferencial, longitudinal de cromossomos (Bandamento e hibridação de DNA in situ).	OLIVEIRA, V.M. - doutorado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Caracterização de vegetação natural e implantação de corredores ecológicos visando a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento sustentável em paisagens fragmentadas do Município de Paulínia (SP)."	MIACHIR, J.I. - doutorado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Carboidratos de espécies nativas brasileiras: diversidade, função e sinalização nos processos de desenvolvimento, defesa e nas respostas a estresses ambientais".	BRAGA, Marcia Regina et all	RELATÓRIO DE ATIVIDADES DE ADMINISTRAÇÃO DE PESQUISA (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Citotaxonomia de espécies da subfamília Rubioideae (Rubiaceae) nos cerrados do Estado de São Paulo"	CORRÊA, A.M. - doutorado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Coleção viva da família Gesneriaceae das Unidades de Conservação do Instituto de Botânica, com vistas a preservação da biodiversidade brasileira. (01.84)".	CHIEA, S.A.C. et all	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt

Título	Autor Principal	Fonte
"Coleta, identificação, caracterização e conservação "ex situ" de espécies nativas de Passifloraceae"	BERNACCI, L.C.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Composição química de óleos essenciais extraídos de espécies Protium spp"	SILVA, E.A.S. - doutorado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Conseqüências genéticas da fragmentação do habitat em <i>Gochnatia pulchra</i> (Asteraceae, Mutiseae)"	BARIANI, J.M. - mestrado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Conservação de espécies ameaçadas do estado de São Paulo".	ZAIDAN, L.B.P. et all	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Conservação e utilização sustentável da biodiversidade vegetal do cerrado e da Mata Atlântica: os carboidratos estruturais de reserva e seu papel no estabelecimento e manutenção das plantas em seu habitat natural"	BUCKERIDGE, M. S. et all	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Conservação e Utilização Sustentável da Biodiversidade Vegetal do Cerrado e Mata Atlântica: Diversidade Química e Prospecção de Novas Drogas – Fase II"	CORDEIRO, Inês et all	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Descritores Ambientais da área com vegetação de Mata Atlântica e de Cerrado no Estado de São Paulo".	LOPES, M.I.M.S. et all	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Desempenho ecofisiológico de <i>Styrax camporum</i> , <i>S. ferugineus</i> e <i>S. pohlii</i> (Styracaceae): uma abordagem funcional".	HABERMANN, G.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Ecologia de <i>Clyomys bishopi</i> Avila-Pires & Wutke, 1981 (Rodentia: Echimyidae) em áreas de cerrado do Estado de São Paulo".	BALENTANI, S.C.S. - doutorado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Ecologia populacional de pequenos mamíferos no Cerrado de Mogi-Guaçu"	REIS, S.F.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt

Título	Autor Principal	Fonte
"Efeito do Fogo na Germinação do Banco de Sementes em Áreas de Cerrado".	SAENZ, G.C.V.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Embriologia e desenvolvimento de semente de Ericaulaceae, Cyperaceae e Poaceae (Comelinides) como ferramenta na taxonomia"	COAN, A.I.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Estoque de carbono e estado do solo em áreas de cerrado sob diferente manejo silvicultural".	MONTERO, L.L.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Estruturas morfológicas, anatômicas, histoquímicos e ultra-estruturais em plantas de cerrado (senso Lato) do estado de São Paulo	MACHADO, S.R. et all	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Estruturas secretoras em espécies do cerrado"	CASTRO, M.M.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Estudo comparativo da germinação, desenvolvimento e produção de óleos voláteis de plantas de Baccharis trimera (Less.) DC. (Asteraceae), ocorrentes no cerrado e na mata atlântica"	CARREIRA, R. - doutorado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Estudo comparativo dos aspectos ecofisiológicos da germinação, sobrevivência e desenvolvimento inicial de três espécies congêneres, Styra x camporum, S.ferrugineus e S.pohli (Styracaceae) ocorrentes em áreas com diferentes disponibilidade e distribuição hídrica"	SIMÃO, E. - doutorado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Estudo comparativo dos tricomas glandulares da parte aérea e do sistema subterrâneo em duas espécies de Vernonia Schreb. (Asteraceae)"	APPEZZATO-DA-GLÓRIA, B.; HAYASHI, A.H.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Estudo de florescimento, frutificação, germinação e conservação de sementes de espécies vegetais de mata tropical".	MALUF, A.M. et all	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Estudo Taxonômicos e Biosistemáticos no complexo Kielmeyera coriacea Mart. & Zucc. (Clusiaceae)	AMARAL, M.C.E. et all	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt

Título	Autor Principal	Fonte
"Estudos citogenética de espécies da subtribo Myrtinae O. Berg. (Myrtaceae Juss.), com ênfase no gênero Psidium L."	COSTA - I.R. - doutorado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Estudos em Helieae (Gentianaceae): revisão e filogenia dos gêneros endêmicos do Brasil"	CALIÓ, M.F.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Estudos morfoanatômicos das folhas de Bromeliaceae dos Cerrado do Estado de São Paulo"	SAJO, M.G.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Estudos Taxanômicos sobre o complexo Kielmeyera coriacea Mart. & Zucc (Clusiaceae)".	CADDAH, M.K. - mestrado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Evolução molecular do genoma mitocondrial da família Calliphoridae (Diptera: Brachycera)"	JUNQUEIRA, A.C.M.; AZEVEDO-ESPIN, A.M.L.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Fenologia de três espécies do cerrado do Instituto de Botânica – Fazenda Campininha – Mogi Guaçu/SP"	SILVA, M.C.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Fenologia e biologia floral, sistema de reprodução e germinação de sementes de quatro espécies colonizadoras de uma área de restinga em recuperação".	FIDALGO, A.O.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Fenologia, germinação de sementes e crescimento inicial de mudas de espécies arbóreas nativas".	GUARDIA, M.C. et all	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Filogenia da Subfamília Paepalanthoideae Ruhland (Eriocaulaceae)"	OLIVEIRA, M.T.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Filogenia da Tribo Bocageae Endlicher (Annonaceae) baseada na análise combinada de dados macromoleculares, químicos e morfológicos"	ROCÍNI, C. - doutorado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Flora spp"	PIVA, J.P. et all	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI

Título	Autor Principal	Fonte
		nº 02/96) - Ibt
"Fungos Afiloforóides (Basidiomycota) em área do cerrado do Estado de São Paulo"	BONONI, V.L.R. et all	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Fungos Liquenizados da Reserva Biológica e Estação Experimental de Mogi Guaçu".	Dr. Marcelli, M.P.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Implementação e consolidação de um banco de dados sobre plantas tóxicas e medicinais de cerrados da região Centro-Oeste do Estado de São Paulo".	LEONI, M.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Influência da atmosfera enriquecida em CO ₂ em combinação com ozônio, óxido nítrico e outros estresses ambientais nas respostas fisiológicas, bioquímicas e moleculares de plantas cultivadas e nativas tropicais"	BRAGA, Marcia Regina et all	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Insetos parasitos de roedores do Cerrado: influência de fatores endógenos e exógenos, especificidade e redes complexas".	Fernandes, F.R.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Interação entre formigas e Guayaquila xiphias (Hemiptera: Membracidae) em vegetação de cerrado"	SILVEIRA, H.C.P. - mestrado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Isolamento e caracterização de marcadores microsatélites em <i>Chrysomya albiceps</i> (Diptera: Calliphoridae)"	BRAGA, L.C.; AZEVEDO-ESPIN, A.M.L.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Isolamento e seleção de leveduras nativas dos biomas brasileiros com habilidade em fermentar a etanol açúcares não convencionais"	ADRIETTA, M.G.S. et all	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Levantamento de fungos anamorfos de compositores do folheto de <i>Caesalpinia echinata</i> Lam. provenientes de exemplares estabelecidos em áreas com e sem impacto de poluição aérea".	SILVA, Priscila - Mestrado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Linhas de Energia e Vegetação".	NAVE, A.G. Et all	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt

Título	Autor Principal	Fonte
"Mapeamento de Loxosceles (Araneae, Sicariidae) em parques municipais e estaduais do Município e Estado de São Paulo"	ANDRADE, R.M.G.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Microencapsulação de extratos de plantas do cerrado brasileiro com potencial ação antiproliferativa e antimicrobiana"	RODRIGUES, R.A.F. et all	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Micromorfologia e anatomia foliar de espécies representativas do cerrado do Estado de São Paulo"	BIERAS, A.C. - doutorado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Micropropagação e nutrição mineral de Bromélias nativas utilizadas no paisagismo".	KANASHIRO, Shoey	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Mirmecofilia em Parrhasius polibetes (Stoll, 1971) (Lepidoptera: Lycaenidae): biologia, seleção de plantas hospedeira e co-ocorrência com hemípteros mirmecófilos"	KAMINSKI, L.A. - doutorado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Morfoanatomia do caule aéreo, folha do sistema subterrâneo de Anemopaegma arvense (Vell.) Steff. ex de Souza Bignoniaceae"	CORAL, D.J. - doutorado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Morfoanatomia dos órgãos vegetativos e perfil químico de espécies do gênero Smilax L. (Smilacaceae)"	MARTINS, A.R.; APPEZZATO-DA-GLÓRIA, B.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Morfoanatomia e desenvolvimento dos frutos, sementes e plântulas de Psychotria basiflora DC. e Psychotria carthaginensis Jacq. (Rubioidae – Rubiaceae)."	PIETROBOM, R.C.V. - doutorado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"O gênero Bulbothrix Hale no Estado Paulo"	BENATTI, M.N.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"O uso de líquens como bioindicadores".	SILVA, M.; REIS, N.S.; ZUIM, N.R.B.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Plantas do Futuro – Lista das Espécies da Flora de Importância Econômica da Região Sudeste Brasileira".	MAMEDE, M.C.H.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI

Título	Autor Principal	Fonte
		nº 02/96) - Ibt
"Preservação in vitro de bromélias nativas".	TAMAKI, Vivian et all	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Produção de Plantas Nativas da Mata Atlântica e do Cerrado / Coleção Vivas (01.51)"	CHIEA, S.A.C. et all	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Propagação, desenvolvimento e alelopatia de espécies nativas comercializadas como medicinais ou com potencial medicinal".	LADEIRA, A.M. et all	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Quantificação de biomassa e de carbono seqüestrado por florestas nativas na RPPN – Mogi-Guaçu – International Paper"	POTOMATI, A. - Doutorado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Recuperação de matas ciliares".	GLEN, H.C. et all	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Restauração da interação entre plantas e polinizadores em projetos de recuperação florestal: como a comunidade floral estrutura a comunidade de insetos polinizadores"	FIDALGO, A.O.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Viabilização e sistema de repovoamento florestal com espécies nativas em áreas críticas do Estado de São Paulo"	BARBOSA, L.M.; BARBOSA, J.M.; ASPERTI, L.M.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
"Zygomycetes de Cerrado da Reserva Biológica e Estação Experimental de Mogi Guaçu, SP, Brasil".	Dr. SOUZA, J. I.	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
A Reserva Biológica de Mogi Guaçu. Silvicultura em São Paulo, 16a (edição especial):548-558. 1982.	STRUFFALDI-DE VUONO, Y., BARBOSA, L. M. & BATISTA, E. A	Termo de referência para a elaboração do Plano de Manejo Integrado das Unidades de Conservação de Proteção Integral de Mogi-Guaçu: Reserva Biológica e Estação Ecológica

Título	Autor Principal	Fonte
Anatomia comparada do lenho de <i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart. em áreas de cerrado e de plantação de <i>Pinus elliottii</i> Engelm./ Comparative wood anatomy of <i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart. in "cerrado" and plantation area of <i>Pinus elliottii</i> Engelm.	SILVA, Agnes E.; PEREIRA, Luiz C.; MORAES, Marcelo A.	Rev. bras. Bot. 28(4): 809-820, ILUS, GRA, TAB. 2005 Dec.
Anatomia foliar como subsídio para a taxonomia de espécies de <i>Forsteronia</i> G. Mey. (Apocynaceae) dos cerrados paulistas/ Leaf anatomy as subsidy to the taxonomy of <i>Forsteronia</i> G.Mey. species (Apocynaceae) in cerrados of São Paulo	RIO, Maria Carolina S.; KINOSHITA, Luiza S.; CASTRO, Marília M.	Rev. bras. Bot. 28(4): 713-726, ILUS, TAB. 2005 Dec.
Application of the point-centred quarter method in a floristic survey of an area of gallery forest at Mogi Guaçu, SP, Brazil. <i>Revta.brasil.Bot.</i> , v.3, n.1/2, p.17-22, 1980.	GIBBS, P.E., LEITÃO FILHO, H.F.; ABBOTT, R.J.	Termo de referência para a elaboração do Plano de Manejo Integrado das Unidades de Conservação de Proteção Integral de Mogi-Guaçu: Reserva Biológica e Estação Ecológica
Balanco hídrico na área da Reserva Biológica de Mogi Guaçu, São Paulo - Brasil. <i>Hoehnea</i> 13:73-85. 1986. Dados da Estação Meteorológica da Estação Experimental de Mogi-Guaçu.	STRUFFALDI-DE VUONO, BATISTA, E. A.; FUNARI, F.L.	Termo de referência para a elaboração do Plano de Manejo Integrado das Unidades de Conservação de Proteção Integral de Mogi-Guaçu: Reserva Biológica e Estação Ecológica
Biologia alimentar de comunicadas de peixes no reservatório da Usina Mogi Guaçu e lagoas marginais da E. Ec. Fazenda Campininha (SP). Relatório parcial, janeiro/2006. 7p.	GONÇALVES, C.S.; BRAGA, F.M.S.	COTEC, 2006 - Comissão Técnico Científica – IF - Relatório de Atividades Triênio 2003/2005
Biomass and mineral mass estimates in a "cerrado" ecosystem/ Estimativas de biomassa e mineral massa em um ecossistema de cerrado	DELITTI, Wellington Braz Carvalho; MEGURO, Marico; PAUSAS, Juli Garcia	Rev. Bras. Bot. 29(4): 531-540, 2006 Dec.
Chave baseada em caracteres vegetativos para identificação de espécies lenhosas do cerrado da Reserva Biológica de Mogi Guaçu, Estado de São Paulo. <i>Hoehnea</i> 12:35-56. 1985.	MANTOVANI, W.; LEITÃO FILHO, H.F.; MARTINS, F.R.	Termo de referência para a elaboração do Plano de Manejo Integrado das Unidades de Conservação de Proteção Integral de Mogi-Guaçu: Reserva Biológica e Estação Ecológica
Clonagem do <i>Pinus</i> spp. selecionado pela alta produtividade	SILVA, Araci Aparecida da	COTEC, 2006 - Comissão Técnico Científica – IF - Relatório de Atividades Triênio 2003/2005
Composição e similaridade florística, fenologia e espectro biológico do cerrado da Reserva Biológica de Mogi Guaçu, Estado de São Paulo. Campinas, 1983. 147p. Dissertação (Mestrado) – UNICAMP.	MANTOVANI, W.	Termo de referência para a elaboração do Plano de Manejo Integrado das Unidades de Conservação de Proteção Integral de Mogi-Guaçu: Reserva Biológica e Estação Ecológica

Título	Autor Principal	Fonte
Distribuição da brioflora em diferentes fisionomias de cerrado da Reserva Biológica e Estação Experimental de Mogi-Guaçu, SP, Brasil. Acta Botanica Brasílica 18: 965-973.	VISNADI, Sandra Regina	Termo de referência para a elaboração do Plano de Manejo Integrado das Unidades de Conservação de Proteção Integral de Mogi-Guaçu: Reserva Biológica e Estação Ecológica
Distribuição da brioflora em diferentes fisionomias de cerrado da Reserva Biológica e Estação Experimental de Mogi-Guaçu, SP, Brasil/ Distribution of the brioflora in the different cerrado physiognomies of the Biological Reserve and of the Experimental Station of Mogi-Guaçu, SP, Brazil	VISNADI, Sandra Regina	Acta Bot. Bras. 18(4): 965-973, GRA, TAB. 2004 Dec.
Diversidade de Asteraceae e de insetos associados e padrões de uso de hospedeiro de Tephritidae (Diptera) em diferentes componentes de paisagem do Estado de São Paulo. Tese (Doutorado em Ecologia). Instituto de Biologia, UNICAMP. Campinas. 134p. 2003.	DINIZ, Soraia	COTEC, 2006 - Comissão Técnico Científica – IF - Relatório de Atividades Triênio 2003/2005
Effect of storage of achenes of <i>Bidens gardneri</i> Baker on light sensitivity during germination/ Efeito do armazenamento dos aquênios de <i>Bidens gardneri</i> Baker na sensibilidade à luz durante a germinação	SASSAKI, Regina M.; Z Aidan, Lilian B.P.; FELIPPE, G.M.	Rev. bras. Bot. 22(1): 75-81, FIG TAB. 1999 Apr.
Effects of moisture content and temperature during storage on germination of the achenes of <i>Bidens gardneri</i> Baker/ Efeito do conteúdo de água e temperatura durante o armazenamento na germinação dos aquênios de <i>Bidens gardneri</i> Baker	RONDON, Josimara N.; SASSAKI, Regina M.; Z Aidan, Lilian B.P.; FELIPPE, G.M.	Rev. bras. Bot. 24(1): 35-41, GRA, TAB. 2001 Mar.
Estrutura genética espacial em populações naturais de <i>Machaerium villosum</i> Vog. (Leguminosae) na região de Mogi-Guaçu, SP, Brasil/ Spatial genetic structure within natural populations of <i>Machaerium villosum</i> Vog. (Leguminosae) at Mogi-Guaçu region, SP, Brazil	GIUDICE NETO, João Del; KAGEYAMA, Paulo Yoshio	Rev. bras. Bot. 23(2): 207-215, GRA TAB. 2000 Jun.
Estudo de nutrição mineral in vitro relacionado à adaptação de <i>Sinningia allagophylla</i> (Martius) Wiehler (Gesneriaceae) às condições de cerrado/ In vitro study of mineral nutrition in <i>Sinningia allagophylla</i> (Martius) Wiehler (Gesneriaceae) related to adaptation to cerrado conditions	NOVAES GOMES, Márcia A.; SHEPHERD, Simone L. K.	Rev. bras. Bot. 23(2): 153-159, GRA TAB. 2000 Jun.
Estudo fitossociológico de áreas de mata ciliar em Mogi-Guaçu, SP, Brasil. In: BARBOSA, L.M. (Coord.). Simpósio sobre Mata Ciliar. Campinas: Fundação Cargill, 1989. 335P	MANTOVANI, W.; ROSSI, L.; ROMANIUC NETO, S.; ASSAD-LUDEWIGS, I.Y.; WANDERLEY, M.G.L.; MELO, M.M.R.F.; TOLEDO, C.B.	Termo de referência para a elaboração do Plano de Manejo Integrado das Unidades de Conservação de Proteção Integral de Mogi-Guaçu: Reserva Biológica e Estação Ecológica

Título	Autor Principal	Fonte
Estudos citotaxonômicos em espécies do gênero <i>Vernonia</i> Schreb (Asteraceae: Vernonieae). 2005. 117f. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) -Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.	OLIVEIRA, V.M. de	COTEC, 2006 - Comissão Técnico Científica – IF - Relatório de Atividades Triênio 2003/2005
Estudos cromossômicos em espécies de Myrtaceae Juss. no sudeste do Brasil. 2004. 80p. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) -Instituto de Biologia, UNICAMP, Campinas, 2004.	COSTA, I.R.	COTEC, 2006 - Comissão Técnico Científica – IF - Relatório de Atividades Triênio 2003/2005
Fissidentaceae Shimp. do Estado de São Paulo, Brasil	BORDIN, Juçara - doutorado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
Floristic composition of an area of gallery forest near Mogi-Guaçu, State of São Paulo, SE Brazil. <i>Revta.brasil.bot.</i> 1:151-6. 1978.	GIBBS, P.E.; LEITÃO FILHO, H.F	Termo de referência para a elaboração do Plano de Manejo Integrado das Unidades de Conservação de Proteção Integral de Mogi-Guaçu: Reserva Biológica e Estação Ecológica
Florística do cerrado na Reserva Biológica de Mogi Guaçu, SP. <i>Acta Botânica Brasilica</i> 7:33-60. 1993.	MANTOVANI, W.; MARTINS, F.R.	Termo de referência para a elaboração do Plano de Manejo Integrado das Unidades de Conservação de Proteção Integral de Mogi-Guaçu: Reserva Biológica e Estação Ecológica
GERMINAÇÃO DE SEMENTES DE <i>Lafoensia glyptocarpa</i> Koehne (MIRINDIBA-ROSA), <i>Myroxylon peruiferum</i> L. f. (CABREÚVA-VERMELHA) E <i>Cedrela fissilis</i> Vell. (CEDRO-ROSA)	FIGLIOLIA, Márcia Balistiero; AGUIAR, Ivor Bergemann de; SILVA. Antonio da	<i>Rev. Inst. Flor., São Paulo</i> , v. 18, n. único, p. 49-58, dez. 2006.
Germinação de sementes e formação de mudas de <i>Caesalpinia echinata</i> Lam. (Pau - Brasil): efeito de sombreamento/ Seed germination and seedling growth of <i>Caesalpinia echinata</i> Lam. (Brazilwood): shading effect	AGUIAR, Francismar Francisco Alves; KANASHIRO, Shoey; TAVARES, Armando Reis; PINTO, Marcos Mecca; STANCATO, Giulio Cesare; AGUIAR, Janaina de; NASCIMENTO, Thais Denise Rodrigues do	<i>Rev. Árvore</i> 29(6): 871-875, TAB. 2005 Dec.
Germination of seeds from herbaceous plants artificially stored in cerrado soil/ Germinação de sementes de plantas herbáceas artificialmente armazenadas em solo de cerrado	SASSAKI, R. M.; RONDON, J. N.; ZAIDAN, L. B. P.; FELIPPE, G.	<i>Rev. Bras. Biol.</i> 59(2): 271-279, GRA, TAB. 1999 May.

Título	Autor Principal	Fonte
	M.	
Habitat flora of Fazenda Campininha, São Paulo, Brazil. In: FERRI, M.G (Coord.). Simpósio sobre o Cerrado. São Paulo: Edgard Blücher e EDUSP, 1963. p.157-202.	EITEN, G.	Termo de referência para a elaboração do Plano de Manejo Integrado das Unidades de Conservação de Proteção Integral de Mogi-Guaçu: Reserva Biológica e Estação Ecológica
HERANÇA E LIGAÇÃO EM LOCOS DE ISOENZIMAS EM <i>Genipa americana</i> L.	SEBBENN, Alexandre Magno	Rev. Inst. Flor., São Paulo, v. 16, n. 1, p. 65-72, jun. 2004.
HERANÇA E LIGAÇÃO EM LOCOS ISOENZIMÁTICOS DE <i>Caesalpinia echinata</i> L. (PAU-BRASIL)	GIUDICE-NETO João Del, SEBBENN, Alexandre Magno; KAGEYAMA, Paulo Yoshio	Rev. Inst. Flor., São Paulo, v. 16, n. 2, p., 101-110, dez. 2004.
Influência de fatores edáficos no cerrado da Reserva Biológica de Mogi Guaçu/SP.	BATISTA, E.A	Termo de referência para a elaboração do Plano de Manejo Integrado das Unidades de Conservação de Proteção Integral de Mogi-Guaçu: Reserva Biológica e Estação Ecológica
Influência de fatores físicos do solo sobre o desenvolvimento das espécies florestais mais importantes do cerrado da Reserva Biológica de Mogi-Guaçu, SP. Revista do Instituto Florestal, v.4 (parte 1-edição especial), p.318-323, 1992a	BATISTA, E.A.; COUTO, H.T.Z	Termo de referência para a elaboração do Plano de Manejo Integrado das Unidades de Conservação de Proteção Integral de Mogi-Guaçu: Reserva Biológica e Estação Ecológica
Influência de fatores químicos do solo sobre o desenvolvimento das espécies florestais mais importantes do cerrado da Reserva Biológica de Mogi-Guaçu, SP. Revista do Instituto Florestal, v.4 (parte 1-edição especial), p.324-9, 1992b.	BATISTA, E.A.; COUTO, H.T.Z	Termo de referência para a elaboração do Plano de Manejo Integrado das Unidades de Conservação de Proteção Integral de Mogi-Guaçu: Reserva Biológica e Estação Ecológica
Inventário preliminar de mamíferos não voadores da Fazenda Campininha, visando a educação ambiental. UNIARARAS, Araras – SP (Monografia). 2003. 41p.	FERREIRA, L. O.	Termo de referência para a elaboração do Plano de Manejo Integrado das Unidades de Conservação de Proteção Integral de Mogi-Guaçu: Reserva Biológica e Estação Ecológica
Levantamento pedológico semidetalhado do Estado de São Paulo: quadrícula de Araras. Bol. Téc.Inst.Agron., Campinas, 71. 1982. 180p.	OLIVEIRA, J.B. de et all	Termo de referência para a elaboração do Plano de Manejo Integrado das Unidades de Conservação de Proteção Integral de Mogi-Guaçu: Reserva Biológica e Estação

Título	Autor Principal	Fonte
		Ecológica
Levantamentos fitossociológicos aplicados à vegetação do cerrado, utilizando-se de fotografias aéreas verticais	BATISTA, E. A.	Termo de referência para a elaboração do Plano de Manejo Integrado das Unidades de Conservação de Proteção Integral de Mogi-Guaçu: Reserva Biológica e Estação Ecológica
Lista das briófitas de uma área de cerrado da Reserva Biológica e Estação Experimental de Mogi-Guaçu, SP, Brasil. Vegetalia 35: 1-15. 2001.	VISNADI, S. R.; VITAL, D. M.	Termo de referência para a elaboração do Plano de Manejo Integrado das Unidades de Conservação de Proteção Integral de Mogi-Guaçu: Reserva Biológica e Estação Ecológica
Longevidade e germinação dos diásporos de <i>Ocotea corymbosa</i> (Meissn.) Mez./ Longevity and germination of <i>Ocotea corymbosa</i> (Meissn.) Mez. seeds	PASSOS, Angela M.; BILIA, Denise A. C.; BARBEDO, Claudio J.	Sci. agric. 57(1): 39-44, GRA TAB. 2000 Mar.
Maturação de frutos de <i>Caesalpinia echinata</i> Lam., pau-brasil/ Maturation of fruits of <i>Caesalpinia echinata</i> Lam. (Brasil wood)	AGUIAR, Francimar Francisco Alves; PINTO, Marcos Mecca; TAVARES, Armando Reis; KANASHIRO, Shoey	Rev. Árvore 31(1): 1-6, . 2007 Feb.
O cerrado da Reserva Biológica de Mogi Guaçu: Manutenção e supervisão de pesquisa. Revista do Instituto Florestal, 4 (Edição especial): 925-929. 1992.	PINTO, M. M.; STRUFFALDI-DE VUONO, Y.	Termo de referência para a elaboração do Plano de Manejo Integrado das Unidades de Conservação de Proteção Integral de Mogi-Guaçu: Reserva Biológica e Estação Ecológica
Reserve substances and storage of <i>Cyathea delgadii</i> Sternb. spores.	SIMABUKURO, Eliana A.; CARVALHO, Maria Angela M. de; FELIPPE, G. M.	Rev. bras. Bot. 21(2): 149-152, TAB. 1998 Aug.
Secagem e armazenamento de sementes de <i>Eugenia brasiliensis</i> Lam. (Grumixameira)/ Drying and storage of <i>Eugenia brasiliensis</i> Lam. ("Grumixameira") seeds	KOHOMA, Sueli; MALUF, Angela Maria; BILIA, Denise Augusta Camargo; BARBEDO, Claudio José	Rev. bras. sementes 28(1): 72-78, ILUS, TAB. 2006 Apr.

Título	Autor Principal	Fonte
TESTE DE ENVELHECIMENTO ACELERADO PARA AVALIAÇÃO DO VIGOR DE LOTES DE SEMENTES DE <i>Sebastiania commersoniana</i> (Baill.) Smith & Downs (BRANQUILHO) – EUPHORBIACEAE	SANTOS, Sérgio Roberto Garcia dos; PAULA, Rinaldo Cesar de	Rev. Inst. Flor., São Paulo, v. 19, n. 1, p. 1-12, jun. 2007.
The survival and establishment potential of spores of <i>Cyathea delgadii</i> Sternb. in soils from Itirapina and Mogi Guaçu (SP), Brazil/ Sobrevivência e estabelecimento potencial de esporos de <i>Cyathea delgadii</i> Sternb. em solos de Itirapina e Mogi Guaçu (SP), Brasil	GUIMARÃES, Thais De Beauclair; FELIPPE, Gil M.	Rev. bras. Bot. 22(3): 385-390, FIG TAB. 1999 Dec.
<i>Thozetella</i> Kuntze no Estado de São Paulo, Brasil.	SILVA, Priscila - doutorado	GIUDICE NETO, 2009 - Relatório De Atividades De Administração De Pesquisa (Deliberação Normativa CPRTI nº 02/96) - Ibt
Variações fenológicas das espécies de cerrado da Reserva Biológica de Mogi Guaçu, Estado de São Paulo. Revista Brasileira de Botânica 11:101-112, 1988.	MANTOVANI, W.; MARTINS, F.R.	Termo de referência para a elaboração do Plano de Manejo Integrado das Unidades de Conservação de Proteção Integral de Mogi-Guaçu: Reserva Biológica e Estação Ecológica
Vegetação nativa das unidades de conservação e produção de Mogi Guaçu. In: Coletânea de Trabalhos do Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação. Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, São Paulo. 1997.	PINTO, M.M., GIUDICE NETO, J. Del, BATISTA, E.A., TOLEDO FILHO, D.V.; MOTA, I.S	Termo de referência para a elaboração do Plano de Manejo Integrado das Unidades de Conservação de Proteção Integral de Mogi-Guaçu: Reserva Biológica e Estação Ecológica



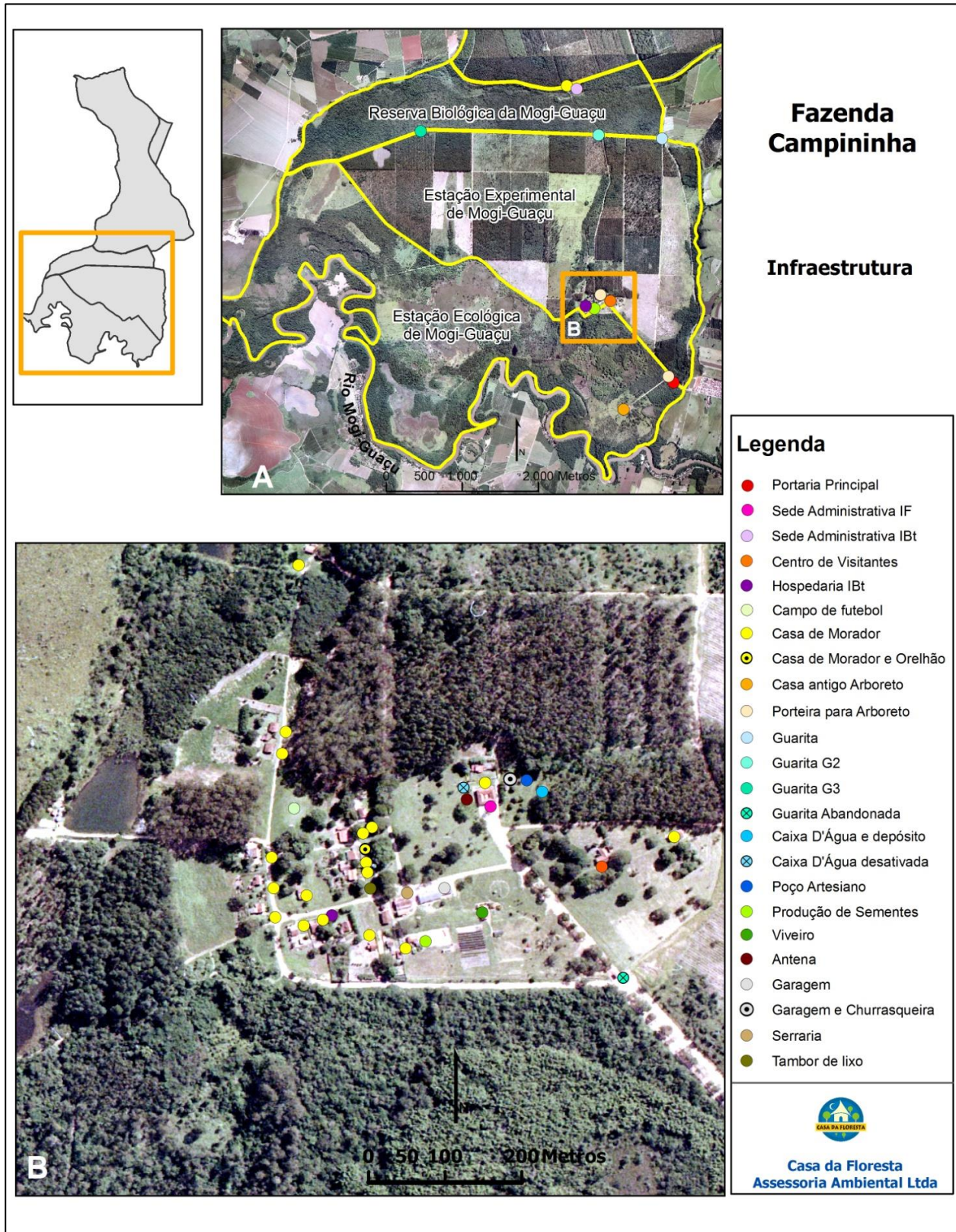


ANEXOS INFRAESTRUTURA



Anexo INFRAESTRUTURA

Mapa de infraestrutura da Fazenda Campininha







ANEXOS ZONEAMENTO

Convite do workshop sobre Zoneamento Ambiental

O Instituto de Botânica e o Instituto Florestal, órgãos vinculados à Secretaria de Estado do Meio Ambiente, convidam para o



Workshop “Zoneamento Ambiental das Unidades de Conservação de Mogi Guaçu – Fazenda Campininha” para a implantação do plano de manejo integrado

Público-alvo: Comunidade do entorno dos distritos de Martinho Prado Júnior em Mogi Guaçu e do Caju em Leme, autoridades públicas regionais das esferas municipal, estadual e federal, representantes das entidades privadas da agricultura, do comércio e indústria, organizações não governamentais ligadas ao meio ambiente, profissionais e estudantes ligados ao meio ambiente (biólogos, engenheiros agrônomos, engenheiros florestais, engenheiros ambientais, ecólogos e afins).

Local: **Faculdade Municipal Professor Franco Montoro**
Rua do Estudantes s/n –
Cachoeira de Cima
Mogi Guaçu - SP

Data: **20/10/2011**
Das **14:00 horas às 18 horas**

Não há necessidade de inscrição prévia

Informações:
Telefone: (11) 5067-6248
E-mail: jdjudic@ibot.sp.gov.br



Realização
Secretaria do Meio Ambiente



Apoio



Lista de presença do workshop sobre Zoneamento Ambiental



**SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO BOTÂNICA**

Núcleo de Pesquisa Reserva Biológica de Mogi Guaçu – Bairro: Martinho Prado Jr.
13.855-000 - Mogi Guaçu/SP – Fone: (19) 3841.1055; (11) 5067.6248

Workshop "Zoneamento Ambiental das Unidades de Conservação de Mogi Guaçu – Fazenda Campininha": plano de manejo integrado.

Local: Faculdade Municipal Professor Franco Montoro – Mogi Guaçu – SP

Data: 20/10/2011

Horário: Das 14:00 às 18:00 horas

Folha 01

Nome	Instituição	Seção/Departamento	E-mail	Assinatura
MARCELO MECCA PINTO	INSTITUTO BOTÂNICA	RESERVA BIOLÓGICA M. GUAÇU	marcelo.mecca@florista.com.br	[Assinatura]
João Del Giudice	IBT	RB-M. Guaçu	jdgiudice@yahoo.com.br	[Assinatura]
Elisa Augusta S. Guimarães	IBT	RB-M. Guaçu	elisaaug@ig.com.br	[Assinatura]
Amélia de Azevedo	IBT	RB-M. Guaçu	ameliaazevedo@ig.com.br	[Assinatura]
Vagner de A. Gabriel	Casa da Floresta	—	vagner@casadafloresta.com.br	[Assinatura]
Heliza Cassola	Casa da Floresta	—	heliza@casadafloresta.com.br	[Assinatura]
Klaus D. Bergott	Casa da Floresta	—	klaus@casadafloresta.com.br	[Assinatura]
Maura Elias Pereira	IBT	RB-M. Guaçu	maurapereira@ig.com.br	[Assinatura]
Filipe Anísio de Freitas	IF	EE-M. Guaçu	ifmog.wig.com.br	[Assinatura]
Paulo Bruno Pereira	IF	E. EXP. M. MIAUM	paulobrunopereira@ig.com.br	[Assinatura]
Elson Serman de Freitas	Casa Floresta	—	elson@casadafloresta.com.br	[Assinatura]
Guilherme Rocha Negri	Estudante FMPM	Mogi Guaçu	guilhermerocha.negri@hotmail.com	[Assinatura]
DANIEL ROSSI	ENG: CIVIL	Mogi Guaçu	danielroth_33@hotmail.com	[Assinatura]
EDUARDO GOULARDINS NETO	F.FLORESTAL	RESERVA USP. AGUAS DA PRATA	EGOULARDINS@FFLORESTAL.SP.GOV.BR	[Assinatura]
LUIZ MARCO BRANCO	ENG. BOS.	INSTITUTO FLORESTAL	lmb@florista.com.br	[Assinatura]



**SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO BOTÂNICA**

Núcleo de Pesquisa Reserva Biológica de Mogi Guaçu – Bairro: Martinho Prado Jr.
13.855-000 - Mogi Guaçu/SP – Fone: (19) 3841.1055; (11) 5067.6248

Workshop "Zoneamento Ambiental das Unidades de Conservação de Mogi Guaçu – Fazenda Campininha": plano de manejo integrado.

Local: Faculdade Municipal Professor Franco Montoro – Mogi Guaçu – SP

Data: 20/10/2011

Horário: Das 14:00 às 18:00 horas

Folha 021

Nome	Instituição	Seção/Departamento	E-mail	Assinatura
Lilian B. N. Midan	Inst. Botânica	Fisiologia e Bioquímica	lilianyaidan@uel.br	Lilian B. N. Midan
Leopoldo M. Coutinho	IB-USP	Dept. Ecologia	leopoldo.coutinho@usp.br	Leopoldo M. Coutinho
Gislene P. G. da Silva		Am. Com. Martinho Prado	glsilva@uel.br	Gislene P. G. da Silva
Paulo Roberto Peres	FLTA	Seção Mogi Guaçu	peres@flta.com.br	Paulo Roberto Peres
Otávia Buiza F. Adame	Igreja	Paróquia Sto. André		Otávia Buiza F. Adame
Samuel Jorge Antonelli	FMPFM	aluno	Samuel.antonelli@hotmail.com	Samuel
Roberta C. Paulo	FMPFM	estudante Eng. Amb.	roberta_rep@yahoo.com.br	Roberta C. Paulo
Elizângela Adegarala	I.F.	Função anã	elazga@ig.com.br	Elizângela Adegarala
Luciano de Souza		Município de Mogi Guaçu	luciano@luciano.com.br	Luciano de Souza
Adriano Victor	I. Florestal	Ecologia Geral	avictor@ifsp.gov.br	Adriano Victor
Vera Roson	Inst. Bot.	Diretoria	vera.roson@sp.gov.br	Vera Roson
Ana Paula Capra	FMPFM	aluna	anapaula.capra@fmpfm.com.br	Ana Paula Capra
Marcelo Cesar Espirito Santo	IF Florestal	Ecologia Geral	ESPIRITO@IFSP.GOV.BR	Marcelo Cesar Espirito Santo
Paulo Roberto	Inst. Florestal	Coordenador	Paulo@sp.gov.br	Paulo Roberto
Nathalie Giachini	International Paper	Fomento Florestal	nathalie.giachini@ipaperbr.com	Nathalie Giachini



**SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO BOTÂNICA**

Núcleo de Pesquisa Reserva Biológica de Mogi Guaçu – Bairro: Martinho Prado Jr.
13.855-000 - Mogi Guaçu/SP – Fone: (19) 3841.1055; (11) 5067.6248

Workshop "Zoneamento Ambiental das Unidades de Conservação de Mogi Guaçu – Fazenda Campininha": plano de manejo integrado.

Local: Faculdade Municipal Professor Franco Montoro – Mogi Guaçu – SP

Data: 20/10/2011

Horário: Das 14:00 às 18:00 horas

Folha 031

Nome	Instituição	Seção/Departamento	E-mail	Assinatura
Miguel Mafela	IP	AMBIENTAL	MIGUEL.MAFELA@IPARAR.COM	
Ricardo B. Henri	IBT	CERAD	RAPANLO76@HOTMAIL.COM	
RODRIGO MIGUEL DA PAZ	IBT	SUB-FLORA IBT	ALFARO.MIGUEL@IBT.GOV.BR	
Adriana Fidalgo	IBT	Sementes	afidalgo@yahoo.com.br	
Junior Gonçalves	PREFEITURA		Junior.goncalves@hospita.com	
Paulo Henrique Silva	I.F.	SUB. HORTA		
PEDRO D. LEANDRO	SAMAÉ	PARQUE OBAS	Pedro.d.Leandro@con.br	



**SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO DE BOTÂNICA**

Núcleo de Pesquisa Reserva Biológica de Mogi Guaçu
Bairro Martinho Prado Jr.
13855-000 - Mogi Guaçu- SP Fone: (11) 5067-6248

**ATA DO WORKSHOP “ZONEAMENTO AMBIENTAL DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO
DE MOGI GUAÇU – FAZENDA CAMPININHA – PLANO DE MANEJO INTEGRADO”**

Local de realização: Faculdade Municipal Professor Franco Montoro em Mogi Guaçu-SP

Data: 20/10/2011

Este workshop teve a finalidade de apresentar à comunidade do entorno das unidades de conservação de Mogi Guaçu o diagnóstico e o zoneamento elaborados com o auxílio da Casa da Floresta Assessoria Ambiental Ltda para o plano de manejo integrado e realizar uma oficina de planejamento participativo com propostas de ação. Compareceram 37 pessoas: 11 do Instituto de Botânica; 8 do Instituto Florestal; 1 da Fundação Florestal; 1 da Universidade de São Paulo; 3 da Prefeitura Municipal de Mogi Guaçu; 4 da Casa da Floresta; 1 da Associação Comunitária de Martinho Prado; 1 da Paróquia Santo André de Martinho Prado; 2 da International Paper (empresa do setor florestal); 1 do comércio local de Martinho Prado e 4 universitários da Faculdade Franco Montoro. A reunião foi iniciada por João Del Giudice Neto, do Instituto de Botânica, coordenador do grupo de trabalho encarregado de elaborar o plano de manejo das unidades de conservação tratadas. Iniciou fazendo os agradecimentos à Prefeitura de Mogi Guaçu e à Faculdade Franco Montoro pelo apoio ao evento e, também, à Paróquia Santo André, à Igreja Assembleia de Deus, ambas localizadas no Distrito de Martinho Prado Júnior, e à Rádio Nova Comunitária FM pelo auxílio na sua divulgação. Em seguida fez uma breve introdução sobre os conceitos de unidades de conservação, plano de manejo, zoneamento e planejamento participativo, ressaltando a importância da participação da comunidade. Depois, o Ecólogo Elson Fernandes de Lima, da Casa da Floresta, fez a apresentação dos resultados do diagnóstico ambiental. Prosseguindo, o Engenheiro Florestal Klaus Duarte Barretto, da Casa da Floresta, apresentou o zoneamento proposto. Entre as principais propostas está a transformação das áreas da Estação Experimental da Fazenda Campininha, hoje ocupadas por espécies exóticas, majoritariamente *Pinus*, em Floresta Estadual. O prazo máximo estipulado para a conversão dessas áreas e adequação da paisagem é 13 anos. Feitas as apresentações, foi composta uma mesa para debate e discussão, formada por João Del Giudice Neto, que a presidiu, pela Dra. Vera Bononi, diretora geral do Instituto de Botânica, pelo Dr. Rodrigo Victor, diretor geral do Instituto Florestal, pelo Dr. Leopoldo Magno Coutinho, representando o meio acadêmico e por seu notório saber sobre o bioma cerrado e pelo Eng. Klaus D. Barretto, da Casa da Floresta. Iniciando as discussões, o presidente solicitou ao Rodrigo Victor que respondesse o questionamento de Leopoldo Coutinho: 1) Pode se transformar uma área hoje ocupada por *Pinus* em Floresta Estadual? Isto estaria de acordo com a legislação? 2) Por que o prazo de 13 anos? Rodrigo em sua resposta, esclareceu que haverá uma transitoriedade temporal entre a criação da Floresta Estadual e a sua adequação à legislação, mas, em seu entender, isso não seria obstáculo porque a proposta já daria um rumo a ser seguido no sentido de se adequar as áreas. Além disso, ressaltou que a transformação em Floresta Estadual é uma proposta mais sólida, no sentido jurídico inclusive, do que nominar as áreas como zona de amortecimento, uma definição mais frágil para a conservação. Sobre o prazo de 13 anos, disse que a imediata retirada das espécies exóticas, além de não ser exequível no curto prazo, implicaria que a área fosse ocupada e recoberta e tivesse outro tipo de uso, pois não poderia deixar uma ampla área descoberta, à sorte de invasões. A recuperação e uso da área envolveria custos enormes que não poderiam ser suportados em prazo mais curto. Também disse que há, no local, plantios recentes em que houve investimento público e



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO DE BOTÂNICA

Núcleo de Pesquisa Reserva Biológica de Mogi Guaçu
Bairro Martinho Prado Jr.
13855-000 - Mogi Guaçu- SP Fone: (11) 5067-6248

que não seria razoável sua retirada sem que se pudesse obter o retorno desse investimento. Em aparte, Paul Dale, do Instituto Florestal, ressaltou que o prazo de treze anos foi estipulado, também, em função de que os novos plantios não atingissem a idade madura de reprodução e, portanto, não se propagassem, promovendo invasão de espécies. Paul, sobre a Floresta Estadual, destacou que há uma grande demanda em se propor alternativas de espécies à exploração ilegal de espécies amazônicas e que a criação da Floresta Estadual seria importante em desenvolver estas pesquisas. Rodrigo Victor concluiu sua resposta ressaltando que 13 anos é o prazo máximo, porém, nada impede que a substituição de espécies exóticas por nativas aconteça antes desse prazo. Segundo ele, isto vai depender das condições futuras para recompor a área. Em seguida, fez uso da palavra Marcos Mecca Pinto, do Instituto de Botânica. Disse que, em sua experiência de mais de 30 anos como pesquisador científico no local, há na área da Estação Experimental uma grande resiliência do cerrado. Então, propôs que a área sul da atual Estação Experimental, futura Floresta Estadual, fosse destinada somente à restauração da vegetação de cerrado, sem introdução de espécies, mesmo que nativas. Também, nessa área, propôs que não houvesse mais plantio. Sinteticamente, esta área seria destinada apenas para a conservação e pesquisa de cerrado. Segundo, Marcos Mecca, isto seria um grande ganho ambiental pois incorporaria mais de 800 hectares de cerrado, bioma muito rico e ameaçado e com poucas áreas representativas, quer regional ou no estado. Justificou dizendo que a incorporação total da área sul contribuiria para a adequação da Floresta Estadual à legislação que exige que a composição de espécies nativas seja maioria. Ainda, assim considerando que a Estação Experimental detém atualmente cerca de 2750 ha, ainda faltariam mais de 500 hectares para se recompor com nativas. Vera Bononi e Luiz Mauro Barbosa, do Instituto de Botânica, manifestaram-se de acordo com a proposta e também consideraram ser um ganho ambiental. Sobre esse tema, manifestaram-se ainda, Paulo Roberto Parente e Jaime Anísio de Freitas, do Instituto Florestal. O primeiro disse que toda a área deveria ser destinada a restauração da vegetação nativa favorecendo a qualidade ambiental e a fauna locais. Jaime, por sua vez, disse que a restauração da área sul apenas com cerrado não contemplaria outros tipos de formações florestais. Disse também que a restauração pela regeneração do cerrado não contemplaria a diversidade genética. Foi então esclarecido a ele que a restauração seria do bioma (Cerrado) em suas várias fitofisionomias, podendo, portanto, contemplar o cerradão, o cerrado senso restrito, o campo cerrado, o campo sujo e as fisionomias associadas (florestas estacionais e ripárias). Sobre a proposta de Marcos Mecca Pinto, Paul Dale entende que a proposta feita no plano de manejo é muito similar e vai no mesmo sentido de restauração ao destinar o uso do área sul apenas para espécies nativas. Marcos Mecca, entretanto, reforçou que a área sul devesse ser apenas para restauração e pesquisa em cerrado. Em resposta, Rodrigo Victor disse que levaria o tema ao Conselho Técnico do Instituto Florestal para que avaliasse a proposição. Paulo Parente fez, ainda, considerações adicionais. Disse entender que não é função do Instituto Florestal ser produtor de madeira. Que este tipo de condução tem gerado recursos à Fundação Florestal, principalmente, que não retornam às unidades para o atendimento de suas necessidades, como por exemplo, equipar as unidades para o combate a incêndios. Reforçou que o atual manejo da área tem proporcionado a ocorrência de grandes incêndios, cujas as unidades não dispõem de equipe e equipamentos para combate. Também disse que a criação da Fundação Florestal foi um mal ao Instituto Florestal e, por isso, na época, foi contra, junto com outros colegas, sua criação. Disse que recursos de compensação ambiental são destinados as unidades, mas que não se fica sabendo em quê são aplicados. Finalizou dizendo que, em seu entender, não se está fazendo



SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE INSTITUTO DE BOTÂNICA

Núcleo de Pesquisa Reserva Biológica de Mogi Guaçu
Bairro Martinho Prado Jr.
13855-000 - Mogi Guaçu- SP Fone: (11) 5067-6248

um plano de manejo integrado pois está se contemplando apenas as unidades de proteção integral, Reserva Biológica e Estação Ecológica. Em resposta, Rodrigo Victor disse que o Instituto Florestal está aumentando o investimento no combate aos incêndios e que recentemente R\$ 240 mil de compensação ambiental foram destinados à unidade de Mogi Guaçu para compra de equipamento de combate a incêndios. Aparteando, Vera Bononi disse que na última semana a Reserva Biológica recebeu um caminhão-pipa. Prosseguindo, Rodrigo Victor disse que se está fazendo um plano integrado sim, haja vista que o zoneamento inclui toda a área da Fazenda Campininha e não só as áreas das unidades de conservação de proteção integral. Sobre outro assunto, Eduardo Goulardins Neto, da Fundação Florestal, manifestou preocupação em converter parte das florestas exóticas em nativas pois, em seu entender, isso comprometeria as receitas do Instituto Florestal que, por sua vez, apenas com recursos do orçamento do Estado não conseguiria manter programas de proteção e vigilância. Luiz Mauro Barbosa perguntou como ficaria a sustentabilidade das unidades com a vegetação nativa. Rodrigo Victor respondeu que há institucionalmente uma necessidade de se mudar o modelo e a matriz de exploração de recursos florestais e que há muito a se explorar em outras modalidades além de madeira e resina. Disse, por exemplo, que a obtenção de receita a partir da produção de sementes de espécies nativas pode ser expandida consideravelmente nos próximos anos. Reforçando, Klaus Barreto disse que a floresta e o cerrado, principalmente, podem prover ganhos superiores aos do *Pinus*, pois há uma gama de produtos que podem futuramente ser explorados. Passando a outro tema, o presidente da mesa solicitou ao Eng.º Daniel Rossi, Administrador Regional do Distrito de Martinho Prado Júnior da Prefeitura de Mogi Guaçu, que se manifestasse a respeito dos impactos da zona de amortecimento no planejamento do município. Daniel Rossi disse que não poderia falar em nome do prefeito mas, em seu entender, o zoneamento proposto não afetará o uso atual, haja vista que o distrito de Martinho Prado ficou fora da área de amortecimento. Concordou também que futuros planos de desenvolvimento do Distrito sejam expandidos na direção oposta à zona de amortecimento. Sugeriu, por fim, que fosse estabelecida uma lei municipal disciplinando a zona de amortecimento da Fazenda Campininha. Também, instado pelo presidente da mesa, um dos representantes da International Paper, o Biólogo Miguel Magela disse que as restrições à zona de amortecimento com relação a aplicação de agroquímicos deveriam ser melhor discutidas. Também solicitou a largura da zona de amortecimento junto a propriedade da empresa para que pudesse avaliar a extensão que a afetaria. Klaus Barreto disse que a extensão da zona de amortecimento variava em função dos limites das microbacias hidrográficas e que questões relativas a regulamentação da zona de amortecimento, sobretudo as referentes a aplicação de agroquímicos, deveriam ser discutidas no âmbito do Conselho Consultivo. O presidente da mesa disse, entretanto, que determinadas atividades como aterros sanitários, mineração, cemitérios, entre outras, já deveriam constar do rol de proibições na zona de amortecimento no próprio plano de manejo. Retomando a palavra, Miguel Magela reafirmou a necessidade de saber precisamente quanto a zona de amortecimento vai sobrepor as áreas da International Paper mas, ressaltou que a empresa cumpre todas as recomendações de conservação do solo e as boas práticas agrícolas, tendo reconhecido seu empenho por várias instituições certificadoras de qualidade, seja na produção de celulose quanto na formação e condução de florestas. Ainda sobre a zona de amortecimento, Leopoldo Coutinho inquiriu o porquê determinadas faixas da zona de amortecimento estreitavam-se abruptamente, reduzindo demasiadamente sua largura a níveis quase nulos. Foi esclarecido por Klaus Barreto que a largura da zona de



**SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO DE BOTÂNICA**

Núcleo de Pesquisa Reserva Biológica de Mogi Guaçu
Bairro Martinho Prado Jr.
13855-000 - Mogi Guaçu- SP Fone: (11) 5067-6248

amortecimento era delimitada pelas microbacias hidrográficas. Leopoldo Coutinho disse, porém, que deveria se considerar as microbacias mas, também nestas faixas de estreitamento deveria se considerar uma largura mínima, até porque, futuramente estas faixas de estrangulamento estarão no limite da futura Floresta Estadual. Houve concordância geral em se estabelecer uma faixa mínima de 500 metros nestes pontos de estrangulamento. Pedro D. Leandro, do Serviço Municipal de Água e Esgoto da Prefeitura de Mogi Guaçu, disse que a faixa de 500 metros afetaria o distrito de Martinho Prado, sendo, em seguida, esclarecido que o distrito está fora da zona de amortecimento, em qualquer situação. Marcos Mecca Pinto fez a proposição para que conste no plano de manejo a construção de uma torre de segurança, haja vista que já existia uma antiga que fora desativada e ser necessária à vigilância, proteção e no combate ao incêndio. Klaus Barreto apoiou a proposta e disse que vai incorporá-la ao plano. Miguel Magela, por sua vez, disse que atualmente existem torres dotadas de câmeras automáticas e que a International Paper tem imagens que cobrem a Fazenda Campininha. Os membros disseram que precisa-se haver uma parceria com a empresa para que se pudesse ter acesso às imagens. Leopoldo Coutinho enfatizou a necessidade de se constar no plano de manejo a expressa proibição da introdução e criação de animais domésticos e/ou exóticos no interior das unidades de conservação, como por exemplo, vacas, porcos, cães, gatos, canários, abelhas europeias, entre outros, pois estes animais introduzidos carregam doenças para o interior das unidades, além de atacar, amedrontar e competir com as espécies autóctones, podendo dizimá-las. Enfatizou ser de grande importância esta proibição para a proteção da fauna nativa, justamente a mais ameaçada. Por fim, o presidente da mesa disse que o Instituto de Botânica e o Instituto Florestal já estão em tratativas para fazer a composição do Conselho Consultivo. Paul Dale reforçou que todos os presentes já estão convidados para as futuras reuniões de composição do Conselho Consultivo e disse também da necessidade de chamar os órgãos representativos locais. Eduardo Goulardins Neto disse que é necessário que essas reuniões sejam feitas mais próximas à Fazenda Campininha para facilitar o envolvimento da comunidade. Daniel Rossi disse da necessidade de envolver também os poderes legislativo e judiciário nas futuras reuniões. Pediu também ao presidente da mesa que fizesse um informe sobre esta reunião para que seja divulgado aos jornais locais, visando dar conhecimento da população de Mogi Guaçu das unidades de conservação. O presidente da mesa concordou com essa proposta. Sobre o envolvimento dos demais poderes, o presidente disse que os membros desses poderes foram convidados. Não havendo mais nada a tratar e ninguém mais querendo se manifestar, o presidente agradeceu a presença e participação de todos e declarou encerrada a reunião. Para que fique registrado, o presidente lavrou esta ata que reflete fielmente a reunião. Mogi Guaçu, 20 de Outubro de 2011.

IMAGENS DO WORKSHOP “ZONEAMENTO AMBIENTAL DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DE MOGI GUAÇU – FAZENDA CAMPININHA – PLANO DE MANEJO INTEGRADO”
Local de realização: Faculdade Municipal Professor Franco Montoro em Mogi Guaçu-SP
Data: 20/10/2011





Casa da Floresta Assessoria Ambiental

Fone/Fax: (19) 3433-7422

casadafloresta@casadafloresta.com.br

www.casadafloresta.com.br

